

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**TESE DE DOUTORADO**

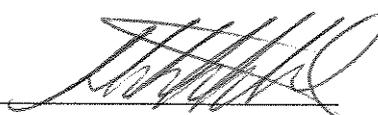
Título: “Homens e Mulheres em Campo: um estudo sobre a formação da identidade militar”

Autora: Emília Emi Takahashi

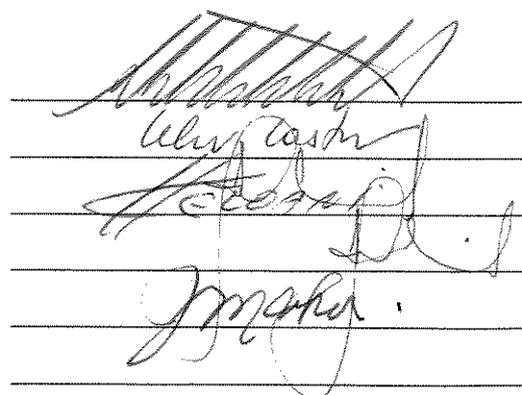
Orientador: SALVADOR ANTONIO MIRELES SANDOVAL

Este exemplar corresponde à redação final da tese defendida por Emília Emi Takahashi e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 11 / 03 / 2002

Assinatura: 

Comissão Julgadora:

  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Campinas - fevereiro/2002

**UNICAMP**  
**BIBLIOTECA CENTRAL**  
**SEÇÃO CIRCULANTE**

© by Emilia Emi Takahashi, 2002.

UNIDADE BC  
Nº CHAMADA UNICAMP  
T139h  
V EX  
TOMBO BCI 49876  
PROC 16.837/02  
C DX  
PREÇO R\$ 11,00  
DATA \_\_\_\_\_  
Nº CPD \_\_\_\_\_

CM00170439-5

**Catálogo na Publicação elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Bibliotecário: Gildeir Carolino Santos - CRB-8ª/5447

BIB ID 246920

Takahashi, Emilia Emi.  
T139h Homens e mulheres em campo : um estudo sobre a formação da  
identidade militar / Emilia Emi Takahashi. – Campinas, SP: [s.n.], 2002.  
  
Orientador : Salvador Antonio Mireles Sandoval.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de  
Educação.  
  
I. Identidade social. 2. Militares. 3. Forças Armadas. 4. Gênero.  
I.Sandoval, Salvador. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação. III. Título.

02-049-BFE

## RESUMO

Neste trabalho são apresentados dados sobre a construção da identidade social dos cadetes da Academia da Força Aérea – pioneira na admissão de mulheres em um de seus cursos. Apoiado no conceito de identidade como processo, em entrevistas com cadetes (homens e mulheres) e em um acompanhamento longitudinal da formação de oficiais na instituição nos últimos cinco anos, este estudo examina o processo de construção da identidade militar e as relações de gênero decorrentes da inserção das mulheres. Os dados apontam para variadas comparações e diferenciações que os cadetes realizam no processo de construção da identidade militar, bem como para novas possibilidades que surgem neste campo decorrentes da inserção e formação de mulheres.

## ABSTRACT

This study presents data on the building of the cadets' social identity at the Brazilian Air Force Academy – pioneer in admitting women in one of their courses. Based on an identity concept as a process, on interviews with cadets (men and women) and on a longitudinal study of the building of the formation of officers at that Academy on the last five years, this research investigates the military identity process and the gender relationship resulting from women insertion. The data points to a variety of comparisons and differentiations experienced by the cadets during the building of their military identity, as well as new possibilities that emerge from women insertion and formation.

2022091483

Dedico este estudo a todos os cadetes da Academia da Força Aérea e, de forma especial, aos homens e mulheres da turma de 96 que inspiraram e motivaram a realização deste.

## AGRADECIMENTOS

Durante a realização desta pesquisa, recebi demonstrações de apoio de muitas pessoas e instituições, são muitos aqueles que deveriam ser mencionados aqui pois este trabalho é, antes de mais nada, fruto de um processo coletivo de discussão e reflexão. Na impossibilidade de citar todos aqueles que contribuíram para a realização deste, registro aqui apenas alguns nomes aos quais manifesto meus sinceros agradecimentos.

Ao professor Salvador Sandoval, meu orientador, pela paciência, confiança e liberdade que me permitiram descobrir e crescer na Psicologia Social.

Ao professor José Roberto Heloani que ajudou-me a refletir sobre algumas questões que me inquietavam, com sua atenção e incentivo.

Ao professor Celso Castro, interlocutor fundamental, por seu apoio encorajador e observações preciosas.

Às professoras Sônia De Avelar e Fátima Quintal, pelos comentários e sugestões cuidadosas.

Meu reconhecimento à Nadir Camacho e à Wanda Fátima dos Santos Silva, que me atenderam em momentos importantes no curso de Pós-Graduação, bem como à CAPES, pelo apoio financeiro.

Ao pessoal do Centro de Estudos de Gênero – PAGU/Unicamp, especialmente à professora Mariza Corrêa pelos ensinamentos preciosos.

Aos oficiais do Corpo de Cadetes e da Divisão de Ensino da Academia da Força Aérea que me atenderam com paciência cavalheiresca.

Quero agradecer especialmente ao (agora) Ten.Brig.do Ar José Carlos Pereira, que quando no comando da Academia da Força Aérea, acreditou em minha proposta de estudo, permitindo a realização deste.

A todos aqueles que participaram direta ou indiretamente desta pesquisa, professores, colegas, chefes, civis e militares que me incentivaram ou até mesmo me desafiaram com suas colocações e compartilharam comigo o desejo de conhecer um pouco mais sobre o processo de ensino com o qual todos estamos envolvidos.

Meus agradecimentos também a todo pessoal de “branco e cinza” que me acompanharam nesta trajetória, em especial aos integrantes da “área IV”- tão heterogênea e mesmo assim tão única em meio a todas as outras.

Quero agradecer aos coordenadores Luiz Roberto Salomão, Rosângela Colabone, Júlio Cabianca Júnior e Cristiano Ricardo Antunes – que demonstraram solidariedade e compreensão nos momentos em que precisei tratar dos imprevistos (em todas as instâncias) que a pesquisa trouxe.

À Simone Lima, Cláudia Bergamim, Patrícia Matos e Eliana Carlino: profissionais, colegas, confidentes, professoras, mulheres, civis, mas sobretudo amigas. Amizades preciosas que encontrei na Academia e com as quais compartilhei sentimentos de angústias, alegrias, decepções, descobertas e respeito em momentos de proximidade e até mesmo de distanciamento durante a trajetória da pesquisa.

Aos meus pais Takeshi Takahashi e Miyoco Eguti Takahashi que sempre acreditaram que os longos períodos de ausência justificados sempre em função do trabalho e da pesquisa, seriam recompensados pelos nossos encontros sempre tão especiais porque intensos, mesmo que breves.

Ao Maurício Lorenzini Coelho, razão do maior e melhor sentimento que a pesquisa me permitiu descobrir e presente em tudo desde então.

## SUMÁRIO

Introdução.....	1
Capítulo I – Considerações Teóricas.....	9
Capítulo II – Trajetória de Pesquisa.....	47
Capítulo III – A Academia.....	81
Capítulo IV – Mulheres e Forças Armadas: Uma Relação Delicada?.....	119
Capítulo V – Diferenças e Semelhanças: A Formação da Identidade Militar.....	153
Capítulo VI – Homens e Mulheres: Identidade Militar.....	195
Capítulo VII – Considerações Finais.....	239
Bibliografia.....	259
Anexos.....	271

# Homens e Mulheres em Campo - um estudo sobre a formação da identidade militar.

Emília Emi Takahashi

## INTRODUÇÃO

*Sun Tzu, cujo nome individual era Wu, nasceu no Estado de Ch'i. Sua "Arte da Guerra" chamou a atenção de Ho Lu, rei de Wu. Ho Lu disse-lhe: "Li atentamente seus 13 capítulos. Posso submeter a sua teoria de dirigir soldados a uma pequena prova?"*

*Sun Tzu respondeu: "Pode".*

*O rei perguntou: "A prova pode ser feita em mulheres?"*

*A resposta tornou-se afirmativa e então trouxeram 180 senhoras do palácio. Sun Tzu dividiu-as em duas companhias e colocou duas das concubinas favoritas do rei na direção de cada uma delas. Depois, mandou que todas pegassem lanças e falou-lhes assim: "Suponho que saibam a diferença entre frente e costas, mão direita e esquerda?"*

*As mulheres responderam: "Sim".*

*Sun Tzu prosseguiu: "Quando eu disser 'Sentido', têm de olhar diretamente para a frente. Quando eu disser 'Esquerda volver', têm de virar para sua mão esquerda. Quando eu disser 'Direita volver', precisam virar-se de costas".*

*As moças tornaram a concordar. Tendo explicado as palavras de comando, ele colocou as alabardas e achas-d'armas em forma, para começar a manobra. Então, ao som dos tambores, deu a ordem "Direita volver", mas as moças apenas caíram na risada.*

*Sun Tzu disse paciente: "Se as ordens de comando não foram bastante claras, se não foram totalmente compreendidas, então a culpa é do general". Assim, recomeçou a manobra e, desta vez, deu a ordem "Esquerda volver", ao que as moças quase arrebentaram de tanto rir.*

*Então ele disse: "Se ordens de comando não forem claras e precisas, se não forem inteiramente compreendidas, a culpa é do general. Porém, se as ordens são claras e os soldados, apesar disso, desobedecem, então a culpa é dos seus oficiais". Dito isso, ordenou que as comandantes das duas companhias fossem decapitadas.*

*Ora, o rei de Wu estava olhando do alto de um pavilhão elevado e quando viu sua concubina predileta a ponto de ser executada, ficou muito assustado e mandou imediatamente a seguinte mensagem: "Estamos neste momento muito contentes com a capacidade do nosso general de dirigir tropas. Se formos privados dessas duas concubinas, nossa comida e bebida perderão o sabor. É nosso desejo que elas não sejam decapitadas."*

*Sun Tzu retrucou, ainda mais paciente: "Tendo recebido anteriormente de Vossa Majestade a missão de ser o general de suas forças, há certas ordens de Vossa Majestade que, em virtude daquela função, não posso aceitar". Consequentemente e imediatamente mandou decapitar as duas comandantes, colocando prontamente em seu lugar as duas seguintes. Isso feito, o tambor tocou mais uma vez para novo exercício. As moças executaram todas as ordens, virando para a direita ou esquerda, marchando em frente, fazendo meia-volta, ajoelhando-se ou parando, com precisão e rapidez perfeitas, não se arriscando a emitir um som.*

*Então, Sun Tzu enviou uma mensagem ao rei, dizendo: "Os soldados, senhor, estão agora devidamente disciplinados e treinados, prontos para a inspeção de vossa Majestade. Podem ser utilizados como seu soberano o desejar. Mandé-os atravessar fogo e água e agora não desobedecerão."*

*James Clavell – Prefácio de "A Arte da Guerra".*

Sun Tzu escreveu "A Arte da Guerra" há cerca de 2.500 anos, conta-se que ele foi nomeado general pelo rei de Wu logo depois deste episódio e, no comando do exército do rei ele derrotou inimigos tradicionais e partilhou o poder do reino por décadas.

Se nesta parábola as mulheres serviram apenas para o divertimento de um rei e para a demonstração da competência de um general, atualmente elas vêm conquistando um espaço tradicionalmente masculino e constituem realmente tropas militares em vários países.

No Brasil a inserção de mulheres nas Forças Armadas como militares é recente<sup>1</sup>, elas passaram a fazer parte do espaço que era exclusivo dos homens a partir da década de 80. Admitidas como sargentos ou oficiais no “Corpo Auxiliar Feminino” da Marinha, ou no “Corpo Feminino de Reserva” da Aeronáutica, ou mesmo atuando como “Oficiais Temporárias” do Exército, os papéis desempenhados por mulheres nas organizações militares eram tradicionalmente diferenciados dos dos homens como constatou Carvalho (1990):

*Pela lei, o papel a desempenhar pela mulher já está delimitado, sendo reserva, será somente requisitada quando houver conveniência, sendo auxiliar, possivelmente não assumirá cargos de responsabilidade, segurança ou chefia, destinados aos homens.*

*Auxiliar e reserva <sup>2</sup> já prenunciam o caráter secundário e complementar do trabalho e da atuação da mulher na organização militar, isto porque são dois substantivos/adjetivados que qualificam o substantivo mulher, reforçando o estereótipo de que o trabalho da mulher é sempre de menor prestígio, e que a atuação da mulher se realiza sempre de forma secundária e periférica. (Carvalho, Sônia M.S., 1990, p. 58-59.)*

Em 1996, contrariando os precedentes históricos e rompendo com este esquema tradicional de participação, as mulheres foram admitidas

---

<sup>1</sup> Esta afirmação se refere à participação da mulher nas Forças Armadas Brasileiras não apenas nos períodos de guerras como ocorreu em vários episódios da história brasileira, como por exemplo quando da participação das enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial na Itália, mas sim como militares de carreira.

<sup>2</sup> Quando Carvalho realizou este estudo sobre a vida das mulheres militares (out/1990), o Exército brasileiro ainda não havia admitido mulheres em seus quadros, daí a ausência de um comentário específico sobre o corpo feminino do Exército. Vale ressaltar que a inserção de mulheres no Exército ocorreu mais tarde e também se revestiu de um caráter complementar.

como cadetes na Academia da Força Aérea e começaram a receber uma formação idêntica a dos homens no Curso de Formação de Oficiais da Intendência.

A Academia da Força Aérea foi a primeira e atualmente é a única academia das Forças Armadas do Brasil a incluir mulheres em um de seus cursos de formação de oficiais. Meu objetivo neste estudo é apresentar uma interpretação de como ocorre o processo de formação da identidade militar das cadetes e dos cadetes <sup>3</sup>, considerando este fato inédito da admissão de mulheres em um curso de formação de oficiais de uma Academia das Forças Armadas.

Inspirada em seu trabalho realizado na AMAN, concordo com Castro (1990) de que é no interior das academias militares que os futuros oficiais aprendem os valores, crenças, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar. Estou interessada em estudar o processo de construção da identidade social dos oficiais que se formam em uma outra Academia das Forças Armadas e em articulá-lo com as relações de gênero decorrentes da participação feminina. Trata-se de um estudo exploratório e descritivo sobre o processo de construção da identidade militar.

Neste sentido, devo dizer que concentro esforços em observar as interações que ocorrem dentro de uma instituição militar, e em identificar eventos, crenças, atitudes e estruturas que se destacam no processo de formação da identidade militar.

---

<sup>3</sup> Ao entrevistar as cadetes fui informada de que o uso da denominação "os/as cadetes" era um fator que incomodava numa instituição onde todos se pretendem iguais. Muitas consideravam o uso deste recurso inadequado por ser "cansativo" e reforçar a idéia dicotômica entre homens X mulheres, assim, a partir deste parágrafo passo a utilizar o termo universal masculino "os cadetes" para me referir ao universo de cadetes da Academia, utilizando a diferenciação de artigo apenas quando me referir especificamente ao grupo feminino.

Estou interessada nas interpretações que os cadetes fazem de sua condição social e dos outros na Academia e não em aspectos formais da formação do Oficial das Forças Armadas. Com este recorte metodológico não pretendo minimizar a importância de outros aspectos da formação de oficiais, mas sim privilegiar uma perspectiva pouco estudada na área das ciências sociais que é o processo de formação da identidade social que ocorre em uma Academia das Forças Armadas que forma homens e mulheres em um de seus cursos.

Considerando que a partir da década de 70 boa parte dos exércitos ocidentais passou a admitir mulheres em suas fileiras, acredito ser de grande valia conhecer o processo de formação de oficiais na única academia de ensino das Forças Armadas Brasileiras que as admite como cadetes. Descrever este processo, é, ao meu ver, compreender melhor alguns aspectos importantes da vida militar: a construção da identidade militar e as relações de gênero decorrentes da integração feminina.

Enquanto a produção acadêmica sobre a inserção de mulheres nas Forças Armadas é recente e quase inexistente no Brasil <sup>4</sup>, a produção acadêmica na área das ciências sociais sobre militares é extensa, entretanto, concordo com Castro (1990) de que a maioria dos estudos brasileiros realizados nesta área tende a “politizar” a instituição militar, priorizando a análise do papel dos militares na política o papel dos militares na política brasileira <sup>5</sup>. Seja devido ao difícil acesso às organizações militares, ou ao trauma causado pelas intervenções

---

<sup>4</sup> O trabalho de Carvalho (1990) citado anteriormente, se destaca neste aspecto por versar sobre a inserção das primeiras mulheres na Marinha e Aeronáutica na década de 80.

<sup>5</sup> Nesse sentido, é interessante observar os trabalhos de Alfred Stepan (1975), João Quartim de Moraes, Wilma Peres Costa e Eliézer Rizzo de Oliveira (1987) que tratam do papel dos militares na política brasileira. O trabalho realizado por Ludwig (1998) que versa sobre a democratização do ensino militar também tende a politizar a instituição militar, articulando-a ao papel intervencionista e enfatizando a posição política do ensino militar.

armadas, o fato é que há poucos estudos que tratam a instituição militar como um objeto legítimo de análise por si mesmo (Castro, 1990).

Inserimos o nosso trabalho nesta direção e pretendemos realizá-lo a partir de uma perspectiva institucional, privilegiando o processo de socialização que os cadetes e as cadetes vivem na Academia da Força Aérea.

Temos como objeto de investigação a formação da identidade social de cadetes de uma Academia das Forças Armadas Brasileiras que passou a admitir mulheres em um de seus cursos. Como objetivo geral, temos em vista esclarecer e levantar questões que permitam uma compreensão maior do campo da instituição militar, identificando elementos importantes do processo de formação da identidade social.

Entendemos que a problemática de uma pesquisa que versa sobre formação de identidade e relações de gênero dentro de uma instituição militar, requer a intersecção de diferentes áreas de conhecimento, principalmente da Sociologia e da Psicologia. Para garantir a intersecção entre estas áreas de conhecimento, houve a necessidade de se adotar um referencial teórico que permitisse uma visão de conjunto dos temas estudados.

No capítulo I concentramos esforços para apresentar teorias, conceitos e definições que permitissem situar nosso objeto de estudo no campo teórico, e que não fossem contraditórias entre si. Assim, partimos de um enfoque sociológico dado à escola militar e aos princípios que orientam a conduta dos indivíduos nestas instituições. Em seguida colocamos em discussão a questão da identidade social, entendida aqui como processo que se constitui permanentemente a partir de comparações e diferenciações entre os indivíduos e os grupos. E finalmente fechamos o

primeiro capítulo retomando algumas questões referentes à identidade social para articulá-las às discussões sobre gênero que evidenciam relações de poder.

No capítulo II apresentamos algumas discussões em torno da metodologia de pesquisa, no qual expomos nossa postura metodológica a favor da pesquisa qualitativa e da abordagem etnográfica. Neste capítulo descrevemos os métodos de coleta de dados utilizados bem como a trajetória da pesquisa, revelando nossa dupla condição de pesquisadora e professora da instituição estudada.

O capítulo III é dedicado ao cenário de nossa pesquisa - a Academia - os cadetes, os cursos, as atividades diárias, regras, rituais, horários, diferenças entre Quadros, espaço arquitetônico, um breve histórico, um glossário de termos e siglas mais utilizadas pelos cadetes e algumas fotos que revelam principalmente os espaços em que os cadetes circulam.

A problemática da inserção das mulheres nas Forças Armadas e as discussões mais frequentes em torno deste tema são tratadas no início do capítulo IV. Este capítulo focaliza a chegada das cadetes na Academia e começamos a incluir aqui algumas informações levantadas através das entrevistas de campo, da análise de relatórios e documentos e das observações realizadas que retratam o início da relação entre cadetes homens e mulheres na Academia.

No capítulo V descrevemos os eventos, atitudes, valores, e crenças que os cadetes destacam em sua vivência na Academia, enfatizando as situações de comparações e diferenciações a que todos eles(as) estão sujeitos, partindo de seus relatos.

O capítulo VI é dedicado às situações de comparações e diferenciações que ocorrem no processo de construção da identidade militar com ênfase nos relatos sobre a participação das mulheres na Academia. Aqui tentamos descrever quais foram as mudanças na formação da identidade militar que cadetes homens e mulheres atribuem à participação feminina na Academia.

O capítulo VII é dedicado à algumas considerações que, longe de serem conclusivas, levam à uma reflexão sobre as variáveis importantes do processo de formação da identidade militar, bem como a participação das mulheres nas Forças Armadas.

Considerando a dinâmica que um estudo sobre o processo de formação de identidade militar suscita, a principal inovação deste trabalho é a articulação deste processo com as relações de gênero que a admissão de mulheres em um curso de formação de oficiais militares permite estudar. Com isto esperamos contribuir para a análise de alguns dos aspectos internos da instituição militar bem como para trazer à tona as novas relações que se estabelecem no interior da caserna.

## CAPÍTULO I – CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Nossos esforços de reflexão se orientam, nesta pesquisa, à análise do processo de formação da identidade militar no contexto de uma Academia das Forças Armadas que passou a formar homens e mulheres, situando-a entre os estudos que buscam compreender a relação do indivíduo com o meio social e as especificidades que as relações de gênero produzem com a participação da mulher neste processo.

Na definição da construção do referencial teórico, buscamos uma intersecção de diferentes áreas de conhecimento, principalmente da Sociologia, da Psicologia e da Antropologia <sup>1</sup>, que permitisse uma combinação dinâmica de explicações. A formação da identidade é discutida aqui como um fenômeno psicossocial, que emerge das relações sociais. Assim, o foco de nossa análise será ajustado para o *processo* de construção da identidade sob a ótica dos determinantes psicossociais.

Em sua análise sobre Estado, política e seus componentes - poder, dominação e força, Weber (1977 e 1979) mostra-se bastante afinado com nossa proposta de interdisciplinaridade, assim recorreremos a este autor para iniciar nossa discussão acerca da instituição militar.

Weber explicita a natureza psicossocial em seus estudos ao valorizar o sentido e as abstrações das relações dos homens entre si e com as instituições. Por exemplo, ele define a dominação como sendo uma forma de poder presente da ação comunitária, que se traduz em uma relação

---

<sup>1</sup> No Brasil ainda são raros os trabalhos da área de ciências sociais que consideram a instituição militar como um objeto de estudo legítimo e específico e as contribuições neste sentido pertencem em sua maioria ao campo da Antropologia. Desse modo, recorreremos à esta área de conhecimento em nosso estudo recorrendo principalmente ao trabalho pioneiro de Castro sobre o processo de socialização que ocorre com os cadetes do Exército na AMAN (1997), ao seu estudo sobre a origem social dos militares (1992) e também ao estudo sobre a hierarquia militar realizado por Leirner (1997). Recorreremos à Antropologia também em um outro

social na qual a ordem emitida pelo dominador influi sobre os atos dos dominados de tal forma e em um grau socialmente relevante que estes a cumprem como se a tivessem adotado por si mesmos (1977, p. 699). Além disso, segundo sua análise, a dominação é garantida por mecanismos legitimadores que determinam o tipo de relação de dominação que se estabelece (1977, p. 705). Analisando as estratégias que os dominadores utilizam para garantir sua dominação e as crenças que os dominados possuem para aceitarem sua submissão, Weber salientou três motivos de legitimidade que determinam três tipos de dominação que se estabelecem através de estruturas sociológicas distintas:

- 1) através de um hábito cego de lealdade a quem dispõe dos meios de coerção - dominação racional-legal;
- 2) através da obediência a regras tradicionais, que se perderam no tempo - dominação tradicional;
- 3) em obediência a um carisma pessoal de alguém que se coloca como portador de uma missão de salvação - dominação carismática. (1977, p.)

Segundo Weber, os tipos de dominação não se excluem, mas na maioria das vezes eles se mesclam. O tipo mais puro de dominação racional-legal é a burocracia, a idéia básica que permeia este tipo de dominação é a de que qualquer direito pode ser criado e modificado perante um estatuto sancionado corretamente no que diz respeito a sua forma. Obedece-se a pessoa não em virtude do seu direito próprio, mas da regra instituída (1977, p. 708), ou seja, o direito de mando é legitimado por regras racionais e impessoais. Tanto a dominação tradicional quanto a carismática podem sofrer um processo de “burocratização”, pois ambas são muito instáveis e carecem de um estatuto que defina quem manda e

---

momento de nossa pesquisa: o do trabalho de campo, onde lançamos mão da abordagem etnográfica tão tradicional desta área de conhecimento.

quem é mandado, os direitos e deveres de cada um, uma hierarquia, um conjunto de regras que dê estabilidade à dominação<sup>2</sup>.

A burocracia moderna que permeia governos públicos e legais e a economia privada funciona de acordo com alguns princípios descritos detalhadamente por Weber (1979) que resumimos abaixo:

- 1) o princípio da competência, da autoridade e as atividades regulares, necessárias para consecução de objetivos são orientados por leis ou normas administrativas e somente pessoas possuidoras da qualificação prevista por estes regulamentos são admitidas;
- 2) o princípio de hierarquia das funções dos diversos níveis de autoridade explicitam o sistema de dominação que os envolve, de mando e subordinação pois pressupõe que postos inferiores sejam controlados por postos de autoridade superiores;
- 3) as atividades administrativas são baseadas em documentos escritos que são conservados na sua forma original justificando a proliferação de funcionários burocráticos;
- 4) as funções administrativas pressupõem um treinamento e uma formação profissional especializada;
- 5) apesar do tempo de permanência na organização ser rigorosamente delimitado, a função burocrática exige do funcionário o pleno emprego de sua capacidade de trabalho;
- 6) como o funcionamento de uma administração burocrática é realizada através de regras, o conhecimento e o aprendizado que se tem delas representa uma aprendizagem técnica especializada a que os funcionários devem se submeter. (1979, p.229-231)

O cerne dos estudos de Weber acêrca dos tipos de dominação está no fato de que a história do Estado moderno identifica-se com a da

---

<sup>2</sup> Em virtude do nosso estudo ter como objeto a instituição militar – baseada na dominação burocrática, não nos dedicaremos aos outros dois tipos de dominação analisados por Weber.

moderna burocracia que depende, entre outros mecanismos, de uma disciplina e controle rigorosos e o desenvolvimento de sentimentos de prestígio estamental ( 1979, p. 242 – grifos nossos). A formação dos Estados modernos foi estudada por Weber como um processo de concentração de meios administrativos:

*No início do período moderno, todas as prerrogativas dos Estados continentais acumularam-se nas mãos dos príncipes que mais se empenharam na burocratização administrativa. É evidente que, tecnicamente, o grande Estado moderno é absolutamente de uma base burocrática (1979, p. 246),*

e militares legais:

*Especificamente, a disciplina militar e o treinamento técnico só podem ser normal e plenamente desenvolvidos, pelo menos em seu moderno alto nível, no exército burocrático (1979, p. 258).*

Antes do período moderno, os exércitos eram entendidos como forças independentes, contratadas para o exercício de dominação pessoal, a formação dos Estados modernos, no entanto, prescindiu da monopolização dos meios de dominação, entre eles, os exércitos, que foram então institucionalizados e passaram a ser utilizados pelos Estados como instrumentos de dominação política (da burguesia, da democracia...). Segundo Dreifus (1993), o empenho dos "príncipes" modernos em conquistar, preservar e dominar novos territórios, envolveu o uso da força, dos exércitos como meio e instrumento para assegurar sua autoridade, e foi exatamente este exercício de dominação que deu origem ao Estado moderno, "entendido como instituição e como prática, como norma e como referência"(1993, p. 28).

A formação dos Estados modernos só foi possível com a criação dos exércitos permanentes, e gerou uma nova configuração destas organizações que foram burocratizadas, tiveram seus contingentes separados em função da especialidade das armas, passaram a ser comandadas por chefes militares, entre outras modificações. Segundo

Dreifuss, trata-se da "nacionalização" dos meios de dominação *pelo e no* Estado, que foi bem sucedido no monopólio da força bruta como meio de dominação de um território<sup>3</sup> (1993, p. 31).

Em termos da profissão militar, encontramos diferenças de enfoques sobre a profissão militar entre dois autores clássicos da sociologia militar norte-americana, enquanto Huntington<sup>4</sup> define a profissão militar com base na aplicação e administração da violência, enfatizando as características de perícia, responsabilidade e senso de corporação, Janowitz<sup>5</sup>(1961) define a profissão militar com base no “estado psicológico” enfatizando a dedicação com que o indivíduo empenha à sua função e a satisfação em realizar suas missões.

Neste estudo porém, vamos nos limitar a considerar apenas alguns aspectos do perfil do oficial militar da Força Aérea Brasileira traçados por Gualazzi (1985)<sup>6</sup> que parte do pressuposto de que o que define a profissão militar é a sua finalidade – a guerra, ou a prontidão para um eventual conflito armado. Tendo como referências principais as monografias de oficiais que cursam a Escola de Comando Geral da Aeronáutica – ECEMAR, Gualazzi elaborou uma lista de capacidades e valores que a formação dos oficiais deve considerar e que destacamos aqui com o objetivo de trazer à tona as características do perfil da profissão militar :

1 – *Lealdade para com todos;*

2 – *Firmeza de convicções e atitudes, sem intransigências ou conservadorismo;*

---

<sup>3</sup> Segundo a análise de Randall Collins (1990), a teoria de Weber foi orientada em torno de uma análise do “sistema mundial” e seu objetivo era demonstrar que a chave da dinâmica externa das condições sociais não é econômica mas sim militar – geopolítica - num sentido mais amplo. Collins defende a idéia de que grande parte da obra de Weber deve ser analisada sob a ótica da geopolítica considerando as causas e conseqüências das interrelações militares sobre as condições sociais e econômicas.

<sup>4</sup> Trata-se da obra “O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares” publicado pela primeira vez nos EUA em 1957, em que o autor oferece uma descrição da profissão militar considerando especialmente o oficialato.

<sup>5</sup> Trata-se da obra “*The Professional Soldier: a social and political portrait*” , de 1971, que apresenta uma versão sociológica da organização militar norte-americana .

<sup>6</sup> Gualazzi estudou o perfil do oficial subalterno da FAB em sua dissertação de mestrado, daí nosso interesse em suas contribuições.

- 3- *Retidão de caráter e força moral;*
- 4 - *Busca constante de aperfeiçoamento cultural e profissional, sem intelectualismo;*
- 5- *Devotamento sem fanatismo ou hipocrisia;*
- 6- *Capacidade de tomada de decisão, mesmo sob pressão, com rapidez, discernimento e raciocínio analítico;*
- 7- *Capacidade de comunicação oral de escrita;*
- 8- *Qualidade para a liderança;*
- 9- *Espírito combativo sem ser agressivo;*
- 10- *Espírito de equipe e camaradagem;*
- 11- *Habilidade administrativa;*
- 12- *Capacidade física;*
- 13- *Autodisciplina (disciplina consciente);*
- 14- *Honra, audácia, coragem, destreza, urbanidade, idoneidade e patriotismo;*
- 15- *Equilíbrio emocional e psicológico. (1985, p. 45)*

Segundo Weber, o grande segredo da burocracia é a capacidade de desenvolver um certo tipo de “racionalização” que permeia as relações sociais através do processo de socialização (1977, p. 177), e entendemos que seria interessante conhecer e analisar o processo de formação da identidade militar que se desenvolve dentro de uma organização estruturada com base racional-legal.

Goffman (78 e 96), em sua tentativa de construir uma versão sociológica da estrutura do eu que se forma em uma determinada organização, nos relata como é fechada e formalmente administrada a vida dos indivíduos que trabalham e vivem separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo nas chamadas instituições totais.

Estas instituições podem ser classificadas com base em seus diferentes objetivos como: instituições criadas para cuidar de pessoas ditas incapazes (por exemplo, asilos, orfanatos...); locais para cuidar de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas, e que constituem uma ameaça à comunidade, embora de maneira não-intencional (como os

sanatórios para tuberculosos e os manicômios); local organizado com a finalidade de proteger a comunidade contra perigos intencionais, neste caso, o bem estar dos internos não constitui o problema imediato (como as cadeias, os campos de concentração e as penitenciárias); locais destinados a servir de refúgio do mundo externo, que também servem de escolas de instrução religiosa (como os conventos, os mosteiros e outros claustros); instituições cujo objetivo consiste em realizar de modo mais adequado alguma tarefa de trabalho e que se justificam apenas por meio de seus fundamentos instrumentais (como os quartéis e internatos).(1996, p. 16-17)

Como características comuns, as instituições totais possuem uma grande barreira à relação social com o mundo externo, e a proibição à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico, como portas fechadas, paredes altas, arame farpado e guaritas. Se nas demais instituições um indivíduo tende a brincar, dormir e trabalhar em diferentes lugares, nas instituições totais a tendência é a de romper as barreiras que comumente separam estas três esferas da vida, de modo que todos os aspectos da vida sejam realizados no mesmo local e sob uma mesma autoridade; todas as atividades realizadas diariamente envolvam a companhia de uma grande grupo de pessoas tratadas da mesma forma e obrigadas a fazer as mesmas coisas em conjunto; todas as atividades diárias sejam tão rigorosamente estabelecidas em horários, pois uma atividade leva, em um tempo pré determinado à seguinte, e todas elas são impostas de cima, por um sistema de regras explícitas; as várias atividades obrigatórias sejam reunidas num plano racional único, supostamente planejado para atender os objetivos oficiais da instituição. (1996, p. 17-18)

O interesse sociológico de Goffman pelas instituições totais reside no fato de que elas, além de constituírem um híbrido social que abrange tanto a comunidade residencial quanto a organização formal, criam e mantêm

um tipo específico de tensão psicológica entre os internos para utilizá-la como força estratégica no controle dos próprios. Como condições facilitadoras desta tensão psicológica, Goffman cita dentre outras, o enfraquecimento da autonomia e da liberdade de ação, o uso de racionalizações criadas para controlar a vida diária em espaço e com recursos restritos, a ruptura com o mundo externo e com os papéis anteriores para criar um grupo homogêneo de pessoas codificadas e conformadas, e a modelação suave por meio das obrigações de rotina.

A consequência básica da estrutura das relações sociais nas instituições totais, é o controle de muitas necessidades humanas por uma administração burocrática, que visa a modelação do eu dos internos e que pode provocar uma tensão psicológica aguda para alguns, ou um alívio psicológico para aqueles indivíduos desiludidos com a sociedade mais ampla.

Ao estudar o processo de socialização que ocorre com os cadetes na AMAN, Castro (1990) tece algumas críticas com relação à utilização do modelo de instituição total apresentado por Goffman em estudos que privilegiam os aspectos internos das instituições militares, especificamente em academias. Segundo Castro, em primeiro lugar, quando se trata de um estudo em academias militares, temos que considerar que não existe uma divisão tão rígida como Goffman descreve entre “equipe dirigente” e “internados”, em segundo lugar, nestes locais busca-se justamente uma “vitória cultural” pois apesar da criação de “tensões persistentes” como estratégia de controle dos internos, os cadetes conseguem se ver em uma situação passageira, numa etapa de sua formação a ser superada, e em terceiro e último lugar, Goffman trata principalmente de estabelecimentos de participação compulsória sendo que a participação dos cadetes em uma academia não é exclusivamente compulsória. (1990, p. 33-34)

A maior crítica que Leirner (1997) faz à análise das instituições militares inspirados nos moldes das instituições totais descritas por Goffman é que embora esclarecem sobre a cadeia disciplinar “ou ainda, da dimensão do poder que vem junto com a idéia de *obediência*, pouco esclarece quando se fala de uma *multiplicidade de dimensões* da vida social militar...” (1997, p. 99)<sup>7</sup>

Apesar das divergências sobre o estudo de instituições militares apontadas por Castro e Leirner, entendemos que a referência aos estudos de Goffman sobre instituições totais, é necessária em um estudo sobre o processo de formação de identidade militar, dada sua relevância e pioneirismo no estudo de instituições relativamente autônomas em relação ao mundo exterior.

A organização das Forças Armadas Brasileiras tem como pilares a disciplina e a hierarquia - componentes básicos da burocracia e da estrutura militar moderna. Segundo Weber, tal qual a burocracia, a disciplina é impessoal, e se desenvolveu à base dos meios de guerra e pode ser definida como sendo a

*execução de ordem recebida, coerentemente racionalizada, metodicamente treinada e exata, na qual toda crítica pessoal é eliminada e o agente se torna um mecanismo preparado exclusivamente para a realização da ordem. (1979, p.293)*

Foucault (1977 e 1979) oferece-nos algumas interpretações de aspectos próprios do poder disciplinar que nos permitem analisar a instituição militar como o local onde o poder recompensa, permite estabelecer hierarquias, controla o tempo, vigia espaços, classifica e pune.

Segundo a análise de Foucault, os corpos precisam ajustar-se a determinados movimentos, ritmados em um tempo preciso, com certa

---

<sup>7</sup> Grifos do autor.

duração, ordem de sucessão e com maior rigor no interior das instituições do tipo militares; a vigilância constante faz com que a comunicação entre os indivíduos se realize num sentido vertical, provocando o isolamento, reforçando a hierarquia e favorecendo o controle ininterrupto, podendo ocorrer inclusive através do olhar. O controle dos espaços ocorre através de uma arquitetura bem planejada que favorece a vigilância interior. Como é possível perceber, encontramos em Foucault uma gama de aspectos que podem ser analisados à luz das relações sociais que ocorrem no interior da caserna. Voltaremos à algumas das questões levantadas por este autor no final deste capítulo quando discutimos algumas possibilidades de análise para o uso do termo “gênero” no campo acadêmico.

Leirner (1997), que, a partir de um estudo antropológico da instituição militar, esboçou uma teoria sobre a hierarquia militar, enfatiza a necessidade de se olhar para a disciplina se quisermos perceber uma série de atributos (obrigações, direitos e deveres) que configuram as práticas que definem a essência do militarismo:

*De fato, se pensarmos que a disciplina é um instrumento de sobreposição de uma “vontade coletiva” à vontade do indivíduo, a explicação de que ela é o eixo de ligação e de união do “corpo” adquire a devida coerência. Idéias como a de “selva!”\* ou ainda como as de que o indivíduo se sente sobretudo como “parte de um todo” revelam a eficácia simbólica da dimensão disciplinar. (1997, p. 105).*

*\* Nota da pesquisadora: Selva! – saudação, grito de guerra utilizado entre os militares independente de posto ou Arma que juntamente com outros elementos como a continência, o uniforme, a formação entre outros, evidenciam a lógica da disciplina militar pois tem por base uma determinação geral sobre todos.*

A eficácia simbólica da dimensão disciplinar na instituição militar, segundo Leirner, se revela quando o indivíduo se sente sobretudo como “parte de um todo” (1997, p.106)

Para falar sobre a construção da identidade militar, no entanto, não podemos nos ater somente neste elemento homogeneizador pois

justamente por ser homogeneizadora, a disciplina por si só não nos possibilita chegar a uma explicação dinâmica do processo de construção de identidade social. Há que se considerar também as diferenças, as desigualdades que este processo engendra, neste sentido, recorreremos à análise de Leirner sobre a hierarquia, justamente o outro pilar sobre o qual as Forças Armadas se fundamentam, que possibilita o conhecimento das diferenças pois ao mesmo tempo em que une, ela também constitui o elemento legitimador das desigualdades entre tantos “iguais”.

Em seu estudo, Leirner atenta para o fato de que a hierarquia militar está presente na origem histórica da formação dos exército e enfatiza que longe de ser apenas um princípio legal sobre o qual as Forças Armadas se baseiam, ela:

*... é a base sobre a qual se exteriorizam cotidianamente sinais de respeito, honras, cerimonial, continências, ordens e comandos; tudo isso executado pelos membros da Força, cada qual em uma posição no interior da instituição, sem que ao menos precisem ter consciência de que, tomadas em seu conjunto, as diferentes condutas são manifestações particulares que necessariamente transitam por esse princípio regulador coletivo que é a hierarquia. Pode-se dizer, portanto, que a partir dela se espelham as relações sociais e a visão de mundo militares. (1997, p. 53)*

Segundo Leirner, a hierarquia que embasa as relações entre os integrantes da instituição militar pode parecer à primeira vista, uma segmentação escalonada que determina as possibilidades e limitações de cada membro de acordo com sua patente (1997, p. 73). Esta segmentação no entanto, não é tão simples, ela abrange “círculos hierárquicos” que reúnem militares de diferentes patentes em grupos distintos, por exemplo, o círculo de oficiais superiores reúne em um mesmo grupo, maiores, tenentes-coronéis e coronéis, o círculo de oficiais subalternos reúne primeiros e segundos-tenentes. O que importa é que Leirner nos oferece uma descrição bastante detalhada de como estes círculos hierárquicos são

incorporados à conduta militar, e acabam configurando cenários e espaços distintos na caserna:

*...Nota-se uma divisão por círculos no ambiente de trabalho, salas, refeitório, banheiros e, às vezes, como ocorre na Eceme\*, andares inteiros vão se restringindo a determinadas ocupações, próprias de certas posições, formando cenários distintos. Isso também se vê em formações\*\*, onde as patentes formam blocos separados e organizados conforme suas distinções próprias, e em exercícios, nos quais a execução de tarefas ocorre também de formas distintas, o que implica um arranjo espacialmente diferenciado entre elas.(1997, p.75)*

*\* nota da pesquisadora: Eceme – Escola de Comando do Estado Maior do Exército.*

*\*\* nota do autor – Reuniões de Tropa na qual o corpo se dispõe em blocos organizados para a realização de práticas como a inspeção, em que um superior passa em revista a tropa.*

Para não perder de vista nosso objetivo – a construção da identidade social dos militares – não podemos permanecer apenas na dimensão objetiva deste fenômeno, precisamos considerar também a sua dimensão subjetiva e neste ponto recorreremos à Berger e Luckmann (1974) que articularam tão bem estas duas dimensões que consideramos inerentes a esta pesquisa.

Segundo Berger e Luckmann, o processo de socialização, realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica. As implicações resultantes deste processo são afetadas tanto pela realidade objetiva quanto pela subjetiva e geram conseqüências sociais estruturais, ou em outras palavras, "a análise micro-sociológica ou sócio-psicológica dos fenômenos de interiorização deve ter sempre por fundamento a compreensão macro-sociológica de seus aspectos estruturais" (1974, p. 216). A formação do "eu" na análise destes autores deve ser compreendida em relação com o contínuo desenvolvimento orgânico e com o processo social, visto que o organismo e o "eu" não podem ser devidamente compreendidos fora do contexto social particular em que foram formados.

É justamente sobre esta articulação entre instituição e construção da subjetividade que empreendem os autores, que nos deteremos agora em vista das possibilidades que ela aponta para o uso do termo “identidade” que estão sendo feitos no campo da psicologia social, especificamente identidade social – nosso tema de pesquisa.

Segundo Berger e Luckmann, toda a atividade humana está sujeita ao hábito e qualquer ação repetida com frequência transforma-se logo em um padrão, visto que torna desnecessário que cada situação seja definida novamente, etapa por etapa, desse modo, toda institucionalização seria precedida pelos processos de formação de hábitos. Os autores descrevem o processo de reciprocidade que ocorre entre indivíduos, ações habituais e instituição:

*A institucionalização ocorre sempre que há uma tipificação recíproca de ações habituais por tipos de atores. O que deve ser acentuado é a reciprocidade das tipificações institucionais e o caráter típico não somente das ações mas também dos atores nas instituições. As tipificações das ações habituais que constituem as instituições sempre são partilhadas. São acessíveis a todos os membros do grupo social particular em questão, e a própria instituição tipifica os atores individuais assim como as ações individuais. (1974, p. 79)*

Este processo de reciprocidade pressupõe implicações que se referem ao controle da conduta humana – exercido pelas instituições através do estabelecimento de padrões previamente definidos que são reforçados por mecanismos de sanções – e à construção histórica das instituições - que nos informa sobre como se deram as tipificações das ações que a constituem e nos revela o caráter de objetividade do mundo social.

A objetividade ou “racionalidade” que permeia o mundo social geralmente torna-se “sedimentada” na medida em que é repetida em experiências compartilhadas, e transmitida entre o grupo social em questão. Berger e Luckmann consideram a linguagem o principal meio

para que o processo de sedimentação ocorra, o que pode ocultar o caráter histórico deste processo, quando aceitamos as sedimentações como racionalizações coerentes sem considerar seu processo de formação. Além da linguagem, o conhecimento também pode “ser reafirmado mediante objetos simbólicos (tais como fetiches e emblemas militares) e ações simbólicas (tais como o ritual religioso ou militar).”1974, p. 99-100.

Como vimos, as tipificações das ações de um indivíduo e de outros implica em padrões de conduta, desse modo, segundo os referidos autores, podemos falar em “papéis” quando estes padrões de conduta ocorrem “no contexto de um acervo objetivado de conhecimentos comum a uma coletividade de atores” (1974, p. 103), desse modo, podemos pensar em “papéis” como o resultado da institucionalização da conduta, em outras palavras, as instituições incorporam-se à subjetividade do indivíduo por meio dos papéis. A questão da reciprocidade está presente nesta construção pois ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social e “ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo se torna subjetivamente real para ele” (1974, p. 103).

Ao abordarem a questão da “reificação” da realidade social – processo de apreensão de produtos da atividade humana como se fossem dados naturalmente, seguindo uma lei cósmica ou divina e portanto independente da ação humana – Berger e Luckmann consideram que os papéis também podem ser reificados e apreendidos como inevitáveis, inerentes aos indivíduos através de mecanismos conceituais que seguem uma ordem mitológica ou mesmo uma lógica científica de legitimação da realidade social.

O desempenho dos papéis está intimamente ligado ao processo de socialização, definido pelos autores como a “ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de

um setor dela” (1974, p. 175). Este processo de socialização pode ser classificado em duas fases: primária – que ocorre na infância, implica mais do que um aprendizado cognoscitivo, pois a criança absorve os papéis e atitudes sociais identificando-se com eles através de uma grande carga afetiva e por meio da qual torna-se capaz de identificar-se a si mesma como membro de um grupo social visto como o seu “mundo básico”, uma “realidade total” – e secundária – processo subsequente que ocorre quando um indivíduo já socializado é introduzido em novos setores do mundo objetivo da sociedade (instituições) e adquire conhecimento sobre as novas condutas de rotina (dentre elas aquelas relacionadas ao conhecimento das funções), através de uma identificação subjetiva não tão carregada de afetividade em que o indivíduo pode interiorizar diferentes realidades sem se identificar com elas, onde a conduta institucionalizada é aprendida como um “papel” do qual pode se desligar e que desempenha de acordo com uma finalidade.

Em contraste com o “mundo básico” interiorizado anteriormente, no processo de socialização secundária os setores institucionais são interiorizados pelo indivíduo como “realidades parciais” caracterizadas por componentes normativos, cognoscitivos e até mesmo afetivos que são sustentados por mecanismos de legitimação freqüentemente acompanhados de uma multiplicidade de cerimônias e símbolos.

Embora a maior parte da socialização secundária dispense o tipo de identificação carregada de emoção vivida na infância, determinadas profissões – entre elas a do militar de carreira - ou estudos que implicam em um alto grau de compromisso ou dedicação pessoal, exigem uma carga de afetividade maior para que o relacionamento do indivíduo com o pessoal socializador torne-se proporcionalmente carregado de “significação” e o indivíduo se entregue completamente à nova realidade. Segundo Berger e Luckmann, esses casos que exigem uma identificação fortemente afetiva

com o pessoal socializador em vista de uma transformação radical da realidade subjetiva que determinadas funções exigem são denominados “alternações” e implicam em processos de re-socialização que envolvem a segregação física – a separação do indivíduo dos “habitantes” de outros mundos e o rompimento com sua biografia subjetiva.

Situando o debate sobre a identidade com base na relação dialética entre um indivíduo e a sociedade, Berger e Luckmann fazem críticas aos estudos psicológicos sobre este fenômeno que se baseiam em esquemas interpretativos pré definidos ou limitados aos fatores biológicos. Em suas palavras:

*A identidade é evidentemente um elemento-chave da realidade subjetiva, e tal como toda realidade subjetiva, acha-se em relação dialética com a sociedade. A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. (1974, p. 228)*

Durante muito tempo, a psicologia social tratou a identidade com base em perspectivas mais individualistas que consideravam o indivíduo e a sociedade como esferas autônomas, atribuindo ao indivíduo o pólo central da construção da identidade. Segundo a análise de Jurberg (2000) os anos 80 assinalam uma ruptura com estes paradigmas tradicionais, quando a psicologia social passou a considerar teorias oriundas principalmente da Antropologia e da Sociologia<sup>8</sup>. Em nosso estudo sobre a construção da identidade militar, recorreremos aos trabalhos de Ciampa (1984 e 1987) e Tajfel (1982, I e II) dentre os vários do campo da psicologia social citados por Jurberg, por entender que tratam-se de autores que romperam com o paradigma tradicional da psicologia social e passaram a considerar a relação dialética entre a realidade objetiva e subjetiva sem cair na armadilha das esferas autônomas ou da limitação aos fatores biológicos em seus estudos sobre a identidade.

Considerando o campo da psicologia social no Brasil, recorreremos aos trabalhos pioneiros de Ciampa (1984 e 1987) que nos remetem à uma reflexão sobre os aspectos constitutivos da identidade baseados na articulação entre diferenças e igualdades e que ressaltam o caráter de processo, de metamorfose que o termo suscita. Segundo o autor, à primeira vista, somos impelidos a considerar a identidade como algo estático, imutável e nossa linguagem reforça este caráter “natural” pois geralmente recorreremos a substantivos ou adjetivos quando queremos “identificar” uma pessoa. O nome é o substantivo (próprio) mais comum que utilizamos quando queremos identificar-nos ou aos outros e, associado a outros substantivos (nome do pai, da mãe, da família, a religião, o sexo, a classe social, a região geográfica de origem, a profissão, etc.) e adjetivos, acabam reforçando a noção de identidade como algo imediato, “um traço estático que define o ser”. (1987, p. 134)

Entretanto, a noção de identidade pressupõe a atividade e a relação do indivíduo com os outros e se num momento ela pode ser utilizada para diferenciar e distinguir uma pessoa das outras, no outro ela pode unir, confundir, igualar uma pessoa com as outras. Uma identidade pessoal ao mesmo tempo que torna um indivíduo único e diferente dos outros com os quais se relaciona, assumindo diferentes papéis, também lhe permite perceber semelhanças com os outros através das comparações sociais que vier a fazer. Desse modo, longe de constituir um traço estático do ser, Ciampa define a identidade como o resultado da articulação entre a diferença e a igualdade, em suas palavras:

*Através da articulação de igualdades (equivalências de fato) e diferenças, cada posição minha me determina, fazendo com que minha existência concreta seja a unidade da multiplicidade, que se realiza pelo desenvolvimento dessas determinações.*

---

<sup>8</sup> Jurberg aponta que o resgate de autores como Simmel, Berger e Luckmann possibilitou à psicologia social a superação da antinomia indivíduo X sociedade e por conseguinte, uma explicação dinâmica da identidade.

*Em cada momento de minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando em frente a meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai, como filho; e assim por diante. (1987, p. 170)*

Ciampa nos adverte quanto ao uso de substantivos que acabam criando a ilusão de identidade como substância estática, dada, “natural”, e ocultam a manifestação do ser como ação, que está em constante relação com os outros. Como Berger e Luckmann, ele considera a identidade como um fenômeno que deriva da dialética entre o indivíduo e a sociedade, desse modo é preciso considerar a sua localização em um mundo visto que, as identidades, em seu conjunto, “refletem a estrutura social ao mesmo tempo em que reagem sobre ela conservando-a ou transformando-a”(1984, p. 67)

Na análise do autor, a identidade é “metamorfose” pois consiste em algo que existe somente na medida em que as pessoas a operacionalizam, assumindo posições ou papéis em dados contextos, relações e situações, assim, não se trata de um “ser substantivo”, mas um “ser ação” que pode dar-se constantemente através de um permanente processo de comparação e diferenciação que expressa o movimento do social e da própria subjetividade.

No campo da psicologia social mundial, Tajfel (1982, II) propõe em sua teoria da identificação social, uma articulação igual entre o individual e o social partindo do pressuposto de que “por mais rica e complexa que possa ser a visão de si próprios dos indivíduos em relação ao mundo físico e social que os envolve, haverá sempre aspectos desta visão que são o resultado do sentimento de pertença a determinados grupos ou categorias sociais.” (1982, p. 290)

Inicialmente, Tajfel recorre ao processo de “categorização social” para explicar como objetos ou acontecimentos sociais, que são equivalentes no que diz respeito às ações e sistemas de crenças dos indivíduos podem ser reunidos e a partir de então iniciar um processo de distinção entre o próprio grupo e outros grupos, em comparação ou contraste com ele, afirmando que “a aquisição das diferenças de valor entre o seu grupo (ou grupos) e outros grupos, faz parte integrante dos processos gerais da socialização”(1982, p. 290) Neste sentido, a categorização social pode ser considerada como um sistema de orientação que ajuda a definir a posição do indivíduo na sociedade.

Tajfel oferece-nos deliberadamente uma definição limitada de identidade social para não cair em infundáveis discussões sobre o que “é” identidade, ou sobre as origens e desenvolvimento da autoconsciência individual, assim, o que ele chama de identidade social são certas conseqüências do conhecimento por um indivíduo da sua pertença a um grupo (ou grupos), que envolve um significado emocional e de valor associado à este sentimento de pertença.

A proposta apresentada por Tajfel para se estudar a identidade inclui não somente o conhecimento de perceber-se fazendo parte de determinados grupos ou categorias sociais, mas também o sentimento que acompanha esta pertença, o significado de se perceber como um membro desses grupos. Em sua teoria da identificação social, Tajfel aponta para a necessidade de considerar não apenas as características próprias dos indivíduos em suas interações com os outros, mas também a posição que ocupam em determinado contexto social, através de um processo que implica em comparações e diferenciações entre indivíduos e entres grupos sociais. Ele também defende a não-substancialidade, o caráter relacional e a construção da identidade social a partir de comparações e diferenciações:

*A identidade social ... não existe só enquanto facto imutável da vida. É criado a partir das realidades sociais, muda com elas, inclui sempre visões sobre "outros" sem as quais os argumentos perderiam tanto o seu significado como a sua função. Na sua permanente interdependência das realidades sociais das relações dos grupos com outros grupos, os argumentos contêm dimensões de comparações e valores de que são dotadas essas dimensões. Dimensões e valores são selecionados, acrescentados, criados ou preservados em função do que é possível e útil para a construção de mitos e imagens e do que é exequível para empreender a acção social... O resultado encontra-se, freqüentemente, na realização de determinadas diferenciações em relação a outros grupos..." (Tajfel, 1980, apud Tajfel, 1982, p. 257).*

Neste ponto vale explicitarmos que Tajfel é cuidadoso em indicar que como pesquisadores, não escapamos impunes ao empreender um processo de classificação das particularidades do contexto social e das pessoas com as quais interagimos, pois as comparações sociais e diferenciações sociais que fazemos, além de influenciadas pelo processo de socialização que vivemos, acabam reproduzindo-o também. Desse modo, devemos refletir sobre o papel do pesquisador no campo da psicologia social na medida em que não estamos isentos de nos identificarmos com certos grupos em detrimento de outros, que podemos exacerbar diferenças, aumentando a possibilidade de discriminação social e de legitimar preconceitos e tratamentos diferenciados. Como pesquisadores devemos ter em mente que nossa autopercepção, percepção social e nossa capacidade discriminativa podem refletir-se em prejuízos ou ganhos para cada grupo ou categoria social estudados, e temos que considerar nossos próprios grupos de pertença, que além de delimitar a posição dos outros, delimitam também a nossa posição dentro da teoria social.

Como vimos, Tajfel se posiciona de modo a nos oferecer uma análise dos limites e das armadilhas que a identidade pode apresentar enquanto categoria de análise da psicologia social, pois há uma multiplicidade do

número e da variedade de situações em que um indivíduo interage, coletiva ou individualmente, com o grupo e seus membros, segundo a sua identidade social. Não podemos negar a multidiversidade de possibilidades que a articulação entre o individual e o social engendram, devemos considerar que entre estas possibilidades, algumas poderão ser mais enfatizadas do que outras e algumas delas podem ter um destaque variável de acordo com as várias situações sociais, para entender a identidade como processo, como ação e como não-substancial, é preciso ceder lugar à compreensão e respeito pelas diferenças.

O estudo etnográfico de Castro (1990) a respeito do processo de socialização militar de cadetes na Academia Militar das Agulhas Negras que forma oficiais do Exército brasileiro, chamou nossa atenção por tratar de um tema relegado normalmente às notas secundárias – a formação do espírito militar. Não há como negar a importância dos estudos do campo da ciência política sobre militares no Brasil, principalmente aqueles<sup>9</sup> que utilizam elementos da “sociologia militar” desenvolvida nos EUA a partir da Segunda Guerra Mundial apresentada por Janowitz e por Huntington entre outros, porém, apesar de tratar da relação entre militares e sociedade, estes estudos se afastam de uma visão do interior da instituição militar ao buscar uma explicação para o papel dos militares no cenário político nacional.

Ao considerar a instituição militar como um objeto legítimo de análise, focalizando a rotina e a vida cotidiana no interior da caserna, Castro vem preencher uma necessidade que os próprios cientistas políticos levantaram de se estudar a instituição militar em seus aspectos internos. Neste sentido, concordamos com Leirner (1997) de que o estudo de Castro a respeito do processo de socialização de cadetes do Exército constitui “um

---

<sup>9</sup> Neste sentido seria interessante conhecer as obras de Edmundo Campos Coelho (1976), e Alfred Stepan (1975).

marco obrigatório para qualquer um que queira compreender os militares” (1997, p. 18). Trata-se de um estudo inspirador e pioneiro, conduzido por um pesquisador civil e que consideramos crucial em nossa pesquisa que também trata do processo de formação da identidade social de outros cadetes, de outra academia militar das Forças Armadas, em outro contexto.

Em seu estudo sobre o espírito militar que se desenvolve entre os cadetes da AMAN, Castro enfatiza a natureza dinâmica de todas as identidades sociais, e falando especificamente sobre o processo da construção da identidade militar, o autor ressalta que o desafio do pesquisador neste caso não é perceber “o que é”, mas sim “como” se constitui. Castro se posiciona de forma a alertar sobre a “tentação” que acomete muitos pesquisadores em definir a identidade militar através de seus elementos, símbolos, traços e regras de conduta ao invés de buscarem os modos de articulação do sentido que estes elementos evocam, em suas palavras:

*...Creio que a instituição militar apresenta uma armadilha para o pesquisador por possuir um recorte morfológico extremamente claro. Sem dúvida a morfologia da instituição, seu aspecto mais “sociológico” não pode ser desprezado pelo pesquisador. Mas este deve fugir à tentação de sobrepor àquele aspecto um inventário dos elementos constituintes da identidade militar – deve procurar perceber não “o que é”, mas “como é” essa identidade, quais são seus mecanismos simbólicos.(1990, p. 32)*

Através da análise de Castro, é possível perceber a lógica da segmentação apresentada por Leirner (1997) que coloca em evidência o princípio da hierarquia militar como norteador das relações que ocorrem no interior da caserna. Os resultados do estudo de Castro apontam para uma explicação dinâmica da identidade militar que evidencia que os cadetes cultivam valores próprios da profissão militar em oposição aos civis, valores próprios de um cadete do Exército em oposição àqueles

cultivados em outras Forças, e também cultivam valores específicos da Arma ao qual pertencem em oposição às demais, no entanto, ele sabe-se pertencente à AMAN como os demais cadetes que compõem as outras Armas, sabe-se militar como os profissionais das outras Forças e sabe-se compartilhando um sentimento de patriotismo semelhante ao apresentado pelas pessoas do mundo civil:

*A idéia é que o "espírito militar" não é uma constante, mas sim um sistema segmentário em relação ao qual o valor de cada um dos espíritos se define\*. (1990, p. 102)*

*\* Nota do autor: Por "valor" entenda-se aqui a sensação e o reconhecimento comuns por parte dos membros de um segmento de que são um grupo exclusivo, distinto e oposto a outros segmentos.*

A proposta de Castro sobre o estudo da construção da identidade militar vem ao encontro daquela defendida por Berger e Luckmann que partem do pressuposto da socialização como elemento articulador entre mundo institucional e subjetividade. Além disso, Castro descreve o processo de construção de identidade a partir de dois pressupostos teóricos que consideramos importantes em nossa pesquisa: o da "não-substancialidade" e o da "contrastividade".

O primeiro pressuposto enfatiza a necessidade de uma postura de não aceitar qualquer modelo fixo, imutável, "substancialista" de sociedade, vista como "naturalmente dada", independente da ação do homem. Este pressuposto da não-substancialidade da identidade se coaduna com a teoria da construção da realidade social defendida por Berger e Luckmann, Ciampa e Tajfel que já descrevemos em nosso estudo, visto que estes autores se posicionam de forma a revelar a reciprocidade entre as tipificações das ações e a institucionalização, mesmo e principalmente quando os padrões de conduta parecem inevitáveis.

O segundo pressuposto teórico utilizado no estudo de Castro considera a comparação entre grupos ou categorias, combinando

mecanismos de separação e unificação que permitem a delimitação de fronteiras simbólicas essenciais para a construção das identidades sociais. A questão da contrastividade é evidenciada no trabalho de Castro principalmente pela segmentação que a instituição militar promove e reproduzimos aqui seu esforço esquemático para ressaltar alguns mecanismos de separação e unificação presentes na construção do espírito militar <sup>10</sup>:

*Para dar um exemplo, digamos que um infante diante de um intendente deve procurar regular sua conduta segundo o espírito da Infantaria. Mas os dois seriam não mais infante e intendente, mas membros do Exército e participantes de seu espírito, caso se juntasse ao grupo um membro da Marinha. Este, por sua vez, não seria, nesta situação, membro do Corpo da Armada ou do corpo de Fuzileiros Navais, mas membro da Marinha. E todos os três seriam, diante de um paisano, representantes não do Exército ou da Marinha, mas sim das Forças Armadas e do “espírito militar”. Chegamos assim à “situação-zero” das identidades militares: a oposição fundamental entre militares e paisanos. Para além disso, podemos apenas imaginar uma situação em que essa oposição se dissolva e ocorra uma nova mudança de nível: numa situação de combate entre “brasileiros” e “inimigos da Pátria” (externos ou internos). (1990, p. 103)*

Através do estudo realizado por Castro é possível situar o debate sobre a identidade em termos de processo e contrastividade, sem se basear em esquemas interpretativos fixos e imutáveis criticados por Berger e Luckmann, Ciampa e Tajfel .

Partindo de questões levantadas por Michel Foucault<sup>11</sup> discutiremos aqui também algumas possibilidades de análise para os usos que estão sendo feitos do termo “gênero” no campo acadêmico. O objetivo é que essa discussão levante algumas questões que nos permitam uma porta de

---

<sup>10</sup> É preciso deixar bem claro que o próprio Castro afirma se tratar de um exemplo “grosseiro” e “esquemático”, pois sabemos que no cotidiano as relações não ocorrem de forma tão mecânica e segundo sua própria observação, há que se considerar que “a realidade está sempre sendo negociada e é frequentemente confusa e conflitante” (1990, p. 103).

<sup>11</sup> “Microfísica do Poder”. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.

entrada para a compreensão deste termo tão complexo e ainda não bem discutido pelos vários ramos das ciências, sejam elas sociais ou naturais.

Há muitos indícios de que os discursos articulados em torno da categoria gênero nas organizações militares ainda carregam em si muitas das armadilhas que apontamos ao fazer uso de identidade como substantivo<sup>12</sup>. Foucault também se posiciona de modo a oferecer uma dura análise dos limites dos conceitos que tendem à universalidade. Para isso, desenvolve uma refinada reflexão sobre o poder, destacando seu caráter relacional, situacional e dinâmico. A história da produção do conhecimento que pousa sobre a revelação de conceitos universais é rejeitada e, mais do que o sentido das coisas, ele busca a sua construção.

Foucault invoca toda a trama histórica para dar conta da constituição dos saberes e critica os referenciais que se supõem universalizantes em sua representação por se basearem naquilo que é “justo por razão e por natureza”, com esta advertência, ele evidencia os limites de análises anteriores que se baseavam ou no jurídico<sup>13</sup>, ou no Estado<sup>14</sup>, ou ainda no próprio sujeito constituinte<sup>15</sup>.

---

<sup>12</sup> A este respeito, ver por exemplo, o trabalho de Cohn (94), que realizou um trabalho de análise do discurso em uma agência militar de estudos estratégicos e de defesa nuclear.

<sup>13</sup> Segundo Foucault, a aceitação tácita da lei e das regras é que permite reativar sempre o jogo da dominação, e “o grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que as utilizam, de quem se disfarçar para pervertê-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto...” (pg. 25). A metodologia proposta por este autor vai além do poder jurídico ou visível, buscando sua face invisível, molecular, que permeia a todos. Neste sentido que ele traça a história do Estado judiciário (“Sobre a Justiça Popular”), traz à tona um jogo particular de domínio das regras: ao substituir um tribunal arbitral na Idade Média por um conjunto de instituições estáveis e específicas que faz referência a uma regra universal de justiça, a burguesia tomou para si o direito de impor a sua justiça à todos...Foucault considera este histórico para apontar a tendência da direita em tratar o poder exclusivamente em termos jurídicos.

<sup>14</sup> Os marxistas são o principal alvo da crítica de Foucault quando se fala de analisar o poder somente em termos do Estado, de dominação de classes ou somente em termos econômicos. Segundo Foucault, para uma análise genealógica do poder, não podemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos do Estado, ou aos instrumentos de dominação de uma classe ou mesmo à sua significação econômica pura e simplesmente, pois “o poder em seu exercício vai mais longe, passa por canais mais sutis, é muito mais ambíguo, por que cada um de nós é titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder” (pg. 160).

<sup>15</sup> Esta é a grande crítica de Foucault à análise fenomenológica do poder. Ele propôs, através da abordagem genealógica, que os problemas de constituição dos “objetos” podem ser desvendados dentro de sua trama histórica, ao invés de remetê-los a um sujeito constituinte.

Um outro elemento importante da teoria de Foucault é o tratamento que ele dá ao espaço, considerado como o solo em que se inscreve o poder e justifica: “desde o momento que se pode analisar o saber em termos de região, de domínio, de implantação, de deslocamento, de transferência, pode-se aprender o processo pelo qual o saber funciona como um poder e reproduz os seus efeitos” (1979, p.158). Mais do que o solo, o território, Foucault enfatiza a necessidade de trazer o espaço institucional para a análise do poder, de revelar como a arquitetura pode ser utilizada estrategicamente para o controle do indivíduo ou da população por exemplo em hospitais, escolas, prisões ou centros urbanos<sup>16</sup>.

Ao falar da produção de saberes, Foucault atenta para o discurso em torno do poder, das exigências econômicas e políticas, do enraizamento social aos quais certas formas de saber empírico - principalmente as ciências humanas - estão comprometidas. Como Berger, Luckmann, Ciampa e Tajfel, Foucault enfatiza a necessidade de verificar quais as práticas que se repetem, que se legitimam e legitimam a constituição do saber, em que momento a forma de organização social dos homens afetou a sua produção ou mesmo as verdades que ela reivindica.

Estamos no âmbito das relações novamente, a constituição do saber, revelada por pequenas verdades inaparentes, insere-se no jogo da dominação, obscurecendo as relações instituídas para garantir a naturalização das práticas institucionais e absolutizar aquilo que é relativo<sup>17</sup>.

---

<sup>16</sup> Sobre o papel das técnicas de planejamento espacial, creio que seria interessante um cruzamento deste texto da *Microfísica do poder* com o texto de Eliane Robert Moraes “O jardim secreto - notas sobre Bataille e Foucault” - Revista Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 7 (1-2):21-29, out/95.

<sup>17</sup> Foucault adverte para a transformação do papel do intelectual, que, se antes se via como o portador de valores universais, deve reelaborar sua função ao assumir a responsabilidade política por aquilo que produz e divulga. Não é novidade que os intelectuais possam manipular seus conhecimentos ideologicamente, contudo, o que o autor critica é a afirmação de que a prática científica é acompanhada por uma ideologia justa e, portanto, natural e legítima. Ora, tal legitimação só ocorre por um efeito de reconhecimento das práticas científicas como as únicas possíveis e um desconhecimento de outras modalidades de relação. Nesse sentido

O caráter relacional do poder é enfatizado e, indo às últimas conseqüências do que afirma Foucault, é muito difícil entender, por força do discurso do saber que constitui o nosso modo de pensar, essa sobredeterminação das práticas, das relações e da microfísica ou pulverização do poder. Mas sem dúvida constitui um alerta, sobretudo para a autoria institucional daquilo que julgamos tão natural em nosso saber.

Para Foucault as relações de poder não se passam fundamentalmente ao nível das leis ou do direito, ele propõe trazer à tona o jogo de dominação que se esconde na dimensão jurídica do poder e é categórico ao afirmar que o estudo do poder não deve se dar só em “termos de cessão, contrato, alienação, ou em termos funcionais de reprodução das relações de produção”, mas sim “em termos de combate, de confronto e de guerra” (1979, p.176). Assim, se quisermos analisar o poder, devemos fazê-lo por meio das relações com as quais ele permeia todo o corpo social, da constituição dos saberes, da trama histórica que o constitui.

Chamou-nos a atenção particular um tipo de efeito do poder - aquele sobre o corpo e o desejo dos indivíduos. Segundo Foucault, ao aceitarem docilmente as leis - que não são naturais mas tiveram sua emergência em confrontos, do direito de obrigação - os indivíduos submetem seus corpos à um poder disciplinar que os classifica, distribui espacialmente, vigia e registra continuamente seus comportamentos.

Longe de analisar o poder como algo dado, Foucault o trata como ação, como exercícios múltiplos que atuam em todos os pontos do corpo social e que constituem as redes de relações. Para Foucault, uma nova economia do poder visa a “procedimentos que permitem fazer circular os

---

vale a leitura de algumas questões levantadas por Foucault sobre o papel político do intelectual de hoje não só no texto “Os intelectuais e o poder”, mas ao longo da *Microfísica do Poder*(1979).

efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e individualizada em todo o corpo social” (1979, p.11).

Foucault propõe uma mudança no enfoque tradicional, ele encara o exercício do poder menos em termos de aparelhos do Estado e mais como mecanismos e estratégias infinitesimais. O ponto de partida para a análise do poder seria o nível da microfísica, o nível molecular do seu exercício. Entendemos que o objetivo de Foucault era dar voz a uma multiplicidade de poderes sem tratá-la como um mero prolongamento ou difusão de um órgão central e único de poder. A grande inovação aqui seria partir da história dos processos, das infra-estruturas econômicas para a história das instituições, da superestrutura. Assim seria possível revelar o poder em suas estratégias mais sutis e gerais bem como os mecanismos de sua naturalização.

O poder deve ser encarado como ação, seu funcionamento se dá por meio de estratégias, de táticas. Já foi dito aqui que para a sua compreensão, deve-se ter em mente a idéia de uma rede de relações que articula e integra diferentes campos do poder ( Estado, família, escola, prisão, etc). Cada um desses campos é ao mesmo tempo lugar de exercício de poder e de formação de saber. E não há saber neutro, todo saber vem acompanhado de produções ideológicas que derivam das próprias relações de poder. Ocorre que nas relações, os homens dominam outros homens, as classes dominam outras classes e a dominação implica em “se apoderar por violência de um sistema de regras que não tem em si significação essencial e lhe impor uma direção, dobrá-lo a uma nova vontade, fazê-lo entrar em outro jogo e submetê-lo a novas regras” (1979, p.26). É aqui que Foucault aponta para a necessidade do poder formar e difundir um saber que permita o domínio das regras do grande jogo que é a história. Assim, o que importa não é classificar os conteúdos das relações entre as

estruturas econômicas e políticas, mas sim conhecer seu poder de formar, organizar e difundir um saber.

Todas estas questões levantadas por Foucault parecem uma boa porta de entrada para compreendermos os usos que estão sendo feitos do termo gênero no campo acadêmico, o jogo de poder e a produção de verdade que ele traz consigo.

Foucault revela que foi motivado a “pesquisar o que pode haver de mais escondido nas relações de poder, apreendê-las até nas infra-estruturas econômicas, seguí-las em suas formas não somente estatais mas infra-estatais ou para-estatais; (para) reencontrá-las em seu jogo material”(1979, p. 237). A metodologia desenvolvida por Foucault para se estudar o poder compreende o estudo das práticas, da microfísica, das relações para se chegar a um tema, um objeto. Foi assim com a loucura, a justiça e a sexualidade entre outros, Foucault partiu das relações, rompeu com as continuidades históricas, temporais e espaciais para revelar como estes temas se constituíam e se naturalizavam. Além disso, ele sempre buscou revelar a reciprocidade entre a produção de um saber correlacionado às relações de poder, desacreditando a idéia da revelação dos objetos através de um discurso científico universal e neutro.

Entendemos que uma boa compreensão da metodologia da análise do poder de Foucault, da problemática que ele analisa na produção de saber, bem como de suas propostas de ação política embasaram muitas das questões teóricas utilizadas na construção de muitas categorias de análise. Nesse sentido, o que fazemos aqui é tentar estender algumas de suas questões ao campo específico das relações de gênero.

Mesmo não utilizando o termo gênero<sup>18</sup> em *Microfísica do poder*, Foucault problematizou a dificuldade em abandonar a ficção de sempre estar do “lado correto” dos objetos, entre eles o sexo e aponta para a necessidade de se “passar para o outro lado - o [lado correto] - mas para procurar se desprender destes mecanismos que fazem aparecer dois lados, para dissolver esta falsa unidade, a [natureza] ilusória deste outro lado de que tomamos o partido. É aí que começa o verdadeiro trabalho, o do historiador do presente”(1979, p. 239).

A primeira coisa a se fazer, pois, para uma compreensão mais adequada de qualquer objeto é por de lado esse “lado correto”, o que não é fácil em termos de sexo, pois “a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer [ para saber quem és, conheça teu sexo]. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa [verdade] de sujeito humano”(1979, p.229). Com esta advertência, Foucault põe novamente em evidência os limites de um estudo do poder baseado no “correto” ou naquilo que se supõe verdadeiro e universal. Ele propõe fazer uma leitura política dos limites entre o masculino e o feminino, pois foi somente a partir de um determinado momento que as identidades sexuais foram questionadas, foi a partir daí que gênero passou a possuir importância política.

Em “Não ao sexo rei” e em “Sobre a história da sexualidade”, Foucault expõe seu objetivo de revelar a constituição dos discursos sobre o sexo, privilegiando as relações que o produziram. Seguindo um movimento constante do livro, ele trata de trazer à tona aquilo que há por trás dos discursos de sexualidade “que fazem parte de uma economia complexa em que existem ao lado de incitações, manifestações, de valorizações”(1979, p.230). Sua noção de relações de sexo tem por base o poder, e ele traça uma crítica à sexualidade, ao discurso de sexualidade. Ele coloca em

---

<sup>18</sup> Como veremos mais adiante, este é um termo que começou a ser utilizado na década de 80.

questão a produção do sexo pelo dispositivo sexualidade: “no fundo, será que o sexo, que parece ser uma instância dotada de leis, coações, a partir de que se definem tanto o sexo masculino quanto o feminino, não seria ao contrário, algo que poderia ter sido produzido pelo dispositivo de sexualidade? O discurso de sexualidade não se aplicou inicialmente ao sexo, mas ao corpo, aos órgãos sexuais, aos prazeres, às relações de alianças, às relações inter-individuais, etc...um conjunto que estava recoberto pelo dispositivo de sexualidade que produziu, em determinado momento, como elemento essencial de seu próprio discurso e talvez de seu próprio funcionamento, a idéia de sexo” (1979, p.259).

Contrário à imagem biológica e natural da ciência, Foucault se empenhou em destronar o “sexo rei”<sup>19</sup>, desmontando as relações fixas e a hierarquia das práticas sexuais que se pretendem “verdadeiras” e revelando o sexo como um poderoso instrumento de controle e poder. Na medida em que as relações fixas de sexualidade são questionadas, Foucault desmonta o domínio dos discursos de sexualidade e propõe uma análise política dos limites entre masculino e feminino, enfatizando que no século XVIII, o que importava era apenas o sexo masculino e que o sexo feminino só foi estudado depois que a mulher começou a adquirir importância médico-social, com os problemas correlatos da maternidade, do aleitamento, etc.

Para Foucault, a idéia de liberação da sexualidade centrada apenas na dimensão sexológica, que reduz tudo ao sexo, não representa avanços políticos já que ela fixa as pessoas à sua sexualidade e normatiza suas práticas, revelando-se mais como um dispositivo de sujeição às relações fixas de dominação sexual existentes. Nesse sentido ele critica os

---

<sup>19</sup> Creio que este termo utilizado por Foucault pode ter mais de um significado, ele tanto pode se referir à práticas sexuais ditas “corretas”, que recheiam os discursos sobre a sexualidade, quanto aos cânones masculinos, ou o culto ao falocentrismo, que ainda hoje alimentam muitas análises.

movimentos de homossexuais americanos que continuam muito presos à reivindicação dos direitos de sua sexualidade e elogia os movimentos de liberação das mulheres que partem de um discurso próprio para chegarem a uma verdadeira dessexualização, "...a um deslocamento em relação à centralização sexual do problema, para reivindicar formas de cultura, de discurso, de linguagem, etc., que são não mais esta espécie de determinação e de fixação a seu sexo que de certa forma elas tiveram politicamente aceitar que se fazer ouvir"(1979, p.268).

O que há de interessante e criativo nos movimentos de liberação das mulheres segundo Foucault, são os objetivos econômicos e políticos que movimentam suas lutas contra uma forma particular de poder, de controle sobre elas. Através dos movimentos feministas, as mulheres estão conseguindo tirar proveito da sexualidade que procura sujeitá-las ao reinventar um tipo próprio de existência política, econômica e cultural.

Nos anos 80, as feministas norte-americanas começaram a utilizar o termo "gênero" como uma forma de introduzir uma noção relacional em seu vocabulário de análise. A historiadora norte americana Joan W. Scott<sup>20</sup>, afirma que o termo começou a ser utilizado por feministas que "queriam insistir sobre o caráter fundamental social das distinções fundadas sobre o sexo" (1990; p.5). Esta autora traça um histórico interessante sobre como gênero vem sendo utilizado pela história do movimento feminista e propõe desenvolvê-lo como uma categoria de análise.

Segundo Scott (1990), as abordagens para a análise de gênero empregadas pelas historiadoras feministas podem ser resumidas em três tentativas:

---

<sup>20</sup> Scott, J. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". Rev. Educação e Realidade, Porto Alegre, 16 (2):5-22, jul/dez, 1990.

- I. *Uma tentativa exclusivamente feminista que se empenha em explicar as origens do patriarcado, da subordinação das mulheres e da suposta necessidade masculina de dominação. Esta análise questiona a desigualdade entre homens e mulheres, mas o principal problema aqui é o embasamento nas diferenças físicas - que revela um caráter biológico e universal que como vimos, também era rejeitado por Foucault.*
- II. *Uma tentativa marxista de encontrar uma causalidade econômica para as relações de gênero. Aqui o problema consiste em tratar as relações de gênero como sub-produto das estruturas econômicas, lembrando Foucault novamente, a grande crítica que ele faz ao marxismo é a análise das relações de poder somente em termos econômicos, de aparelhos de Estado, ou de dominação de classes.*
- III. *Uma tentativa inspirada na Psicanálise e no pós-estruturalismo para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. Aqui Scott critica a utilização do termo identidade utilizada pelos psicanalistas que implicaria na “a supressão das ambigüidades e dos elementos opostos a fim de assegurar (criar a ilusão de) uma coerência e compreensão comuns” (1990; p.12).*

O uso de representações sobre o masculino e o feminino que levam a construções muito subjetivas também é criticado pela autora, bem como a fixação exclusiva sobre as questões relativas ao “sujeito”. Aqui podemos incluir a crítica de Foucault sobre remeter os problemas de constituição das relações de poder exclusivamente sobre um sujeito constituinte.

Além de traçar um histórico dos usos que estão sendo feitos de gênero, Scott propõe articular quatro elementos para torná-lo uma categoria de análise: símbolos culturalmente disponíveis; conceitos normativos de interpretação do sentido dos símbolos; noções de política, instituição e organização social; e a noção psicanalítica de identidade subjetiva. Entretanto uma questão sobre o trabalho de Scott tem inquietado algumas feministas contemporâneas - apesar de ajudar a introduzir a categoria de gênero no feminismo, esta autora insiste em um referencial: as diferenças sexuais.

Em outro texto de Scott<sup>21</sup> este referencial fica mais evidente: “gênero significa o saber a respeito das diferenças sexuais”(p.12), ou “gênero é a organização social da diferença sexual” (p.13). Mesmo situando essas

---

<sup>21</sup> Scott, J. W. “Prefácio a Gender and Politics of History”. Cadernos PAGU (3), Campinas, 3: 11-27, 1994.

diferenças sexuais como culturais ou sociais - “não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais” (p.13), Scott não consegue pensar gênero fora da polarização homem-mulher, fora de uma matriz hegemônica heterossexual.

A definição de gênero de Scott não consegue destronar o sexo rei, e a estratégia política do feminismo parece pedir outras reflexões renovadas sobre gênero. Neste sentido encontramos no livro de Judith Butler<sup>22</sup>, em suas propostas de ação política, a base para a elaboração de questões teóricas necessárias à construção relacional, situacional e performática de gênero.

Em *Gender Trouble*, Butler propõe uma alternativa para tentar escapar das armadilhas binaristas e naturalizadoras dos discursos feministas que afirmam uma identidade. Ela oferece uma análise das armadilhas que a identidade pode trazer enquanto estratégia política e propõe a subversão desta categoria no plano analítico pois “gênero é um complexo cuja totalidade é permanentemente adiada”(1990, p.16). Deslocando a estrutura binária e naturalizadora do eixo predominante das questões de gênero, ela nos mostra que um movimento político contra a assimetria de gênero (ou pelos direitos da mulher, dos gays...) não precisa pressupor a unidade, pelo contrário, ao fazê-lo, ele torna-se totalitário e perde sua força de ação. Sua proposta de subversão de identidade consegue desestabilizar noções, valores e atitudes que se supunham naturais, como por exemplo, as relações fixas de dominação sexual ou a determinação sexual das pessoas e abre espaço para a inclusão de outras formulações como as drag queens, os gays, as lésbicas, nos debates sobre gênero. Ela atenta para o exagero que é pensar que toda transformação se

encontra fora do eixo heterossexual, o que poderia ser tão autoritário quanto as relações heterossexuais tradicionais, mas também aponta para as possibilidades de recriação das relações que podem existir mesmo dentro desta estrutura.

A subversão de identidades proposta por Butler rompe com três pressupostos que atrapalhavam o debate em torno de gênero: a naturalização do sexo; a coerência do gênero em relação ao sexo; e a polarização tanto para o sexo quanto para o gênero. De certa forma isso se soma ao empenho de Foucault em destronar o sexo rei e a corte de identidades sexuais, desmontando as relações fixas e a hierarquia das práticas sexuais. Esses posicionamentos não são privilégios de intelectuais estrangeiros, no Brasil, Jurandir Freire Costa<sup>23</sup> defende a temporalidade das identidades constitutivas de gênero apontando para a diversidade de relações que poderiam existir, “encontrando seus códigos não nas instituições mas em suportes eventuais”(p.133). Assim como Foucault e Butler, Freire Costa aponta para relações estratégicas, situacionais, onde os papéis existem mas podem ser invertidos pois não são fixos.

No plano político, Butler propõe uma alternativa baseada em “coalizões abertas”- a melhor forma de ser coerente com o modo pelo qual as pessoas operam gênero em seu dia-a-dia. Como Foucault, Butler busca sempre argumentar em favor de uma nova concepção de poder, gênero, subjetividade, práticas políticas, enfatizando a primazia das relações e afastando o fantasma da totalização em suas constituições teóricas.

Butler recorre a uma heterogeneidade de interlocutores (psicanalistas, filósofos, antropólogos...) para argumentar que gênero

---

<sup>22</sup> Butler, J. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Routledge, New York & London, 1990.

<sup>23</sup> Freire Costa, J. “O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?”. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 6 (1-2): 121-138, outubro, 1995.

somente existe na medida em que as pessoas o operacionalizam, assumindo posições em dados contextos, relações, situações. Em suas palavras, “gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto de convergência relativo entre conjuntos específicos de relações culturais e históricas”(p.10). Este é o caráter performático de gênero, que só existe quando atuado e que entendemos, é a articulação de gênero que mais se aproxima do quadro analítico das relações de poder esboçado por Foucault e das definições dinâmicas sobre identidade discutidas na parte inicial deste capítulo.

As questões levantadas por Foucault e pelas pesquisadoras feministas parecem uma boa porta de entrada para compreender os usos que estão sendo feitos sobre gênero no campo acadêmico. Foucault apontou para uma metodologia que invoca toda a trama histórica para dar conta da pulverização do poder que permeia todo o corpo social e da constituição dos saberes. Podemos fazer o mesmo em relação a gênero? Talvez uma boa tradução dos questionamentos de Foucault para este universo seriam as próprias abordagens de identidade e gênero apresentadas aqui que buscam entender como se dá a construção ou a apropriação de modelos explicativos para a categoria de identidade social e de gênero e os usos que se fazem deles no campo acadêmico.

Nosso posicionamento teórico em relação aos temas – identidade e gênero – nos remetem invariavelmente à questão de poder, embutido nas relações sociais e conferido àqueles que detêm as posições mais socialmente valorizadas. Entendemos que em seu conjunto, as teorias que consideramos neste estudo fazem refletir sobre os mecanismos que

reforçam as relações de poder<sup>24</sup> vigentes quando aprisionamos indivíduos em identidades “substanciais” ou de acordo com seu sexo.

Tanto a identidade como gênero entendidos como postulados universalizantes, que criam a ficção de um grupo imutável, “dado”, de iguais em sua representação, engendram em si seu próprio desmentido, pois não podemos equacionar um indivíduo a uma só subjetividade, os indivíduos assumem diferentes subjetividades conforme a posição que ocupam em diferentes campos discursivos. Inspirados em Ciampa, podemos dizer que os dois termos nos remetem a um ser-ação (e não substância) que pode produzir aproximações e coalizões quando intersectar com outros marcadores sociais. Identidade e gênero pressupõem sempre um fazendo, um processo, através de comparações e diferenciações.

A problemática de uma pesquisa que versa sobre identidade e gênero, dentro do quadro de análise apresentado, pedem uma reflexão renovada, já que estes termos constituem complexos cujas totalidades são permanentemente adiadas. Essa é uma proposta que de articulação teórica bastante coerente com uma postura metodológica que levam a repensar as relações entre pesquisador e pesquisado que apresentamos em seguida.

---

<sup>24</sup> A respeito das relações de poder que se estabelecem especificamente com o objetivo de assegurar a manutenção e a sobrevivência de um grupo, seria interessante conhecer a análise que Freitas e Lane (1997) tecem sobre o surgimento e manutenção dos grupos na perspectiva de Martin-Baró.

## CAPÍTULO II – TRAJETÓRIA DE PESQUISA

Partindo do pressuposto de que toda investigação científica traz consigo os valores de seu próprio tempo e dos participantes da pesquisa, buscamos neste capítulo descrever uma metodologia que seja congruente com os conceitos teóricos utilizados e os objetivos deste estudo.

Estamos falando de um estudo sobre o processo de formação de identidade em uma instituição militar pioneira em admitir mulheres, sobre o processo de socialização que ocorre em uma instituição fechada, hierarquicamente estruturada, rica em símbolos e rituais próprios, cuja pesquisadora faz parte de seu próprio universo de pesquisa. Os recortes efetuados nesta pesquisa não podem ser desconsiderados, assim como a estrutura conceitual interdisciplinar escolhida para articular nossos objetivos e que requerem uma metodologia própria.

Concordamos com Sandoval (2000), Jurberg (2000), Lüdke e André (1986) de que a ciência nunca foi neutra, ela é historicamente construída e por isso mesmo sofre as influências das diversas ideologias a que está submetida, inclusive dos valores que orientam o próprio pesquisador. Nesse sentido, é bom que façamos uma espécie de auto-reflexão inicial sobre nossas escolhas teóricas, considerando também as orientações valorizadas pela pesquisadora, para empreender em seguida a construção de uma metodologia condizente com nossa proposta de pesquisa.

Entendemos que um estudo que versa sobre o processo de construção de identidade que ocorre em uma instituição militar que envolve homens e mulheres ficaria empobrecido se o reduzíssemos a conceitos teóricos limitados a uma disciplina apenas. Nossa opção teórica abrange principalmente enfoques sociológicos, psicológicos e

antropológicos dados à instituição militar, às pessoas que a compõem e às relações que ocorrem em seu interior.

Não podemos negar que este estudo foi inspirado e motivado inicialmente pela participação da pesquisadora na instituição estudada, podemos dizer que o fato de trabalhar nesta instituição teve seus prós e contras, mas o que pesou no final das contas, foi a inquietação inicial que deu origem ao projeto e a oportunidade de estabelecer contatos com os oficiais comandantes e negociar o acesso aos participantes da pesquisa.

Considerando a dificuldade que existe aos pesquisadores de obterem acesso às instituições militares, o fato de pertencer ao quadro de professores civis da Academia, possibilitou o conhecimento de áreas restritas ao público em geral e permitiu a exposição em linhas gerais sobre a pesquisa bem como a obtenção de autorização para a realização da mesma. Como a AFA é uma instituição militar, e como tal rigidamente estruturada em termos de hierarquia, o contato preliminar que se fez com os oficiais superiores foi indispensável para a realização da pesquisa em seu interior. Estes contatos também foram importantes para o esclarecimento de uma estratégia de investigação, que envolve considerações éticas, comuns a todo pesquisador da área das ciências sociais e que orientaram a nossa conduta em relação à proteção do anonimato dos participantes da pesquisa, ao respeito às perspectivas dos outros e ao sigilo das informações obtidas.

O grande problema das abordagens psicológicas nas questões sociais seria a sua tradição biológica que considera o indivíduo como um organismo que interage no meio físico, como causa e conseqüência de sua individualidade, diria Lane no Brasil no início dos anos 80 (1984). Ao não considerar a condição histórico-social do homem, as análises psicológicas incorrem no risco de uma visão distorcida e ideologizada de seu

comportamento. Segundo Sandoval (1997) a nova ótica psicossocial, no entanto, não pressupõe a fragmentação entre aspectos psicológicos e sociológicos, pelo contrário, tende a um enfoque integrado que analisa os fatores e os processos sociais que determinam as formas e os motivos individuais das pessoas agirem.

Discutindo a perspectiva de novos paradigmas em psicologia social na América Latina, tanto Sandoval (2000) como Jurberg (2000) criticam o tipo de psicologia que, ao considerar a neutralidade das ciências, absorve e reproduz acriticamente concepções como a de um mundo estático, dicotomizado, aprisionado em fronteiras "naturais", forçando a colocação de questões em divisões disciplinares e apresentando um discurso científico que naturaliza diferenças e legitima a dominação de certos grupos sobre outros. Jurberg esboça inclusive, uma ordem cronológica e histórica de como a psicologia social começou a descartar os modelos hegemônicos derivados do paradigma positivista ao considerar uma concepção nova e dinâmica dos processos envolvidos nas interações sociais inspirada inicialmente no materialismo histórico-dialético que possibilitou a ampliação de seu objeto de estudo para a rede de relações sociais que define cada indivíduo (2000, p.150).

Neste ponto deixamos claro nosso posicionamento em favor de um paradigma que considere o aspecto dinâmico acerca dos fenômenos psicossociais, que passou a ver o homem como sujeito e objeto de sua própria história, que encontra-se sempre em movimento, construindo e construindo-se. Como Sandoval (2000), entendemos que um novo paradigma, além de apresentar rigor nos fundamentos epistemológicos e inovações metodológicas, deve ainda permitir que nossos esforços sejam colocados a serviço do desenvolvimento humano e da mudança social (2000, p.108). Ou ainda, recusamos em inserir nosso trabalho no paradigma positivista por acreditar, como Jurberg (2000) nos efeitos

perversos que gera ao legitimar a exclusão social - que mina a auto-estima, gera uma identidade social insatisfatória e favorece a crença de que não há possibilidade para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Os referidos autores ainda chamam a atenção para o papel dos pesquisadores psicossociais, ambos defendem uma postura de engajamento, de responsabilidade social que os conduza à busca de alternativas para a construção do conhecimento científico. Consoante a este pensamento, Velho (1978) nos alerta de que a realidade é bem mais complexa do que aquela que se apresenta sob a forma de mapeamentos artificiais e que não corresponde ao conhecimento verdadeiro da vida social, à reflexão do pesquisador. Este deve estar consciente de que sua subjetividade permeia toda a pesquisa, de que não é neutro, de que seu estudo constitui apenas uma versão, uma interpretação que deve ser sempre testada, revista, confrontada, e que isso só enriquece o seu trabalho.

Segundo Demo(1989), a metodologia científica na área das ciências sociais não constitui uma solução propriamente, mas sim, como algo que faz refletir para depois permitir opções tanto mais seguras, quanto maior for o conhecimento que tivermos a seu respeito. Incluir questões epistemológicas que se referem à validade da pesquisa científica, remete ao problema que é estabelecer critérios para separar o que seria ciência daquilo que não seria e esta tarefa é interminável, posto que a discussão sobre esta questão é inacabada (1989, p.16). A ênfase demasiada nas questões epistemológicas concernentes à validade do conhecimento situa-se quase que exclusivamente no plano das idéias e muitas vezes as teorizações acabam por obscurecer a realidade que se pretende estudar.

Diante desta questão e considerando a estrutura conceitual que adotamos para articular nosso estudo, e tudo o mais que já foi colocado

até agora, podemos dizer que nossa escolha por uma proposta epistemológica vai em direção de alguns modelos que preferimos chamar no momento de "pós-positivistas", que fundam-se na análise das experiências subjetivas e se destacam pelo respeito à realidade social e pela crítica aos métodos usuais de captação que reduzem a realidade.

### **Trajetória desta pesquisa**

Partindo do pressuposto de que a realidade é construída socialmente, que a nossa tarefa se constitui em analisar o processo em que este fato ocorre, e que as questões por nós problematizadas apresentam características que podem ser melhor apreendidas e compreendidas através das interações cotidianas, optamos por uma abordagem metodológica flexível com o objetivo de empreender nossa tarefa de tentar esclarecer os aspectos objetivos e subjetivos que compõem a vida cotidiana dos cadetes na Academia – a pesquisa qualitativa.

Por muito tempo, os métodos que constituíam as ciências sociais foram emprestados das ciências experimentais e se apresentavam, muitas vezes, como arranjos confusos e alternativos de pesquisa (Marshall e Rossman, 1995). Somente a partir do questionamento da suposta objetividade nas próprias ciências experimentais, no início do século XX, é que a qualidade começou a ser admitida como o fator que fazia a diferença em qualquer pesquisa (Queiróz, 1992). A flexibilidade é uma característica própria dos métodos qualitativos, ela tanto possibilita uma liberdade maior aos participantes da pesquisa, quanto o direito do pesquisador de esquematizar a pesquisa com o seu desenrolar.

Além disso, o desenvolvimento de uma proposta de pesquisa qualitativa envolve abordagens variadas que têm em comum uma análise que não deve ocorrer em uma armação artificial, mas sim em uma

situação natural onde a investigação é tida como um processo interativo entre pesquisador e pesquisados e conta com as palavras das pessoas e com o comportamento observável como dados primários (Marshall e Rossman, 1995, p. 4). Segundo André e Lüdke (1986), a metodologia qualitativa supõe a construção da ciência e coloca o pesquisador como principal instrumento de pesquisa, em contato direto e prolongado com o ambiente e as pessoas estudadas – o que lhe permitiria presenciar as interações cotidianas no ambiente em que elas ocorrem, e trazer à tona o dinamismo interno das situações estudadas sem recorrer à artificialismos.

Dentro da metodologia qualitativa, optamos por uma abordagem que combinasse vários métodos de coleta de dados para oferecer um quadro vivo e rico da situação estudada - a pesquisa etnográfica, que permite ao pesquisador exercer seu papel subjetivo - como participante - e o objetivo - como observador. André e Lüdke (1986) explicitam dois pressupostos da pesquisa etnográfica - o comportamento é influenciado pelo contexto em que se situa e, portanto, é impossível entendê-lo sem entender o quadro referencial dentro do qual os indivíduos interpretam seus pensamento, sentimentos e ações - que entendemos congruentes com nosso estudo.

Discutindo questões relativas à objetividade e interferência das preferências do pesquisador sobre o processo de pesquisa, Nunes (1978) se refere à pesquisa etnográfica como uma tarefa de grande dificuldade cujo objetivo seria o de reconstruir o contexto da descoberta através de uma “lógica de justificação” que depende da cultura acadêmica do pesquisador, de sua formação e principalmente de sua interpretação e análise (p.14)

Comparando com graça os “ritos de passagem” pelos quais um pesquisador deve passar, Da Matta (1978) elaborou três etapas ou fases fundamentais que constituem uma pesquisa etnográfica e que tentamos resumir aqui:

- 1) fase teórico intelectual – marcada pela separação entre o pesquisador e o grupo que ele pretende estudar, onde há um excesso de conhecimento, mas trata-se de um conhecimento teórico, universal, mediatizado pelos livros, artigos e ensaios, e em que raramente se pensam em coisas específicas, que dizem respeito à experiência propriamente dita do pesquisador em campo;
- 2) fase prática – quando nossas questões mudam subitamente das teorias mais universais para os problemas mais práticos, mais “banalmente concretos” que surgem à medida em que nos aproximamos da especificidade e relatividade que constituem a própria experiência de campo;
- 3) fase final, pessoal ou existencial – fase essencialmente globalizadora e integradora entre a teoria e a experiência vivida, é nesta fase que geralmente o pesquisador se dá conta que está entre dois mundos: a sua cultura e uma outra, o seu mundo e um outro e precisa iniciar a tarefa de trazer o outro mundo para a sua própria linguagem, para o seu mundo. (1978, p. 24-25)

Considerando o “quanto vai de subjetivo” nas pesquisas de campo Da Matta (1978) define o “fazer etnografia” através de dois movimentos contínuos e complementares em que o pesquisador atua:

- 1) transformando o exótico em familiar – esforço que consiste na busca de enigmas sociais situados em um universo de significação pouco compreendido e diferente daquele no qual estamos inseridos e com o qual estamos acostumados; e
- 2) transformando o familiar em exótico – tarefa que se traduz em descobrir as práticas descritas do grupo estudado em nosso próprio universo de significação, em nossa prática acadêmica e política (1978, p. 28)

Estes dois movimentos propostos por Da Matta sugerem sempre um encontro e um estranhamento com o outro e vice-versa, pois estão

intimamente relacionados, o grande problema do pesquisador ao utilizar o método etnográfico segundo as palavras do próprio Da Matta seria “o de tirar a capa de membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós através da reificação e pelos mecanismos de legitimação.” (1978, p. 28-29)

Estes movimentos propostos por Da Matta não ocorrem na ausência do sentimento e da emoção, da subjetividade e de toda carga afetiva que vem com ela como se obedecesse à risca uma rotina de pesquisa intelectualizada e friamente executada. Pelo contrário, a pesquisa etnográfica reserva ao pesquisador grande emoções - principalmente quando ocorrem avanços em termos de descobertas – porém, como a racionalidade objetiva geralmente se impõe sobre estes sentimentos, ele deixa de compartilhar com os outros sua subjetividade, guardando para si o que foi capaz de desvendar em campo. Segundo Da Matta, o relacionamento e o isolamento constituem o paradoxo da situação etnográfica pois *para descobrir é preciso relacionar-se e, no momento mesmo da descoberta, o etnólogo é remetido para o seu mundo e, deste modo, isola-se novamente.*(1978, p. 32-33)

Esta discussão em torno do exótico e do familiar, das necessidades de relacionamento e isolamento estão presentes não só na área da antropologia como também na área da psicologia social. Como dissemos anteriormente, estamos propondo partir de semelhanças e diferenças ou de familiaridades e exotismo para chegarmos ao conhecimento do processo de formação da identidade militar que ocorre com os cadetes na AFA.

Entendemos que esta não é uma tarefa simples a começar pelo grau de familiaridade do pesquisador que varia e precisa ser objeto de reflexão

sistemática pois seu conhecimento está comprometido com os princípios básicos através dos quais ele próprio foi socializado. Especificamente falando sobre a observação ao que nos é familiar, dado que é importante nesta pesquisa devido à dupla condição da pesquisadora que também atua como professora na Academia, Gilberto Velho nos alerta:

*... em princípio dispomos de um mapa que nos familiariza com os cenários e situações de nosso cotidiano, dando nome, lugar e posição aos indivíduos. Isto, no entanto, não significa que conhecemos o ponto de vista e a visão de mundo dos diferentes atores em uma situação social nem as regras que estão por detrás dessas interações, dando continuidade ao sistema. Logo, sendo o pesquisador membro da sociedade, coloca-se inevitavelmente a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder "por-se no lugar do outro."*  
(1978, p. 40)

Não é demais lembrar que ao trabalhar com a pesquisa etnográfica devemos estar sempre atentos à sua natureza interpretativa, de caráter aproximativo e não definitivo, como enfatiza Gilberto Velho, dado que a realidade sempre é filtrada pelo ponto de vista do investigador.

O que nos chamou a atenção para a pesquisa etnográfica foi justamente o fato de considerar o papel subjetivo do pesquisador no processo de pesquisa, assim, além das considerações teóricas que orientam esta pesquisa, alertamos para que o leitor também fique sempre atento para o olhar impregnado de valores e sentimentos que a pesquisadora traz consigo. Ao considerar as diversas ideologias que permeiam a construção do conhecimento, entendemos que a pesquisa etnográfica vem ao encontro das discussões acerca do objeto e dos métodos utilizados na psicologia social, de suas relações com as demais ciências sociais e das relações entre indivíduo e sociedade, sujeito e objeto, investigador e investigado.

A escolha dos métodos de coleta de dados se fez em função do tipo de estudo pretendido - o processo de formação de identidade em uma instituição militar e adotamos nas experiências de campo os procedimentos que entendemos fundamentais da pesquisa qualitativa: a observação, as entrevistas e a análise de documentos.

A observação tem como objetivo principal o acesso à investigação e constitui também um método de coleta de dados, na medida em que permite aprender sobre comportamentos e os significados destes (Marshall e Rossman, 1995, p. 79). Nesse sentido, nossa intenção foi utilizá-la como um instrumento revelador das interações cotidianas dos cadetes e utilizamos um caderno de campo para assegurar a notificação dos eventos, comportamentos e objetos observados. Através deste método específico de coleta de dados pudemos nos familiarizar com a instituição, com seus rituais e cerimônias bem como com o dia-a-dia dos participantes da pesquisa.

Segundo Marshall e Rossman (1995), a observação permite a gravação e a notificação sistemática dos eventos, comportamentos e objetos da instituição escolhida para estudar. Trata-se de um método que permite ao pesquisador aprender sobre comportamentos e os significados destes antes de iniciar as entrevistas. Inicialmente, usamos a observação de forma holística, principalmente em nosso primeiro ano na Academia, quando nada conhecíamos acerca da instituição e de seus participantes, quando nossa área de interesse era ampla demais e não tínhamos categorias pré determinadas que permitissem uma observação focalizada.

A observação permitiu o entendimento da linguagem corporal em complementação à verbal, o grande desafio nesta primeira etapa da pesquisa foi identificar um panorama geral da instituição e principalmente, observar a riqueza e dinâmica dos comportamentos dos

cadetes. Através da observação em sala de aula e no dia-a-dia da Academia, pudemos descobrir alguns termos específicos da linguagem utilizada pelos cadetes como descrevemos através de um glossário de termos apresentado no próximo capítulo

As observações permitiram também estudar não só o que as pessoas falam como também como se movimentam pela Academia, revelando comportamentos não verbais e o uso do espaço pelos integrantes da Academia, desde a distância interpessoal até a disposição dos móveis e a arquitetura dos prédios.

As observações foram importantes no sentido de conhecermos melhor a Academia e os participantes da pesquisa, a partir deste método descobrimos modelos de comportamentos e relacionamentos recorrentes como por exemplo algumas características próprias de cada esquadrão<sup>1</sup>, de cada Quadro (curso) e de como a presença feminina foi sentida entre os cadetes. Nos últimos estágios do estudo, utilizamos mais as observações focalizadas, para conferir exatamente se alguns temas de análise explicavam os comportamentos e relacionamentos por um longo período de tempo – os cinco anos em que acompanhamos a formação de duas turmas mistas de cadetes.

Em uma investigação qualitativa, entendemos que as questões iniciais para a pesquisa freqüentemente vêm das observações do meio, dos dilemas e das questões que emergem da observação direta do pesquisador, assim utilizamos este método para nos familiarizarmos com o ambiente, com as pessoas e com as regras até que sentíssemos segurança para iniciarmos uma outra etapa da pesquisa com as entrevistas.

---

<sup>1</sup> “Esquadrão” é o termo utilizado na Academia para cada uma das quatro séries formadas por cadetes aviadores, intendentess e de infantaria, por exemplo, o 4º esquadrão corresponde à turma toda de cadetes que está na quarta série.

Descrita por Marshall e Rossman como “uma conversa com propósito” (1995, p. 80), a entrevista constituiu nossa principal estratégia para revelar as perspectivas dos cadetes sobre sua vivência na Academia.

Um aspecto importante na utilização das entrevistas se refere à postura do entrevistador que precisa estar familiarizado com o local, com a linguagem e demonstrar aceitação e respeito às informações que os participantes lhe concedem nas entrevistas. Sobre esta questão, optamos por apresentar uma carta-convite aos participantes onde em linhas gerais tentamos demonstrar que o propósito das entrevistas era descrever as perspectivas dos cadetes sobre a sua vivência na Academia, isto é, a visão subjetiva que ele tinha sobre o processo de formação na Academia:

Prezado(a) Cadete,

venho por meio desta solicitar sua participação em uma entrevista a ser realizada comigo, sobre alguns aspectos de sua vivência na AFA.

Esta entrevista faz parte da tese de doutorado que estou desenvolvendo como aluna do programa de pós-graduação da UNICAMP, cujo objetivo principal é a análise do processo de formação de identidade que você vive na AFA.

Os contatos preliminares com os oficiais superiores – indispensáveis para a realização de qualquer pesquisa no interior da AFA – já foram realizados e foram importantes para o esclarecimento das considerações éticas (a proteção do anonimato dos participantes, o respeito às perspectivas dos outros e o sigilo das informações obtidas) que orientam esta pesquisa.

Sua participação é importante, não há respostas certas ou erradas, portanto, fique à vontade para fazer as colocações que melhor expressam suas opiniões.

Muito obrigada por sua colaboração,

---

Emília Emi Takahashi

Doutoranda em Ciências Sociais

Aplicadas à Educação - UNICAMP

Optamos por utilizar as entrevistas na forma semi-estruturada mediante uma sistematização de temas, sem a apresentação de questões formalizadas aos cadetes com vistas a deixar seu discurso fluir sem interrupção e a revelar suas perspectivas sobre o processo de socialização que vivenciam na Academia. Os temas escolhidos foram: a escolha profissional, a descrição que os cadetes fazem do seu cotidiano, de si, dos outros cadetes, dos oficiais e da instituição como um todo, do controle, da disciplina e da participação das cadetes na Academia.

Além dos cadetes, entendemos ser de grande valia a utilização de entrevistas com alguns oficiais no sentido de esclarecer mais sobre o cotidiano da Academia, como eles passaram pelo processo de formação na Academia e como eles vêem a inserção das mulheres na instituição. Entendemos que é o fato de estabelecer relações dentro da Academia que faz com que os cadetes reconheçam sua própria imagem como participantes da instituição e formem imagens das atitudes dos demais integrantes – o que torna possível assumir certas posturas que decorrem deste reconhecimento da auto-imagem, neste sentido, as entrevistas com alguns oficiais foram um procedimento metodológico imprescindível.

Depois de algum tempo realizando entrevistas individuais e descobrir que muitas das informações sobre comportamentos e relacionamentos se tornavam bastante recorrentes, optamos por utilizar também as entrevistas ditas "focais"<sup>2</sup>, com grupos de 4 a 6 cadetes que

---

<sup>2</sup> A técnica da entrevista com grupos focais deriva da área das pesquisas de marketing, segundo Marshall e Rossman (1995). Para estas autoras, o ideal seria trabalhar com grupos de 7 a 10 pessoas que possuem certas características relevantes aos temas estudados. O entrevistador deve criar um ambiente propício para a expressão das opiniões dos participantes, propondo temas que os motivem a se expressar. Este método parte do pressuposto de que as atitudes e crenças de uma pessoa não se formam isoladamente, as pessoas geralmente necessitam da opinião e do entendimento dos outros para formar e expressar suas próprias. A grande vantagem das entrevistas com grupos focais sobre as individuais é que elas provocam a expressão da opinião dos participantes através da criação de um ambiente favorável pelo entrevistador. Estas entrevistas também oferecem muitas informações de diferentes pessoas em pouco tempo. A grande desvantagem deste tipo de entrevista é quando os participantes desviam do tema proposto, o que pode resultar em perda de tempo, entretanto, isso também pode ocorrer com as entrevistas individuais.

permitiram a anotação de diferentes opiniões e pontos de vista diante dos temas apresentados em pouco tempo se comparado às entrevistas individuais. Segundo Marshall e Rossman (1995), a vantagem deste tipo de entrevista é que este método possibilita estudar os sujeitos em um clima natural, de vida real, e permite explorar dados que surgem da discussão entre eles.

Finalmente utilizamos também como método de coleta de dados a análise de documentos para checar dados e fatos relatados e por entendermos que trata-se de outro método rico em descrever valores cultivados na instituição, a própria instituição e os atores nela envolvidos. Além disso, este tipo de método é discreto, pode ser conduzido sem provocar tanta curiosidade entre as pessoas da instituição e permitiu o conhecimento e a análise de portarias, relatórios, boletins, biografias, livros, jornais e revistas que se referem especificamente aos militares.

Segundo Marshall e Rossman, esta é uma estratégia analítica que permite ao pesquisador obter uma descrição objetiva e quantitativa do conteúdo de várias formas de comunicação (1995, p. 85) e que são bastante úteis no desenvolvimento do entendimento sobre a instituição e os sujeitos estudados.

A abordagem qualitativa permite selecionar os participantes de uma pesquisa com base em uma lógica não estatística, assim, não nos preocupamos com uma representatividade em termos de números, mas sim com o aprofundamento e a abrangência dos objetivos do nosso trabalho. Buscamos uma amostra que seja ao mesmo tempo representativa dos cadetes de todas as séries (1ª a 4ª), e significativa, no sentido de elucidar nosso objeto de investigação.

Realizamos 51 entrevistas individuais e 8 entrevistas focais com grupos que variaram de 3 a 5 cadetes, e ao todo, entrevistamos 80 cadetes homens, mulheres, de todas as séries, aviadores, intendentes e infantes, de todas as regiões do país, filhos de militares e de civis, de classes sociais variadas. A princípio, tentamos selecionar os entrevistados de acordo com os indicadores sociais referentes à origem familiar (filhos e militares e de civis), ao nível de escolaridade dos pais, região geográfica de procedência e gênero. Entretanto, no decorrer das entrevistas, houve dificuldades em relação ao acesso a estes indicadores e acabamos considerando apenas a série e o curso, tentando equilibrar o número de homens e mulheres intendentes a serem entrevistados. Devido à rotina apertada dos cadetes em termos de horários, optamos por realizar o convite para as entrevistas, passando pelas salas de aulas e selecionando apenas os voluntários. Todas as entrevistas foram realizadas no âmbito da Divisão de Ensino em salas de aula desocupadas <sup>3</sup> durante os dias da semana e algumas nos finais de semana em horários variados <sup>4</sup>.

### **De professora à pesquisadora: o acesso à Academia**

Como já foi dito anteriormente, o acesso às instituições militares ainda se apresenta demasiado distante da maioria dos pesquisadores das áreas das Ciências Sociais que pretendem estudar particularidades da vida na caserna<sup>5</sup>. Nesse sentido, devo dizer que a realização desta pesquisa só foi possível devido à outra face de minha participação na Academia - como professora de Fundamentos de Psicologia - cuja entrada se deu no mesmo

---

<sup>3</sup> Houve algumas tentativas de realizar entrevistas no âmbito do Corpo de Cadetes, entretanto, todas as vezes que fomos autorizados a utilizar a sala que ficaria disponível, nos deparamos com reuniões de cadetes e oficiais deste setor da Academia e acabávamos por utilizar as salas de aula da Divisão de Ensino.

<sup>4</sup> Cabe dizer que a maioria das entrevistas foi realizada em horários reservados ao "estudo individual" em que não há atividade de aula programada para algumas turmas, mas os cadetes devem permanecer em sala de aula ou no âmbito da Divisão de Ensino.

<sup>5</sup> A este respeito, ver especialmente as obras de Castro, C. (1990) e Leirner, P. C. (1997).

ano que as primeiras cadetes chegaram e cuja trajetória de pesquisa se deu concomitantemente à trajetória profissional como descrevo a seguir.

Em janeiro de 1996 as primeiras mulheres candidatas à cadetes do Curso de Formação de Oficiais Intendentes, chegavam à Academia da Força Aérea na condição de “estagiárias”, prontas para enfrentar o período de adaptação denominado Estágio de Instrução Básica Militar – “EIBM”- que antecede a incorporação do 1º esquadrão ao Corpo de Cadetes, quando os estagiários passam a ser chamados “cadetes da Aeronáutica” (estas e outras etapas do processo de formação dos cadetes serão descritas no próximo capítulo com mais detalhes). No mesmo ano, no início de março, cheguei na Academia para ocupar o cargo de professora de Psicologia para ministrar aulas para o primeiro ano nos cursos de Aviação, Intendência e Infantaria, iniciava aqui minha aproximação com os cadetes e com seu cotidiano neste universo tão peculiar e novo para mim - uma instituição militar de ensino <sup>6</sup>.

Iniciei as atividades docentes logo no primeiro dia de aulas na Divisão de Ensino após o período de EIBM, no dia da incorporação do primeiro ano ao Corpo de Cadetes, tudo era novidade para uma professora do meio civil não familiarizada com as atitudes, crenças, valores e rituais que marcam o espaço da caserna. A primeira novidade foi o uniforme que identifica os professores do meio civil na Academia e que precisei providenciar - blusas brancas com saias ou calças cinzas e uma tarjeta de identificação com o meu “nome de guerra”.<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Meu primeiro contato com os militares foi em 1995, quando vim para Pirassununga, especificamente para a Academia da Força Aérea, fazer a inscrição e prestar o concurso de seleção para Professor Auxiliar do Magistério do 3º grau do Ministério da Aeronáutica. Fiquei impressionada com tudo o que vi, o espaço cercado, silencioso, com hangares, pessoas fardadas, armadas, guaritas. Os oficiais que coordenavam o processo, utilizavam o alfabeto fonético próprio do universo aeronáutico ao se referir a determinadas letras (por exemplo: “alpha, bravo, charlie, delta, echo, fox, golf...”) deixando claro que esta era uma instituição de ensino muito peculiar – uma Academia das Forças Armadas.

<sup>7</sup> De tempos em tempos, alguns professores rompem com o esquema do uniforme e principalmente com o uso das tarjetas de identificação, esse comportamento poderia revelar muito mais do que nosso propósito permite

O primeiro dia de aula foi inesquecível, o coordenador da área de Ciências Humanas e Administrativas – da qual faço parte – me acompanhou até uma das salas de aula do primeiro ano e quando entramos na sala todos os cadetes ficaram de pé, em posição de sentido<sup>8</sup>, enquanto o chefe da turma<sup>9</sup> nos apresentava a sala. Eles só se sentaram após o comando de – “à vontade” do coordenador que se retirou rindo de minha expressão de surpresa. Realmente pensava tratar-se de um trote<sup>10</sup> e não de um ritual que me acompanharia por todos os inícios e finais de aula. Ocorre também que naquele primeiro dia de aula, os cadetes ainda estavam sob o efeito do EIBM e tratavam os professores como oficiais e quase não falaram durante as primeiras aulas. Como a professora também estava conhecendo seus alunos e os rituais da Academia, as primeiras semanas foram de muito aprendizado para ambas as partes.

Desde o primeiro dia de aula, quando assisti à primeira parada diária na cerimônia de entrega das platinas, com o toque solene do hino nacional, o desfile dos quatro esquadrões, a apresentação dos gritos de guerra, a emoção de alguns pais que também assistiram à cerimônia e quando iniciei um contato profissional com os cadetes em sala de aula -

---

nesta pesquisa, eu mesma deixei de usar a tarjeta em várias ocasiões pois entre outros aspectos, para exibi-la é preciso perfurar o tecido das blusas. Entretanto, de dois em dois anos surge um novo chefe da DE que solicita a volta do uniforme e da tarjeta para que possam reconhecer e tratar os professores pelo nome.

<sup>8</sup> Na verdade, os cadetes não precisam ficar em posição de sentido quando a aula é com um professor civil, basta ficarem de pé em posição que indique respeito. Porém, logo no início do ano letivo, os cadetes do 1º ano acabam assumindo a posição de sentido pois ainda não fazem a distinção entre o tratamento dado aos professores civis e aos militares.

<sup>9</sup> Chefe da turma é o cadete responsável pela turma – anota as faltas, avisa o professor quando algum cadete está “baixado” - não pôde comparecer à aula - anota as ocorrências em sala de aula e fora dela. Tudo o que se refere à sua turma ou esquadrilha precisa ser anotado por ele que depois relata as ocorrências para os cadetes mais antigos. Este tipo de serviço começa no primeiro ano e se estende até o quarto ano, os cadetes são nomeados chefes de turma por uma semana geralmente, depende da avaliação de seu serviço pelos cadetes mais antigos e oficiais. Todos os cadetes são chefes de turma e a escala obedece à classificação dada pelo vestibular no primeiro ano e pelas médias dos conceitos nos demais anos – primeiro são nomeados os melhores classificados e assim todos os outros sucessivamente.

<sup>10</sup> Trote porque quando entrei na Academia, os professores mais antigos de casa gostavam de pregar peças nos mais novos, por exemplo, no dia posterior ao salto de pára-quadras, eles nos convidaram para que fossemos na companhia deles até a parte externa da DE para que os ajudássemos a procurar os “enormes buracos” que os cadetes deixariam no solo ao proceder a aterragem, relatando que alguns deles precisavam de ajuda para serem encontrados e para saírem dos tais buracos...

felizes por esta conquista – me perguntava: quem são estes jovens que escolheram esta profissão? Porquê o fizeram? Quais são as suas expectativas? Como se relacionam entre si? Qual será a rotina diária que enfrentam? Quais os valores, atitudes e crenças que cultivam aqui? Quais são as dificuldades que enfrentam em uma instituição tradicionalmente masculina que passou a formar mulheres? Como a instituição lida com as mudanças ocasionadas pela primeira turma mista de cadetes? Era um universo totalmente novo e assim como eu, a turma pioneira também estava chegando com todas as suas expectativas em torno da carreira que se iniciava.

O primeiro desafio sem dúvida foi me familiarizar com a rotina dos professores na Academia, todas as aulas são precedidas por dois toques de campainha, o primeiro é para os cadetes que devem estar nas salas de aula cinco minutos antes do professor, o segundo é do professor, para que ele entre na sala. As salas de aula são distribuídas por quatro corredores e no primeiro ano geralmente os cadetes aviadores ocupam quatro salas de um corredor, eles costumam chegar em número de aproximadamente 180 e são divididos em quatro turmas de 45 cadetes cada. A intendência e a infantaria têm um efetivo menor de cadetes, em torno de 40 intendentes e 20 cadetes da infantaria por esquadrão<sup>11</sup> que ficam em outros corredores que dividem geralmente com cadetes de outros esquadrões<sup>12</sup>.

Quando iniciei as atividades na Academia, dos quatro corredores de salas de aula de cadetes na Divisão de Ensino, o primeiro era ocupado por uma sala grande de esgrima e uma sala de professores, as salas de aula

---

<sup>11</sup> Estes números podem variar, de acordo com as vagas abertas no vestibular pelo DEPENS – órgão máximo de ensino do Comando da Aeronáutica. Em 1996, os intendentes compunham apenas uma turma de 40 cadetes, o número de cadetes intendentes aumentou para aproximadamente 50 em 1997, 1998 e 1999, assim, eles foram divididos em duas turmas no primeiro ano e em 2000 eles voltaram a compor uma turma apenas de 30 cadetes.

existentes se destinavam aos cadetes aviadores do primeiro ano, no segundo ficavam as salas dos cadetes aviadores do segundo ano e as salas da infantaria e da intendência do primeiro ano, no terceiro corredor há o laboratório de química e apenas algumas poucas salas de aula de cadetes destinadas geralmente aos cadetes aviadores do 3º ano e aos intendentes e infantaria do 4º ano, e o último corredor com um dos laboratórios de inglês, uma sala da área<sup>13</sup> dos professores de ciências exatas e apenas duas salas de aula eram reservadas geralmente aos cadetes aviadores do quarto ano. Esta disposição das salas sofreu várias mudanças no decorrer dos cinco anos de pesquisa devido à uma reforma nas salas de aula e outros ambientes da Academia.

Normalmente há dois bedéis que percorrem os corredores das salas de aula, verificando se cadetes e professores se encontram em sala após o toque do segundo sinal, e que eventualmente auxiliam os professores com os recursos audio-visuais quando solicitados. Foi preciso muito tempo também para me acostumar com a presença de oficiais do Corpo de Cadetes e da Divisão de Ensino que ocasionalmente percorrem os corredores e através do visor das portas das salas de aula, observam os cadetes e anotam aqueles que estão sonolentos e aqueles que eles julgam não estar prestando atenção nas aulas<sup>14</sup> para efetuar punições e correções posteriormente.

---

<sup>12</sup> Normalmente o efetivo de cadetes aviadores diminui bastante no primeiro ano de vôo, assim, o número de cadetes aviadores vai sendo reduzido e com o passar dos anos, eles passam a ocupar duas ou três salas de aula apenas, em corredores com outros esquadrões e/ou Quadros.

<sup>13</sup> O termo “área” corresponde ao que na maioria das universidades chamamos “departamento” e reúne professores de áreas afins. Na Academia são cinco áreas de professores civis:

I – reúne professores ligados às ciências exatas, particularmente à Matemática, Estatística e Informática;

II - reúne professores das áreas de Física (astronomia, eletrônica, aerodinâmica...) e Química;

III - área de Língua Portuguesa e Língua Inglesa;

IV - área de ciências humanas e administrativas composta por professores de áreas diversas como Direito, Economia, Sociologia, Psicologia, Filosofia, Administração, História e Contabilidade;

V - composta por professores da área de Educação Física.

<sup>14</sup> O procedimento adotado pelos cadetes que sentem sono durante as aulas consiste em se levantar de suas carteiras e ficar de pé no fundo da sala, às vezes caminhando, se esforçando para prestar atenção nas aulas.

Em algumas ocasiões e sem aviso prévio, o brigadeiro comandante da Academia em companhia do coronel chefe da Divisão de Ensino percorrem os corredores e às vezes entram nas salas de aula para assistir uma aula parcial ou totalmente. Nessas ocasiões os professores são orientados a prosseguirem suas atividades com naturalidade sem dar ênfase aos ilustres visitantes. Isso ocorreu comigo logo no início de minhas atividades, e confesso que foi impossível não notar a presença das autoridades, e me comportar de forma “natural” quando os cadetes emudeceram, ficaram como que paralisados e acabei contagiada pela ansiedade, fazendo e respondendo questões sucessivamente devido ao estado “catatônico” em que ficaram os cadetes. Após a aula, os oficiais me cumprimentaram pela aula e dispensaram os cadetes da apresentação mais formal, e então os cadetes fizeram todas as perguntas que não conseguiram fazer no decorrer da aula<sup>15</sup>.

Os professores e os oficiais são escalados para serem “fiscais de prova” na Divisão de Ensino, quando acontece isso somos responsáveis pela distribuição e aplicação de diferentes avaliações e precisamos seguir orientações específicas para esta atividade coordenada pela Seção de Avaliação da DE<sup>16</sup>.

São muitas as cerimônias militares que ocorrem na Academia, e os professores normalmente participam de todas aquelas que ocorrem

---

*Aqueles que não resistem e caem no sono sentados nas carteiras são constantemente acordados por seus colegas e só apresentam este comportamento nas aulas de professores civis.*

<sup>15</sup> *Lembro-me muito bem do semblante de espanto que tomou conta da classe quando desta “visita” inesperada e do pânico que tomou conta do chefe de turma que depois me confessara, eu mesma fiquei assustada, era como se fossem uma banca examinadora da minha conduta e da dos cadetes em sala de aula. Ao final da aula, após a saída dos oficiais o clima era de total descontração, como se tivéssemos acabado de passar por um teste. A aula era sobre alguns pontos do pensamento freudiano – assunto que sempre interessou aos cadetes – mas naquele dia eles fizeram pouquíssimas colocações para o meu desespero, assim eu passei a fazer e a responder as questões, preocupada com a falta de participação dos cadetes. Acho que o comandante prestou atenção à aula pois nas cerimônias seguintes à esta visita, ele se referia a mim como a professora de psicologia que era “freudiana ortodoxa”.*

<sup>16</sup> *A DE abrange também uma seção de planejamento responsável pela distribuição das aulas e demais atividades dos cadetes, cuja programação de uma semana do primeiro ano consta como anexo neste trabalho.*

durante o ano letivo, dentre elas se destacam a cerimônia de entrega do Espadim, o Aspirantado, as palestras na cinema e as paradas militares no Corpo de Cadetes quando autoridades civis e militares visitam a Academia, as cerimônias de passagem de comando<sup>17</sup>, as datas comemorativas<sup>18</sup> e as palestras de aulas inaugurais que geralmente são proferidas pelo comandante<sup>19</sup> da Aeronáutica. Além destas cerimônias há outras festividades no interior da Academia, muitas das quais participei com o objetivo de realizar o maior número de observações, como expectadora, do que para me divertir propriamente. Dentre as cerimônias que ocorrem na Academia, destacam-se os bailes do Espadim e do Aspirantado<sup>20</sup>, as festas juninas<sup>21</sup>, o “Domingo Aéreo”<sup>22</sup>, abertura e jogos da INTERAFA (olimpíadas internas da Academia), abertura e jogos da NAVAMAER (olimpíadas anuais entre Exército, Marinha e Aeronáutica que ocorrem cada ano em uma das Academias que compõem as Forças Armadas), o

---

<sup>17</sup> A passagem de comando não fica restrita ao comando da Academia, em 1998 presenciei uma passagem de comando bem diferente, do Esquadrão de Demonstração Aérea – EDA, mais conhecido como Esquadrilha da Fumaça, na qual os comandantes efetuaram a passagem durante um voo com os demais integrantes do referido grupo. A Esquadrilha da Fumaça também está sediada na Academia e suas atividades são sempre alvo de elogios da mídia e por isso são acompanhadas de perto pelos integrantes da Academia. Os cadetes de todos os Quadros demonstram admiração e respeito pelos integrantes e pelas atividades da Esquadrilha.

<sup>18</sup> Aqui se destacam o dia da Bandeira, dia do Professor, dia do Intendente e o dia dos Aviadores. O dia da Infantaria ocorre em dezembro, quando o período letivo já se encerrou e desse modo fica sem uma comemoração como o dia alusivo aos demais Quadros.

<sup>19</sup> Antes do surgimento do Ministério da Defesa, em 1999, as palestras eram proferidas pelos Ministros da Aeronáutica.

<sup>20</sup> Estes bailes são bastante formais, ocorrem geralmente na Academia, no espaço do rancho dos cadetes e oficiais onde as divisórias entre estes dois ranchos são retiradas transformando-se em um grande ambiente. No baile do “Espadão” (Aspirantado) só é permitida a entrada de civis trajando “smoking”, as mulheres civis devem comparecer trajando longo nos dois bailes.

<sup>21</sup> Estas festas são realizadas comumente em hangares dos EIAs (Esquadrões de Instrução Aérea) ou na Fazenda da Aeronáutica situada nos arredores da Academia. Aqui ocorrem demonstrações de saltos de pára-quedas noturno, e os cadetes comandam diversas atividades como a dança de quadrilhas, as camas elásticas de salto, barracas de comidas típicas de cada região do país, barracas de lembranças dos esquadrões, barracas de bebidas, quando arrecadam fundos para a formatura ou para outras atividades dos esquadrões.

<sup>22</sup> Esta festividade geralmente encerra a comemoração da “semana da Asa” (semana de 23 de outubro – dia do Aviador) quando a Academia abre suas portas aos visitantes interessados em atividades aéreas. Nesta festa ocorrem “shows” aéreos com demonstrações de várias esquadrilhas, os cadetes, empresas aéreas, escolas de aviação civil, e demais empresas ligadas ao setor aeronáutico montam estandes de informação e vendas de material, enfim, é uma festa em que há uma grande confraternização entre os participantes civis e militares que cultivam a mesma paixão pelo voo, pelas aeronaves ou pelas pessoas que conduzem estas máquinas.

churrasco dos cem dias<sup>23</sup> e o “chá das aniversariantes do mês” promovido pela esposa do comandante da Academia que reúne as esposas dos oficiais que trabalham na Academia, as oficiais e as professoras civis que aniversariam no mesmo período em uma reunião de mulheres que é realizada geralmente no Clube dos Oficiais<sup>24</sup>.

A Academia confere aos professores civis o mesmo tratamento dispensado aos oficiais superiores, o cargo de professor equivale ao posto de major segundo uma norma interna, daí a convivência com os oficiais no rancho, e nas demais atividades do dia-a-dia na DE. A sala de café dos professores é compartilhada com os oficiais que trabalham na DE ou que estão envolvidos em atividades de instrução<sup>25</sup>. As “fronteiras” espaciais bem delimitadas entre os diferentes setores da Academia (DE, Corpo de Cadetes e Esquadrões de Instrução Aérea principalmente) e a falta de um conhecimento maior das atividades e das pessoas vinculadas a estes setores foram um dos maiores obstáculos pelo qual passei no decorrer da trajetória de pesquisa. Minha presença em setores que não fosse a DE era bastante notada e tratada como algo fora da rotina, o que muitas vezes causava situações de embaraço para mim que precisava explicar para as

---

<sup>23</sup> Esta festividade ocorre no final do quarto ano, quando os cadetes que compõem este esquadrão comemoram os cem dias que antecedem a formatura num churrasco que pode ocorrer dentro ou fora da Academia, com duração de um dia inteiro ou não, depende do comando do esquadrão, em que os cadetes distribuem lembranças de seu esquadrão aos convidados como bonés, camisetas, chaveiros, canecas de chopp e adesivos com o emblema do esquadrão.

<sup>24</sup> Dependendo das esposas dos comandantes, esta é uma reunião que pode ocorrer ou não, muitas vezes estas esposas assumem a presidência da ACENA – Associação Comunitária das Esposas do Ninho das Águias – organização beneficente dirigida e composta por mulheres que moram nas vilas situadas na Academia e que periodicamente promovem chás beneficentes, jantares dançantes e outras atividades para arrecadar fundos destinados à atividades de filantropia.

<sup>25</sup> Mesmo os oficiais envolvidos em vôo ou em outras atividades técnico-especializadas são constantemente vistos na DE onde são realizadas as reuniões pertinentes à vida acadêmica em geral dos cadetes. Um cadete aviador que realiza três vôos considerados deficientes pelos instrutores dos EIAs, ou cadetes em geral que não obtêm médias em três ou mais disciplinas, ou outros que apresentam comportamentos considerados inadequados à vida militar, são julgados em reuniões do conselho acadêmico que ocorrem na DE, com representantes de todos os setores por onde passam os cadetes. Pela DE passam todos os profissionais envolvidos na formação dos cadetes, e o mesmo não ocorre nos demais setores da Academia.

peessoas que me atendiam pela primeira vez a pesquisa em linhas gerais e que alguns dos oficiais superiores já tinham conhecimento do estudo <sup>26</sup>.

O fato de ser equiparado ao posto de um oficial superior com certeza afeta o tratamento dado aos professores civis pelos integrantes da Academia – inegavelmente hierarquicamente estruturada - e trouxe oportunidades de conhecer algumas peculiaridades do comportamento dos próprios oficiais da Academia. Além do espaço da DE, os professores compartilham outros espaços com os oficiais, como o rancho (refeitório) no café da manhã e no almoço. Nestas situações é bem visível a separação entre os oficiais de Quadros diferentes, professores e oficiais do hospital, que se sentam em mesas separadas, formando grupos distintos e raras exceções, esta separação é uma constante nos diversos setores da Academia. Quando ocorrem palestras ou cerimônias no cinema, no pátio do Corpo de Cadetes, ou mesmo nas formaturas do Espadim e do Aspirantado, há locais pré determinados aos professores e outros destinados aos oficiais que se reúnem de preferência com seus pares de Quadros.

Em algumas situações percebi que a equiparação ao posto de oficial superior conferida aos professores causa confusão na postura profissional dos próprios professores que muitas vezes se vêem como militares e já presenciei reuniões com o comando do Corpo de Cadetes e com a chefia da DE em que os oficiais explicavam que os cadetes não precisavam ficar na posição de sentido quando os professores entram nas salas de aula,

---

<sup>26</sup> A única vez que senti que minha presença causou uma situação de mal-estar foi quando, autorizada por um comandante de esquadrão para obter dados referentes à origem sócio-econômica dos cadetes comandados por ele, o oficial subordinado que me atendeu, fez-me esperar por aproximadamente 20 minutos enquanto conversava com outros oficiais mais modernos e cadetes, utilizando inúmeras vezes a palavra “paisano” para se referir aos civis, deixando bem claro que minha presença naquele local era motivo de incômodo. Este é um termo que segundo Castro (1988) os militares utilizavam para se referir aos civis quando não estavam na presença de alguém do meio civil. Ocorre que na AFA este termo não é utilizado com a mesma freqüência que na AMAN, sendo que o ouvi pouquíssimas vezes, o que causou estranheza para mim e visivelmente para

bastava ficar de pé e em uma posição de respeito. Até hoje o tratamento diferenciado que os cadetes dão aos professores e aos oficiais é motivo de divergências entre as opiniões de colegas civis. Alguns fazem questão de receber o mesmo tratamento dado aos oficiais mesmo não tendo passado pela formação militar que estes passaram<sup>27</sup>, outros sentem-se inferiorizados ou até mesmo menos respeitados como profissionais por não portarem insígnias. Por estes e outros aspectos, constatei que o exercício de atividades profissionais em um meio onde a hierarquia predomina e onde as pessoas são diferenciadas através de suas insígnias, favorece a confusão de identidades até mesmo entre os civis que muitas vezes “compram” a idéia de que se fossem militares ou se exibissem seus títulos acadêmicos, talvez tivessem seus trabalhos mais valorizados pela instituição e pelos seus integrantes.

Ao final do primeiro ano na Academia, mais familiarizada com os rituais e com a rotina deste universo antes tão distante, eu já acalentava um desejo de estudar e conhecer melhor o universo militar principalmente através dos cadetes e o doutorado parecia uma boa porta de entrada para este tipo de estudo. No primeiro ano, dei aulas para todos os cadetes do primeiro esquadrão, justo o esquadrão pioneiro que além de ser o primeiro a ter uma turma de Intendência mista, também era composta pelos cadetes do Curso de Formação de Oficiais de Infantaria que após três anos de formação num período de três anos, voltariam a se formar num período de quatro anos<sup>28</sup>. Meu segundo ano na Academia foi mais tranqüilo, deixei

---

os outros oficiais que se encontravam na sala, foi a ênfase dada ao termo pelo oficial que me fez esperar pelos dados que ele já estava autorizado a me fornecer.

<sup>27</sup> Neste sentido houve inclusive a sugestão de alguns professores de que acrescentássemos em nossas tarjetas de identificação, os prefixos “MSc” ou “PhD”, ou mesmo que fossemos acrescentando os números correspondentes ao nível conforme promoção horizontal ( por exemplo: professor Auxiliar nível I, II, III ou IV), ao invés de exibirmos apenas a denominação comum “professor/a”.

<sup>28</sup> O CFOInf é o curso mais moderno da Academia, a primeira turma formada na Academia saiu em 1984, e as turmas de 93, 94 e 95, se formaram em um período de três anos, um a menos do que os oficiais dos outros Quadros. A primeira turma que voltou a se formar com quatro anos de Academia foi a de 1996, portanto, na opinião dos cadetes (principalmente os de infantaria) que compunham este esquadrão, esta era uma turma duplamente pioneira.

de dar aulas para o curso de Intendência<sup>29</sup> ficando apenas com as turmas de cadetes aviadores e infantes do primeiro ano, podendo assim iniciar o curso de doutorado, e agilizar meu pedido para a realização da pesquisa na Academia.

O pedido para a realização da pesquisa foi feito com muita cautela, em maio de 1997, quando já havia passado pelo processo de seleção e efetuado matrícula como aluna regular do curso de pós graduação da UNICAMP<sup>30</sup>. Em primeiro lugar conversei com o coordenador de área – meu chefe imediato, que em conjunto com alguns professores mais antigos de casa, alertou que eu poderia ter dificuldades em realizar qualquer pesquisa na Academia visto algumas experiências passadas<sup>31</sup> e sugeriu apenas que eu procurasse o coronel chefe da Divisão de Ensino para expor o projeto e solicitar orientações de como proceder para obter autorização do comandante da Academia para a realização da pesquisa. O coronel orientou-me no sentido de conversar pessoalmente com o comandante a respeito do projeto antes de qualquer pedido formal. Assim o fiz, e aproveitando a ocasião do final de uma reunião entre alguns professores e o comandante na DE, apresentei-lhe meu projeto em linhas gerais e os

---

<sup>29</sup> Isto foi possível devido à chegada de mais uma professora de psicologia que assumiu as aulas no curso de Intendência em 1997.

<sup>30</sup> Tal como Leirner descreve em seu estudo sobre a hierarquia no Exército, eu também utilizei a “insígnia” da universidade no processo de negociação de acesso à instituição militar. O fato de estar vinculada a uma instituição acadêmica pública conhecida em termos nacionais com certeza pesava na autorização para a realização da pesquisa, além, é claro, de estar vinculada profissionalmente à instituição.

<sup>31</sup> Entre outras dificuldades, alguns colegas mais antigos levantavam a hipótese de uma “perseguição” que acometia professores que pesquisavam ou tentavam conhecer melhor a Academia, sugerindo que eu poderia ficar na mesma situação se prosseguisse com meu projeto. Acredito que grande parte dessa idéia de perseguição que tomava conta do imaginário dos professores mais antigos se devia em primeiro lugar aos resquícios do regime militar, alguns relatavam a sensação incômoda de serem discriminados em vista da condição de civis. Em segundo lugar, a idéia de perseguição que assolava parte dos professores civis vinha de uma experiência vivenciada por um colega que desenvolveu sua pesquisa de doutorado no início da década de 80 abordando a formação do oficial brasileiro e o papel dos militares no cenário político nacional (Ludwig, A. C. W., 1982). Segundo comentários dos professores e do próprio pesquisador, o que gerou o mal estar parece não ter sido o desenvolvimento da pesquisa em si, mas sim um artigo de sua autoria publicado no jornal “O Estado de São Paulo” que os militares interpretaram como uma exposição demasiada da instituição. Os comentários de alguns oficiais, em contrapartida, eram de que o professor em questão apresentara uma versão “negativa” do processo de ensino como “verdade”, esquecendo-se de sua própria condição de participante do processo em questão.

procedimentos metodológicos que desejava utilizar no andamento do trabalho.

Para minha surpresa, o comandante<sup>32</sup> foi bastante receptivo ao meu projeto e colocou-me em contato com o comandante do Corpo de Cadetes e isentou-me de qualquer solicitação mais formal ou mesmo escrita. Imagino que tanto ele como os oficiais que estavam diretamente ligados à formação dos cadetes estavam precisando de todos os dados e informações sobre a participação da mulher nas instituições militares e minha proposta de realizar uma pesquisa foi vista como uma possibilidade de esclarecimentos às inúmeras questões que eles possuíam na época sobre como conduzir o processo de socialização diante do fato inédito de participação das mulheres como cadetes na Academia.

No final de 1997, quando da passagem de comando da Academia, o próprio comandante com quem eu falara anteriormente, informou ao novo comandante sobre minha pesquisa e a partir daí e nos outros 3 anos seguintes, estava atendida minha solicitação de realizar uma pesquisa dentro da Academia tendo como participantes principais os cadetes dos quatro esquadrões.

Com o comando do Corpo de Cadetes não foi diferente, e o comandante que veio no lugar daquele com quem eu havia falado em 1997, quando procurado por mim em 1999, revelou já saber da pesquisa e colocou seus oficiais a disposição para me auxiliarem no que fosse possível<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Este comandante era o mesmo que no ano anterior havia assistido a uma aula minha e saíra com a impressão de que eu era “freudiana ortodoxa”.

<sup>33</sup> De certa forma, os oficiais superiores da Academia puderam acompanhar a trajetória da pesquisa através dos relatórios semestrais que todos os professores envolvidos com atividades científicas em outras instituições de ensino precisam apresentar ao final de cada semestre. Este é um procedimento obrigatório para todos os professores que solicitam dispensa de expediente (geralmente 2 dias por semana) para realizar cursos, estágios, desenvolver pesquisas, participar de congressos ou simpósios relacionados com a qualificação

Apesar do apoio demonstrado na fala dos oficiais com quem conversei, os anos de 1997 e 1998 foram dedicados mais ao conhecimento das regras, linguagem e rotina da Academia e à própria rotina acadêmica que a universidade impõe<sup>34</sup>. Ainda não me sentia à vontade para realizar entrevistas porque em primeiro lugar, ainda não estava familiarizada com a linguagem utilizada pelos cadetes e com seu cotidiano na Academia<sup>35</sup>,

---

profissional. Os relatórios seguem um roteiro previsto em uma norma interna da AFA e devem conter a relação das disciplinas/atividades desenvolvidas no semestre, a descrição detalhada destas, bem como o andamento do trabalho, a documentação gerada no período e a previsão de atividades para o próximo semestre. No caso de mestrado ou doutorado, estes relatórios precisam ser assinados pelo professor da Academia e por seu orientador da instituição de ensino ao qual está matriculado. Todos os relatórios são encaminhados ao comandante da Academia e seguem uma seqüência hierárquica para chegar até ele, em primeiro lugar, o relatório deve passar obrigatoriamente por nosso chefe imediato – o coordenador de área (professor civil), que o encaminha para o coordenador geral do ensino científico (professor civil), que por sua vez o encaminha para o chefe da Divisão de Ensino (oficial - coronel) que finalmente encaminha todos os relatórios dos professores envolvidos em atividades de qualificação docente para o comandante da AFA (oficial - brigadeiro) que assim fica ciente das atividades desenvolvidas pelos professores em dias de dispensa. É o comandante que autoriza (ou não) o prosseguimento das atividades de qualificação docente que são realizadas em dias de dispensa de expediente na Academia.

<sup>34</sup> No segundo semestre de 97, durante as apresentações informais da primeira aula de uma disciplina na universidade, quando me apresentei como doutoranda e professora da Academia, a professora perguntou se eu havia entrado para o curso via processo de seleção ou através de um atalho que pressupunha uma carta de solicitação “dos militares” ao reitor, ou seja, através de algum tipo de protecionismo por fazer parte de uma instituição militar. Houve um mal estar geral entre os colegas e precisei explicar em primeiro lugar, que o fato de trabalhar em uma instituição militar não me isentava de prestar o concurso de seleção e que havia passado sim pelo processo como os alunos que lá se encontravam. Encaro esta situação como um resquício do regime militar em que muitos professores universitários sofreram perseguições ideológicas e ao final todos pareciam mais tranqüilos quando revelei minha condição de civil.

<sup>35</sup> Em termos de conhecimento das atividades rotineiras na Academia, descrevo aqui uma passagem registrada em meu caderno de campo ocorrida no final de 1997 que ilustra bem a falta de familiaridade com o universo militar no início da trajetória de pesquisa:

*O horário de chegada dos professores à Academia está previsto para às 7:30, horário da primeira aula do dia na Divisão de Ensino, os militares começam o expediente às 8:00 pois saem da Academia mais tarde, mas o que importa é que neste intervalo de tempo entre a minha chegada e a chegada de meus colegas militares, eu sempre fiquei na área destinada aos professores ou em sala de aula. Hoje, aproveitando o horário livre, fui procurar o professor coordenador para resolver algumas questões relacionadas à elaboração do relatório semestral de atividades de pesquisa. Para chegar até a sala do coordenador é preciso passar pela entrada principal da Divisão de Ensino, e quando de minha passagem por este local, notei que todos os oficiais e graduados do setor lá se encontravam e a minha impressão foi a de que todos estavam olhando para a entrada como se estivessem aguardando a chegada de alguma autoridade. Ao chegar na sala do coordenador, relatei o ocorrido e perguntei quem seria a autoridade que estava sendo aguardada por todo o efetivo de militares da Divisão de Ensino. O coordenador não havia sido informado de nenhuma visita e concluiu que todos deviam estar olhando para um casal de siriemas que havia sido avistado nas imediações da Divisão de Ensino com filhotes recém nascidos. Animado, ele chamou-me para que nos juntássemos à turma de espectadores. Qual foi sua surpresa e riso quando percebera que aquela concentração de militares na entrada da Divisão de Ensino não era devido à chegada de nenhuma autoridade e muito menos para observar a família de siriemas, era apenas a rotineira formatura diária dos militares que eu jamais havia presenciado e que ocorre todos os dias naquele horário... (novembro, 1997)*

em segundo lugar, não me sentia amparada em termos de referências bibliográficas para iniciar o estudo<sup>36</sup> e em terceiro lugar o fato de ter procurado os comandantes para solicitar a realização da pesquisa causou comentários e colocações gerais que trouxeram algumas dificuldades.

Os cadetes sabiam de minha intenção de estudar o processo de formação de suas identidades profissionais, e gostavam de falar sobre suas experiências na Academia em sala de aula principalmente, mas tive que trabalhar com as idéias “fantasiosas” que alguns colegas demonstravam a respeito da pesquisa que estava sendo realizada, muitos gostavam de dar sugestões e a maioria parecia apoiar e realizar-se com a pesquisa, mas também houve quem demonstrasse temor pela minha permanência na instituição e até mesmo questionasse minha opção pela continuidade da trajetória acadêmica.

Neste ponto acho que seria interessante colocar que as professoras constituem em torno de 30% apenas do efetivo total de professores civis e de 1997 até 2000 eu era a única professora a cursar o doutorado ao lado de outros professores (homens). Como profissional ouvi comentários carregados de preconceitos que não faziam sentido para mim, do tipo: “- você é mulher, prá que perder seu tempo estudando?” “Você precisa cuidar da sua casa, do seu casamento, as aulas na Academia não são suficientes para que você perca o seu tempo com mais estudo?!” Estes comentários vinham principalmente de colegas militares ou civis e homens!

Até acalmar as expectativas e comentários de alguns colegas, a estratégia adotada foi a de permanecer observando e anotando os fatos que achava interessantes em um caderno de campo. O tempo utilizado para

---

<sup>36</sup> Em 1998, foi com grande satisfação e alívio que encontrei o livro de Castro (1990) que fala sobre a formação dos cadetes na AMAN. Este foi o livro que realmente motivou a realização da pesquisa nos moldes que eu idealizava.

realizar as disciplinas obrigatórias do curso de doutorado e para exercer as atividades profissionais na Academia também foram fatores que pesaram bastante para que eu iniciasse as entrevistas com os cadetes e oficiais somente em 1999.

Cabe esclarecer com maiores detalhes o período de maior dificuldade para minha atuação como pesquisadora, os anos de 1999 e 2000, quando já tinha terminado as disciplinas obrigatórias na universidade e comecei a etapa de entrevistas na Academia. A falta de privacidade durante o expediente na Academia é algo no mínimo instigante, especificamente falando de minhas experiências e convivência com outros profissionais na Divisão de Ensino. A maioria dos professores (eu inclusive), sente-se incomodada com a sensação de constante observação sobre as nossas atividades, e mesmo que a vigilância e o controle possam ocorrer muito mais em nossa imaginação do que em supostos “dossiês” individuais de conduta, o fato é que esta é uma sensação incômoda.

A maior dificuldade que vivenciei enquanto pesquisadora neste período de 1999 a 2000, no entanto, foi a falta de cerimônia com que alguns colegas (homens ou mulheres e civis principalmente) paravam ao meu lado e liam o que eu estava lendo ou escrevendo, tecendo em seguida comentários sobre o que eles achavam que eu deveria ou não abordar na pesquisa provocando situações de constrangimento. Nestes momentos, a sensação maior era a de que estes colegas repetem exatamente o comportamento que mais criticam na instituição militar – o controle e a interferência sobre as atividades que não lhe dizem respeito. É bom que se diga que entre os colegas havia homens e mulheres, civis e militares, que mesmo sabendo-se parte de meu estudo, acrescentaram muitas informações sem tentar interferir na orientação que eu daria a elas, demonstrando respeito e apoio ao desenvolvimento do trabalho.

Entre 1999 e 2000 confesso que vivi períodos de pura “paranóia” em razão das atividades de pesquisa com a incômoda sensação de falta de privacidade que as atitudes de alguns colegas sugeriam e com meu compromisso de proteger o anonimato dos participantes da pesquisa e das informações obtidas nas entrevistas<sup>37</sup> e como estratégia, passei a evitar as refeições no rancho.

No início de 1999, tendo acompanhado os três primeiros anos das primeiras turmas mistas, fui novamente procurar o comando do Corpo de Cadetes para combinar a melhor forma de acesso aos cadetes para realizar as entrevistas. O novo comandante do Corpo de Cadetes já estava a par do meu trabalho e colocou os cadetes à disposição para as entrevistas desde que estas não ocorressem durante as aulas e que não atrapalhassem o andamento das atividades. Fui então conversar com o subcomandante do Corpo e pela primeira vez estava na frente de um oficial que conhecia o livro de Celso Castro (1990) - o que me surpreendeu e me animou, afinal esta era minha referência maior sobre a formação de cadetes em uma Academia das Forças Armadas do Brasil. Nestes anos de Academia só encontrei outro oficial que também trabalhara no Corpo de Cadetes em outro período que havia lido o livro de Castro por indicação do primeiro, foram dois contatos importantes no qual os oficiais demonstraram respeito

---

<sup>37</sup> Em relação ao sigilo das informações obtidas em entrevistas, houve vezes que desconfiei da disposição de alguns oficiais em serem entrevistados por mim quando relatavam sua passagem pela Academia como cadetes e no momento presente, como oficiais. Pensava que eles concediam as entrevistas para saber mais sobre a pesquisa que estava sendo desenvolvida ou até mesmo para ter acesso aos dados em minha paranóia. Mas no final de 1999 ocorreu um fato que modificou este quadro de paranóia com relação aos oficiais que sabiam da pesquisa. Ocorreu que um pesquisador vinculado a um instituto de estudos políticos, ao conhecer meu trabalho de pesquisa com os cadetes e o fato inédito da participação das mulheres através de meu próprio relato, veio acompanhado de outros pesquisadores em uma visita à Academia e durante o almoço com os oficiais, segundo o relato de um oficial, o tal pesquisador solicitou ao comandante uma autorização para desenvolver uma pesquisa sobre a formação dos cadetes em vista da participação das mulheres. Como este pedido foi feito na frente de outros oficiais que sabiam do meu trabalho, houve a lembrança de minhas atividades de pesquisa pelos próprios oficiais para a frustração do tal pesquisador em obter autorização para trabalhar o mesmo tema. Assim, para minha surpresa, além das entrevistas, alguns oficiais se mostraram empenhados em tomar a defesa do trabalho de pesquisa desenvolvido por mim, e este episódio em especial fez com que muitas das paranóias que eu cultivava em relação à participação de alguns deles nas entrevistas fossem dissipadas.

e apoio à pesquisa desenvolvida sem interferir ou colocar dificuldades de acesso aos cadetes.

Como já foi dito anteriormente, a seleção dos cadetes se efetuou em função dos Quadros (cursos) aos quais pertenciam e à origem sócio-econômica (se eram filhos de militares ou não, quais eram as rendas familiares, de quais regiões do país vinham...), eu selecionava os cadetes de acordo com estes dados para que perfizessem uma amostra de todas as classes, regiões, quadros e sexo, entretanto, no decorrer do ano houve alguns imprevistos como a dificuldade de acesso aos dados sobre a origem sócio-econômica dos cadetes de algumas turmas, a tentativa de alguns oficiais de selecionar os cadetes por mim, e o horário livre restrito dos cadetes para as entrevistas. Estes imprevistos me fizeram modificar a estratégia de seleção no final de 1999, a partir daí, eu verificava previamente a programação de aulas dos quatro esquadrões e passava nas salas de aula solicitando voluntários/as que quisessem falar sobre suas vivências na Academia, nos horários em que eles não teriam aulas, adiantando que as entrevistas já estavam autorizadas pelo comando do Corpo de Cadetes e que as informações seriam sigilosas.

As atividades dos cadetes são todas programadas com antecedência, normalmente a seção de Planejamento da divisão de Ensino lança a grade de horários e atividades previstas aos professores duas semanas antes de sua realização. O conhecimento prévio da programação de atividades dos cadetes me permitiu selecioná-los de acordo com os horários livre que constavam no planejamento, normalmente eu passava pelas classes com horários livres programados e solicitava a participação de voluntários nas entrevistas. Desse modo, a maioria das entrevistas realizadas foram com cadetes voluntários e não com aqueles que obedeciam um perfil pré-determinado por mim ou que eram selecionados por oficiais do Corpo de Cadetes. Muitos foram os cadetes que me procuraram porque queriam

participar da pesquisa e ser entrevistados em seus horários livres de aula mas que não foram devido ao meu horário de aulas ou de entrevistas marcadas anteriormente. O fato de muito deles me procurarem em grupos chamou a atenção para a possibilidade de entrevistas com grupos e trabalhei com 8 entrevistas deste tipo.

Creio que o acolhimento e a disposição dos cadetes em conceder-me entrevistas fazia parte da minha participação na instituição como professora da maioria deles, mas a motivação maior realmente parece ter sido a necessidade e a vontade que eles tinham em falar de suas expectativas, seus sonhos e medos para alguém que é do meio mas que, como pesquisadora e civil, protegeria suas identidades, permitindo que falassem realmente de suas percepções como cadetes da Academia<sup>38</sup>.

É inegável que o fato de ser professora e estar inserida na Academia me trouxeram vantagens como pesquisadora, se não fosse assim, com certeza não teria acesso a rotina, aos integrantes e à áreas restritas para a maioria dos civis que visitam a instituição, não conheceria os caminhos para obter autorização para a realização do estudo e principalmente não poderia fazer um acompanhamento longitudinal dos participantes. Acompanhei cinco anos do processo de formação de cadetes que foram gratificantes na maioria dos momentos.

As desvantagens desta dupla condição de pesquisadora e professora foram talvez as mesmas que algumas vezes consegui reverter em vantagens: a proximidade com o objeto de estudo, os comentários, as orientações para a condução da pesquisa, a curiosidade intensa e por

---

<sup>38</sup> Apesar de ter acesso a orientações de profissionais da área de pedagogia e psicologia (através da subseção de psicopedagogia da Seção de Doutrina ou dos Esquadrões de Instrução Aérea), os cadetes em sua maioria se revelavam resistentes em procurar orientações de profissionais militares desta área pois acreditavam que as consultas consistiam em um risco para sua permanência na Academia caso estes profissionais descobrissem um “perfil não compatível” deles com a profissão militar.

vezes inconveniente de alguns colegas, a falta de privacidade para trabalhar com o material de pesquisa durante o expediente da Academia, entre outras. Os desafios não foram poucos e nem situados apenas na Academia ou entre seus integrantes como revelei e confesso que aprendi muito mais do que imaginava com todo o processo de condução da pesquisa. Por fim, apresento um resumo de minha trajetória de pesquisa que creio ser útil na visualização de cada etapa vivida.

#### Quadro demonstrativo das etapas temporais da pesquisa:

Ano	Descrição das etapas temporais da pesquisa
1996	<p>Março: pesquisadora é chamada para assumir o cargo de professora de Psicologia na Academia da Força Aérea, em razão do resultado de concurso público realizado no final de 1995.</p> <p>Início do relacionamento com outros professores civis, oficiais, cadetes e demais integrantes da Academia.</p> <p>Início das aulas de Psicologia no 1º ano dos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentes e infantens.</p> <p>Julho: participação na cerimônia do Espadim como madrinha de um cadete do CFOINF cujos pais estavam impossibilitados de vir à cerimônia.</p> <p>Exame de seleção para o curso de doutorado em Educação na UNICAMP.</p> <p>Conhecimento de normas e regras gerais que norteiam a instituição.</p> <p>Percepção da oportunidade de realizar uma pesquisa dentro da Academia com os cadetes, motivada pelo fato inédito da entrada das mulheres em uma Academia das Forças Armadas.</p>
1997	<p>Início das atividades de doutorado.</p> <p>Exposição do novo projeto de pesquisa ao orientador, baseado na atividade docente exercida na Academia.</p> <p>Discussão das estratégias para a realização da pesquisa e construção de argumentos para apoiar a tentativa de pesquisa no interior da Academia.</p> <p>Exposição dos argumentos ao comandante da Academia e ao comandante do Corpo de Cadetes que permitiram a realização da pesquisa.</p> <p>Agosto: visita ao INCAER – Instituto Histórico da Aeronáutica – no Rio de Janeiro a convite do chefe da Divisão de Ensino, com o objetivo de realizar pesquisa bibliográfica sobre a formação dos cadetes da Aeronáutica e a participação das mulheres nas Forças Armadas brasileiras.</p> <p>Registro de algumas passagens e situações vividas na Academia em um diário de campo.</p> <p>Percepção da confiança que os cadetes depositavam na professora/pesquisadora ao comentarem entusiasmados em sala de aula sobre suas vivências, expectativas e maiores dificuldades na Academia.</p> <p>Familiarização com o ambiente, observação e aprendizado da linguagem específica, própria dos cadetes em sala de aula, nas cerimônias e nos encontros casuais fora da Academia.</p> <p>Análise de documentos: jornal dos cadetes da AFA, Relatório final do estudo das medidas adotadas para a entrada das mulheres no curso de Intendência.</p> <p>Observação e conversas com professores e oficiais de diferentes Quadros e postos na</p>

	<p>Divisão de Ensino, nas cerimônias e especialmente no rancho dos oficiais onde os professores civis também almoçam.</p> <p>Pesquisa bibliográfica: dissertação de mestrado sobre a participação das mulheres nas Forças Armadas Brasileiras na década de 80 e o livro "This is our military too" que reúne artigos e depoimentos de pesquisadoras e militares americanas sobre a participação das mulheres nas Forças Armadas norte americanas.</p>
1998	<p>Análise de documentos: conhecimento da metodologia de ensino "padrão" utilizada no Ministério da Aeronáutica através do curso de Prática de Ensino promovido pela Divisão de Ensino da Academia aos professores, publicação do DEPENS sobre a profissão militar (<i>A profissão militar</i> de Hélio Livi Ilha, 1982).</p> <p>Percepção do aumento de comentários e sugestões de colegas (professores e oficiais) sobre a pesquisa. Clima de muita curiosidade e pressão para saber do que se tratava, o que a pesquisadora estava observando, quem seriam os entrevistados, como a pesquisadora trataria as informações obtidas.</p> <p>Negação de alguns oficiais de conceder entrevistas gravadas.</p> <p>Observação direcionada aos comportamentos, crenças, atitudes e estruturas que são enfatizados na rotina dos cadetes da Academia, em aulas, cerimônias, festas promovidas pela Sociedade dos Cadetes - SCAer .</p> <p>Oportunidade de integrar um grupo de professores, oficiais e cadetes do 4º ano em visita às instituições de ensino, pesquisa e tecnologia do Ministério da Aeronáutica em São José dos Campos.</p> <p>Análise de documentos: jornal dos cadetes da AFA, normas internas, fichas de observação docente, ficha de conceito horizontal (distribuída entre os cadetes).</p> <p>Pesquisa bibliográfica: o livro de Celso Castro sobre a formação dos cadetes na AMAN.</p>
1999	<p>Retomada das conversações com o chefe da Divisão de Ensino, com o comandante e o subcomandante do Corpo de Cadetes sobre o acesso aos cadetes para entrevistas gravadas.</p> <p>Exposição das considerações éticas que orientam a pesquisa para garantir o anonimato dos cadetes e o caráter sigiloso das informações obtidas.</p> <p>Percepção da curiosidade extremada e por vezes fantasiosas apresentada por alguns colegas a respeito das entrevistas com os cadetes.</p> <p>Dificuldade e insucesso na obtenção de dados sobre a origem sócio-econômica de cadetes de todos os esquadrões do Corpo de Cadetes.</p> <p>Elaboração de carta de apresentação e início das entrevistas individuais gravadas com os cadetes.</p> <p>Entrevistas individuais gravadas com alguns oficiais, em especial aqueles que participaram direta ou indiretamente de sua formação, seja no Corpo de Cadetes ou na Divisão de Ensino.</p>
2000	<p>Continuação das entrevistas individuais e início das entrevistas com grupos focais gravadas com cadetes.</p> <p>Continuação das entrevistas individuais gravadas com alguns oficiais.</p> <p>Transcrição das fitas das entrevistas.</p> <p>Análise de documentos: Relatório final da Comissão de Acompanhamento do CFOINT Feminino.</p>
2001	<p>Pesquisa bibliográfica: dissertação de mestrado sobre o perfil do oficial subalerno que se forma na AFA.</p> <p>Acesso à classificação final dos cadetes até o ano 2000.</p> <p>Transcrição das fitas das entrevistas e análise dos dados.</p>

## CAPÍTULO III - A ACADEMIA.

### *MISSÃO DA ACADEMIA DA FORÇA AÉREA*

*A AFA tem por missão a formação militar, intelectual, profissional, moral, cívica e social do futuro Oficial da Aeronáutica.  
Portaria DEPENS nº 37-T/DE-2, de 13 de maio de 1999.*

A Academia da Força Aérea – AFA<sup>1</sup> – é um estabelecimento de ensino superior que integra o sistema de formação e aperfeiçoamento do pessoal do Ministério da Defesa - Comando da Aeronáutica cuja finalidade é a formação, em nível superior, dos Oficiais da Ativa da Força Aérea Brasileira. Ela foi criada no antigo Estado da Guanabara em 1941, data da criação do Ministério da Aeronáutica, com o nome de Escola de Aeronáutica. Sua origem se deve à fusão entre a Escola de Aeronáutica do Exército com a Escola de Aviação Naval da Marinha e somente em 1969 é que recebeu a atual denominação.

A criação do Ministério e da Escola visava a eliminação de conflitos gerados pela duplicidade de centros de formação (do Exército e da Marinha) e a necessidade de intensificação da formação de pessoal, em vista da participação do país na Segunda Guerra Mundial.

*Logo que foi criado o ministério da Aeronáutica, foi sentida a necessidade de intensificar a formação de pessoal; a expansão iminente da Força Aérea Brasileira, decorrente das necessidades da guerra, que batia às portas do Brasil, obrigou a um programa de aceleração imediata do ritmo de formação de pessoal navegante e de especialistas; além disto, o Ministério da Aeronáutica tinha herdado, das Aviações do exército e da Marinha, uma duplicidade de centros de formação de pessoal que tinha que ser eliminada. (Lavenère-Wanderley, 1975, p. 219)<sup>2</sup>*

---

<sup>1</sup> Ver no final deste capítulo um glossário de termos e siglas mais utilizadas na Academia.

Em 1942, em vista do crescente tráfego aéreo civil e militar no Rio de Janeiro e da ausência de campos de aviação auxiliares que dificultavam a instrução militar no Campo dos Afonsos, uma comissão composta por oficiais da Escola de Aeronáutica efetuou estudos a fim de buscar um novo local destinado à nova sede da escola.

Pirassununga se localiza próxima às cidades de Campinas, ao Sul, e Ribeirão Preto, ao Norte, a aproximadamente 207 km da cidade de São Paulo e 630 km do Rio de Janeiro. A escolha desta cidade deu-se em vista de suas características topográficas, boa altitude, condições atmosféricas, boas vias de comunicação, a proximidade de centros importantes e o afastamento de fronteiras estrangeiras. As obras começaram em 1942 e aos poucos os setores da Escola de Aeronáutica do Campo dos Afonsos eram deslocados para Pirassununga.

No dia 10 de julho de 1969, a Escola passou a denominar-se Academia da Força Aérea e somente em 1971 é que se deu a transferência definitiva para Pirassununga; a primeira turma de aspirantes formou-se na nova Academia em dezembro de 1972.

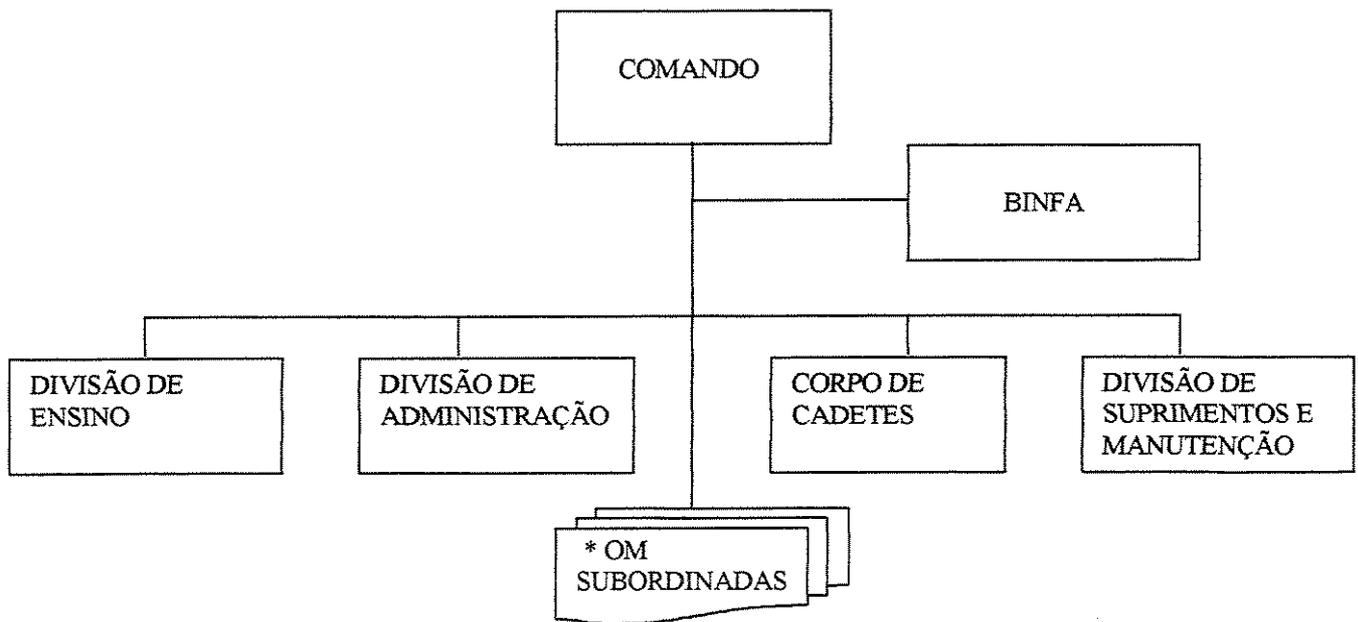
Com relação às instalações, atualmente a Academia dispõe de uma área construída de 242.000 m<sup>2</sup> que inclui entre outros, vilas residenciais para oficiais, suboficiais, sargentos, cabos, taifeiros e funcionários civis, com 618 casas, abrigando aproximadamente 3.000 pessoas que dispõem de um mini-mercado, uma padaria, um posto de combustível, duas escolas maternas, uma escola de 1º e 2º graus para 800 alunos, três clubes sociais, um posto de correios e telégrafos, quatro postos de atendimento bancário, dois cinemas, uma banca de jornais e revistas. Há também uma

---

<sup>2</sup> O livro do Tenente-Brigadeiro Nelson Freire Lavenère-Wanderley "História da Força Aérea Brasileira" é a principal fonte de dados do relato das atividades aeronáuticas de militares brasileiros desde a Guerra do Paraguai em 1867 até 1964.

farmácia, um hospital com 27 leitos para internação e um centro cirúrgico, odontoclínica, alfaiataria, lavanderia, sapataria, um estádio de futebol e um ginásio poliesportivo.

A Academia é comandada por um oficial-general da ativa, do Quadro de Oficiais Aviadores, do posto de Brigadeiro-do-Ar e os setores funcionais se estruturavam da seguinte maneira no início de 2000:



\*Organizações subordinadas - Esquadrão de Demonstração Aérea ("Esquadrilha da Fumaça"), Prefeitura da Aeronáutica, Fazenda da Aeronáutica e Destacamento de Proteção ao Voo.

O espaço do Corpo de Cadetes (CCAer) – constitui um conjunto de quatro prédios, um do comando e três de alojamentos dos cadetes com dois pavimentos cada, com capacidade para alojar aproximadamente 1.100 cadetes em apartamentos para quatro e seis pessoas. Enormes estruturas de concreto sustentadas por apenas por colunas -

"parabolóides"<sup>3</sup> - ligam o Corpo de Cadetes à Divisão de Ensino com 26 salas de aula, 07 laboratórios, uma central de computadores, uma biblioteca, uma gráfica, um auditório para 1.267 pessoas e um museu. A Academia possui também aproximadamente 2.000.000 m<sup>2</sup> de área verde, três capelas e uma estação de tratamento de água com capacidade de captação de 6.000.000 litros/dia do rio Mogi-Guaçu.

A estrutura de ensino da Aeronáutica abrange vários níveis e não se restringe à Academia, vai do técnico ao superior e os principais estabelecimentos estão localizados nos estados de São Paulo (Guaratinguetá, São José dos Campos e Pirassununga), Rio de Janeiro (capital) e Minas Gerais (Barbacena). O DEPENS - Departamento de Ensino da Aeronáutica constitui o órgão máximo do ensino da Força Aérea e está localizado em Brasília - DF.

Falando especificamente sobre a formação de oficiais, ela não se resume aos quatro anos que os cadetes vivem na Academia, os cadetes-aviadores precisam cursar o segundo grau na Escola Preparatória de Cadetes do Ar em Barbacena - MG, depois, quando chegam ao posto de capitão, o mais comum é que a maioria dos oficiais cursem a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica - EAOAr e mais tarde, tentem ingressar na Escola de Comando e Estado-Maior da Aeronáutica - ECEMAR. Estes cursos são realizados no Rio de Janeiro e são obrigatórios para aqueles que aspiram atingir o generalato.

Os alunos da Escola de Aeronáutica eram designados "Cadetes do Ar", hoje os alunos da Academia da Força Aérea são denominados "Cadetes da Aeronáutica".

---

<sup>3</sup> Uma das formas de arquitetura mais presente na vida dos cadetes da Academia, o conjunto de "parabolóides" forma um grande corredor entre o Corpo de Cadetes e a Divisão de Ensino. As placas de bronze com os nomes de todos que se formam na Academia são afixadas em suas colunas e é sob a sombra

## 2.4 Cadete-da-Aeronáutica

2.4.1 Cadete da Aeronáutica é o militar da ativa, matriculado em um dos Cursos de Formação de Oficiais da AFA, com precedência hierárquica prevista no Estatuto dos Militares.

2.4.2 O Cadete-da-Aeronáutica estará sujeito ao regime de internato. Os licenciamentos, individuais e coletivos, bem como as férias escolares, são estabelecidas pelo Comandante da AFA.

2.4.3 Durante a realização do Curso, o Cadete fará jus a uma remuneração fixada em lei, de acordo com a sua graduação, além de alimentação, alojamento, fardamento, assistência médico-hospitalar e dentária.

2.4.4 Como militar da Ativa, o Cadete-da-Aeronáutica estará sujeito a desempenhar atividades em qualquer dia da semana.

2.4.5 Durante todo o Curso o Cadete-da-Aeronáutica não poderá servir de arrimo de família. (Portaria DEPENS n.º 37-T/DE-2, de 13 de maio de 1999.)

A Academia é o local de estudo, moradia, alimentação, assistência médica-hospitalar e lazer dos cadetes durante o período de aulas nos quatro anos de curso. Ao se formar na Academia, o cadete recebe o título de “Aspirante-a-Oficial” e passa a fazer parte do rol de oficiais da hierarquia da Aeronáutica.

### *Hierarquia da Aeronáutica*

#### **Oficiais**

<i>Oficiais Gerais*</i>	<i>Oficiais Superiores</i>	<i>Oficiais Subalternos</i>
Tenente Brigadeiro	Coronel	Capitão
Major Brigadeiro	Tenente Coronel	1º Tenente
Brigadeiro	Major	2º Tenente
		Aspirante-a-Oficial

\* Os oficiais gerais se dividem em Brigadeiro-do-Ar (aviadores) e Brigadeiro-Intendente (intendentes), sendo que a Infantaria da Aeronáutica ainda não possui quadros do generalato.

---

destas estruturas que os cadetes entram em forma diariamente para os deslocamentos diários e principais formaturas.

## Praças

Subtenente
1° Sargento
2° Sargento
3° Sargento
Cabo
Soldado

Os cursos de formação de oficiais da Academia se dividem em três cursos, de acordo com os “Quadros”: Aviação - CFOAv, Intendência - CFOInt e Infantaria - CFOInf, todos com duração de quatro anos. Antes de 1982, a Academia formava apenas oficiais aviadores e oficiais intendententes, somente a partir deste ano é que passou a formar em suas dependências<sup>4</sup>, os cadetes do CFOInf, formando os primeiros aspirantes deste quadro em 1984.

O ingresso na Academia se dá mediante concurso vestibular de âmbito nacional para os quadros de Infantaria e Intendência, sendo este último o único a aceitar mulheres. No caso específico da Aviação, o ingresso se dá automaticamente, via classificação obtida na Escola Preparatória de Cadetes da Aeronáutica – EPCAR – localizada em Barbacena <sup>5</sup>, Minas Gerais. São condições para a inscrição no vestibular da Academia: ser brasileiro nato, ter concluído ou estar concluindo a última série do segundo grau, não ter completado 21 anos de idade até 31 de dezembro do ano do vestibular, não estar “sub judice” ou condenado, estar em dia com as obrigações eleitorais, ser solteiro, se do sexo masculino, estar em dia com as obrigações militares e ter no mínimo

---

<sup>4</sup> Antes disso, os oficiais de Infantaria da Aeronáutica se formavam na EOIG - Escola de Oficiais de Infantaria de Guarda, atual CINDACTA II em Curitiba, mesmo na Academia, até 1996, o curso oscilou entre 3 e 4 anos de formação, a partir de 1996 atendendo a exigências do MEC, segundo comentários informais não confirmados, o curso passou a ser ministrado em 4 anos como se encontra até hoje.

<sup>5</sup> Apesar de ser a prática mais comum, há ocasiões em que nem todos os cadetes aviadores passam pela EPCAR, no vestibular de 1999, por exemplo, 10 vagas do Curso de Formação de Oficiais Aviadores foram oferecidas para candidatos oriundos de outras escolas de segundo grau (civis e militares).

1,60m de altura, se do sexo feminino, ter no mínimo 1,55m de altura e não estar grávida, se militar, admite-se a inscrição do candidato com até 23 anos.

O concurso de admissão é constituído por exame de escolaridade que abrange provas escritas de matemática, física, língua portuguesa e língua inglesa, exame médico, exame de aptidão psicológica e teste de avaliação do condicionamento físico, sendo todas as etapas de caráter eliminatório. Os testes de avaliação do condicionamento físico são diferenciados para homens e mulheres, em termos de tempo, quantidade e forma de execução dos exercícios.<sup>6</sup>

Logo quando chegam à Academia, os cadetes são recebidos pelos cadetes que compõem a Cadeia de Comando do Cadetes e não são considerados cadetes, mas sim "estagiários", tanto aqueles que vêm da EPCAR quanto aqueles oriundos de outras escolas de segundo grau. Todos são encaminhados à sala do cadete-de-dia e são informados sobre o "nome de guerra", número do armário e apartamento no alojamento. Os estagiários que vêm da EPCAR geralmente chegam depois de uma ou duas semanas depois daqueles que passaram via concurso vestibular, e quando chegam à Academia, são sempre lembrados pelos cadetes que não são "mais antigos" <sup>7</sup> ou melhores, mas sim, iguais aos demais. Os estagiários dos cursos de Intendência e Infantaria recebem instruções sobre a arrumação padronizada da cama e do armário e um "briefing" sobre algumas atitudes militares como posição de sentido, posição de descansar e tratamento com os cadetes mais antigos e oficiais (sempre utilizando

---

<sup>6</sup> Por exemplo, na avaliação da flexão e extensão dos braços, os homens entre 15 e 19 anos devem apoiar apenas as mãos e os pés no solo e realizar pelo menos 21 repetições, as mulheres da mesma faixa etária podem apoiar os joelhos sobre o solo e realizar um mínimo de 15 repetições. Na corrida ou marcha de 12 minutos, os homens entre 20 e 29 anos devem percorrer pelo menos 2.250 metros e as mulheres da mesma faixa etária serão aprovadas se percorrerem um mínimo de 1.950 metros.

"senhor"/"senhora" e ficando na posição de "descansar"). Todos os estagiários vivenciam um período de aproximadamente 40 dias de internato denominado EIBM - Estágio de Instrução Básica Militar, em que são pressionados física e psicologicamente para assimilarem rapidamente os valores e atitudes militares condizentes ao cadete da Aeronáutica <sup>8</sup>. Após o período de EIBM, os estagiários recebem suas "platinas"<sup>9</sup> em uma cerimônia de incorporação do primeiro esquadrão<sup>10</sup> ao Corpo de Cadetes da Aeronáutica (CCAer) e tornam-se cadetes do primeiro ano.

O termo "esquadrilha" é utilizado para designar as turmas de aula, por exemplo: "- cadete *fulano de tal* do 1º esquadrão apresenta a turma Delta (a esquadrilha ao qual ele pertence), pronta para a instrução de psicologia".

No período do EIBM, todos os estagiários devem passar pelas mesmas instruções, a igualdade entre eles é reforçada para que as diferenças provenientes das experiências anteriores não atrapalhe o desenvolvimento do espírito de corpo tão enfatizado na vida militar.

É durante o EIBM que os estagiários aprendem a reconhecer os "comandos" <sup>11</sup>, os toques de corneta e os movimentos correspondentes aos comandos que devem treinar à exaustão. Na condição de estagiários, eles

---

<sup>7</sup> Na linguagem própria dos militares, "mais antigo" é o militar mais graduado e "mais moderno" o menos, assim, cadetes do 4º ano são os mais antigos e os do 1º ano são considerados os mais modernos do CCAEr.

<sup>8</sup> Se houver desistência logo nos primeiros dias deste estágio, os candidatos da lista de espera do vestibular são chamados e passam a ocupar as vagas daqueles que desistem.

<sup>9</sup> Platinas são os adereços de metais referente à insígnia dos militares que permitem sua identificação pois indicam seu posto ou neste caso específico, a série ao qual pertence o cadete e que são colocadas nos ombros dos uniformes. "Dar uma platinada" é uma colocação que se faz quando os militares querem se referir a quem utiliza a insígnia para obter privilégios.

<sup>10</sup> Na Academia, as séries são denominadas "Esquadrões", por exemplo: 1º Esquadrão, 2º Esquadrão, etc; e as turmas de aula são denominadas "Esquadrilhas" e identificadas por uma letra (A,B,C...) que deve ser lida conforme a linguagem própria utilizada pela aviação mundial (Alpha, Bravo, Charlie, Delta, Echo, etc...).

<sup>11</sup> Por exemplo: Sentido!; Descansar!; À vontade!; Apresentar Arma!; Direita (esquerda) volver!; Alto!...

devem obedecer a proibições específicas apresentadas e cobradas pelos cadetes mais antigos tais como:

- receber visitas durante o EIBM no âmbito da AFA;
- comunicar-se com os cadetes no âmbito da Academia e na área de Pirassununga, podendo apenas dirigir-se aos cadetes da Cadeia de Comando;
- usar de qualquer tipo de adorno (pulseira, brinco, anel, etc), sendo permitido apenas o uso de relógio e de aliança de compromisso ou noivado;
- utilizar as cantinas, "Coke machines", cassinos, salas de vídeo/televisão e clubes até segunda ordem;
- ir à telefônica, ao rancho, à quadra de esportes sem estar devidamente autorizado/a;
- dormir sobre a cama arrumada;
- manifestar qualquer comportamento decorrente de relacionamento afetivo enquanto no interior da Academia e na área de Pirassununga;
- adentrar nos alojamentos dos Esquadrões mais antigos sem estar devidamente autorizado/a;
- andar - estagiários só podem correr;
- deixar ativado os alarmes dos relógios.

Ao final do EIBM, os estagiários recebem as "platinas", apresentando pela primeira vez o "grito-de-guerra" de seu esquadrão, em uma cerimônia de incorporação dos novos cadetes da Academia. Nesta cerimônia, são homenageados os estagiários que se destacaram pelo grau de dedicação e desempenho observados no EIBM, que recebem as platinas das autoridades/oficiais mais antigos, os demais estagiários recebem as platinas dos pais e cadetes da Cadeia de Comando. A partir deste momento os estagiários passam a serem denominados "cadetes da Aeronáutica" e são integrados à rotina da Academia.

Na Academia, em termos de formação profissional, destacam-se o Corpo de Cadetes da Aeronáutica e a Divisão de Ensino , com oficiais comandantes dos Esquadrões, instrutores militares e professores civis. O ensino é dividido em “geral”, que visa dar ao cadete um embasamento cultural necessário para o prosseguimento na carreira, “militar”, que compreende os procedimentos militares comuns aos três quadros, e “técnico-especializado”, que prioriza o conhecimento técnico necessário para a atuação dentro do Quadro escolhido. Dentre as muitas disciplinas que cumprem para a formação do cadete podemos citar:

- área geral:

aviadores - Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, Línguas Portuguesa e Inglesa, Física, Probabilidade e Estatística, Química Aplicada à Aviação, Fenômenos de Transporte, Informática, Mecânica, Didática, Organização, Sistemas e Métodos, Pesquisa Operacional, Fundamentos de Psicologia, Fundamentos de Sociologia, Fundamentos de Filosofia, História Militar, História Militar Brasileira;

intendentes - Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, História Militar, História Militar Brasileira, Línguas Portuguesa e Inglesa, Psicologia Aplicada à Intendência, Fundamentos de Filosofia, Fundamentos de Sociologia, Química, Probabilidade e Estatística, Informática, Organização, Sistemas e Métodos, Pesquisa Operacional, Administração de Recursos Humanos, Administração Financeira, Direito Geral, Direito Penal, Direito Comercial, Matemática Financeira, Teoria Econômica, Economia Brasileira, Ciência da Alimentação, Contabilidade, Finanças Públicas, Mercadologia, Elaboração e Análise de Projetos;

infantes - Cálculo Diferencial e Integral, Geometria Analítica, História Militar, História Militar Brasileira, Química, Didática, Eletrônica, Eletricidade, Informática, Fundamentos de Psicologia, Fundamentos de Filosofia, Fundamentos de Sociologia, Línguas Portuguesa e Inglesa, Probabilidade e Estatística, Teorias Administrativas, Direito Geral, Direito

Penal, Direito Civil, Fundamentos de Administração de Recursos Humanos e Organização, Sistemas e Métodos.

- área militar: Armamento, Munição e Tiro, Conduta Militar, Conduta Social, Educação Cívico-Militar, Legislação Militar, Medicina Preventiva, Ordem Unida, Profissão Militar, Primeiros Socorros, Treinamento Físico Básico, Chefia e Liderança, Exercício de Campanha, Forças Armadas e Auxiliares, Instrução de Salto de Emergência, Orientações Doutrinárias, Valor Militar, Conflitos Internos, Doutrinas Políticas e Ética Militar.

- área técnico-especializada:

Aviação - Doutrina e Segurança de Vôo, Emergência da Aeronave T-25 e T-27, Instrução Técnica da Aeronave T-25 e T-27, Cheque de Olhos Vendados do T-25 e do T-27, Apronto de Formatura de T-25 e de T-27, Instrução de Vôo no T-25 e no T-27, Apronto de Manobra e Acrobacia de T-25 e de T-27, Apronto de Navegação de T-25 e de T-27, Apronto de Pré-Solo de T-25 e de T-27, Apronto de Aproximação de T-25, Apronto de Instrumentos de T-27, Apronto de Noturno de T-27, Doutrina e Segurança de Vôo, Medicina Aeroespacial, Navegação Aérea, Tráfego Aéreo, Instrução de Link Trainer, Instrução de Simulador, Fundamentos de suprimentos Técnicos, Guerra Eletrônica para Aviador, Propulsão, Eletrônica de Aviação e Meteorologia;

Intendência - Administração Militar da Aeronáutica, Encargos Especiais da Intendência, Logística na Aeronáutica, Administração de Subsistência na Aeronáutica, Execução Orçamentária, Financeira e Patrimonial, Fundamentos de Suprimento Técnico, Licitações e Contratos Administrativos, Prática de Intendência em Campanha, Planejamento Orçamentário, Administração de Material de Eletrônica e Proteção ao Vôo, Administração de Material de Informática da Aeronáutica, Administração

de Material de Intendência, Administração de Material de Saúde da Aeronáutica, Contabilidade de Custos da Aeronáutica, Controle Interno na Aeronáutica, Faturamento Hospitalar da Aeronáutica, Guerra Eletrônica para Intendente, Pagamento de Pessoal da Aeronáutica e Registro de Material na Aeronáutica;

Infantaria - Táticas de Combate Terrestre, Infantaria da Aeronáutica, Navegação Terrestre, Exfiltração de Asa Fixa, Exfiltração de Asa Rotativa, Meteorologia de Operações Militares, Processo Judiciário Militar, Sistemas Bélicos, Técnicas de Instrução Militar e Avaliação, Contraguerrilha, Equipamento Bélico, Mergulho Livre, Polícia da Aeronáutica, Padronização de Instrutor de Tiro, Autodefesa Antiaérea, Eletrônica Aplicada a Radares de Vigilância e Tiro, Pára-quedismo Noturno, Segurança de Instalações, Segurança Interna, Técnica Criminal, Defesa de Superfícies de Bases Aéreas, Guerra Eletrônica para Infante, Infantaria em Campanha, Operações de Selva, Serviço Militar, Operações Helitransportadas, Meios de Apoio ao Combate Terrestre, Montanhismo e Administração de Material Bélico.

O Quadro da Aviação é considerado a "atividade-fim" da Força, o cadete-aviador precisa desenvolver as qualidades de pilotos militares, executando decolagens, aterrissagens, procedimentos de emergência, procedimentos de aproximação, dominando o avião em manobras de precisão, acrobacias, vôos de formatura e vôo por instrumentos. Atualmente o cadete-aviador inicia o vôo no segundo ano, voando 75 horas na aeronave T-25 "Universal", voltando a voar no quarto ano na aeronave T-27 "Tucano" por 125 horas. Depois de cursar a Academia, todos os Aspirantes-a-Oficial-Aviador realizam o Curso de Tática Aérea, no Comando Aéreo de Treinamento (CATRE) em Natal, objetivando a preparação em futuras operações bélicas.

O Quadro de Intendência é responsável pela máquina administrativa e burocrática da Força, o cadete-intendente é o mais envolvido com as atividades acadêmicas, principalmente nas áreas da administração, suprimentos e serviços. Desenvolvem atividades relacionadas à ciência e tecnologia da gestão econômico-financeira e se preparam para cuidar da parte administrativa da Força e para as tarefas exigidas em combate de superfície integradas ao sistema logístico. Após cursarem a Academia, os Aspirantes-a-Oficial-Intendente são enviados para as diversas unidades da Força, distribuídas por todo o território nacional, para iniciar suas atividades administrativo-operacionais. Este é o único Quadro aberto à candidatos do sexo feminino.

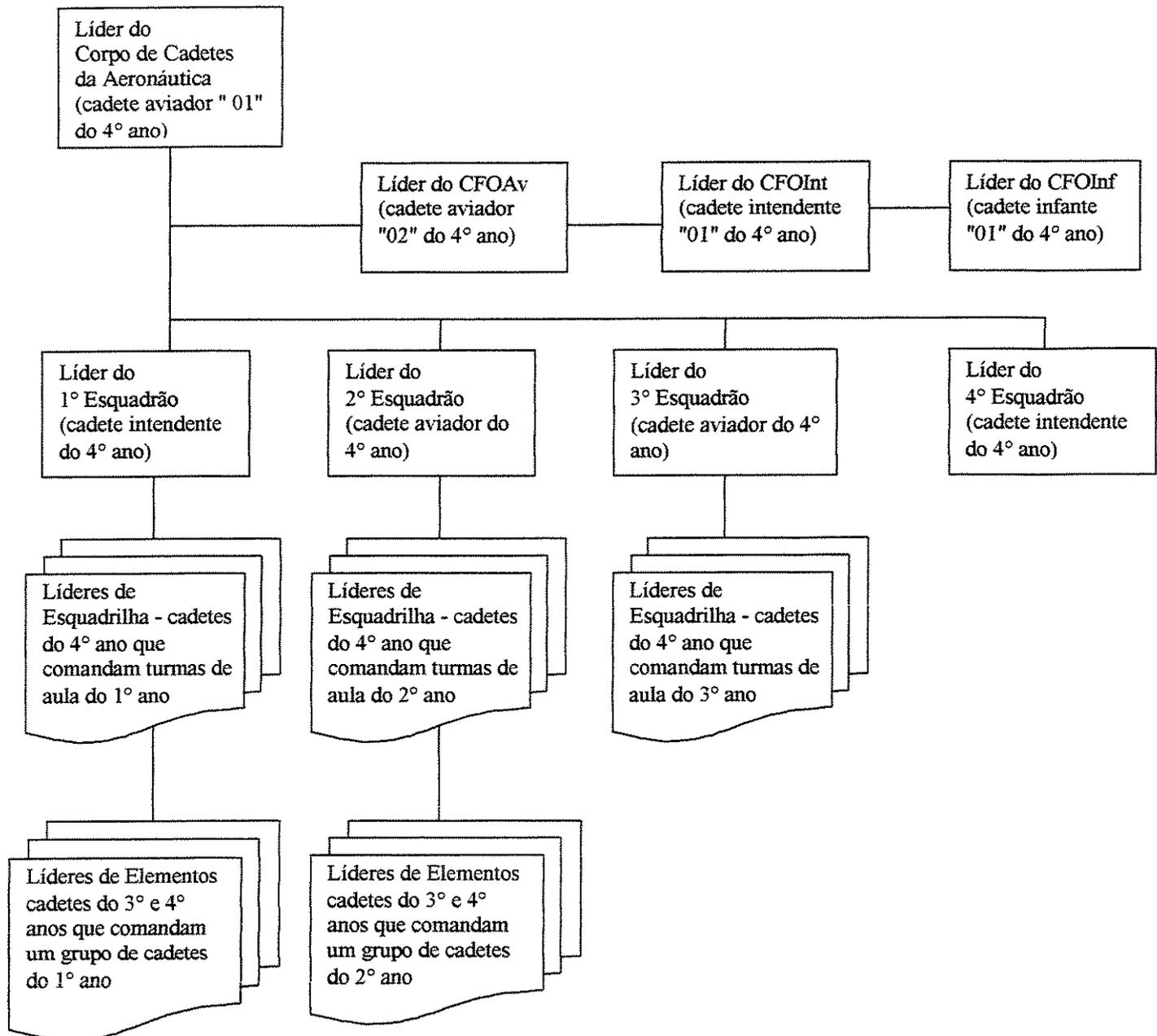
O Quadro de Infantaria da Aeronáutica é o mais "moderno" da Academia, os cadetes Infantes estudam métodos de defesa e segurança das instalações militares, emprego de defesa antiaérea de aeródromos e pontos sensíveis, comando de frações de tropas e de contra-incêndio, legislação militar, emprego de armamentos, serviço militar e mobilização. A instrução de pára-quedismo é ministrada com o objetivo de capacitá-los ao desempenho de missões de ataque e resgate. Quando são declarados Aspirantes-a-Oficial, são enviados para as unidades da Força Aérea e começam a desempenhar suas atividades operacionais integrando o Sistema de Defesa do Comando da Aeronáutica.

O "Estado-Maior" do Corpo de Cadetes é composto apenas pelo líder do CCAEr, pelos líderes dos Cursos, pelos líderes de Esquadrão e pelo presidente da Sociedade Acadêmica dos Cadetes (SCAer), todos cadetes do 4º ano, cuja presença é destacada nas cerimônias e atividades do dia-a-dia.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Por exemplo, no "rancho" (refeitório) dos cadetes há uma mesa especial, em destaque, reservada para os cadetes que compõem o Estado Maior, semelhante à do rancho dos oficiais reservada ao comandante da Academia, oficiais mais antigos e visitantes ilustres.

A "Cadeia de Comando" do Corpo de Cadetes é formada por cadetes do quarto e terceiro ano e se estruturava desta forma em 1999:



Como podemos notar pela estrutura de comando entre os cadetes, a classificação entre eles é muito importante, ela define não apenas os cadetes que farão parte desta estrutura, mas também a possibilidade de escolha das unidades que intendentes e infantess deverão servir após a

Academia. No caso dos aviadores, todos vão para Natal realizar o Curso de Tática Aérea e o peso maior recai sobre as instruções de vôo pois somente os mais bem classificados nestas instruções podem escolher a especialização (caça, helicóptero, transporte...) pretendida.

É somente após o primeiro vôo solo dos cadetes aviadores no T-25 "Universal", que os mesmos recebem seus *meio-brevet* e os demais cadetes do mesmo esquadrão recebem seus distintivos de curso que representam os Quadros aos quais pertencem, esta cerimônia pode se realizar no primeiro ou no segundo ano, dependendo do ano estabelecido para a realização das primeiras aulas de vôo. No final do 4º ano, quando todos os cadetes aviadores solaram a aeronave T-27 "Tucano", ocorre a cerimônia de entrega do *brevet* de piloto-militar para eles e dos *brevets* (distintivos) de intendentess e de infantess para os demais.

Em termos de socialização, há duas fases distintas durante o curso na Academia, a primeira atinge os cadetes do primeiro e do segundo ano e é denominada "Programa de Treinamento Militar" - PTM, quando recebem uma grande carga de aulas de doutrina e instrução militar e são constantemente observados e acompanhados de perto pelos oficiais e cadetes mais antigos que avaliam suas condutas. A segunda fase é intitulada "Programa de Treinamento de Liderança"- PTL e é direcionada aos cadetes do terceiro e quarto ano, que recebem o preparo e assumem as lideranças entre eles. Seja qual for o programa vivenciado, há determinações contidas nos Boletins Doutrinários (B.D.) do Corpo de Cadetes que devem ser seguidas por todos os cadetes como estas:

- comparecer pontualmente a todas as instruções programadas e prestar a máxima atenção;
- cumprimentar todos os oficiais e cadetes do Estado-Maior de Cadetes prestando continência todas as vezes que os encontrar;

- ao apresentar-se para um superior, dizer claramente seu grau hierárquico, nome de guerra e função que exerce, dizer o motivo da apresentação e permanecer na posição de "sentido" até que lhe seja autorizado tomar a posição de "descansar" ou de "à vontade";
- é proibido ausentar-se da Academia sem autorização;
- é proibido transitar de bicicleta nos pátios do CCAer e sob os parabolóides ;
- manter o apartamento e o armário em condições de serem inspecionados a qualquer momento;
- em hipótese alguma pode-se gritar desnecessariamente ou pronunciar palavras de baixo calão;
- é proibido o acesso a alojamentos ou apartamentos do sexo oposto;
- dar preferência ao cadetes mais antigos e oficiais sempre que houver necessidade de filas;
- dar passagem aos militares mais antigos quando houver limitação de espaços ou caminhos convergentes, facilitando a abertura de portas, cortinas ou equivalentes;
- observar a hierarquia a toda hora dentro ou fora da Academia;
- quando em recinto coberto na Academia, estar sempre atento a chegada de algum oficial ou cadete do Estado-Maior, se não houver no local, outro militar de posto superior ao que entra, o primeiro que o avistar comanda "atenção".<sup>13</sup>

A inobservância destas determinações pode levar à conseqüências para o Esquadrão todo, com punições que variam entre uma simples advertência, "pagamentos" de exercícios físicos do cadete infrator, e até mesmo a prisão nos fins de semana - quando o cadete precisa permanecer na Academia e se apresentar de tempos em tempos para o cadete-de-dia.<sup>14</sup>

<sup>13</sup> Exemplo: "Atenção, apartamento! - Cadete Fulano - líder do Corpo de Cadetes da Aeronáutica".

<sup>14</sup> Graduação das punições que os cadetes podem receber no decorrer dos quatro anos:

Pagamento de exercícios – forma de punição em que o cadete deve executar determinados exercícios físicos ao comando de cadetes mais antigos e/ou oficiais, este tipo de punição não vai para a ficha do cadete.

Durante o curso, os cadetes vivem em regime de internato, podendo sair apenas nos finais de semana<sup>15</sup> - quando não estão “de serviço” ou presos. Apenas os cadetes do quarto ano podem sair durante a semana, geralmente a partir do segundo semestre, quando o Comando do Corpo de Cadetes determina o início do processo de “re-socialização”<sup>16</sup>. Nesta nova etapa, as saídas vão sendo liberadas gradualmente até chegar ao ponto em que o cadete do 4º Esquadrão, ao solicitar as “guias” para sair, não precisa especificar para onde vai e pode voltar mais tarde. O objetivo aqui é a readaptação do cadete ao convívio social, antecipando a vivência que passarão a ter após o Aspirantado, quando eles voltam a morar no meio civil. É o processo contrário daquele sofrido quando da chegada como estagiários, período em que lhes são vetadas todas as saídas durante o EIBM e eles vivenciam um período intensivo de pressões físicas e psicológicas dentro da Academia.

Os cadetes são classificados através da média entre os conceitos (notas) obtidos nas disciplinas da Divisão de Ensino - que revelam o “desempenho acadêmico” - e os conceitos obtidos pelas avaliações dos oficiais do Corpo de Cadetes - que revelam o “desempenho militar”. O conceito militar é obtido através do conceito horizontal - quando os próprios cadetes companheiros de turma se avaliam entre si - e vertical -

---

Estrela - forma de punição branda, que não vai para a ficha do cadete e consiste no pagamento de um valor estipulado (em centavos), que não pode ultrapassar determinado valor do salário do cadete (1% geralmente - depende do comando do esquadrão), cuja soma vai para uma “caixinha” do esquadrão e é revertida aos próprios cadetes na forma de churrascos, uniformes esportivos, ou outras necessidades do esquadrão.

LS (licenciamento sustado) - vai para a ficha acadêmica ( e conta apenas para o período acadêmico) do cadete que precisa ficar na área da Academia no fim de semana, quando os outros podem sair.

Detenção - forma de punição média que vai para a ficha disciplinar do cadete, e portanto conta para sua carreira, em que o cadete tem o licenciamento sustado e deve permanecer na área do CCAer se apresentando de duas em duas horas para o cadete-de-dia; e

Prisão - forma de punição mais severa, que constará na ficha disciplinar do cadete que deve se apresentar de duas em duas horas ao cadete-de-dia mas precisa ficar no alojamento o tempo todo.

<sup>15</sup> Além dos fins de semana, os cadetes podem sair ocasionalmente, durante a semana, através dos “licenciamentos” concedidos pelo Comando do Esquadrão, conseguidos mediante o preenchimento de guias onde eles devem justificar para onde e para quê vão sair.

quando são avaliados pelos Oficiais do CCAer (auxiliados pelos cadetes da Cadeia de Comando). O “desempenho militar” depende da conduta dos cadetes em termos da aproximação ao perfil que se espera do profissional militar que se forma na Academia que se aproxima daquela lista de capacidade e valores apresentada no capítulo teórico, que avalia se o cadete se apresenta no “padrão”, cooperando com os demais, “vibrando” ao executar as atividades impostas<sup>17</sup>. Além das fichas de conceito horizontal e vertical, os cadetes são constantemente avaliados pelos colegas, oficiais e professores através das fichas de observação – “fobs” – que podem ser negativas ou positivas, dependendo do seu comportamento ou do entendimento da pessoa que opta por fazer estas fichas.

A classificação permeia a vida de todos os cadetes, ela pode ser dada a partir do mérito individual indicado pelo resultado dos conceitos obtidos na DE – através das notas - e no CCAer- através do “desempenho militar” que incluem as características avaliadas pelas fichas de observação. As médias obtidas pelos cadetes nestes dois setores da Academia resultam nas listas de classificação<sup>18</sup>, que determinam os números (01, 02, 03...até o último classificado) de identificação e a respectiva posição que os cadetes devem ocupar hierarquicamente a cada ano. Na lista de classificação destaca-se a posição de “cadete 01”, trata-se da posição mais disputada e cobiçada visto que revelam os cadetes considerados “notáveis” entre os cadetes de mesmo curso, de mesmo esquadrão e quando chegam ao 4º

---

<sup>16</sup> Obviamente este é um termo bem diferente daquele utilizado por Berger e Luckmann que se refere justamente a processos de socialização secundária que visam provocar uma transformação radical na biografia subjetiva do indivíduo.

<sup>17</sup> Há três categorias principais a serem consideradas nestas avaliações: “Espírito Militar” - onde se avaliam a disciplina, a atitude militar, a apresentação pessoal e a camaradagem apresentada pelo cadete; “Caráter”- que reúne as avaliações de características pessoais como firmeza de atitudes, estabilidade emocional e tenacidade; e “Aptidão para o Comando”- onde são avaliadas as capacidades de liderança, de organização e de comunicação.

<sup>18</sup> As listas de classificação determinam as posições entre os cadetes do mesmo esquadrão e do mesmo Quadro (são três listas de classificação em cada esquadrão).

ano, entre todos os cadetes pois somente os melhores classificados podem ocupar posições no Estado Maior do Corpo de Cadetes.

O tempo de serviço é um aspecto que não é levado em consideração na classificação dos cadetes no âmbito da Academia, apesar de contar quando eles se formam, desse modo, cadetes que já eram militares antes do ingresso são igualados aos demais na disputa pelas posições da lista de classificação em condições de igualdade com os demais do mesmo Quadro.

Além da classificação individual por notas, há uma classificação que independe do mérito, a classificação por “antigüidade”, esta classificação é regulamentada através de uma NOREG - AFA<sup>19</sup> que entre outras, versa sobre a situação militar do cadete. Em primeiro lugar, estabelece que a precedência hierárquica entre os cadetes baseia-se na ordenação decrescente dos cursos, assim, os cadetes do 4º ano seriam mais antigos do que os do 3º, que seriam mais antigos que os do 2º que por sua vez seriam mais antigos que os do 1º ano. Em segundo lugar, estabelece que dentro do mesmo Quadro, a antigüidade é dada pela média da classificação geral obtida nas séries anteriores, exceção feita ao 1º ano, cuja precedência hierárquica é dada pela classificação obtida na EPCAR para os cadetes aviadores e pela classificação obtida no processo seletivo (vestibular) para os demais. O terceiro ponto estabelecido pela NOREG trata da antigüidade entre os cursos e é objeto freqüente de questionamento<sup>20</sup> entre os cadetes intendentess e infantess e estabelece que os cadetes do CFOAv são mais antigos que os do CFOInt da mesma série, e estes, são mais antigos que os do CFOInf. Neste caso, não se trata da

---

<sup>19</sup> Trata-se da portaria DEPENS nº 094/DE de 6 de 9 de abril de 1996 que estabelece normas referentes à escolaridade, matrícula, ensino, e outros aspectos relativos à formação do cadete na AFA, entre elas, a precedência hierárquica.

<sup>20</sup> Questionamento porque segue um princípio diferente do apresentado pelo Estatuto dos Militares - comum aos militares das três Forças - que não faz distinção entre os Quadros quando trata da precedência hierárquica entre militares, enfatizando o tempo de serviço como o aspecto a ser considerado na classificação por antigüidade.

classificação produzida pelo mérito, mas sim de um mecanismo legal que garante a precedência hierárquica de um Quadro sobre o outro.

Voltando à conduta na Academia, todos os cadetes obedecem a uma rotina comum em termos de horários que reproduzimos abaixo.

Rotina "oficial" do Cadete da Aeronáutica (2000):

6:00	-	Alvorada
6:30	-	Café da Manhã
7:30/11:50	-	Aulas/Vôo
12:05	-	Parada Diária
12:15/13:00	-	Almoço
13:45/15:25	-	Aulas/Vôo
15:45/17:15	-	Educação Física
16:00/18:00	-	Visita Médica
18:30/19:30	-	Jantar
19:35/21:50	-	Tempo Livre
22:00	-	Silêncio

O horário reservado à atividade intitulada "tempo livre" (19:35-21:50) é na verdade o horário utilizado para a atividade que os cadetes chamam de "pernoite". Neste horário, os cadetes entram e permanecem em forma para receber recados, orientações, avisos e reuniões com os líderes de esquadrão, de esquadrilha e de elemento. Geralmente o horário do pernoite é longo para o primeiro ano, podendo passar inclusive das 21:50, um pouco menos longo para os cadetes do segundo ano, e mais rápido para os cadetes do terceiro e quarto ano (que comandam o pernoite). Este horário é utilizado também para cobranças, vistorias de alojamento e de uniformes e exercícios "corretivos" - em que os cadetes do primeiro ano,

principalmente, recebem ordens para 'pagar' flexões e exercícios físicos pelos seus atrasos e "alterações" <sup>21</sup>.

Os exercícios corretivos têm duração de tempo variável, dependendo dos erros verificados antes e mesmo durante os exercícios (como chegar cedo e sozinho ao pátio, não ajudar o companheiro, não esperar os demais, atrasar-se, vestir-se de modo incompleto ou desalinhado, etc) e disposição dos cadetes da Cadeia de Comando. O objetivo maior destes corretivos segundo os oficiais e cadetes mais antigos é incentivar o espírito de corpo, o companheirismo entre os iniciantes.

Após as 22:00 horas o silêncio pode ser quebrado por corretivos diferenciados denominados "exercícios de prontidão mental" e de "estabilidade emocional", situação em que os cadetes - geralmente os do primeiro ano - são acordados no meio da noite, sem aviso prévio ao som de vozes, sirenes, tiros de festim, bombas de efeito moral, luzes piscando. O objetivo principal é incentivar a "vibração", "força de vontade", capacidade física e espírito de corpo da turma, enfatizando-se a necessidade de vivenciar um estado de sobreaviso mental devido à condição de militares que devem estar sempre prontos a cumprir qualquer missão. Neste tipo de atividade, os cadetes devem se levantar, se vestir de acordo com a ordem recebida e descer ao pátio rapidamente para ficar em formatura e receber o "corretivo" em vista das alterações apresentadas pelo Esquadrão. O corretivo consiste em receber instruções doutrinárias, realizar exercícios físicos (correr, flexão e extensão de braços, trocar de uniformes em um curto período de tempo...), conforme as ordens e o tempo estipulado pelos cadetes da Cadeia de Comando<sup>22</sup>. Os cadetes dispensados dos exercícios

---

<sup>21</sup> São consideradas alterações os pequenos deslizes que os cadetes cometem como: falar durante as formaturas, rir, ficar relaxado, faltar às revistas, não se apresentar para os cadetes mais antigos, não executar um movimento de modo firme, chegar atrasado, não cantar as canções...

<sup>22</sup> Este tipo de exercício é realizado com a presença de oficiais do Corpo de Cadetes responsáveis pelo Esquadrão que está sendo acionado.

por encontrarem-se machucados ou sem condições físicas normalmente descem ao pátio onde devem ficar parados, em silêncio, observando os exercícios aos quais seu Esquadrão é submetido.

Todos os deslocamentos realizados pelos cadetes precedem de uma "formatura", por exemplo, do rancho (restaurante) para as salas de aula, ou das salas de aula para o Corpo de Cadetes e são realizados em passo ordinário. A parada diária ocorre no 'pátio dos cadetes', quando os quatro Esquadrões desfilam conduzidos pela equipe de serviço dos cadetes e quando se realiza a troca de comando de cadete-de-dia frente aos oficiais do Corpo de Cadetes e às autoridades militares e/ou civis que se encontram na Academia.

Há áreas restritas aos cadetes de acordo com a sua antigüidade, por exemplo, cadetes mais modernos não podem permanecer na frente dos "quadros de avisos"<sup>23</sup> de esquadrões mais antigos na DE e todos eles são proibidos de ultrapassar o corredor que leva à seção de avaliação deste setor da Academia, bem como de adentrar na sala dos professores. Os bedéis permanecem nos corredores da DE durante o horário de aulas, são eles que tocam a campainha e ficam à disposição dos cadetes e professores no caso de alguma necessidade. Eventualmente oficiais do CCAer ou da DE percorrem os corredores das salas de aula e através dos visores das portas e dos "carômetros"<sup>24</sup>, verificam o comportamento dos cadetes em sala, anotando aqueles que se encontram exercendo outras atividades não previstas (dormindo, lendo revistas não pertinentes à aula...).

---

<sup>23</sup> Quadros emoldurados e protegidos por uma porta de vidro que fica no pátio da DE, onde são afixados os horários e as atividades previstas para a semana, conceitos, notas e avisos gerais que se referem aos cadetes de determinado esquadrão. Há quatro quadros deste tipo e cada um corresponde a um dos quatro esquadrões.

<sup>24</sup> O "carômetro" constitui uma montagem com fotos 3X4 dos cadetes que é afixada por cima do visor e revela a posição que eles devem ocupar na sala de aula, sendo que os cadetes melhores classificados devem ocupar as carteiras do fundo, e os últimos classificados ficam nas primeiras fileiras, de acordo com a ordem das fotos.

Com relação ao desenvolvimento de "espírito de corpo", há outras atividades especialmente elaboradas com a finalidade de perceber o fortalecimento de companheirismo entre os cadetes, dentre elas os "exercícios de campanha", em que os cadetes saem da rotina da Divisão de Ensino e do Corpo de Cadetes e participam de acampamentos. Nestas ocasiões, os cadetes freqüentam várias "oficinas" de sobrevivência na selva, procedimentos de socorro, marcham em terreno irregular carregando armamento e mochilas, atravessam cursos d'água, realizam exercícios de navegação e orientação e são incentivados a auxiliar os companheiros nas atividades propostas, já que o sucesso do grupo é determinante para que eles recebam alimentação - "ração" ou não naqueles dias. O objetivo destes exercícios, segundo os oficiais, é provocar uma situação limite e observar como os cadetes agem numa situação destas para procurar corrigir desvios ou mesmo observar comportamentos surpreendentes de companheirismo e cooperação entre eles.

Os cadetes que permanecem na Academia nos finais de semana podem desfrutar de atividades de lazer organizadas por diversos "clubes" dirigidos por eles e supervisionados por oficiais. Esses clubes são denominados de acordo com a atividade que lá se desenvolvem: Clube de vôo a vela, de aeromodelismo, de plastimodelismo, de história militar, de literatura, de informática, de tiro, "das Gerais" (de tradições de Minas Gerais), de Tradições Gaúchas, conjunto musical ("Banda"), grupo teatral, de Tradições Nordestinas e de Montanhismo.

Aos cadetes é permitido o uso de aparelhos telefônicos celulares no âmbito da Academia, não sendo permitido seu uso nos horários de aulas e o seu transporte em deslocamentos e formaturas. *Notebooks* são permitidos apenas nos alojamentos, os prédios de apartamentos dos 3º e 4º anos são os únicos preparados para receber computadores.

Todos os cadetes recebem um pequeno auxílio financeiro (soldo/salário) durante o curso na Academia. Os períodos de férias geralmente ocorrem após a solenidade de entrega do “Espadim”<sup>25</sup> aos cadetes do primeiro ano, geralmente marcada no dia 10 de julho – data de aniversário da Academia – e após a cerimônia do Aspirantado (entrega do “Espadão”), quando os cadetes que terminaram o quarto ano deixam os espadins e recebem as espadas de oficiais em dezembro.

No início de 1999, a Academia possuía um efetivo de 735 cadetes, distribuídos pelos quatro anos dos cursos de formação de oficiais aviadores, intendentes e infantes:

Quadro I – Efetivo de Cadetes no início de 1999:

	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano
Aviadores	161 cadetes 5 estrangeiros	132 cadetes 4 estrangeiros	105 cadetes 2 estrangeiros	58 cadetes _____
Intendentes	58 cadetes 33 homens 25 mulheres	46 cadetes 29 homens 17 mulheres	52 cadetes 38 homens 14 mulheres	38 cadetes 23 homens 15 mulheres
Infantes	17 cadetes	17 cadetes	20 cadetes	20 cadetes

Através deste quadro podemos notar que os aviadores constituem o grupo maior de cadetes, geralmente a soma entre os cadetes intendentes e infantes não ultrapassam o número total de aviadores. Entretanto, estes números podem oscilar dependendo do número de vagas que o DEPENS abre para cada curso e dos desligamentos que ocorrem no decorrer da formação.

<sup>25</sup> A criação do Espadim de Caxias data de 1931, editado pelo boletim 070 do Exército. Trata-se de uma réplica do sabre do patrono do Exército e foi idealizado pelo General José Pessoa como símbolo da coragem e da honra militar. O Espadim foi generalizado nas Forças Armadas e firmou-se como símbolo da honra, caráter e capacidade demonstrada pelo estudante militar que se inicia na jornada rumo ao oficialato (Conforme Castro, 1990).

Apesar de receber cadetes de todas as regiões do Brasil, a maioria deles provém do sudeste, especificamente da cidade do Rio de Janeiro, o que justifica a adoção e proliferação de atitudes, evidenciadas principalmente pelo uso de termos e gírias, pertencentes ao universo carioca entre a maioria dos cadetes<sup>26</sup>.

Do total de cadetes brasileiros, os filhos de militares constituíam aproximadamente 35% no quarto ano, 32% no terceiro ano, 25% no segundo ano e 26% no primeiro ano. Considerando os Quadros, a Intendência recebe o maior número de cadetes filhos de militares, especificamente sobre as cadetes intendenteadas filhas de militares, elas constituíam cerca de 35% dos cadetes intendenteados do quarto ano, 22% do terceiro, 72% do segundo e 41% do primeiro. Estes dados não são suficientes para confirmar a tese da tendência ao recrutamento endógeno no Exército brasileiro de que trata Castro (1990 e 1993) em seus estudos, porém, não podemos desprezá-los, visto que se referem apenas a um período de 4 anos.

Sobre o desligamento de cadetes, é possível perceber através do Quadro II uma porcentagem muito maior de cadetes aviadores desligados quando se inicia a instrução aérea (geralmente no segundo ano):

Quadro II – Total de cadetes do 2º esquadrão no início e ao final do ano letivo de 2000

Efetivo Quadro	Início	Final	Desligamentos	%
Aviação	162	106	56	34,6
Intendência	57	56	1	1,7
Infantaria	17	17	-	-
Total	236	179	57	24,1

<sup>26</sup> Considerando-se os quadros, o CFOAv é o que mais recebe representantes de todas as regiões, entre os cadetes aviadores há a predominância daqueles oriundos do sudeste, seguidos dos da região sul, nordeste, centro-oeste e norte. Os cadetes das regiões sul e nordeste se revezam na posição de segunda maior representação, enquanto os do centro-oeste e do norte se revezam nas posições de menor representação. Entre os cadetes intendenteados e infanteados ocorre a predominância quase absoluta de cadetes oriundos da cidade do Rio de Janeiro com pouquíssimos representantes de outras regiões.

Os números de desligamentos podem variar, mas parecem confirmar a suposição da maioria dos oficiais de que o primeiro ano de voo é o que mais provoca desligamentos devido à instrução aérea. Os cadetes também podem ser desligados por indisciplina, insuficiência de aproveitamento acadêmico, e problemas de saúde que interferem no desempenho da profissão, mas estas situações são raras e o motivo maior dos desligamentos consiste na insuficiência de desempenho em voo que por conseguinte, atinge mais os cadetes aviadores.

Quadro III - Distribuição dos estagiários matriculados no 1º ano da AFA em 1999, pela origem escolar:

Origem	Número	Porcentagem
EPCAr	176	68,2%
Colégios Militares	38	14,7%
Escolas Civis	40	15,5%
Org. Militares *	4	1,6%
Total	258	100

\*Estagiários provenientes de organizações militares, especificamente soldados e sargentos da FAB.

Através desta tabela podemos notar que mais de 80% dos estagiários de 1999 passaram por alguma escola de ensino militar, entretanto, durante o EIBM, todos os estagiários devem passar pelas mesmas instruções, a igualdade entre eles é reforçada para que as diferenças provenientes das experiências anteriores não atrapalhe o desenvolvimento do espírito de corpo e da disciplina tão enfatizado na vida militar.

Nos primeiros anos na Academia, especialmente durante o PTM, os cadetes passam por instruções, rituais e orientações em que são constantemente incentivados a cultivar a igualdade entre eles, visando o desenvolvimento dos valores e atitudes próprios aos militares – principalmente da disciplina. Veremos no próximo capítulo como a chegada das mulheres foi incorporada à esta idéia de igualdade, numa

instituição tradicionalmente masculina. Apresentamos abaixo, um glossário das siglas mais utilizadas na Academia, outro dos termos mais utilizados pelos cadetes, algumas fotos de nosso arquivo pessoal<sup>27</sup> que revelam alguns espaços, situações próprias da rotina dos cadetes descritos aqui e a participação da pesquisadora em campo e dois gráficos que dão a idéia da divisão dos espaços dos alojamentos dos cadetes.

### Siglas mais utilizadas:

AFA – Academia da Força Aérea

AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras

BINFA – Batalhão de Infantaria da Aeronáutica

CCAer – Corpo de Cadetes da Aeronáutica

CINDACTA – Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo

CFOAv – Curso de Formação de Oficiais Aviadores

CFOInf – Curso de Formação de Oficiais de Infantaria

CFOInt – Curso de Formação de Oficiais de Intendência

DE – Divisão de Ensino

DEPENS – Departamento de Ensino da Aeronáutica

EAOAr – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica

ECEMAR – Escola de Comando do Estado Maior da Aeronáutica

EDA – Esquadrão de Demonstração Aérea (Esquadrilha da Fumaça)

EIA – Esquadrão de Instrução Aérea

EIBM – Estágio de Instrução Básica Militar

EPCAr – Escola Preparatória de Cadetes do Ar

NOREG – Normas Reguladoras

NPA – Norma Padrão de Ação (se restringem às instituições ou bases)

PTM – Programa de Treinamento Militar

PTL – Programa de Treinamento de Liderança

SCAer – Sociedade dos Cadetes da Aeronáutica

---

<sup>27</sup> As fotos do exercício de campanha foram gentilmente cedidas pelo professor João Daniel Passarelli França.

## Glossário de termos utilizados pelos cadetes

- **Acochambar** – verbo utilizado quando alguém faz vista grossa a um comportamento inadequado, utiliza-se também *acochambrado/a* para se referir a alguém que faz corpo mole nas atividades;
- **Aparício/a, Solícito/a** – adjetivos utilizados para identificar os cadetes que gostam de oferecer ajuda ao professor, ao instrutor, que segundo a interpretação dos outros, faz algo só para se promover;
- **Bate-mal** – são os cadetes mais antigos, oficiais e professores considerados antipáticos, conhecidos por punirem os cadetes que cometem pequenos deslizes;
- **Balalaika** – série de movimentos que compõem os exercícios de ordem unida (anteriormente se referia à série de movimentos realizados com um fuzil)
- **Bisonho/a** – adjetivo utilizado para se referir aos colegas vistos como mais lentos, esquisitos ou estranhos;
- **Bizu** – gíria muito utilizada que significa “dica”, atalho para solução de problemas ou ainda boatos;
- **Bodar** – dormir em sala de aula.
- **BQ X PQD** – é a rivalidade entre os “bequeanos” – cadetes que passaram por Barbacena e os “pqd” – cadetes que não vieram da EPCAR, numa alusão ao código aeronáutico de Barbacena (BQ) e ao exercício de pára-quedismo (PQD);
- **Brifar** – corruptela do inglês “briefing”, dar orientações para realizar alguma tarefa, *brifado* – indivíduo que recebeu orientações.
- **Carne de monstro** – carne moída ou prato que leva carne seca com abóbora.
- **Casca de banana** – pergunta ambígua, “pegadinha”.
- **CB** – na linguagem dos cadetes significa boa pessoa, alguém “sangue bom”;
- **Cepar** – verbo que significa estudar, há também a variação “hard cepa” que é um dos adjetivos dados aos intendententes que na opinião dos cadetes são os que mais estudam na Academia;
- **Entubar** – significa engolir, fazer o que os superiores ordenaram sem questionar, há outro verbo utilizado pelos cadetes com o mesmo significado – *agasalhar*;
- **Esquadrão manga** – grupo de cadetes que ficam de segunda chamada no final do ano letivo e precisam voltar à Academia em janeiro – estação das mangas – enquanto os demais estão de férias.
- **Estar de civil, civilzão** – significa estar a paisana, sem uniforme, em trajes civis;

- **Facar** – verbo que significa delatar, trair pelas costas, desejar o mal para o outro, também pode virar adjetivo – *facão, facona* – quando querem designar algum delator, alguém que deseja o mal para os outros e age de forma escondida;
- **Falsa moral ou fox-mike** – adjetivos utilizados para denominar uma pessoa que se diz moralista mas exibe atitudes não condizentes à aparência;
- **Frango de japona** – frango à milanesa, *frango explodido* – frango refogado em pedaços.
- **Granadas** – almôndegas.
- **Levar um delta** – receber uma punição do tipo detenção.
- **Meiúca** – dia da semana com meio expediente, em que os cadetes são liberados das atividades de rotina logo após o almoço – ocorre geralmente nas sextas-feiras que antecedem os feriados.
- **Moita** – adjetivo usado com cadetes que são quietos, que não participam das conversas, estratégia de passar despercebido em sala de aula e nas demais atividades;
- **Omisso/a** – cadete que percebe alguma situação que poderia prejudicar a turma mas que não fala ou não faz nada para evitar a possibilidade de todos saírem prejudicados.
- **Pagar mistério** – contar vantagem sobre seu curso, sua profissão, dar uma dimensão muito maior ao que faz, principalmente nas conversas com pessoas que não passaram pela mesma rotina;
- **Pé e mão** – diz-se dos aviadores (cadetes e oficiais) que apresentam destreza e habilidade singulares no domínio do avião.
- **Peia** – repressão verbal, correção disciplinar ou nota de vão deficiente;
- **Peixe** – protegido, preferido de algum cadete mais antigo ou de oficiais, aqui há a variação *peixar* que significa proteger, eleger como preferido;
- **Pergunta bumerangue** – pergunta tola, corriqueira, cuja resposta já é conhecida pelos cadetes mas que mesmo assim eles a utilizam quando querem agradar, obter prestígio junto aos professores/instrutores;
- **Pirofa, pirofo** – denominação usada com os/as cadetes nascidos em Pirassununga;
- **Piruar** – fazer um *lobby*, agradar, elogiar alguém com segundas intenções, do tipo conseguir uma carona nos aviões da FAB;
- **Rela** – relação, rol, lista de nomes, por exemplo “quem está com a rela dos cadetes que vão para Brasília?”;
- **Safo** – cadete esperto e vivido que consegue sair de situações difíceis com certa facilidade;
- **Sinistro** – algo muito bom ou algo estranho, misterioso, nebuloso;

- **Suga** – grupo de cadetes que não compõem as equipes de atletas cujo treinamento físico, encarado como repetitivo e tedioso, é descrito como “sugador” de tempo e paciência – também conhecido como “bandão”;
- **Surubado** – diz-se do cadete muito exigido;
- **Surubão** – cadete mais antigo ou oficial que exige bastante dos cadetes;
- **Tá em zero!** – expressão utilizada pelos cadetes mais antigos ou oficiais que comandam um exercício físico - por exemplo flexão de braços – que indica que os cadetes que estão realizando o exercício e contando o número de repetições, precisam recomeçar a contagem;
- **Vôo mental** – planejamento e execução dos procedimentos de vôo em que os cadetes aviadores fecham os olhos, imaginam e executam virtualmente todos os movimentos que devem apresentar. O planejamento pode variar entre um procedimento simples de checagem de instrumentos por exemplo e um vôo completo a ser realizado, desde a sua partida até o seu término.
- **Zero-último** – denominação jocosa que se refere aos cadetes que ocupam as últimas colocações das listas de classificação.

## FOTOGRAFIAS



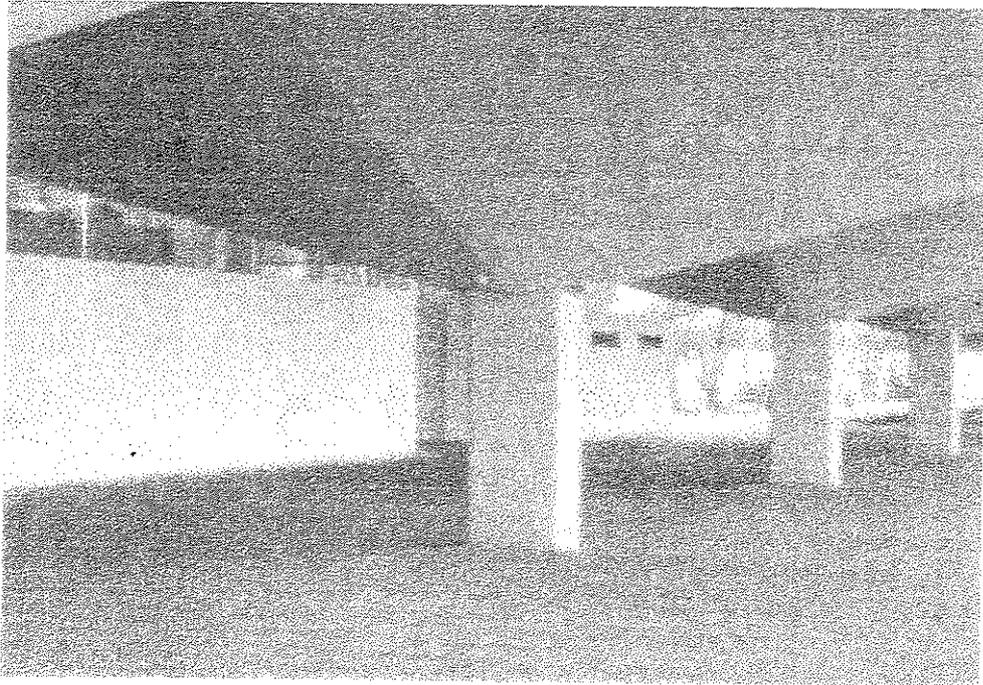
“Parabolóides” – Corpo de Cadetes da Aeronáutica

Neste ponto dos parabolóides é possível ver as placas comemorativas das turmas que já se formaram.

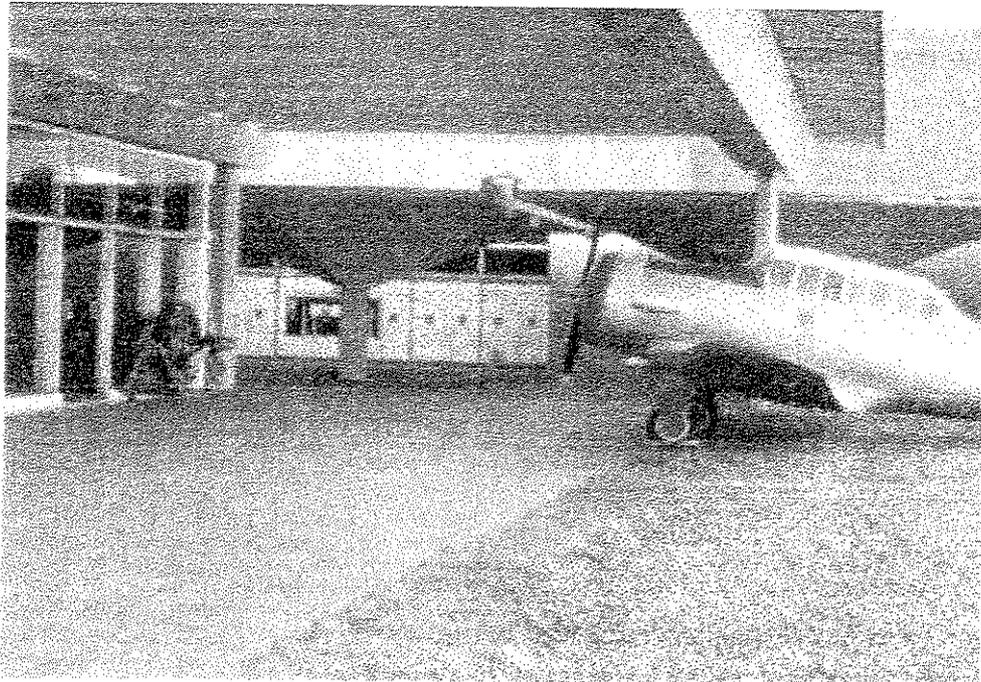


Parabolóides – Corpo de Cadetes da Aeronáutica

Ao fundo vê-se o prédio de alojamentos do primeiro e segundo esquadrões.



Parabolóides – Refeitório dos cadetes

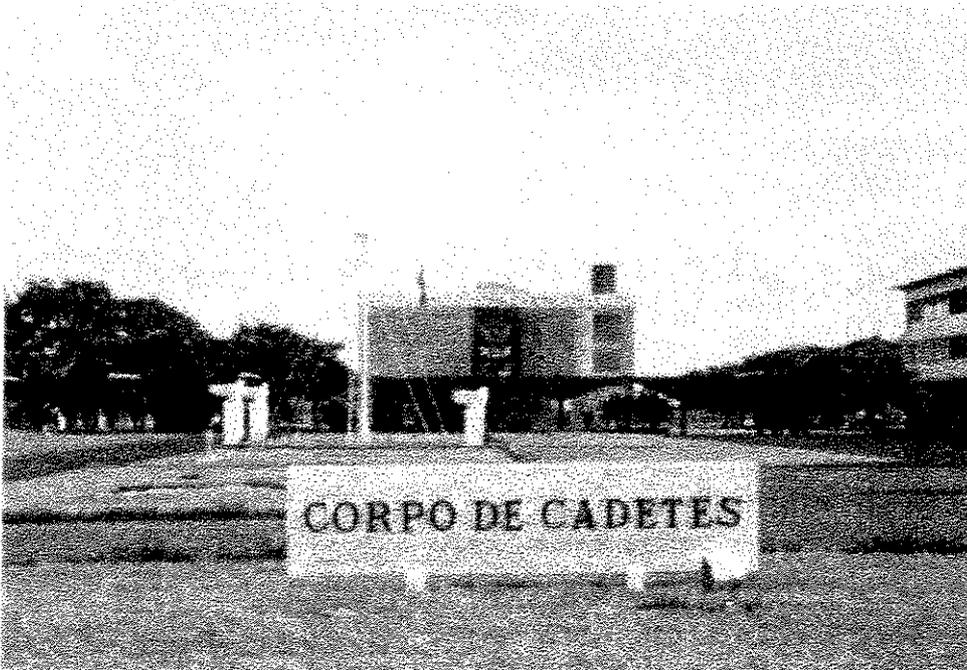


Parabolóides – Salão Histórico e Auditório ao fundo

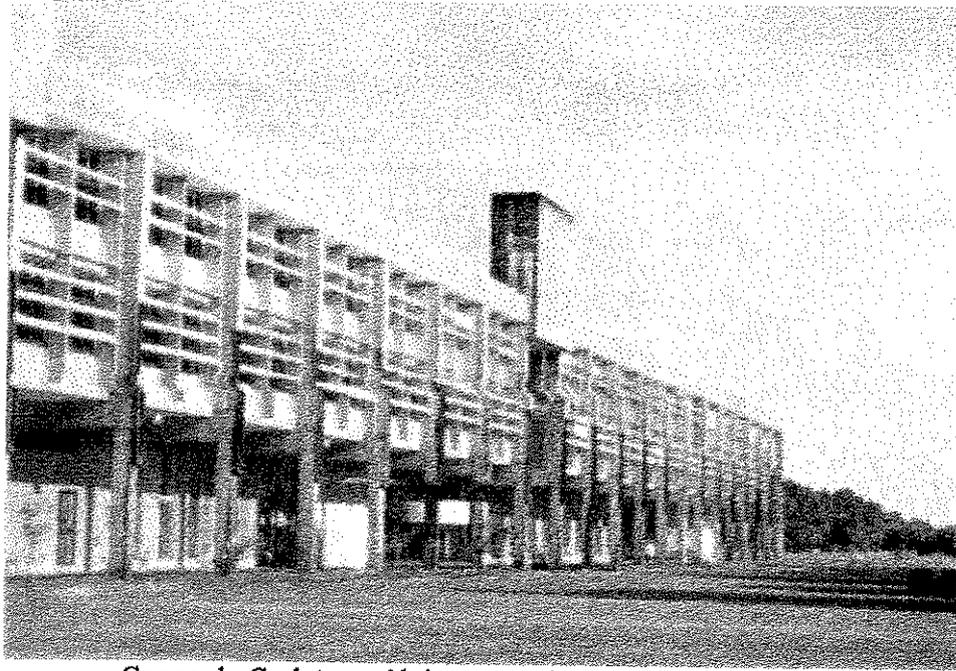


Parabolóides - Divisão de Ensino.

Ao fundo os quadros de avisos referentes ao 4º, 3º, 2º e 1º esquadrões, da esquerda para a direita respectivamente



Pátio de formaturas do Corpo de Cadetes da Aeronáutica.



Corpo de Cadetes - Alojamento do 1º e 2º Esquadrões.  
A grande área em frente constitui um dos pátios do CCAer



Monumento da Águia Tombada próximo à entrada  
principal da Academia da Força Aérea.



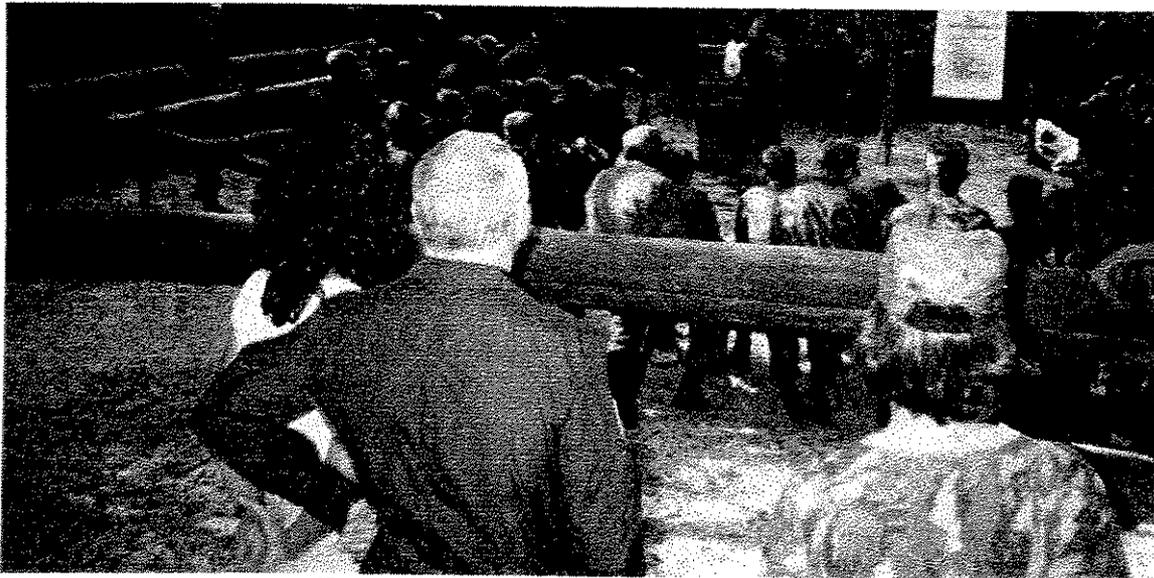
Participação da pesquisadora como madrinha de cadete no Espadim 96.



A pesquisadora com uma turma de alunos em 1996.



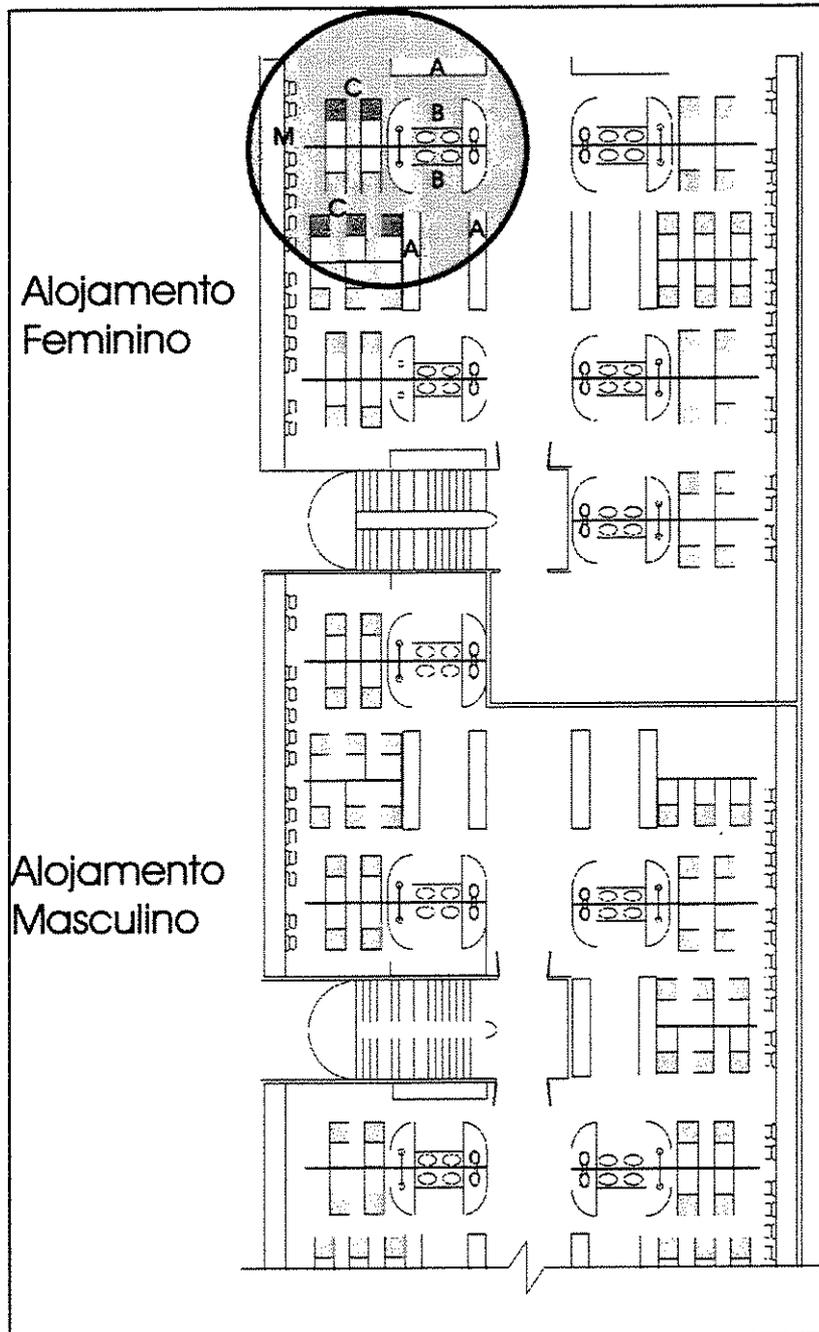
A pesquisadora em visita ao Exercício de Campanha 2 - final de 1997.



Exercício de Campanha 2 - final de 1997.

# GRÁFICO I

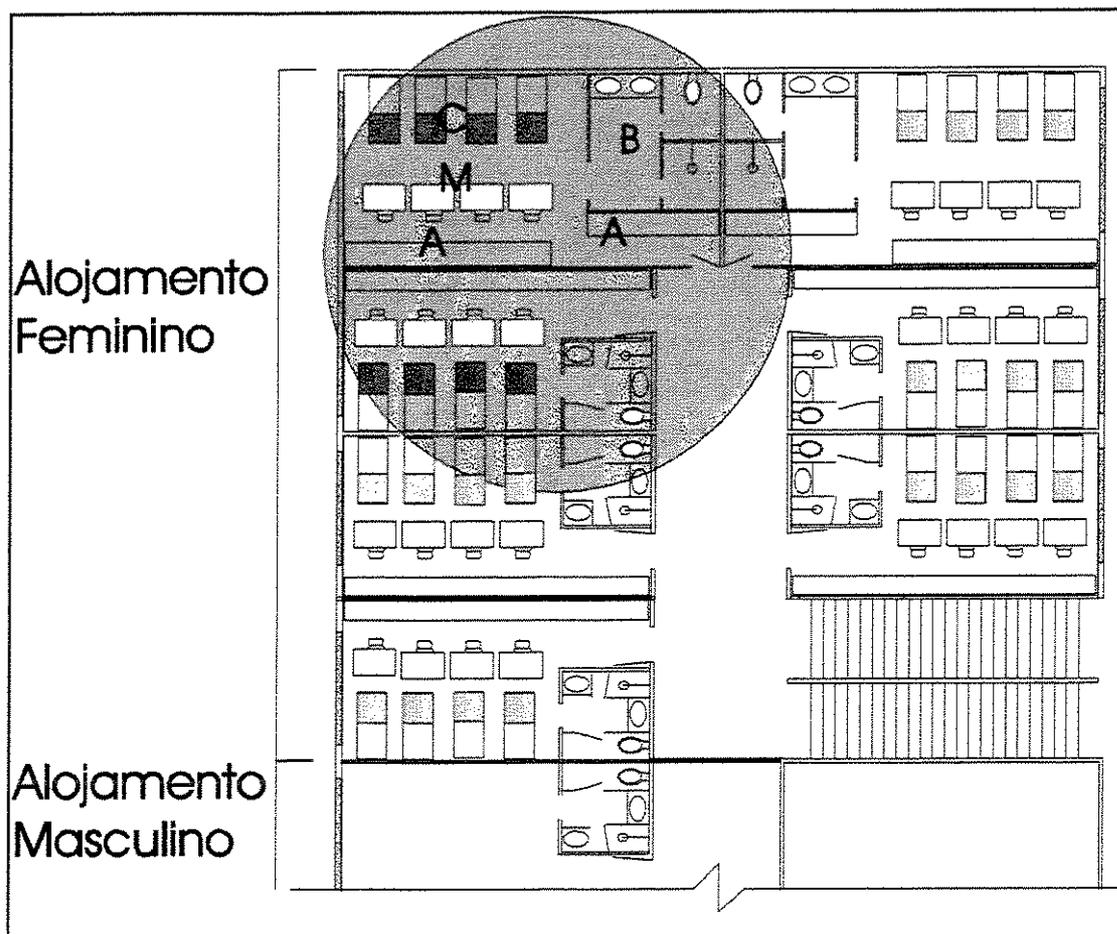
## ALOJAMENTOS DO 1º E 2º ANOS (MASCULINO E FEMININO)



- LEGENDA: A – Armários  
B – Área de higiene pessoal ( pias, vasos sanitários, chuveiros)  
C – Camas  
M – Bancada de estudo com cadeiras

## GRÁFICO II

### APARTAMENTOS DO 3º E 4º ANOS (MASCULINO E FEMININO)



LEGENDA: A - Armários

B - Área de Higiene Pessoal (pias, vasos sanitários, chuveiros)

C - Camas

D - Escrivaninhas individuais de estudo com cadeiras

## CAPÍTULO IV – MULHERES E FORÇAS ARMADAS: UMA RELAÇÃO DELICADA?

Nos últimos anos, o estudo dos impactos da globalização econômica e social na vida cotidiana das pessoas têm possibilitado novas leituras das relações sociais, dentre elas, aquelas que valorizam a dimensão de poder embutida nas relações de gênero.

As relações sociais começaram a ser valorizadas como base da reflexão sobre as implicações geradas pela divisão social dos papéis sexuais, principalmente com a participação crescente das mulheres no mercado de trabalho. Estudos na área de gênero<sup>1</sup> começaram a buscar respostas para explicar questões relacionadas à naturalização da discriminação sexual, às condições de trabalho desiguais para homens e mulheres, à feminização e desvalorização de algumas profissões e às modificações na dinâmica das relações sociais entre outras.

Sem esquecer o pensamento pioneiro de Simone de Beauvoir (1960) de que " não se nasce mulher, mas transforma-se ", entendemos que gênero, longe de ser natural ou biológico, é algo que se constrói histórica, social e culturalmente que define, assinala e vem demarcando limites na participação social de homens e mulheres. Como outros marcadores sociais, gênero torna-se algo que existe somente na medida em que as pessoas o operacionalizam, e as questões levantadas pelas pesquisadoras feministas parecem uma boa porta de entrada para compreender o jogo de

---

<sup>1</sup> Nesse sentido, cabe ressaltar que os estudos sobre gênero, em sua maioria, são provocadores de temas bastante importantes, especialmente no que se refere à reflexão que a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho gera. Tematiza-se, por exemplo, a noção de construção dos sexos (Laqueur, T., 1994); a questão da política e do poder (Butler, J., 1990; Haraway, D., 1994 e Scott, J., 1994), a questão religiosa (Bynum, C., 1994) e a pesquisa científica (Behar, R. 1993 e Golde, P. 1986) entre outros. No Brasil também há diversos estudos que relacionam gênero e poder e suscitam discussões em diversas áreas de conhecimento como política (Avelar, L., 1996); pesquisa científica (Corrêa, M., 1997); trabalho ( Bruschini, C. e Sorj. B., 1994; Oliveira, E. M. e Scavone, L., 1997); e linguagem e representação (Siqueira, M.J.T., 1997 e Soihet, R., 1997).

poder que as relações sociais engendram, inclusive no interior das instituições militares.

Durante a década de 70, as forças armadas de vários países do mundo começaram a admitir mulheres em suas fileiras e elas passaram a receber uma formação idêntica a dos homens nos setores onde era permitida a sua participação. Este fato é marcante na história dos exércitos ocidentais pois assinala uma ruptura no esquema tradicional de recrutamento, alistamento e participação das mulheres apenas em tempos de guerra e abre espaço para a reflexão sobre uma atuação que vá além das funções auxiliares.

Stiehm (1996)<sup>2</sup>, ao analisar a situação das mulheres nas forças armadas norte-americanas, assinala dois fatores principais que ampliam o espaço da participação feminina nos exércitos:

*There are two quite different circumstances that seem to increase the number of women who serve in the military. One is wartime. The second is in liberal democracies where the military is all-volunteer and where there is an emphasis on providing equal opportunity for all citizens. (Stiehm, 1996: p. 68-69)*

---

<sup>2</sup> O que é a rotina do trabalho das mulheres militares? Quais são as dificuldades, o que motiva sua participação nas Forças Armadas? Compreender e articular aquilo que durante muito tempo a história militar relegou a notas de rodapé é o que pretende a coletânea organizada por Stiehm: a estrutura social das Forças Armadas dos EUA, as dificuldades de adaptação e comunicação à vida militar, os entraves à participação, os elementos afetivos e emocionais, e uma atenção especial dada à questão de gênero e à especificidade gerada por militares do sexo feminino. A organizadora procura deixar bem claro de onde vem sua inspiração e quais são seus objetivos com a coletânea: a partir dos relatos profissionais e pessoais de mulheres (militares e civis) sobre a instituição militar, pretende-se encorajar especialmente mulheres civis a aceitar e exercer sua responsabilidade em saber o que é e qual é o papel das Forças Armadas. Afinal, segundo a organizadora, apesar do discurso tradicional de que este campo é exclusivo dos homens, o comandante das Forças Armadas dos EUA é um oficial eleito, e a maioria dos eleitores é constituída por mulheres. O volume valoriza diferentes experiências (o combate; as representações de mulheres que vivenciaram a guerra em seus lares; o preconceito gerado pela opção homossexual; o papel da mulher na evolução do militarismo; entre outras) como base para a reflexão sobre a participação das mulheres no campo das instituições militares e pretende, através das reflexões geradas pelos artigos, sensibilizar os leitores sobre a questão dos papéis sexuais, permitindo um leque de "insights" sobre o tipo de socialização diferenciada que se faz nos E.U.A. (ou no mundo ocidental) entre homens e mulheres. Cada relato apresenta passagens que descrevem a dificuldade de se reagir diante de padrões comportamentais que restringem a ação de mulheres, homossexuais, militares, civis, combatentes, enfermeiras..., mas também revela como muitas vezes é possível romper com comportamentos esperados e superar preconceitos dado que se trata de questões relacionadas ao poder.

Ao analisar as conseqüências da participação feminina nos exércitos sobre as famílias de militares portuguesas, Carreiras (1997), aponta para algumas outras razões que fizeram com que estas instituições tradicionalmente masculinas se abrissem como espaço de atuação para mulheres. Segundo a autora, as profundas modificações que a II Guerra Mundial trouxe ao conjunto da sociedade, principalmente no que se refere ao padrão de participação social das mulheres, somadas às crescentes exigências tecnológicas, à implementação de formas de gestão cada vez mais sofisticadas e a conseqüente necessidade de pessoal cada vez mais qualificado, acentuaram uma dependência das forças armadas em relação ao mercado de trabalho global e constituíram a base da política de inserção das mulheres nas forças militares (1997, p.69-70).

Além destes fatores sócio-econômicos, Carreiras assinala outro, de ordem cultural, que contribuiu para a recente integração feminina nas instituições militares - uma crise de legitimação e prestígio que acabaram por tornar a vida militar pouco atraente para os jovens do sexo masculino. Este fator teria obrigado as forças armadas mundiais a repensarem sobre novas possibilidades de recrutamento de pessoal e conduziu a uma reestruturação da estrutura sócio-organizativa das instituições militares. Falando especificamente do acesso de mulheres às Forças Armadas Portuguesas, a autora nos convida a pensar sobre as condições que tornaram possível essa novas formas de recrutamento:

*Em Portugal, o recrutamento feminino desenvolveu-se a partir de 1990, coincidindo com um processo de reestruturação e redimensionamento das Forças Armadas, no âmbito do qual o Serviço Militar foi o objecto de significativas alterações, designadamente no que se refere à redução do tempo de prestação do Serviço Efectivo Normal, e aos novos regimes de voluntariado e contrato - aqueles que justamente se tornou possível a presença feminina(1997, p. 70).*

Apesar da intensificação do apelo à integração feminina, impulsionada principalmente pela necessidade de recrutamento de pessoal cada vez mais qualificado, e pela mudança no padrão de participação social das mulheres, tanto Stiehm como Carreiras enfatizam que as mulheres que optam pela carreira militar encontram obstáculos para exercer diversas especialidades. Historicamente, as leis e políticas vigentes nos países onde as mulheres atuam como militares impõem restrições quanto à sua participação no papel essencial das forças armadas - o combate - e reservam para elas a participação em setores relacionados à saúde e administrativos.

Entretanto, mesmo ocupando posições nestes setores, as mulheres militares se expõem aos mesmo riscos que os homens, isso fica claro no artigo de Rhonda Cornum<sup>3</sup> (1996) cujo título expressa com clareza seu pensamento em relação à pretensa proteção oferecida às mulheres militares: "Soldiering: the enemy doesn't care if you're female". Em seu relato, ela evidencia sua insatisfação em relação à discriminação com base em gênero que ocorre no interior das Forças Armadas e enfatiza que o que importa realmente é a identificação dos militares, sejam homens ou mulheres, com a sua atividade, com a sua missão.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A autora é médica, Tenente-Coronel do Exército americano e quando Major, participou e foi capturada durante a Guerra do Golfo, vivendo como prisioneira de guerra (POW - prisoner of the war) durante uma semana.

<sup>4</sup> Em seu relato, a oficial deixa claro seu pensamento de que tanto as mulheres quanto os homens são motivados a participarem das Forças Armadas por motivos semelhantes, suas performances também não são tão diferentes, há mulheres que podem ser desastrosas e frágeis em suas ocupações, mas a grande maioria simplesmente executará seu trabalho de forma bem-feita, e as porcentagens nestas categorias deverão ser semelhantes à dos homens. Segundo seu relato, o que pesou para o sucesso em seu desempenho como militar na Guerra do Golfo foram os valores que regem a instituição como lealdade, integridade, coragem, senso de humor e a dedicação, e não algo que poderia ser melhor representado por qualquer um dos sexos. Neste sentido, ainda há na coletânea organizada por Stiehm (1996), dois outros relatos de mulheres militares que, sob a proteção de pseudônimos, denunciam a discriminação sexual que ocorre no interior das Forças Armadas e que se sobrepõe aos valores militares essenciais como dever, honra e pátria. Trata-se do artigo de "Virginia Solms"(p.24-34) e o de "Billie Mitchell"(p. 35-59).

Segundo dados coletados por Stiehm, as militares americanas servem em uma ampla lista de ocupações, em 93, quase a metade das oficiais serviam em ocupações de saúde e 17% delas estavam vinculadas à área administrativa das Forças Armadas. Isto significa que pelo menos 1/3 das oficiais americanas atuavam em campos diferentes deste tradicionais, mesmo com todos os obstáculos que as leis e regulamentos impõem. Uma das razões para a ampliação do espaço às mulheres militares seria a alteração nas leis que proibiam as americanas de atuarem em aviões e navios de combate, neste sentido, os anos 90 foram especialmente propícios a uma revisão das políticas que consideram a participação das mulheres em combate.

A idéia de gênero como um fator biológico que justifica a desigualdade da divisão social dos papéis sexuais ainda é amplamente difundida nos meios militares e apesar de alguns avanços<sup>5</sup>, ainda limita a atuação das mulheres nestes espaços.

Além da restrição imposta por leis e regulamentos, as mulheres militares vivenciam dificuldades e angústias específicas na conciliação da vida afetiva com a profissional, há um conflito evidente entre as exigências familiares e aquelas de disponibilidade total que caracterizam a profissão militar <sup>6</sup>. De acordo com Carreiras, a vida familiar da mulher militar é especialmente afetada pois tanto as Forças Armadas como a família, são instituições que dependem em larga escala da disposição e empenho de seus membros e ambas "lhes impõem um elevado nível de exigências em

---

<sup>5</sup> Além da revisão e modificação das leis que regem a participação das mulheres nas Forças Armadas dos E.U.A., há avanços que chegam por outros caminhos, como por exemplo, em Israel, as mulheres foram recrutadas inicialmente para trabalharem literalmente na "cozinha", segundo o depoimento de um oficial brasileiro, entretanto, ironicamente, o peso das panelas foi o grande obstáculo para sua permanência neste setor e abriu novos campos de atuação, inclusive em frentes de combate.

<sup>6</sup> Obviamente, este conflito não é um privilégio das mulheres militares, em geral, a alteração do padrão de participação social das mulheres provocou mudanças nos modelos familiares tradicionais.

termos de lealdade, tempo e energia, por contraposição a outras instituições que tendem a limitar essas pressões normativas, possibilitando aos indivíduos a conciliação de diferentes tipos de actividade e pertenças" (1997, p. 71).<sup>7</sup>

Cabe ressaltar que surge com relevância nos estudos sobre a participação das mulheres nas Forças Armadas, a idéia de contraposição entre a vida militar e a vida afetivo-familiar, o que reforça a tese de limitação da participação na caserna quando se trata de mulheres. Entre outras dificuldades das mulheres conciliarem trabalho e família, a maternidade é apontada por Carreiras como o fator que causa as maiores baixas entre as mulheres militares, o casamento também representa uma forte limitação às ambições das mulheres que atuam nas Forças Armadas, pois há dificuldades em se manter relações de namoro "harmoniosas" devido às exigências de distanciamento e disposição de tempo integral próprias da vida militar. Estas dificuldades enfrentadas pelas mulheres acabaram por provocar um fenômeno: o aumento de namoro e casamento entre militares, que trazem conseqüências para ambas instituições devido às dificuldades de compatibilização das carreiras. A solução tem sido o sacrifício da carreira de um dos cônjuges ou a opção do casal em não ter filhos, alguns dados sobre a participação feminina nas Forças Armadas dos E.U.A. confirmam esta possibilidade: 70% das militares não possuíam filhos e apenas 26% das oficiais eram casadas em 1985 (Carreiras, 1997, p. 73)

---

<sup>7</sup> Militares em geral, sacrificam a vida familiar em função das exigências que a vida militar impõe como a alta mobilidade geográfica, a exposição a perigos, os treinamentos intensivos, e a lealdade à instituição acima de qualquer direito ou dever pessoal. Entretanto, ainda é comum o pensamento de que aos homens se reserva o espaço público e às mulheres o privado, assim, historicamente, a família sempre exigiu muito mais a presença e participação das mulheres do que a dos homens, provocando uma maior pressão para que elas fossem impedidas de exercer ocupações que exigem uma dedicação igual ou maior que aquelas exigidas pela vida familiar.

Apesar da admissão de mulheres nas Forças Armadas de vários países do mundo (E.U.A., França, Inglaterra, Israel, Portugal, Canadá, Chile e Argentina entre outros), atuando em diferentes setores e recebendo uma formação idêntica à dos homens, sua participação ainda é bastante limitada. Dentre os países membros da OTAN, atualmente apenas o Canadá tem uma alta porcentagem de mulheres militares comparável à dos E.U.A. - em torno de 12% - segundo a análise de Stiehm, isto significa que as mulheres são sub representadas nas esferas militares, tanto no círculo de oficiais <sup>8</sup> como naquelas dos círculos hierárquicos inferiores.

Seja por mecanismos legais ou não, o fato é que a participação das mulheres nas Forças Armadas mundiais vêm acompanhada de limitações e polêmicas, dada as modificações que impõem nas relações sociais em geral.

No Brasil, apesar da extensa produção acadêmica sobre militares na área das ciências sociais, poucos são os trabalhos que tratam dos valores, crenças e atitudes que permeiam a instituição militar, e em menor número ainda, encontramos estudos acêrca da participação feminina nas Forças Armadas.

Celso Castro (1990 e 2000) enfatiza a importância da realização de estudos na área das ciências sociais sobre os processos de profissionalização e socialização vividos pelos militares no interior da caserna, concordamos com este autor que estes são temas essenciais para se avançar no conhecimento empírico sobre a cultura específica dos militares mas que freqüentemente passam despercebidos pelos

---

<sup>8</sup> O acesso ao oficialato nos E.U.A. pode ocorrer através da formação nas Academias militares como West Point, Annapolis, Air Force... ou através dos programas de ROTC (Reserve Officer Training Program), abertos para profissionais formados em universidades que desejam seguir a carreira militar. Entretanto, Stiehm é enfática ao afirmar que é das Academias militares que saem a maioria dos oficiais que atingem o generalato, daí a alta taxa de competição para se entrar nestas escolas.

pesquisadores que preferem privilegiar a atuação dos militares no campo político nacional.

Leonzo (1998) atribui a carência de estudos sobre a cultura militar ao que ela chama de *patrulhamento ideológico* cultivado entre historiadores e intelectuais brasileiros que excluem do debate acadêmico as atividades cotidianas que ocorrem no interior da caserna. Seja devido ao difícil acesso às instituições militares ou a algum trauma causado pelas intervenções dos militares na política, o fato é que há poucos estudos realizados no sentido de compreender e articular temas que remetem à cultura militar.

Além dessa problemática que envolve o estudo da instituição militar no Brasil, Leonzo ainda aponta para o descaso dos historiadores, especialmente aqueles responsáveis pela historiografia militar brasileira, que relegaram às notas secundárias e mesmo desprezaram a participação das mulheres neste campo tradicionalmente masculino. Não foram poucas as mulheres que romperam com as regras impostas pela sociedade patriarcal de sua época para atuarem em campos de combate e foram esquecidas pela história.

Entre outras, a historiadora enfatiza o pioneirismo de Maria Quitéria de Jesus Medeiros que fugiu da casa dos pais para tornar-se guarda de um quartel e participou da Guerra da Independência, conduzindo um grupo de baianas que repeliu as tropas metropolitanas. Sua bravura e coragem foram reconhecidas e à ela foi concedido um soldo equivalente ao recebido por um soldado, sendo também condecorada por D. Pedro com a Imperial Ordem do Cruzeiro (Leonzo, 1997, p. 71).

O episódio da Guerra do Paraguai também levou aos campos de batalha centenas de mulheres brasileiras que atuaram ao lado dos homens

e foram esquecidas pela maioria dos historiadores brasileiros <sup>9</sup>. Há casos individuais<sup>10</sup> como os de "Florisbela" e "Maria Curupaiti", lembradas como corajosas guerreiras que atuaram como combatentes na Batalha de Tuiuti, mas é sem dúvida lamentável o descaso dos historiadores com a participação de grande número de mulheres brasileiras que estiveram nos campos de batalha da Guerra do Paraguai.

Na marcha em direção ao Mato Grosso, por exemplo, há relatos de que aproximadamente 200 mulheres participaram acompanhando os homens, sendo que apenas cerca de sessenta sobreviveram ao final do episódio conhecido por "Retirada da Laguna". Em sua maioria, estas mulheres eram esposas ou companheiras dos soldados que levavam seus filhos e ainda participavam ativamente do combate, adentrando nos campos de batalhas sob fogo cruzado para levar alimentos, fazer curativos ou ainda conduzir os soldados para os hospitais (Leonzo, 1997, p. 73). Em outro episódio da mesma Guerra do Paraguai resgatado por Leonzo, consta que cerca de 70 mulheres participaram ativamente do combate, fabricando cartuchos para a infantaria durante uma noite inteira, auxiliando os soldados brasileiros na defesa do Forte de Coimbra - uma parte da província de Mato Grosso - localizado às margens do rio Paraguai.

Apesar das participações femininas serem diversificadas e cruciais em muitos combates, historicamente, os feitos heróicos que ocorreram nos campos de combate são creditados aos homens e às mulheres reserva-se no máximo a menção de funções de cunho assistencial, desvinculadas das atividades bélicas. Esta tendência histórica não se restringe ao Brasil,

---

<sup>9</sup> Sobre este aspecto, Leonzo valoriza a conduta dos historiadores paraguaios que registraram em suas obras a valentia das mulheres paraguaias - retratadas como heroínas e que mereceram inclusive um monumento em sua homenagem localizado na cidade de Assunção.

<sup>10</sup> Narrados pelo General-de-Brigada Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel que registrou episódios da Guerra que não constavam nas comunicações oficiais (Leonzo, 1997, p. 74).

segundo D'Araújo (2000), algumas restrições impostas às mulheres militares dos EUA têm como base estereótipos baseados na diferença de gênero que desconsideram o papel crucial desempenhado por mulheres em vários momentos da história da humanidade, como por exemplo, na resistência ao nazifascismo (2000, p. 4)<sup>11</sup>.

Entre as funções assistenciais que a história exalta como próprias do grupo feminino, a enfermagem destaca-se como a ocupação mais nobre e valorizada que uma mulher poderia desempenhar nos campos de batalha. Não é de se estranhar, portanto, que a figura feminina, tratada como heroína na historiografia brasileira, seja a de Ana Neri - que partiu para os campos de batalha para socorrer seus filhos e ficou conhecida como "Mãe dos Brasileiros" ao estender seus cuidados aos demais combatentes feridos na Guerra do Paraguai.

Durante a II Guerra Mundial, o caráter assistencialista da colaboração feminina foi bastante difundido especialmente pela cinematografia norte americana (Leonzo, 1997, p. 76). No Brasil, as mulheres eram cada vez mais atraídas pela enfermagem, motivadas pela valorização da profissão que a figura de Ana Neri provocou ou pela dimensão dada pelo cinema ao trabalho feminino realizado junto à Cruz Vermelha.

O quadro de enfermeiras da reserva do Exército foi criado em dezembro de 1943 e segundo o relato da enfermeira-chefe <sup>12</sup> das voluntárias da FEB - Força Expedicionária Brasileira - fora criado não por uma iniciativa dos militares brasileiros mas sim por uma imposição dos

---

<sup>11</sup> As mulheres participaram ativamente do movimento de resistência ao nazifascismo na Europa, construindo diques ao redor de Leningrado, por exemplo, para impedir que a cidade fosse invadida por tanques alemães, ou ainda prestando serviços nas bases militares próximas às zonas de combate na Inglaterra (Leonzo, 1997, p. 78-79)

<sup>12</sup> CANSAÇÃO, E. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

americanos (1987, p. 222) . As dificuldades das enfermeiras que participaram da FEB não se restringiram às condições precárias e perigosas que encontrariam nas proximidades das zonas de combate, elas também enfrentaram preconceitos por decidirem adentrar num campo predominantemente masculino e sentiram os efeitos da falta de reconhecimento às suas atuações:

*As primeiras voluntárias do Brasil sofreram difamações e pechas horríveis. Até a mulher de um militar de alta patente do Exército tachou-nos de "prostitutas que queriam ir para a guerra para fazer a vida". A nossa guerra, na realidade, começou aqui mesmo... É doloroso sentir que ainda hoje, passados mais de 40 anos, ainda se encontrem pessoas maldosas que procuram minimizar o nosso trabalho, daquelas jovens que não titubearam em trocar o conforto de seus lares pela incerteza da guerra. (Cansação, 1987, p. 224)*

Ainda que a participação feminina durante a II Guerra, junto às Forças Armadas Brasileiras, tenha se restringido ao campo assistencial, vale ressaltar que aquelas mulheres romperam padrões sociais da época e se deslocaram às zonas de combate, subvertendo, mesmo que temporariamente, o paradigma tradicional da divisão social dos papéis sexuais que permeia a instituição militar.

Ao analisar a percepção que as autoridades militares brasileiras têm sobre as mulheres, D'Araújo (2000) observou que as restrições impostas à sua participação nas Forças Armadas decorrem da idéia predominante de fragilidade e debilidade feminina que permeia o imaginário dos militares. Tanto as características femininas como as masculinas são percebidas como exclusivas, o que favorece uma classificação desigual com conseqüências igualmente desiguais no desempenho das funções.

Segundo a autora, as mulheres são vistas pelas autoridades militares brasileiras como seres emotivos, pacificadores, delicados, doces,

ternos, maternais, vulneráveis, indefesos, que necessitam de proteção, já os homens são tidos como seres rudes, fortes, frios, impessoais, agressivos, brutos, guerreiros, portanto, representantes legítimos de uma instituição que por definição lida com o monopólio da violência ( D'Araújo, 2000, p. 8).

A relação homens - vida militar sempre esteve associada a perigos, mobilidade geográfica, treinamentos intensivos, desprendimento de tempo e sentimentos em função das obrigações, ao contrário da relação mulheres - vida militar que durante muito tempo esteve associada exclusivamente ao papel de esposas de militares:

*The relationship between women and military life was for long associated with their role as wives and with the constraints that their husbands' profession eventually created for them and respective families. Women could be affected by military life, but could not be part of it. (D'Araújo, 2000, p. 2)*

A profissão militar sempre foi associada à uma alta periculosidade e mobilidade geográfica que poderiam prejudicar <sup>13</sup> a família, decorre daí os regulamentos e procedimentos que tradicionalmente visam proteger esta instituição e em particular as mulheres<sup>14</sup> dos militares brasileiros.

As conseqüências desta percepção de que mulheres e homens são portadores de características diferentes e de que mulheres são seres frágeis e carecem da proteção dos homens, influenciou sobremaneira o

---

<sup>13</sup> Por exemplo, a impossibilidade que as esposas de militares teriam em desenvolver uma carreira profissional e a instabilidade que os filhos apresentariam na escola face à alta mobilidade geográfica que a profissão militar requer.

<sup>14</sup> Dentre estes procedimentos, destacamos três que foram descritos por D'Araújo: o primeiro se refere à proteção às filhas solteiras que, no caso da morte do pai militar teriam assegurado o direito de receber pensões; no caso da deserção de um militar, sua esposa receberia pensões e auxílios como viúva - o crime do marido não a comprometeria e a instituição militar continuaria protegendo sua família; quando os maridos saem para cumprir suas missões e precisam ficar muito tempo longe da família, a instituição militar assume medidas para a sua proteção. (D'Araújo, 2000, p. 4)

processo de admissão de mulheres nas Forças Armadas do Brasil. A grande ironia deste discurso de proteção às mulheres é que ele acabou servindo de justificativa para que elas tivessem uma atuação limitada como profissionais no campo militar. Nas entrevistas realizadas por D'Araújo, as autoridades militares brasileiras se mostraram contrárias à participação feminina no combate e se baseiam em duas razões principais para sustentar este pensamento, nas palavras da autora:

*First, men tend to protect their female colleagues and the enemy thus gains time to advance or better position itself. Second, the enemy, also moved by a feeling of protection or superiority, does not accept fighting with women and will be more violent when confronting men. In other words, women would not be compatible with warfare, and although this could be considered a positive feature of their identity, is taken as a negative quality. More than that, it is dangerous. (D'Araújo, 2000, p. 3)*

Com o surgimento de novos direitos e a crescente participação social feminina na década de 80 <sup>15</sup> as Forças Armadas, inicialmente através da Marinha <sup>16</sup>, abriram-se para as mulheres, que passaram a receber formação e a integrar os quadros militares, vivenciando dificuldades não muito diferentes daquelas que caracterizaram a entrada das mulheres nas Forças Armadas mundiais. Sobre o início do processo, Carvalho (1990) comenta:

*Considerando a excelência dos resultados alcançados pela participação feminina nas Polícias Militares, a Marinha resolveu incorporar em seus quadros a mulher como militar, cujo fato histórico foi concretizado através da Lei nº 6.807 de 7 de julho de 1980, que objetivou suprir, a médio e longo prazos, recursos humanos*

---

<sup>15</sup> Foi na década de 80 que as mulheres ganharam o direito de jogar futebol profissionalmente, houve um aumento na bancada feminina do Congresso Nacional (aproximadamente 5% dos representantes), surgiram as primeiras delegacias para o atendimento de mulheres e as polícias estaduais passaram a incorporá-las em quase todo Brasil (D'Araújo, 2000, p. 2).

<sup>16</sup> A Marinha abriu as portas às mulheres em 1980, seguida pela Aeronáutica que passou a admiti-las em 1981. No Exército a inserção do segmento feminino se deu mais tarde, data de 1989 a lei que deu origem à criação do Quadro Complementar de Oficiais.

*necessários à substituição e ao repletamento de funções de natureza técnica e administrativa, até então exercidas por oficiais e praças em terra, liberando mão-de-obra altamente qualificada para o setor operativo\*, que exige o emprego exclusivo de militares do sexo masculino.*

*\* Setor operativo, dentro das Forças Armadas, são áreas de importância estratégica de comando e segurança. (Carvalho, 1990, p. 96)*

Os procedimentos adotados pelas três Forças para a admissão das mulheres são semelhantes, inicialmente elas foram inseridas em quadros "temporários", "complementares" e de "reserva", desempenhando funções administrativas e ligadas à saúde, diferente dos homens, que podem se dedicar àquelas consideradas mais "nobres" na instituição militar, ligadas ao setor operacional e aos cargos de comando. Isto equivale dizer que elas foram admitidas desde que limitadas a algumas funções consideradas de "natureza" feminina, não podendo ocupar funções ligadas ao combate ou aquelas que exigem longos períodos longe do lar<sup>17</sup>.

Cabe ressaltar que a tendência das autoridades militares brasileiras em classificar o mundo feminino como essencialmente diferente e mais frágil do que o mundo masculino se transformou em limitações às atuações das militares, assim, sob o argumento da proteção, a inserção das mulheres nas Forças Armadas veio acompanhada da sua exclusão em certas atividades consideradas essencialmente masculinas.(D'Araújo, 2000, p. 8).

Dentre outras transformações, a admissão de mulheres na caserna gerou uma preocupação com o corpo da mulher e a construção de novos espaços bem delimitados para homens e mulheres, o objetivo era salvaguardar a mulher dos olhares dos homens, desacostumados com a

---

<sup>17</sup> A justificativa para a restrição de embarque de mulheres na Marinha, por exemplo, deve-se especialmente à percepção das autoridades de que seria desumano pedir para que uma mulher se ausentasse durante longo período de tempo de seu lar, especialmente se tiver filhos (D'Araújo, 2000, p. 5)

presença feminina na instituição militar. Segundo a percepção das autoridades militares, a mulher seria "naturalmente" o objeto do desejo masculino enquanto a recíproca - homens vistos como objetos do desejo feminino - não foi considerada.

*O sentimento de carinho e proteção, a forma polida de tratar assuntos referentes ao corpo da mulher, a criação de ambientes privativos para receber a mulher nas unidades militares, revelam parâmetros de uma cultura onde homens e mulheres requerem certos comportamentos estereotipados e, portanto, presentes no setor militar. (Carvalho, 1990, p. 190-191)*

O fator da vulnerabilidade frente ao desejo de terceiros ganha uma interpretação interessante quando analisado sob a ótica do discurso dos militares em relação aos homens homossexuais. Segundo a análise de D'Araújo, as razões apresentadas pelas autoridades militares para a exclusão dos homossexuais das Forças Armadas estão baseadas na idéia de que os homossexuais não controlariam seus desejos frente aos homens heterossexuais e constituiriam focos de distúrbio comportamental no interior da caserna. Este seria o único aspecto em que mulheres e homens militares se apresentariam em igualdade de condições, ou seja, quando expostos à libido de terceiros, ambos necessitam da proteção da instituição (D'Araújo, 2000, p. 6).

Os limites da atuação da mulher não são legitimados apenas através desta cultura militar tradicional que visa proteger as mulheres, os dispositivos legais - leis e decretos também são claros quanto aos limites da atuação feminina, que dentre outras restrições, prevêem: que a incorporação da mulher tem por objetivo suprir recursos humanos necessários à substituição e ao recompletamento de funções de natureza técnica e administrativa ( lei nº 6.807 de 07/07/80 - Marinha); que em tempos de guerra as militares participam apenas através do serviço

auxiliar sobretudo na área de saúde (decreto nº 86.325 de 01/09/81-Aeronáutica); que o ingresso é restrito à conveniência e a participação como reserva revela o caráter transitório da carreira militar (item 1 do artigo 11º do Estatuto dos militares). Mesmo com o advento de quadros permanentes para mulheres, elas só podem chegar ao posto de vice-almirante na Marinha, de coronel no Exército e até 1996, também só poderiam chegar ao posto de coronel na Aeronáutica.

Segundo Carvalho, todas estas limitações impostas às militares evidenciam que as Forças Armadas Brasileiras não constituem na prática um espaço novo de atuação da mulher<sup>18</sup>, pois, apesar da novidade de inserção, esta se apresenta dentro do paradigma que define os lugares tradicionalmente exercidos por homens e mulheres na "sociedade contemporânea" (grifo nosso).

Além disso, na análise da autora, as relações entre homens e mulheres militares são marcadas por uma característica específica, de subordinação para a mulher, e não há espaço para a equivalência, pois na caserna, o ser-mulher sobrepõe-se ao ser-militar, desse modo, para a mulher militar restaria apenas se constituir como inferior e não como sujeito (1990, p. 195, grifo nosso).

### **A chegada das mulheres na Academia**

No aviso ministerial nº 006/GM3/024 de 05 de maio de 1995, em que determinou a realização de estudos para que fosse permitida a inscrição e a matrícula de mulheres no Curso de Formação de Intendência

---

<sup>18</sup> Quando Carvalho efetuou sua pesquisa, o Exército ainda não havia incorporado as mulheres e elas ainda não recebiam formação na Academia da Força Aérea, seu universo de estudo se restringiu às primeiras militares da Marinha e da Aeronáutica.

na AFA, o então ministro da Aeronáutica Mauro Gandra, expressou claramente os aspectos considerados para a abertura do curso às mulheres: o mandamento constitucional de que homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades; o fato de que a mulher vem aumentando sua representação na sociedade - devido à maior participação no exercício de atividades econômicas e administrativas e o aproveitamento da mulher no desempenho de papel cada vez mais significativo na Aeronáutica. (Aviso nº 006/GM3/024 de 05/maio/1995 - anexo A)

Estas considerações apontam a crescente participação social das mulheres como o motivo principal da abertura de um curso de formação de oficiais das Forças Armadas para mulheres<sup>19</sup>, enfatizando sua atuação nas atividades econômicas e administrativas. Apesar da restrição ao Quadro de Intendência, a admissão de mulheres em uma Academia das Forças Armadas traz inovações históricas no que se refere à participação feminina na caserna: o recebimento de uma formação acadêmico-militar idêntica ao dos homens em um curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato.

Por um lado, a chegada das mulheres na Academia da Força Aérea provocou algumas transformações anteriormente impensáveis, principalmente em termos de equivalência ou mesmo de relações de superioridade hierárquica entre mulheres e homens, por outro lado, há

---

<sup>19</sup> Cabe lembrar que, em termos políticos, alguns estudiosos da área de estratégia, apontam para uma crise de identidade pela qual as Forças Armadas Brasileiras passaram após o encerramento do regime autoritário. A tensão entre a manutenção de antigos valores e a adaptação aos novos tempo, somadas às preocupações com a defesa externa - especificamente no que se refere à Amazônia - e à ausência de um projeto do sociedade como um todo no que se refere ao papel a ser desempenhado pelas Forças Armadas na nova conjuntura política do país, desencadearam esta crise de identidade e o aparelho militar viu-se impelido a redefinir e a reorganizar a sua configuração na cena política (Oliveira e Soares, 2000, p. 103).

que se considerar que estas transformações ocorreram concomitantemente aos vários obstáculos decorrentes da tradição masculina que permeia as instituições militares, traduzidos principalmente na forma de procedimentos que reforçam a divisão tradicional dos papéis sexuais e impingem à mulher uma limitação em sua participação social. Dado que a identidade constitui-se pela multiplicidade de representações vivenciadas no cotidiano, vejamos os principais aspectos que marcaram a chegada das mulheres na Academia.

Em 1996, no início do ano letivo, o Corpo de Cadetes da Aeronáutica possuía um efetivo de 534 cadetes, sendo 358 aviadores, 127 intendentess e 49 infantess. Matriculadas no curso de Intendência do primeiro ano, as mulheres constituíam aproximadamente 3% do total do efetivo do Corpo, considerando o 1º esquadrão, elas totalizavam 8,5% do número de novatos e finalmente, dentro da turma de Intendência do 1º ano, elas constituíam aproximadamente 37% do total de cadetes intendentess.

Em sua maioria, as cadetes eram oriundas das metrópoles urbanas, principalmente do Rio de Janeiro (como a maioria do total de cadetes), sendo que um número bem reduzido delas, em torno de 10% não vinham de capitais dos estados, mas vinham de cidades do interior de São Paulo como São José dos Campos e Guaratinguetá que possuem instituições de ensino vinculadas à Aeronáutica.

A admissão das mulheres gerou novos regulamentos e procedimentos na Academia que foram passados aos cadetes através de Boletins doutrinários, Informativos e Normas Padrão de Ação que entre outras informações, determinavam:

- padronização do uso de adornos, maquiagem, roupas íntimas e do corte de unhas das cadetes da Aeronáutica (*uso de apenas um colar ou corrente de uma volta apenas, com espessura máxima de*

*5 mm, de uma pulseira apenas com as mesmas características do colar a ser usada no mesmo braço do relógio, relógio totalmente preto ou prateado, em tamanho discreto, um par de brincos pequenos e discretos, sem argolas ou pingentes, uma aliança prateada ou dourada, maquiagem em tons claros e utilizada com moderação, roupas íntimas utilizadas com o fardamento brancas ou da cor da pele a fim de evitar transparências e unhas com o comprimento máximo limitado às pontas dos dedos, se pintadas, o esmalte deve ser de cor clara ou transparente - Boletim Doutrinário nº 016 de 12/abril/96 - vide anexo B);*

- *manifestação, comunicação de efetivação e/ou rompimento de relacionamento afetivo no interior de organizações militares (o relacionamento entre cadetes de sexos opostos não é proibido no âmbito da AFA, todos os casos de efetivação ou rompimento de relacionamento afetivo, incluindo pelo menos um(a) cadete em formação, sendo a outra parte do efetivo da AFA, deverão ser comunicados, verbalmente, ao Comando do seu Esquadrão, é proibido aos(às) cadetes da AFA, manifestarem comportamentos como andar de mãos dadas, beijos, abraços, apertos de mão prolongados, permanecer mais próximo que a distância de um braço estendido durante conversas, troca de olhares prolongados, enquanto no interior de Organizações Militares e/ou uniformizados - conforme B.D. nº 015 de 28/março/1996 - vide anexo C) ;*
  
- *conduta em relação ao acesso a alojamentos: (é proibido o acesso de cadetes a alojamentos ou apartamentos de cadetes do sexo oposto. Tal acesso só é permitido em caso de revistas autorizadas pelo Comando do Esquadrão a ser revistado, ou em casos de emergência - Boletim Doutrinário nº 017 de 29/abril/1996)*

- conduta nos ônibus da Sociedade dos Cadetes da Aeronáutica (SCAer) ou em representações (*a conduta social do Cadete da Aeronáutica no interior de viaturas militares, nos ônibus fretados pela SCAer ou quando em representação deve atender aos bons costumes e ao decoro;...é proibido o uso de chinelos, "shorts", bermudas, saias acima dos joelhos, camisetas sem mangas, minibusas ou "top". Deve ser evitado o uso de calças excessivamente justas - B.D. nº 029 de 03/nov/97*)

O discurso oficial dos militares apresentado por meio dos novos procedimentos e normas, denotava uma posição paternalista inicial em relação às cadetes, na fala de um oficial <sup>20</sup>:

Desde o início houve mudança porque a gente estava acostumado a lidar com o pessoal assim, a gente deixava no alojamento e eles se viravam, mas por serem mulheres, os pais traziam as candidatas, a família trazia. Os homens geralmente se viravam mas as mulheres geralmente vinham com o pai, com a mãe e a gente tinha que transmitir aos pais a tranqüilidade de que elas iriam ficar num lugar seguro, tranqüilo. A gente percebia que os pais deixavam as filhas aqui e iam embora desconfiados, receosos, então a nossa responsabilidade em relação à segurança dessas meninas era enorme.

Houve oficiais<sup>21</sup> que se manifestaram contrários à admissão das mulheres por várias razões, quase todas baseadas na idéia da fragilidade feminina, dentre elas, eles criticavam a falta de um estudo mais aprofundado sobre a inserção de mulheres nas Forças Armadas mundiais;

---

<sup>20</sup> Para proteger o anonimato dos oficiais que participaram das entrevistas, omitimos a patente ou o setor em que atuavam na Academia.

<sup>21</sup> As manifestações contrárias à admissão de mulheres não foram exclusivas dos oficiais, outros militares e funcionários civis, entre eles alguns professores também demonstraram este tipo de reação, conforme observação participante da pesquisadora. Cabe ressaltar que, quando solicitados para uma entrevista formal (gravada), a maioria destes profissionais mostrou-se contrária a este procedimento, negando sua participação na pesquisa. Houve outras situações em que oficiais e professores se mostraram dispostos a conceder entrevistas com o objetivo de narrarem suas trajetórias pela Academia mas que não foi possível realizá-las devido ao privilégio dado aos relatos dos cadetes.

os casos de assédio sexual que vinham ocorrendo nos EUA envolvendo mulheres militares; o enfraquecimento da Força devido à emotividade feminina; a perda de credibilidade frente às outras Forças, etc.

A idéia de excluir para proteger acabou muito difundida e foi mal recebida pelo os cadetes que já se encontravam na Academia, a maioria destes cadetes considerava de forma negativa a admissão das mulheres e não se intimidaram em demonstrar abertamente suas insatisfações. Entretanto, as primeiras manifestações da maioria dos cadetes mais antigos com relação à chegada das mulheres foram de extrema curiosidade em compartilhar a intensa rotina diária, sendo que no decorrer da convivência foram manifestando insatisfação e indisposição para com a presença delas, enfatizando possíveis prejuízos que a participação feminina na Academia representava para a Força.

Foram realizadas diversas reuniões entre os oficiais que compunham o Corpo de Cadetes e a Cadeia de Comando dos Cadetes na época, com o objetivo de discutir os procedimentos em relação aos novos comportamentos que surgiram em decorrência da chegada das mulheres como: choros nos momentos de repreensão individual e coletiva, durante o esforço físico ou mesmo em ocasiões mais tranqüilas, exageros físicos das mulheres, ocasionados por uma maior tolerância à dor (“característica da mulher”) ou uma negação ao fracasso, na tentativa de provar para o grupo que elas também poderiam fazer tudo o que fosse determinado aos homens (Relatório Final da Comissão de Acompanhamento do CFOINT Feminino, p. 4).

Mesmo com estas reuniões promovidas pelos oficiais do Corpo de Cadetes, alguns cadetes mais antigos mantiveram-se contrários à inserção das mulheres e qualquer deslize apresentado por elas ganhava dimensões gigantescas.

Na fala de um oficial:

...os cadetes mais antigos buzinavam no ouvido dos outros e eles recebiam aquilo como verdade. Tipo "a mulher não tinha que estar aqui", "vocês estão sendo acochambrados por causa das mulheres"... alguns cadetes mais antigos foram impermeáveis às nossas orientações, se manifestaram abertamente contrários para os cadetes mais modernos e foram criando uma rixa séria com relação às mulheres... Os mais modernos não se conformavam: -"pô, estão me espremendo por causa de vocês (mulheres) que são só 15, 16 aqui, entendeu?"

No início foram constatados abusos de poder sob o argumento da hierarquia e da proteção ao anonimato garantido pelo "espírito de corpo" desenvolvido entre os cadetes como nos relata um oficial:

Na época, os cadetes não comentaram nada, por mais que nos colocássemos à disposição para auxiliá-los, que os cutucássemos constantemente, não houve comunicação e não pudemos atuar. O Corpo de Cadetes fica nas mãos dos cadetes da Cadeia de Comando dos Cadetes quando os oficiais retornam às suas casa,(ao final do expediente) e quando tinha aniversário de cadetes do 4º ano, alguns deles levavam as meninas pro salão nobre para que elas cantassem "parabéns", com direito a bolinho e velinhas!

As cadetes pioneiras não mencionaram casos específicos como este, de abuso de poder, em sua maioria, elas atribuíram as manifestações contrárias à sua formação na Academia à "imaturidade" e ao "machismo" dos cadetes. Além disso, sentiram-se desafiadas a demonstrar que não estavam na Academia "a passeio" ou para "arranjar" marido:

O começo foi horrível, a gente chorava muito no alojamento por causa da imaturidade dos cadetes em querer nos colocar prá baixo só porque somos mulheres. Mas uma ajudava a outra, teve momentos em que uma ou outra descompensava, esperneava, quando chegava no alojamento falando que ia embora e a gente ouvia, compartilhava, pedia para ficar mais um pouco e assim fomos ficando. Não foi fácil, os cadetes mais antigos pegavam no nosso pé por

qualquer coisa e ainda colocavam os meninos contra a gente. Não fizemos o jogo deles, não íamos procurar os oficiais a toda hora como eles diziam, pelo contrário, pedíamos que eles (os oficiais) nos tratassem como cadetes, sem a distinção as/os para que fôssemos aceitas como parte do grupo, como iguais... Qualquer coisa era motivo para falar que a gente era acochambrada, teve cadete com cólica insuportável, com dores nas pernas, nos joelhos, bolhas, “quebradas”, que mesmo assim não parava o exercício para não reforçar o machismo dos rapazes... Pensavam que as mulheres não iam agüentar, que viemos aqui atrás dos meninos ou para passear e forçaram a gente prá caramba...

As primeiras cadetes realmente enfrentaram um início difícil, elas relatam nas entrevistas que pensavam que “todas” as pessoas (homens) do Corpo de Cadetes queriam vê-las longe dali, porque elas representavam uma “ameaça” ao militarismo, elas seriam a causa da suspensão de alguns “privilégios” dos cadetes (falar “palavrão”, “assistir vídeos eróticos” longe dos olhos dos oficiais, entre outros) e da desunião do Corpo, visto que seriam protegidas e acochambradas pelos oficiais e cadetes da Cadeia de Comando que as tratariam de forma diferenciada e privilegiada, contrariando o princípio de hierarquia – fundamental à profissão militar.

Entretanto, segundo o relato das próprias cadetes, alguns oficiais, incluindo o comandante do Corpo de Cadetes na época, declaravam-se avessos a participação feminina - que poderia prejudicar a formação dos cadetes em geral – e em razão disto lutariam contra qualquer tipo de protecionismo, deixando bem claro sua posição antes de começar o EIBM ao declarar à todas as estagiárias que não haveria tratamento diferenciado à elas em função da diferença de sexo. Segundo o comandante do Corpo, ninguém seria protegido ou “acochambrado”, e se elas se comportassem de maneira inadequada, seriam “mandadas embora” como qualquer um, desse modo, aquelas que gostariam de permanecer, deveriam fazer “tudo” o que os meninos faziam, correr, participar dos exercícios e das atividades

em conjunto pois lhes seria negado qualquer tratamento diferenciado<sup>22</sup>, na fala de uma cadete:

...eles falavam que como primeira turma a gente tinha que mostrar o nosso valor, ser boa, embora a gente tivesse muitas dificuldades, como o comandante do Corpo de Cadetes da época que chegou pra gente, ele chamou as meninas e antes de começar o EIBM ele falou: “- olha, eu sou contra, eu tô aceitando vocês aqui porque eu sou coronel e recebi uma ordem, mas eu particularmente eu sou contra, e se tiver que acochambar alguma coisa aqui eu não acochambro e se fizerem errado a gente vai mandar ir embora, não vai ter distinção dos meninos, vocês vão correr junto vocês vão ter que fazer as mesmas coisas que eles.”

O pioneirismo na maioria das vezes exige uma cota de sacrifício alta e com as cadetes da Academia não foi diferente, vejamos nas falas de algumas delas, como foi a chegada na Academia:

...muitos cadetes mais antigos vieram fazer a cabeça do pessoal da nossa turma no sentido de que : - ah, elas estão invadindo a nossa praia, então a gente tá perdendo muito do que a gente tinha aqui dentro em função delas. Não vai mais ter sauna no ginásio por causa delas, a gente não vai mais poder ver mais filmes pornográficos por causa delas, a gente não vai poder botar figurinha de mulher pelada no computador porque tem mulher aqui, e a gente tem que ter cuidado com o que a gente fala, não pode mais falar palavrão porque tem mulher aqui... E puseram muitas regras prá eles realmente, mas acho que nada que fosse fora de normalidade ou que fosse impedido de viver, não era nada essencial prá vida deles, pelo contrário, coisas totalmente desnecessárias. Muitos se revoltaram contra a gente por conta dessas pequenas regalias que eles tinham antes da gente chegar... O quarto ano da gente, quer dizer, o quarto ano que estava aqui quando a gente chegou tinha tido n reuniões para que tivessem mil cuidados com a gente, prá não fazer nada contra a gente, prá não falar palavrão, prá não ficar pegando, tocando... então quando a gente chegou, parecia que eles tinham até repulsa da gente porque a gente chegou com o rótulo de “chave de cadeia”, de que as cadetes eram chaves de cadeia. Se mexessem com a cadete era cadeia na certa, então esse rótulo foi pesado prá gente.

---

<sup>22</sup> Como se pode notar, o discurso paternalista não foi uma unanimidade entre os oficiais diretamente ligados com a formação dos cadetes.

Segundo os relatos, tanto os cadetes quanto alguns oficiais faziam piadas sobre a presença das cadetes na Academia:

Quando a gente entrou aqui, teve muita discriminação também de oficiais, isso era uma coisa que desestimulava muito a gente, tinha piadinhas: - ah, vai prô tanque lavar roupa que lá é o seu lugar... E isso desestimulava totalmente a gente, tanto é que a gente falava que quando a gente saísse daqui e estivesse na rua e um homem passasse por mim e falasse - tanque! Ele vai levar um murro na cara! (risos) É uma coisa que tá tão assim fervendo dentro da gente, a gente já ouviu tanta coisa, tantas besteiras... A gente levou isso nas reuniões prá trabalhar, mas para os oficiais também é difícil porque foge do controle deles também.

Elas tinham conhecimento de que antes mesmo delas chegarem, os cadetes mais antigos já eram contrários à sua formação na Academia e por isso tiveram que adotar um posicionamento firme para permanecerem na Academia:

Quando a gente chegou aqui, teve que enfrentar todo mundo, entendeu? Eles falavam antes da gente entrar, quando a gente nem tava aqui, então o 4º ano da época, antes da gente entrar, faziam reuniões com os outros e diziam: - não! Não vamos deixar as mulheres entrar aqui não! Eles faziam isso, vários cadetes de turmas anteriores confirma isso. Antes da gente entrar, quer dizer, quando a gente chegou aqui tinha uma barreira muito forte, entendeu? Mas a gente conseguiu romper e com certeza superamos muitas expectativas desses caras que pensavam que a gente não ia agüentar um dia aqui.

Segundo os cadetes (homens) do esquadrão pioneiro, no início, todos pensavam que o comando queria proteger as mulheres, como eles não tinham consciência da constituição física diferenciada, entendiam que o fato de as mulheres executarem os exercícios físicos em posições diferentes das dos homens evidenciava um tratamento diferenciado. Eles não percebiam que “pagavam” muito mais do que outros esquadrões devido à postura do comando em não proteger para evitar uma discriminação maior

em relação ao seu esquadrão, ouvindo os cadetes mais antigos, eles atribuíam os “pagamentos” à presença das mulheres:

Com relação às meninas a gente sentia assim meio que, aquela coisa, às vezes a gente pagava, às vezes elas pagavam de maneira diferente, eu não entendia que era por causa da fisiologia delas e os cadetes do segundo (ano) tinham um recalque da nossa turma e eu não tiro a razão deles porque a nossa turma talvez tenha sido mais protegida ali pelo comando, não que não pagássemos, pagávamos até muito mais ali do que eles disseram que pagaram no primeiro ano, nosso comando nunca refrescou os corretivos, mas eles (os cadetes do segundo ano) tinham um certo recalque ali por achar que a nossa turma era um pouco protegida por causa das mulheres, e eu acho que (elas) tinham que ser realmente mais protegidas porque era uma coisa nova e se eu fosse comandante eu não largaria elas na mão de qualquer cadete do quarto ano sem experiência nenhuma de comando pra tomar conta de uma turma que tinha mulheres, eu não saberia o que poderia acontecer... mas nosso comando foi duro com todos e elas pagavam junto.

As cadetes pioneiras sofreram pressões devido às diferenças na constituição física que fazia com que elas realizassem os exercícios de forma diferenciada, o que era interpretado como protecionismo pelos companheiros de turma:

... a discriminação tava na cara, e a gente via, a gente sofreu muito com a nossa turma também porque os meninos com a gente, a vivia em choque, né?... porque eles acabavam achando que a gente tava sendo acochambrada, entendeu? Porque não tinha aquela maturidade, a gente pagava flexão de 6 pontos (mãos, joelhos e pés tocando o solo), com o joelho no chão e eles não, eles pagam com 4 pontos (mãos e pés tocando o solo). E eles não entendiam, achavam que a gente tava sendo acochambrada... e tem todo um estudo falando que o organismo da mulher é diferente do do homem, então, o esforço que a gente faz fazendo flexão com o joelho no chão é semelhante ao que eles fazem fazendo flexão sem joelho. Eles não entendiam, tanto é que depois houve uma série de trabalhos do comando que foram atrás disso, para conscientizar os garotos sobre essas coisas, as diferenças entre os organismos. Mas no início a nossa turma sofreu bastante com isso.

Outros cadetes do primeiro esquadrão misto relatam outros episódios ocorridos no início e decorrer do primeiro ano, que eram interpretados como um tratamento diferenciado, que privilegiava as mulheres, como por exemplo, reuniões do comando com as mulheres:

Eu acho que inicialmente o tratamento não era igual, agora (em 1999) pode até ser, mas quando a minha turma entrou, foi um choque. E foi um tratamento diferenciado porque era uma coisa que tinha que dar certo na minha opinião. Eu acho que como entraram 15 mulheres, as 15 tinham que se formar, não tinha o caso deles pensarem em chegar no terceiro ano e menos mulher aqui, então eu acho que não é nem uma coisa da Academia, acho que só o ministro (que assinou a portaria de admissão das mulheres) na época queria que as mulheres se formassem e por isso o tratamento diferenciado na época.

No começo do primeiro ano, por exemplo, elas sempre tinham reuniões separadas da gente, tinham um acompanhamento psicológico meio diferente, quando só estavam os homens na sala era um tipo de tratamento, aí quando entravam as mulheres era outro. Até a própria liderança, o quarto ano não tava preparado prá receber as mulheres e acabaram deixando mais leve o EIBM...

As mulheres, por sua vez, relatam que, passado o susto inicial no decorrer do primeiro ano elas começaram a acreditar, como os homens, que o comando do esquadrão queria protegê-las em vista de tantas reuniões, entretanto, como poderemos notar, elas começaram a entender que estes procedimentos, longe de serem algo “protecionista” se revelavam necessários em vista do próprio pioneirismo, da novidade que elas representavam aos olhos dos cadetes e até mesmo do próprio comando, que estava lidando com um fato inédito:

No começo a gente achava que o comando tentava superproteger a gente, porque eles chamavam a gente demais, a gente saía de forma demais prá ir em muitas “reuniõezinhas” a parte e isso deixava os meninos cabreiros porque eles continuavam em forma. Falavam que o major era o nosso “papaizinho”. E o comando chamava a gente prá tratar de questões tipo: “- se alguém estiver menstruada no acampamento, os instrutores devem ser informados prá que se ela precisasse trocar o absorvente, ela poderia sair no meio da instrução prá trocar e voltar prá instrução”. Ou então coisas do tipo: “- o que vocês estão achando do

novo modelo de sapato?” Ou “- a gente vai escolher um boné prá vocês, qual é que vocês preferem o da Marinha ou o da polícia, porquê? Vamos juntar os dois e fazer um outro?” Tinha uma tenente psicóloga que fazia um trabalho de grupo com a gente, prá gente se entrosar com o grupo, prá não sentirmos tanto o preconceito e o machismo... o fato de a gente ter que se adaptar sempre, porque pioneiro é sempre cobaia, e por mais que pareça banal não é, tipo:” - corta o cabelo mais curto, sapato de mulher, sapato de homem...” são pequenas coisas que acabam desgastando. O primeiro sapato que pagaram prá gente era muito frágil e como o primeiro ano só corre, prá baixo e prá cima o dia inteiro e paga flexão aqui, não sei o quê, o sapato em um mês, a sola dele desfez, aí pagaram outro sapato feminino prá gente, aí em pouco tempo a sola dele desgastou de um lado dependendo do tipo de pisada da pessoa e a gente ficava descompensada em forma, o sapato não brilhava, destoava do dos meninos e a gente vivia levando bronca por causa do sapato, falavam que era mal engraxado mas na verdade era o couro que era diferente e não aceitava a graxa. Apertava o pé, e no primeiro ano a gente ficava uma hora em forma tranqüilamente, então o salto incomodava, e virava e mexia tinha garota torcendo o pé por causa do salto. Aí colocavam o *boot* (coturno) na gente, aí ficava a gente de *boot* e sétimo, coisa horrorosa (sétimo é o uniforme azul de camisa curta) , aí daí a pouco voltava o sapato, até que no segundo ano a gente recebeu um sapato com um salto maior ainda e aí não ia dar certo e a gente resolveu sugerir o sapato masculino. Aí eles relutaram um pouco mas acabaram permitindo. Então são desgastes pequenos mas que aconteceram muito... Não era proteção não, a gente era cobaia.

As reuniões com o comando descritas por outra cadete pioneira:

Quando a gente chegou aqui, era uma preocupação em cima da gente que você nem imagina, toda semana a gente tinha reunião com o comando do esquadrão prá falar de gravidez, de métodos anticoncepcionais, de namoro, de sexo, sabe, bateram muito nessa tecla com a gente, entendeu? Meu Deus! Todo o tipo de informação de Força Aérea, de informação sexual, psicológica, relacionamento afetivo com mais antigo , quebra de hierarquia, a gente tinha muito disso aí, entendeu? Com a psicóloga mesmo, mandavam sempre a gente prá seção de psicologia prá ela ficar perguntando como a gente tava... A gente era cobrada o tempo todo por causa disso (pelos companheiros de turma), mas eram eles (oficiais do comando) que nos chamavam.

Mesmo com as reuniões, as novidades para uma Academia acostumada a lidar somente com homens eram muitas e os cadetes mais antigos, que exerciam liderança, ficavam sem ação diante da novidade em se trabalhar com mulheres, que por outro lado, também vivenciavam uma situação nova, como relata uma cadete:

Uma vez eu tava indo prá educação física e a gente deslocava correndo e eu senti que eu tinha ficado menstruada e eu ficava chamando o comandante da tropa e ele não me atendia, aí eu saí de forma e fui atrás dele. Falei: “- cadete, eu preciso ir ao banheiro”. “Porquê?” “Ah, cadete, aconteceu um “negócio” e eu tenho que ir ao banheiro”. E ele: “-vai lá no ginásio” (de educação física). E eu : “-não, eu preciso ir no alojamento”. “Ah, mas porquê que tem que ser no alojamento?” E ele ficou insistindo muito, sugerindo que era alguma “frescura”. Aí eu falei: “- cadete, eu acabei de menstruar!” Aí ele ficou vermelho, sem graça e falou: “- pô, vai lá, vai lá, desculpa. Pôxa, mas você não precisava ter falado assim também, se você tivesse me pedido”. Pôxa, eu pensei: “- eu sou primeiro e ele é quarto ano, eu não vou ponderar (sobre o que ele diz)”. Mas ele insistiu e eu não tinha mais o que dizer prá ele me deixar ir pró alojamento. Então tinha também todo um constrangimento das meninas em falar porque só tinha homem aqui, e prá eles entenderem que é super normal prá mulheres menstruar? E que tinha algumas que sentiam muitas cólicas, tinham tensão pré menstrual, e desmaiavam em forma e eles achavam que era frescura e um milhão de coisas que eles nunca sentiram.

Entre outras situações novas, a chegada das mulheres provocou uma revolução na Academia em termos de relacionamento entre cadetes mais antigos e mais modernos. A possibilidade e as conseqüências destes relacionamentos sempre foram motivo de preocupação para os oficiais que temiam a quebra da hierarquia e da disciplina entre os diferentes esquadrões e tentavam colocar este tema em debate sempre que surgia uma oportunidade. O tema não foi discutido apenas entre as mulheres ou os cadetes do 1º ano, mas também entre todos os comandos e cadetes dos quatro esquadrões, todos estavam orientados a seguirem as novas regras

de conduta no caso de um envolvimento afetivo entre cadetes homens e mulheres.

A questão do envolvimento afetivo entre cadetes vinha sendo discutida entre os cadetes mais antigos mesmo antes das mulheres chegarem, como nos relata um oficial:

... mais tarde fomos descobrir que os cadetes mais antigos tinham um acordo de que ninguém iria namorar uma menina cadete, eles tinham medo de que o envolvimento emocional pudesse deteriorar o trabalho deles na Cadeia de Comando... mas era inevitável! A menina chega aqui saindo de casa e resolve idolatrar o cadete do comando, não dá prá proibir!

Os cadetes da primeira turma mista não aprovavam o relacionamento entre cadetes mais antigos e suas companheiras de turma, para eles, a namorada era sempre “acochambrada” pelo namorado e pelos companheiros deste, vejamos os relatos de dois cadetes com relação à este temor:

No começo éramos dois grupos distintos de homens e mulheres, ainda teve relacionamento afetivo, então na nossa cabeça a liderança ia privilegiá-las . E alguns casos que aconteciam no nosso dia-a-dia eram citados pelos namorados e eles acabavam dando corretivo prá gente. Algumas (cadetes) levavam coisas nossas prós namorados que queriam resolver por elas, não todas, e as que falavam também talvez falassem em intenção nenhuma, mas isso tinha conseqüências prá nós, homens.

Outro cadete pioneiro fala sobre os aspectos “negativos” do relacionamento afetivo na Academia:

...continuou o atrito com as mulheres, principalmente por causa que algumas começaram a namorar cadetes do quarto ano e eles não cumpriam as regras de forma igual prá gente e prá elas. Elas passavam informações da própria turma prós cadetes do quarto ano, pô como eles sabiam dos nossos problemas? Eram elas. Ainda no primeiro ano, um menino da nossa turma que tava de ronda viu a luz do alojamento delas acesa e foi até lá chamar as garotas e pedir prá apagar a luz, aí elas se revoltaram e uma delas se sentiu ofendida e foi reclamar no

comando que deu um monte de dias de prisão pro garoto, isso revoltou a turma. Numa outra vez, viram uma menina da nossa turma que tava de ronda e era namorada de um cadete do quarto ano descer do alojamento deles meia noite e pouco e aí teria que ter o mesmo tratamento pra ela mas o que aconteceu foi que o quarto ano deu um corretivo na gente porque “os homens tavam entregando”, e que então “tava faltando espírito de corpo”, isso nem chegou ao comando porque o quarto ano não deixou chegar isso ao comando. O quarto ano reuniu os homens, deu “esporro” e deu corretivo na gente.

O relato de uma cadete que namorou um cadete mais antigo no primeiro ano apresenta um outro lado da mesma questão, o relacionamento afetivo entre cadetes mais antigos e cadetes mais modernas que colocava todas as cadetes no mesmo patamar daquela que teria sido “pega no erro” pelos companheiros da turma:

As coisas mais legais do primeiro ano foram o pqd e os exercícios. Não foi legal quando eu comecei a namorar o meu (agora) noivo que era da liderança do 4º ano, aí eles começaram a falar que acochambavam a gente, que cortavam os nossos corretivos pra proteger a gente. Naquele tempo, do primeiro para o quarto ano era uma distância muito grande, muito mais do que hoje e começaram a falar muito da gente que a gente era protegida, todas que namoravam cadetes, mesmo as que não faziam nada de errado.

Segundo a maioria das cadetes da primeira turma mista, “tudo” que dava errado no esquadrão era “culpa” delas:

Mas o nosso primeiro ano foi difícil porque a gente era mais moderna e tudo o que acontecia de errado a culpa era nossa, aí começou um preconceito dentro do esquadrão porque os mais antigos incutiam isso na cabeça dos meninos da nossa turma, então tudo o que o major proibia, era culpa das meninas.

A saída encontrada pela maioria das primeiras cadetes para serem reconhecidas como cadetes e não como mulheres ou “protegidas” foi um esforço sem medida para conseguir acompanhar os homens em todas as atividades, inclusive nos exercícios físicos, o que rendeu-lhes sacrifícios na fala de um oficial:

Aqui (na Academia) a recuperação (física) do homem é mais rápida do que a da mulher. Porquê? Porque a mulher vai levando, levando, ela aqui tenta suportar mais a dor. A gente pergunta: - fulana, tá doendo? Tá, mas ela continua fazendo. Quando ela pára, é porque não dá mais. O rapaz não: - ah, tá doendo o meu joelho, eu vou sair de forma, vou na enfermaria". Dois dias depois, um ati-inflamatório, uma fisioterapia, um banho de água quente aí já passou. A menina não, ela tinha que "baixar"(ficar fora das atividades) porque não conseguia andar mais. É aquela vontade de querer fazer, de suportar mais a dor, aí se quebram mesmo. Pô, caramba, a mulher (cadetes) aqui a gente tem que dar uma segurada, então temos que estar mais atentos a isso, então a gente ia "tirando o motor": - Fulana, tira o motor que você está passando mal! "não, eu tô bem, quero continuar!" Fulana, pára de correr que você tá mancando muito, caminha! "Não, eu tenho que correr!" Tinha que mandar parar! O rapaz não, ele pára quando sente a dor.

As cadetes também falam de um processo de "embrutecimento" inicial que elas passaram para provarem que podiam estar aqui e da união entre as mulheres para suportar a pressão contrária à sua presença na Academia:

Porque bem ou mal a gente passou pela questão do embrutecimento para provar que éramos tão capazes quanto os garotos... Então quando a gente se deu conta disso, no ano passado (3º ano), quando a gente percebeu esse embrutecimento, a gente começou a trabalhar para recuperar a nossa identidade (feminina), a fazer unha, a se depilar, que era uma coisa que a gente tinha deixado completamente de lado no primeiro e no segundo ano. Porque quando chegamos aqui eles não davam tempo prá nada, era o tempo todo correndo, e a gente querendo provar que éramos capazes. Quando percebemos isso, começamos a nos ajudar para recuperar nossa auto-estima como mulheres, aí, prá sair à noite, uma maquiava a outra, uma penteava o cabelo da outra: - se arruma assim, não sei o quê... vamos lá, bota uma sainha, mesmo que seja no joelho. Ainda hoje a gente tenta se estimular para recuperarmos do embrutecimento que a gente teve que viver para provar que podemos ser cadetes mas também podemos ser mulheres.

Com relação à nova turma de mulheres que chegaria no ano seguinte, as cadetes pioneiras relatam que, influenciadas pelo pensamento machista reinante, acabaram por adotar uma postura de distanciamento:

...colocaram tanto na nossa cabeça, durante o primeiro ano, que: - ah, no ano que vem vai ter mulher e vocês todas vão ser 'amiguinhas'... Eles (os cadetes) falavam que a gente ia "passar a mão na cabeça" das outras meninas, que a gente ia acochambrar elas... Então eu acho que eles falaram tanto que a gente ia proteger as mulheres que a gente acabou tomando uma atitude muito extrema, prá provar que não. Então a gente não se dava muito bem com a turma de baixo, a gente morava no mesmo prédio, né? Nós em cima e elas embaixo, mas a gente nem se olhava, não se dava muito bem... só no 3º ano é que a gente foi amadurecendo e vendo que não precisava daquilo e que gente precisava umas às outras porque éramos de turmas recentes na Academia e hoje posso dizer que a gente se relaciona bem.

Outra cadete pioneira propõe a união das mulheres para superar a discriminação e lutar pelo espaço da mulher na Academia:

A mulher para estar aqui é um desafio, eu acho que a gente tem que se unir e brigar para conquistar o nosso espaço aqui dentro e mostrar que a gente é capaz de fazer também como os homens fazem, a gente é capaz também de fazer, né? Sem protecionismo, a gente tem que se unir e brigar pelo nosso espaço aqui dentro.

Este mal estar inicial que a presença das mulheres causou só foi sendo diluindo à medida em que novas turmas de mulheres foram incorporadas à Academia e as mulheres começaram a se destacar militar e intelectualmente. Vamos tentar acompanhar este processo de integração feminina na Academia através das entrevistas com os cadetes e as cadetes.

Antes, porém, reproduzimos aqui os versos de uma aspirante intendente que estão inscritos em azul sobre azulejos brancos na parede do prédio em frente ao pátio principal do Corpo de Cadetes e que resumem o sentimento de pioneirismo vivenciado pelas cadetes da turma de 96:

*Senhor!*

*Estou aqui de uma forma delicada, porém séria e ativa, para agradecer-lhe a VIDA.*

*A VIDA que me incutiu a responsabilidade de conduzir outras, em condição semelhante à minha, que se encontravam em um momento de fragilidade e de decisão para as demais gerações.*

*A VIDA que me fez aprender que qualquer indício de fraqueza poderia significar um futuro incerto para as que viriam me suceder.*

*A VIDA que, desde cedo, fez-me perceber que a família é algo além dos pais, dos irmãos... Fomos unidas pelos laços da alma: que o tempo não tenha a audácia de tentar nos separar.*

*Ao enxergar as minhas amigas, é como se eu visse, em cada uma delas, um pedaço da minha história, escrita desde o primeiro dia de Academia.*

*Rogo ao Senhor para que o nosso trabalho tenha sido profícuo, que a outras “guerreiras” seja dada a oportunidade de abrir as portas que, sem quere, ainda deixamos fechadas.*

*Estamos certas de que pagamos o preço do pioneirismo e levaremos esta marca, com muito orgulho, pelo resto de nossas vidas.*

*Agradecemos pelo Vosso apoio, porque afinal, éramos apenas frágeis meninas querendo conquistar um pequeno espaço, e hoje somos, realmente, a certeza de que, no futuro, colheremos, TODAS, os frutos da vitória.*

*Obrigada por este imenso presente, Pai! Asp. – Int. Mara, turma de 96.*

## CAPÍTULO V – DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE MILITAR

*Código de Honra do Cadete da Aeronáutica:  
Coragem, Lealdade, Honra, Dever e Pátria.*

### **O Período de Adaptação**

Quando os cadetes do primeiro ano chegam à Academia, eles não são considerados cadetes ainda, mas sim “estagiários” – candidatos à cadetes que devem passar por uma etapa de adaptação à vida militar denominada EIBM – Estágio de Instrução Básica Militar. O EIBM dura aproximadamente 40 dias e neste curto período de tempo os cadetes do 3º e 4º anos que compõem a Cadeia de Comando do Corpo de Cadetes juntamente com os oficiais do Corpo de Cadetes procuram fazer com que os estagiários sejam “nivelados”, “homogeneizados”, em termos de origem escolar, origem geográfica, de sexo, de condicionamento físico e conhecimento de procedimentos básicos a vida militar, segundo um oficial:

É o período de maior pressão para que os que não desejam prosseguir na vida militar desistam antes de começarmos o período letivo do primeiro ano. Para quem não vem do meio militar é uma coisa completamente nova. É um estágio apertado em termos de tempo, porque o que se objetiva no estágio em primeiro lugar é dar condicionamento físico, dar uma nivelada. Porque é muito desigual, tem o pessoal que vem de Barbacena que já teve condicionamento de dois anos, e já está no meio militar, tem aquele do meio civil que nunca fez uma atividade esportiva durante a vida e também não tem noção de ordem unida, não sabe os procedimentos militares básicos. Então o objetivo é dar uma “nivelada”, trabalhar o pessoal na questão de prontidão mental, para estar sempre pronto para novas atividades, para mudança de atividade inesperada, são os exercícios de vivacidade que são muito corridos. Então o programa é “apertado” mesmo para conseguirmos dar uma “nivelada” em um grupo tão diferente que chega à Academia.

A chegada dos estagiários que vêm do meio civil é marcada muitas vezes pelo choque do primeiro contato com a Academia: ao se apresentarem na sala do cadete-de-dia, os estagiários recebem seu nome de guerra, cortam o cabelo e já sobem aos alojamentos onde ficam alojados em grupos de aproximadamente 7 pessoas do mesmo sexo. Estagiários e estagiárias ficam no primeiro andar do mesmo prédio, separados por paredes que delimitam a ala masculina da feminina, utilizando diferentes escadas de acesso aos alojamentos. Este prédio também abriga os alojamentos masculinos e femininos do 2º esquadrão que ficam no andar de cima ao dos estagiários. Estes últimos são alojados por ordem de chegada e dividem os quartos com pessoas desconhecidas, de diferentes regiões do país, raça, religião, classe social e de outros Quadros ou não<sup>1</sup>.

Em geral, o comando do 1º esquadrão mistura propositalmente pessoas de diferentes Quadros no alojamento masculino, constituindo grupos bem heterogêneos. Neste período, os estagiários têm de escolher entre “pegar ou largar” a carreira militar e precisam se submeter à uma nova, dura e exaustiva realidade:

Prá mim a chegada e a adaptação foram terríveis, porque foi uma mudança muito brusca da vida civil prá vida militar, por mais que aquilo ali não fosse a rotina militar real, eu tive todas as dificuldades, foi um período também de adaptação com outras culturas. Por ex, eu tava no meu apartamento e eu não assimilava as músicas de outras regiões que os outros cadetes colocavam, o pessoal do Rio veio com um *funk* e não conseguia assimilar aquilo.

Uma mudança também muito forte que eu notei foi que no sul, por cultura mesmo, a gente é muito “bitolado”, né? Não só sobre as músicas mas também em termos de comportamento, então quando alguém errava alguma coisa, eu me achava no direito e no dever de pegar e falar prá pessoa, cobrar, e eu vi, com o decorrer do tempo que não é assim... Eu já tinha condicionamento físico. Uma coisa que me deixava muito chateado era eles me culparem por uma coisa que eu não tinha feito e isso era direto, o tempo inteirinho, fazia parte da pressão porque

---

<sup>1</sup> Todas as estagiárias são do curso de Intendência, visto que este é o único curso da Academia que aceita mulheres.

se um faz uma coisa, os outros também são culpados por aquilo e todos pagam.

(Cad. Inf. )

Na fala de outro cadete:

Prá mim a chegada aqui já foi marcante porque vieram umas oito pessoas da minha família comigo me trazer aqui (risos), aí o cara que me recebeu já disse: - pegue a sua roupa e vamos ao cadete de dia. E o cadete de dia: - o seu nome de guerra é tal, o seu apartamento é tal, seu armário é tal, sua cama é tal, gravou? E eu não sabia nem mais qual era o meu nome! Aí eu, meu Deus do céu! Aí já fui prá barbearia e o cara raspou a minha cabeça, já abalou o meu “psicológico”, e a minha mãe olhando e ia começar a chorar e eu: “- é bom ela chorar que eu não posso chorar.” Aí eu me despedi dos meus pais e depois fui correndo colocar a camiseta branca, a calça jeans e nunca soube o que era um “sentido”, o que era um “descansar”, porque não tinha nenhum militar que eu conhecia. Aí no primeiro dia eu pensei: “- ah, eu vou agüentar aqui, depois eu ligo prá minha mãe, ela me puxa e eu vou embora. Se o cara começar a forçar muito...” Aí a minha família foi embora e eu pensei: ah, tá bom, não vou voltar na primeira semana prá casa não. E aí eu fui agüentando, os caras gritando e eu sem entender muitas coisas, aprendendo muitas coisas, o que ajudou muito era saber que você estava em estado de igualdade com os outros, independente de quem era rico, de quem era pobre, todo mundo tava na mesma situação e todo mundo, principalmente do meu quarto, todo mundo se ajudava ali. Foi uma coisa muito positiva, principalmente nas primeiras semanas. E eu acordava todos os dias dizendo assim: “- eu vou embora disso aqui, porque eu não sirvo prá ser piloto se prá ser piloto tem que ser militar e passar por isso tudo.” O pior não era ouvir as pessoas gritando, mas eu achava que não podia confiar naquelas pessoas, nos cadetes do quarto ano, prá mim, eles não tinham sentimento nenhum, eu achava que eles eram pessoas de pedra, e a rotina que era de 6 às 10 da noite e sem final de semana, o domingo a gente era liberado duas horas prá lavar a roupa e a gente ficava mais cansado ainda. Tinha lavanderia mas a quantidade de roupa que a gente recebia, não dava, talvez seja certo, prô cara aprender que não pode contar com lavanderia, com mamãe lavando roupa... eu reclamava muito, mas hoje eu vejo que é um ponto muito positivo o cara ter que aprender a se virar. A gente lavava roupa na pia onde a gente escovava os dentes, e eu nunca tinha lavado roupa na minha vida! Eu nunca tinha passado roupa!

Eu sempre pratiquei esporte mesmo antes de vir aqui, mas era muito puxado, a gente ficava muito cansado, no início. Prá senhora ter uma idéia do EIBM, se eu engravidasse e tivesse um filho não seria tão assustador como foi o EIBM prá mim (risos). (Cad. Av. )

As estagiárias também se assustam com este período inicial de adaptação à rotina militar, vejamos suas primeiras impressões sobre este período em um trecho de uma entrevista focal realizada com as cadetes do 1º ano:

Cad 1 - eu odiei estar aqui, aquela falta de tempo, aquela roupa suja, os exercícios que não acabavam, o suor do dia inteiro e eu querendo tomar banho.

Cad 2 - no primeiro dia eu já pensei em ir embora, não era isso que eu esperava, aí as meninas conversaram comigo e eu fui acalmando, isso mexe muito com o psicológico da gente.

Cad 3 - a primeira coisa, mandaram cortar o cabelo e foi um choque, parecia um pesadelo.

Cad 4 - eu não sabia de nada, foi um choque.

Cad 1 - quando cortaram o nosso cabelo eu levei um choque quando eu percebi que a gente tava igualzinho aos meninos, e foi uma pressão psicológica atrás da outra, acho que no EIBM eles querem fazer os fracos irem embora.

Cad 3- Fora que a maioria não tinha preparo físico. E todo mundo teve bolhas, machucou por causa do *boot*<sup>2</sup> foi horrível.

Os estagiários são divididos em grupos de 7 a 10 “liderados” ou “elementos”, comandados por cadetes do 3º ano denominados “líderes de elemento”, todos os elementos são agrupados em “esquadrilhas” – grupo de aproximadamente 30 pessoas comandados por cadetes do 4º ano denominados “líderes de esquadrilha” e por fim, todas as “esquadrilhas” são agrupadas em um único “esquadrão” que é comandado por um cadete do 4º ano denominado “líder de esquadrão”. Os líderes de elemento, de esquadrilha e de esquadrão de cada série trabalham em conjunto com os

---

<sup>2</sup> Coturno, bota utilizada pelos militares que faz parte do “décimo uniforme”, que consiste em um abrigo camuflado.

outros líderes da Cadeia de Comando dos Cadetes<sup>3</sup> e todos eles estão sob o comando dos oficiais do Corpo de Cadetes. Cada esquadrão é comandado por dois tenentes e um capitão que são comandados por um oficial major-aviador. Todos os oficiais que comandam os quatro esquadrões são comandados pelo comando do Corpo de Cadetes, representado pelo subcomandante – um tenente-coronel-aviador e pelo comandante – um coronel-aviador.

As atividades dos estagiários são orientadas, acompanhadas e comandadas pelos cadetes da Cadeia de Comando (cadetes do 3º e 4º anos) e pelos oficiais que compõem o comando do primeiro esquadrão.

No período de EIBM, já que a ordem é “nivelar”, “homogeneizar”, os cadetes, os grupos de elementos e as esquadrilhas ainda não são divididas por Quadros, constituem grupos mistos de cadetes homens, mulheres, vindos da EPCAR, ex-sargentos, ex-soldados, oriundos de outras escolas de segundo grau (civis ou militares) que precisam ser “igualados”. Vamos ver na fala de um cadete que veio da EPCAR o que foi este período para quem vinha do meio militar:

Eles falavam prá gente, na EPCAR sobre o EIBM, que seria muita apreensão, esforço físico, psicológico, mas a gente não tinha muita certeza do que seria, do que iria acontecer realmente. Minha maior dificuldade foi justamente a passagem da EPCAR prá cá, lá eu era 3º ano, aqui foi aquele choque. E a gente começa a ver que não é só a gente que sente, o companheiro do lado tá sentindo a mesma coisa, muitas vezes a pressão psicológica pega um pouco e você vai chorar no banheiro, sozinho, chorar mesmo - isso acontece com quase todo mundo. (Cad. Av.)

Segundo um cadete que era sargento antes de vir para a Academia:

Quando eu cheguei aqui, eu levei um susto inicial porque eu deixei de ser sargento, que eu acho muito bom e virei estagiário. Eu cheguei fardado e eles me

---

<sup>3</sup> Demais integrantes da Cadeia de Comando dos Cadetes: líderes de elementos do 2º esquadrão, líderes de esquadrilha dos 2º e 3º esquadrões, líderes dos 2º, 3º e 4º esquadrões, líderes de cursos (cadete “02” da

mandaram subir, tirar a farda e colocar jeans e camiseta branca. Eu tinha noção do EIBM mas isso mexeu comigo, no EIBM então eu comecei a questionar tudo, como sargento eu nunca tinha visto aquilo, oficial então, eu nunca vi ninguém fazendo igual, mandando “pagar”, gritando! Eu dei um passo à frente em relação à hierarquia mas parecia que eu tinha retrocedido 10 anos! Eu pensava: - como é que eu vou ser um oficial, que precisa tomar decisões se aqui eles te tiram toda a iniciativa? Eu fiquei realmente questionando aquilo, mas eu não deixei que aquilo me colocasse prá baixo, tentei ser racional. (Cad Int.)

Dependendo do comando do esquadrão, durante o EIBM, mesmo os cadetes que possuem condições financeiras para pagar pelos serviços de lavanderia, de cantina ou qualquer outro que represente um aspecto de desigualdade de condições entre os cadetes são vetados de utilizarem estes serviços e devem fazer como todos os outros, lavando suas próprias roupas, se restringindo ao rancho dos cadetes para fazerem as refeições, e utilizando-se apenas dos serviços prestados à todos os cadetes.

Vejamos como uma cadete relata esta situação provocada para igualar as condições entre os estagiários:

Sempre tem dificuldade no período de adaptação, a principal é a falta de tempo, tudo é corrido prá que você não tenha tempo de pensar muito principalmente em desistir porque quando você tem muito tempo, você começa a analisar : -“pô, o cara fica gritando na minha orelha aqui e eu não fiz nada, eu tô em pé aqui e não posso nem respirar... e escuta – “olha prá frente!!”

...você passa a conhecer os seus limites, por exemplo, nós ficamos 40 dias sem ver TV, tem muita gente que é viciado em televisão, e você começa a ver que não é dependente de muitas coisas como bolacha, chocolate, biscoito, a gente não podia ter no armário, era pra comer comida no rancho. Em alguns anos a cantina era proibida, lavanderia paga também, então você tinha que se adaptar aqui. Isso é bom porque quem tem mais dinheiro poderia comer no “Buldogão” (cantina), poderia mandar roupa prá lavar, aqui não, todo mundo fica igual na mesma condição, todo mundo tem que lavar sua roupa. Isso depende do comandante, é

ele quem vai falar se pode ou não usar a cantina, mandar a roupa prá lavar... (Cad Int )

Os cadetes se referem ao período de EIBM como o “mais puxado”, quando “não há tempo pra nada”, em que são exaustivamente testados em sua capacidade física, pressionados em termos “psicológicos”, observados e sempre acompanhados pela Cadeia de Comando dos Cadetes. No EIBM os horários dos estagiários são rigidamente controlados, as atividades programadas pelos comandos ocupam o horário das 6:00 às 22:00 horas, os telefonemas para casa podem ser efetuados à noite e são muito disputados, quase não havendo a possibilidade de longas durações. Os licenciamentos são vetados neste período e os cadetes continuam em atividade inclusive nos finais de semana.

Para os oficiais, o EIBM constitui um período de provações em que o futuro cadete deve demonstrar “aptidão” ou “vocaçãõ” para a vida militar, caso haja desistência de candidatos nas duas primeiras semanas, ainda há a possibilidade de substituição por candidatos da lista de espera. Alguns oficiais também se referem a este período como favorável à desistência de estagiários usuários de drogas como podemos notar:

O objetivo inicial dessa quarentena é a gente identificar problemas com drogas que possam ocorrer no nosso meio. Não identificamos nenhum problema nesse sentido, mas alguns estagiários que pediram desligamento fazem a gente pensar sobre isso, não quero afirmar. Então um dos motivos de se manter esta quarentena, podendo até mesmo dar uma atividade mais tranqüila nos finais de semana, não precisa ser aquela rotina forçada, mas se mantivermos os estagiários aqui dentro da Academia, poderemos identificar possíveis usuários. Com certeza esse elemento vai ter um comportamento diferente e ele vai querer sair, então este é um dos pontos positivos do EIBM.

Os cadetes mais antigos que possuem laços de parentesco com os estagiários são orientados a não demonstrarem qualquer atitude que

denotem um tratamento preferencial, entendida como “peixar” ou “acochambar” o estagiário, caso contrário, tanto ele como seu “protegido” poderão ser punidos. Através das fala de uma cadete mais antiga que veio para o EIBM da irmã fica visível a dificuldade de se manter um vínculo afetivo com um familiar na Academia neste período:

O fato de ter uma irmã aqui no começo foi difícil porque eu tava no 3º ano e vim pró EIBM dela e eles (cadetes da Cadeia de Comando) sabiam que eu tinha uma irmã aqui, então eu preferia nem chegar perto dela e quando ela conseguia falar comigo ela dizia: “- nossa, você é minha irmã, você passa por mim e nem olha prá mim!” Ela não conseguia entender, eu falava que depois do EIBM eu falaria mais com ela. Aí eu via quando ela tava quase chorando e eu ficava angustiada. Ela ligava prós meus pais e falava: “- mãe, a (...) nem fala comigo, eu vou morrer! Ela não me ajuda!” (risos) Aí, isso foi horrível na época. A mãe falava prá ela: “- não, nas férias você desconta nela!” (risos) Coitada, ela não entendia ainda. Até hoje ela me fala dessa época (risos). (Cad Int)

Vejamos esta mesma situação através do depoimento de outra cadete que tinha um irmão que já estava aqui quando chegou na Academia:

A gente (ela e o irmão do 2º ano) era proibido de falar porque os esquadrões mais antigos são proibidos de falar com os estagiários a não ser o pessoal que esteja trabalhando na cadeia de comando. Então eu nem pensava em procurá-lo porque além de me prejudicar eu poderia prejudicá-lo. Mas eu tentava fazer assim, eu falava com a minha mãe e a minha mãe falava com o meu irmão, prá perguntar alguma coisa, porque ela podia ligar prá ele. Não funcionava muito porque nem sempre eu tinha tempo de ligar ou às vezes quando ligava já tinha esquecido a questão. (Cad. Int.)

As atividades dos estagiários constituem basicamente em aulas de exercícios físicos que ocorrem geralmente nos pátios do Corpo de Cadetes, e em aulas de “doutrina” no auditório do Corpo de Cadetes, neste período os estagiários ainda não têm instruções na DE, juntamente com os cadetes

dos outros esquadrões. As atividades físicas<sup>4</sup> constituem-se basicamente em aulas de “ordem unida” onde os cadetes aprendem ou “reaprendem” a marchar de acordo com o “padrão AFA” (e não com o que podem ter aprendido em outras escolas militares, inclusive na EPCAR), executam e repetem os movimentos militares até acertarem o ritmo ou a cadência “correta”, e realizam corridas e vários exercícios de esforço físico que não são necessariamente militares, como saltitar no mesmo lugar, fazer agachamentos, polichinelos, etc.

As aulas de doutrina são dadas pelos cadetes da Cadeia de Comando e pelos oficiais do Corpo de Cadetes<sup>5</sup> que orientam os estagiários sobre regulamentos e procedimentos específicos de conduta dos militares e desenvolvem temas ligados à educação moral e cívica como “A Pátria”, “A Moral e a Conduta do Homem”, “Disciplina”, “Hierarquia” entre outros conduzindo as atividades não só de forma expositiva como também na forma de “dinâmicas de grupo” que consistem em dividir os estagiários em grupos para que discutam entre si algumas “situações problemas” que afetam principalmente o Código de Honra do Cadete e os pilares básicos do militarismo: a hierarquia e a disciplina <sup>6</sup>.

Como no estudo de Castro (1990), “pressão” é a palavra mais pronunciada pelos cadetes quando se lembram desta fase de adaptação, os cadetes são constantemente “convidados” a se retirarem da Academia, os cadetes mais antigos e instrutores vivem repetindo que eles estão lá porque querem e que podem sair quando quiserem se não estiverem gostando do tratamento dado à eles. Os cadetes dividem em dois tipos a

---

<sup>4</sup> Estas atividades são acompanhadas e supervisionadas por oficiais do primeiro esquadrão, da Seção de Educação Física e da Seção de Instrução Militar do Corpo de Cadetes.

<sup>5</sup> Além dos oficiais do primeiro esquadrão, participam também da orientação e supervisão das aulas de doutrina, os oficiais do Corpo de Cadetes ligados à Seção de Doutrina.

<sup>6</sup> Com a entrada das mulheres, o tema “relacionamento afetivo entre cadetes” foi exaustivamente discutido segundo os cadetes e alguns oficiais do Corpo, com o objetivo de alertá-los sobre como o namoro deveria ser

pressão exercida sobre eles, aquela que se refere basicamente ao esforço físico, que leva à exaustão, ao esgotamento das forças físicas e aquela que eles denominam “psicológica” que se refere ao esforço psicológico de permanecer na Academia sob a “gritaria” e a “humilhação verbal” constantes (“*vocês todos são lixo*”, “*tá cansado? Volta correndo prá casa da mamãe porque aqui só fica quem quer!*”). A maioria dos cadetes relata momentos em que pensaram em desistir, como no caso deste cadete aviador:

Quando eu vim prá cá e eu não sabia que era assim, foi um choque o EIBM. No primeiro dia eu pensei: “- que cara babaca, ficar gritando assim!” Só que daí começou a “pagação”, aquele esforço ali e foi um baque, eu não esperava aquilo ali. Eu me lembro que li no *folder* que a rotina do cadete era pesada, mas não tinha nada ali que falasse sobre a “pagação” (risos). Eu nunca tinha sido tratado daquele jeito, não podia questionar senão era mais “pagação!” A gente sempre esperava pelo pior, chegávamos até a dormir de “décimo” (uniforme camuflado), a gente sonhava que tava sendo acionado! Essa pressão realmente foi um baque. Uns vinte dias do EIBM e eu tava decidido a ir embora e quem deu a força prá eu ficar foi a minha mãe, ela relembrou tudo o que eu tinha feito prá chegar até aqui e foi ela quem me deu a grande força prá eu ficar. (Cad. Av.)

Outros também pensam em desistir em vista da exaustão física e mental que o EIBM provoca, mas acabam encarando o desligamento apenas no caso da instituição determinar, como nos relata um cadete infante:

No meu tempo eu cheguei a fazer 25 trocas de uniforme em duas horas, toda a turma. Porque o meu tenente falou pô cadete que a gente tava se atrasando muito na troca de uniforme, aí o cadete fez a gente trocar 25 vezes de uniforme, então a senhora imagina o que é subir aquelas escadarias e descer trocado. O primeiro ano foi muito puxado, principalmente antes do espadim, a gente ficava desde às 6:00 até às 9:30, 10 horas da noite, professora! (...) E eles passavam uma doutrina que tem que se correr em forma quando o mais antigo tá em forma, a gente pagava por causa disso, pagava quando não pedia licença prá entrar na piscina, nossa! O

---

conduzido a fim de se evitar a quebra da hierarquia entre os cadetes e o tratamento diferenciado entre os cadetes.

uniforme, a gente passava o uniforme em todas as formaturas, todas as formaturas, o uniforme tinha que estar vincado ali, o uniforme tinha que estar uma navalha assim, se passasse um papel assim, tinha que cortar só com o vinco! Uma vez, professora, a minha turma ficou uma hora e meia fazendo “senta e levanta” (exercício físico que consiste em agachar-se no “senta” e levantar-se no “levanta”, o cadete do 4º ano ou o oficial que comanda o exercício não diz estas palavras, basta que virem a palma da mão para cima – levanta – ou para baixo – senta)!! A minha gandola, professora ( o casaco que vai por cima do uniforme camuflado) parecia que eu tinha entrado debaixo do chuveiro, professora, de tão suado que a gente ficava.(...) As turmas eram liberadas às 9 horas da noite, professora, depois da ceia. A gente do primeiro ano não, depois da ceia tinha ordem unida até às 10:30, depois a gente tinha que estudar prás provas, engraxar o *boot*, lavar todo o uniforme da educação física e estudar. A gente ia dormir 2 hs da manhã e 3:30 a gente acordava com os corretivos!... . Teve momentos em que eu quis ir embora, mas eu prometi prá mim mesmo que eu só ia embora daqui se eu fosse desligado por notas, do contrário eu não saio daqui. (Cad. Inf.)

No EIBM ainda os estagiários devem passar pelo salto da plataforma de dez metros na piscina que constitui uma “prova de fogo” para os cadetes que têm medo de altura ou não sabem nadar - os “afogados”, e o treinamento de salto de emergência - “pqd” - em que os estagiários treinam exaustivamente o procedimento de salto com pára-quedas em terra firme e saltam no final da instrução de uma aeronave C-130 (Hércules) no âmbito da Academia<sup>7</sup>. Ao final do salto, todos os estagiários recebem um banho d’água no pátio do Esquadrão de Instrução Aérea.

Todos os exercícios desenvolvidos durante o EIBM visam o nivelamento e o desenvolvimento de atitudes e valores básicos da profissão militar, durante os corretivos por exemplo, os estagiários que descem por último “pagam” pelo atraso, os estagiários que descem na frente de todos

---

<sup>7</sup> Em 1998, o DEPENS – órgão máximo de ensino da Aeronáutica retirou esta atividade dos estagiários do curso de *Intendência*, segundo comentários informais e não confirmados, essa medida se deu devido ao número de mulheres que saltaram em 1996 e 1997 e tiveram lesões nos joelhos e pernas.

também pagam por não apresentarem “espírito de corpo”, sentimento de companheirismo cultivado e enfatizado na caserna.

No EIBM tem muito espírito de corpo, por exemplo, num corretivo, acho que foi o (...), não achava o tênis no quarto e todo mundo do quarto ficou ajudando ele a procurar, aí quando a gente desceu, o cadete do 4º perguntou o que tinha acontecido e antes da gente começar a pagar, ele perguntou prá turma quem mais era do nosso quarto, aí todo mundo se levantou e só tinha a gente do quarto! Isso marcou. (Cad. Av )

Mesmo os estagiários que estão dispensados por motivo de saúde e não podem participar das atividades físicas são pressionados “psicologicamente”, precisam ficar “estáticos”, no pátio do Corpo de Cadetes, atentos aos exercícios realizados pela turma e escutando todo o tipo de provocações: “você está é acochambrando, querem ficar no bem bom”, “você não tem vergonha de ficar parados aí enquanto seus companheiros “ralam”?, etc.

Durante o EIBM, os estagiários devem se deslocar correndo quando em grupamentos e na frente de formaturas dos esquadrões mais antigos, quando saem do rancho para o alojamento não devem correr e sim andar, mas em linha reta e em fila indiana para se deslocarem até o alojamento.

Os exercícios de “prontidão” e “vivacidade” mental são um outro tipo de exercício característico do EIBM e do primeiro ano, constituem em “acionamentos” que podem ocorrer no meio da noite ou mesmo durante a madrugada, que visam “conduzir os cadetes a um estado de sobreaviso mental”, e de se implementar “corretivos” em vista de “alterações” apresentadas pelos estagiários ou cadetes do primeiro ano. Nestes exercícios os estagiários são acordados através do toque de corneta no meio da noite ou mesmo através de bombas de efeito moral, simulando um ataque imprevisto ou algo do gênero. Este exercício não é realizado de forma aleatória ou imprevista, todos os cadetes da Cadeia de Comando e

os oficiais do comando do primeiro esquadrão se reúnem com antecedência para combinar as etapas do exercício: acordar os cadetes de forma inesperada, “invadindo” o alojamento do 1º esquadrão<sup>8</sup>, comandar a troca de uniforme, a entrada em forma em um dos pátios do Corpo de Cadetes, realizar instruções de “doutrina” (“sermões” segundo os cadetes que sofrem o exercício), comandar novas trocas de uniformes “a fim de aumentar a agilidade e habilidade” dos novos cadetes, comandar exercícios físicos, “pagações”, “corretivos”, com os objetivos de “aumentar a agilidade e habilidade” dos cadetes frente à situações inesperadas que podem ocorrer na vida militar. Este talvez seja o tipo de exercício que os cadetes recordam como os mais “desnorteadores”:

No meu alojamento tinha um cadete que dormia com a faca debaixo do travesseiro, um infante, é claro! (risos) Um dia teve um acionamento noturno e chegou um cadete do quarto ano no nosso apartamento, a hora que ele chegou e a gente acordou com um estrondo de bomba, aquelas coisas, ele pulou da cama com a faca na mão assustado, e o cara do quarto ano ficou mais assustado ainda e gritava: - calma, calma, calma!! (risos) Todo mundo riu naquela hora, o cara estava com a faca na mão porque acordou assustado e o cara do quarto ano ficou mais assustado ainda. (Cad. Int.)

Os estagiários que “sobrevivem” ao período do EIBM são considerados cadetes após a cerimônia de incorporação do primeiro esquadrão ao Corpo de Cadetes, quando eles recebem as “platinas”<sup>9</sup> e apresentam pela primeira vez o seu “grito de guerra”, após a apresentação dos gritos de guerra dos esquadrões mais antigos<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Nos dois primeiros anos de admissão das mulheres, o alojamento das estagiárias era “invadido” por tenentes médicas e psicólogas, já que não havia cadetes do sexo feminino para fazê-lo e os cadetes não estão autorizados a subirem nos alojamentos femininos. Nos outros anos, as próprias cadetes participavam dos acionamentos, na condição de cadetes mais antigas.

<sup>9</sup> A cerimônia de incorporação ao CCAer é considerada por muitos cadetes o objetivo a ser atingido quando estão passando pelo EIBM, como diz uma cadete intendente do 3º ano: *com o tempo, durante o EIBM, eu fui colocando que era assim, um desafio pra mim continuar, né? Porque tinha muitos problemas, muitas limitações, eu tinha dificuldade pra correr, fazer os exercícios... mas eu pensava nisso como um desafio, via meu objetivo lá na frente que era terminar o EIBM e receber as platinas.*

<sup>10</sup> Os gritos de guerra, assim como o nome da turma caracterizam cada esquadrão, são os cadetes que os elaboram e eles representam a “identidade” de cada esquadrão. Geralmente os nomes escolhidos são de

Mesmo portando o título de “cadetes”, eles continuam sofrendo todo o tipo de pressão que sofreram, com menos intensidade devido ao início do ano letivo na DE, no decorrer do primeiro ano. Mas a cerimônia de entrega das platinas constitui um marco na vida dos cadetes do primeiro ano, na interpretação bem humorada de uma cadete do 4º ano, *no EIBM a gente perde a identidade mas quando recebe as platinas a gente ganha uma nova carteira!*<sup>11</sup>

### **PTM - Programa de Treinamento Militar**

Depois do EIBM os cadetes são separados por “elementos” de acordo com a esquadrilha ao qual pertencem que são as turmas de aula, separadas pelo Quadro ao qual pertencem, no primeiro ano é comum dividir o esquadrão em 7 esquadrilhas: quatro de aviadores (“Alpha”, “Bravo”, “Charlie” e “Delta”) um ou duas de Intendência (“Echo” e “Fox”) e uma de Infantaria (“Golf”). Em 1999, o primeiro esquadrão iniciou o ano letivo com 241 cadetes, sendo 166 do Quadro da Aviação, 58 da Intendência e 17 da Infantaria. As aulas do primeiro ano na DE são mais voltadas para o ensino científico geral, sendo poucas as aulas do ensino técnico especializado. Os cadetes continuam com as instruções de “doutrina militar” dadas pelos cadetes da Cadeia de Comando e por oficiais do Corpo de Cadetes.

No primeiro semestre do primeiro ano os cadetes vivem também o primeiro “Exercício de Campanha” ou “Exec-1”, exercício militar em que os

---

*guerreiros, deuses, personagens da mitologia (Osiris, Icaro...) ou mesmo se referem à uma época (Millenium). Os gritos de guerra devem revelar o “espírito” militar de cada turma: Guerreiro! Do céu, da terra, nasce o ser supremo. Com a chama da justiça, no início do milênio. Avante! A fúria dos guerreiros para sempre reinará. Com espada e fogo a verdade provará. Esquadrão! Hiperion!!! (grito de guerra do esquadrão “Hiperion” de 1998))*

<sup>11</sup> A cadete se refere não somente à platinas mas também à conquista da identidade militar, um documento de identidade militar que se compara ao nosso RG.

cadetes se deslocam andando aproximadamente 15 quilômetros, carregando armamento e mochilas, até uma área afastada do Corpo de Cadetes e da DE, próximo a um lago em uma mata aberta, onde vivenciam pela primeira vez uma situação de acampamento militar na Academia. Neste local montam barracas, têm instruções militares com oficiais em “oficinas”<sup>12</sup> montadas em alguns pontos do acampamento. Este exercício é conhecido pelas longas caminhadas, pelo primeiro contato com um local fora do âmbito do Corpo de Cadetes e da DE. A nova situação gera novas “alterações” e novos corretivos:

Certa vez, um cadete acabou dormindo encostado em uma árvore quando estava de guarda à noite em um local próximo às barracas, então um oficial em trajes e pintura camuflada, percebendo o sono profundo do cadete, retirou e escondeu o seu fuzil. Na manhã do dia seguinte, toda a barraca do cadete estava preocupada com o ocorrido pois não sabiam o que tinha acontecido com o fuzil do companheiro. Então, durante a primeira revista do esquadrão, o oficial que tinha escondido o fuzil, chegou perto do cadete e gritou: “ - major! O nº... está sem o fuzil! Ele não sabe onde deixou seu armamento! O que podemos fazer com ele?” No final, além das pagações de praxe, o tal estagiário teve que passar o exec todo carregando um tronco de árvore para simular o carregamento do fuzil e nunca soube o que havia acontecido realmente. ( oficial)

O exec-1 na fala de algumas cadetes do primeiro ano:

Cad 1 - o exec foi muito difícil prá gente também. Muda muito a sua rotina, você não dorme direito, você não toma banho, você não come direito. No almoço quando abri assim aquela lata de feijoadá eu olhei assim e falei: “- o que eu tô fazendo aqui?” Eu não como feijão em casa e aquele negócio frio. Ali eu comecei a pensar que eu era louca! Cabelo curto, feijão frio...

Cad 2 - A gente ficou sem tomar banho no primeiro dia! Daí no segundo à tardezinha quase não dava tempo prá tomar o banho, e ficava em forma com moscas pousando na gente!

---

<sup>12</sup> As oficinas constituem locais de instrução armados de modo bastante rústico, a mais comum é montada como uma grande barraca, coberta com um pára-quedas, com uma mini-arquibancada feita de troncos que circunda um círculo central onde é dada a instrução.

Cad 3 – eu fui prô laguinho<sup>13</sup> (risos) porque eu fui a última a subir no “poleiro”, e eu tenho medo de altura né? Os garotos ao invés de sentar nos lugares mais altos, sentavam nos mais baixos e eu prô laguinho!

Cad 1 – mas o exec une, às vezes você não sabe nem quem te ajuda, mas te ajudam prá gente chegar logo ao final do exercício.

Segundo os cadetes e os oficiais, os exercícios de campanha<sup>14</sup>, além de oferecer ao cadete a vivência de uma situação que ele poderá se defrontar no futuro, servem também para desenvolver o “espírito de corpo” – fundamental para a profissão militar – e para que os “espíritos de porco” sejam identificados e pressionados pela própria turma a mudar sua conduta, na descrição de um oficial:

Os exercícios de campanha, em primeiro lugar, eles ocorrem fora do Corpo de Cadetes, do ambiente do Esquadrão de Instrução Aérea e da DE, é uma atividade diferente do dia-a-dia deles, quebram a rotina diária. Por mais que seja sacrificante uma caminha de 15, 16 quilômetros, é uma atividade diferente para eles. E a gente tem a oportunidade de observá-los nesta situação nova em que um vai precisar do outro em muitos momentos. A senhora sabe que o cadete só se revela quando a gente o coloca numa situação-limite, é o momento de ter que administrar um conflito, uma situação diferente em que eles devem apresentar o que estão aprendendo na Academia em termos de militarismo. Por exemplo, se um cadete comete uma bobagem, ele fica sem “ração”, a gente manda ele para um lugar onde ficam os “infratores”. Mas sempre eles acabam comendo porquê? Porque sempre os companheiros que podem almoçar vão dar um jeito de esconder um pouco da ração deles para aqueles que não comeram, então o exec é um jeito de unir o grupo e desenvolver o espírito de corpo.

---

<sup>13</sup> “Ir para o laguinho” é um tipo de corretivo típico dos execs, quando o cadete chega por último, quando questiona ou não consegue executar o exercício proposto, os instrutores ordenam que parem de fazer o que estão fazendo e entrem em um lago próximo à área de instrução e fique com a água até os joelhos. No caso da cadete, ela foi a última que chegou ao seu lugar no local de instrução, onde os cadetes sentam-se em uma arquibancada rústica feita de troncos de madeira.

<sup>14</sup> Exercícios porque são realizados por todos os esquadrões, com diferentes graus e atividades a serem realizados. Estes execs envolvem as UCIs – unidade celular de intendência – que são responsáveis pelo transporte dos cadetes, organização do rancho, construção de locais de higiene, cozinha, barracas dos oficiais e um posto de hospital com oficiais médicos. No exec-1 os cadetes aprendem o básico sobre um acampamento militar, montar barracas, ser responsável pelo seu armamento, revezar na guarda, se deslocar em ambientes de mata, distinguir plantas comestíveis das venenosas, primeiros socorros, etc. O segundo exec é marcado por travessias de percursos d’água, o terceiro por deslocamentos em mata fechada, característica da

Segundo os cadetes, nestes exercícios também se revelam o “caráter” de alguns companheiros, como relata uma cadete do 2º ano:

A minha ansiedade maior foi no exec do 1º ano (...) porque quando eu cheguei aqui me falavam muito que um acampamento militar é muito diferente de outros acampamentos (...) mas às vezes a gente acha que vai ter alguma coisa igual, mas eles falaram tanto que eu fiquei com muito medo, pensei: “- meu Deus do céu, vão matar a gente lá, né?” (risos) Mas eu pensei também: - “pôxa, tanta gente passa que deve dar prá superar esse tipo de coisa”. Mas foi aquela tensão, aí chegou lá e eu achei muito bom, as atividades, deu prá aprender bastante. É uma coisa nova, você vai precisar da ajuda de alguém, tá naquela dificuldade, você não consegue fazer um nó ou você precisa que alguém te ensine, coisas assim... Eu acho que nessas situações que a gente está sendo testado até o nosso limite, é que conhecemos o caráter das pessoas. Se ela é uma má pessoa ela vai querer, por exemplo, num exec, a gente ganha comida mas às vezes faz uma besteira e aí fica sem ração e aí você vai ver o caráter da pessoa: -“não, eu sou egoísta e vou comer tudo, estou preocupada com a minha fome”. Em vez de refletir e sentir meia-fome, pensa em se saciar e: “- vou me esconder, comer escondidinho no cantinho”, acho que isso é mais de caráter. Aqui você pode lapidar o caráter, mas isso já vem com a pessoa.

A cerimônia realmente marcante para o primeiro ano é a da Entrega do Espadim, que ocorre no início de julho e marca a conquista do “símbolo do cadete da Aeronáutica”. Os cadetes do primeiro ano contam os dias que faltam para o recebimento do espadim e durante a cerimônia realizam a “abertura da asinha”<sup>15</sup> – quando se movimentam em forma diante do público e das autoridades presentes se posicionando na forma do emblema do Comando da Aeronáutica – uma espada alada.

A alvorada deste dia é especial, os cadetes acordam com as passagens de aeronaves do tipo “Caça”, que vêm para Pirassununga conforme a disponibilidade das bases aéreas deste tipo de aeronave e a

---

orientação e o quarto por uma simulação de fuga e evasão de campos de concentração inimigos em que os cadetes precisam aplicar todos os conhecimentos obtidos nos execs anteriores.

<sup>15</sup> A foto da capa de nossa pesquisa registra esta formação dos cadetes.

solicitação do Comando do Corpo de Cadetes. Durante a cerimônia, os aviões dos Esquadrões de Instrução Aérea – EIA – sobrevoam o local da solenidade e geralmente reproduzem no céu os dois últimos dígitos do ano da turma, a Esquadrilha da Fumaça também participa da solenidade apresentando-se ao final da cerimônia para a admiração da platéia de pais, familiares e convidados.

Há algumas lendas em torno deste símbolo do cadete da Aeronáutica, uma delas se refere exclusivamente ao cadete-aviador, dizem que se a cabeça da águia que fica na extremidade do espadim vier com uma pequena depressão (“amassada”) indica que o tal cadete seguirá carreira na disputada Aviação de Caça (a aviação de combate de elite da Força Aérea). Outra lenda diz respeito à todos os cadetes homens, e afirma que a primeira mulher que desembainhar o espadim se casará com o dono do espadim. Estas e outras histórias contribuem para o clima de conquista e de vitória para aqueles que sobreviveram ao EIBM e ao primeiro semestre.

Após a cerimônia de entrega dos espadins os cadetes de todos os esquadrões são liberados para as “férias intermediárias” de duas ou três semanas, retornando à Academia para o início do segundo semestre.

Voltando à Academia, os cadetes do primeiro ano ainda são bastante pressionados a demonstrar que assimilaram as atitudes e valores próprios do cadete-da-Aeronáutica, e até o final do primeiro ano eles serão os cadetes mais observados e cobrados de todo o Corpo de Cadetes. A imposição de “homogeneização”, de “nivelamento” do grupo ainda está bem presente no cotidiano dos cadetes, na fala de uma cadete:

Uma coisa que eu percebi aqui é que eles sempre tentam colocar os militares no que se chamaria de “normalidade da sociedade”, então como a maioria dos brasileiros é católica ainda, então aqui eles quase te forçam a ser católico, é quase

uma obrigação. Inclusive tem gente que é espírita e tem vergonha de dizer que é espírita e diz que é católico que é prá não ter problema. A gente tem aulas com o capelão e o capelão é extremamente tendencioso, ele não esconde e chega a falar mal de outras religiões que eu acho completamente anti-ético, mas isso acontece. Aqui também a vestimenta é regrada, a menina não pode usar saia acima do joelho, não pode usar camiseta de alcinha, tem que ter pelo menos mangas japonesas, é uma norma interna da AFA, batom vermelho não pode, unhas pintadas com cores berrantes, o brinco tem que ser pequeno, discreto. Eles tentam encaixar a gente nesse padrão de normalidade aqui. (Cad. Int)

O “padrão de normalidade” a que se refere a cadete poderia ser interpretado como uma certa igualdade entre todos, todos devem comungar da mesma religião, mulheres não podem se trajar de forma diferenciada dos homens, o cabelo deve curto “como o dos meninos”, o uniforme é o mesmo, os exercícios são os mesmos, as regras são iguais para todos, e todos devem segui-las igualmente. Além da igualdade, os cadetes do primeiro ano devem demonstrar que assimilaram o espírito de corpo, e todas as regras, valores e atitudes militares que são repetidamente apresentados e cobrados com insistência pelos cadetes mais antigos. A punição ao cadete do primeiro ano segue alguns dos padrões de nivelamento do EIBM, por exemplo, se um cadete apresenta alguma atitude não condizente aos valores militares, o grupo todo deve “pagar” junto com ele, na fala de uma cadete isso ajuda a desenvolver o “espírito de corpo”:

Ah, o espírito de corpo é um sentimento, é um conceito que a gente tem que aprender no 1º e no 2º ano, entendeu? Porque é o tipo de coisa, por exemplo, se você é primeiro ano, você faz uma besteira, você sozinha não paga, todo mundo vai pagar pela mesma besteira que você fez, entendeu? Então é isso o que se chama de espírito de corpo, você tem que carregar um companheiro seu, eu vejo assim... porque no 1º e no 2º ano você vai pagar junto, se você cometeu uma besteira, pode crer, todo mundo vai dançar.(Cad Int)

Para os cadetes mais antigos e oficiais, os exercícios corretivos constituem uma oportunidade para que o grupo se una e desenvolva o “espírito de corpo” – característica fundamental da profissão militar. Os cadetes geralmente se referem ao primeiro ano como o período em que não tinham tempo “prá nada”, onde tudo era controlado, vigiado e eles eram punidos mesmo quando não eram eles que cometiam os deslizes. Desse modo, dada a imensa gama de regulamentos e condutas a serem seguidos na Academia, os “cobre-e-alinha!”<sup>16</sup> e as punições são uma constante na vida dos cadetes dos primeiros anos, segundo a descrição dos novatos, o primeiro ano na Academia é o ano onde aprendem “tudo, tudo mesmo” sobre o militarismo e precisam demonstrar que assimilaram porque senão todo o esquadrão “paga o pato”.

Em meio ao processo de homogeneização e à tentativa de inculcar o sentimento de pertença ao grupo como superior à qualquer traço que diferencie os cadetes individualmente, surgem algumas comparações e diferenciações inevitáveis neste primeiro ano de convivência na Academia. É comum os cadetes se referirem principalmente às diferenças de gênero e às de procedência escolar quando tentam responsabilizar um ou outro marcador social pelas punições sofridas pelo grupo todo. As mulheres são vistas pelos homens como “acochambradas” – protegidas - pelos superiores, excessivamente dóceis, delicadas, sem as características básicas para a vida militar, ou pelo menos para atuarem no mesmo “nível” deles. Eles se vêem como os portadores “naturais” de todas as características inerentes à profissão militar devido ao seu sexo. Para alguns cadetes homens do primeiro ano, as mulheres se utilizam de uma suposta fragilidade para escapar às punições coletivas, seja namorando com cadetes mais antigos que as “peixam”, seja demonstrando fragilidade frente à pressão imposta à todos e sensibilizando os líderes com seu

---

<sup>16</sup> “Dar um cobre-e-alinha” é uma expressão típica na caserna que significa “chamar a atenção” quando observa-se algum comportamento não compatível à conduta do militar.

“jeitinho delicado”, quebrando o espírito de grupo tão cobrado. Por vezes eles fazem colocações jocosas das atitudes que consideram “femininas” e não adequadas à vida militar como do rebolado “próprio” das mulheres ao marchar, de crises de tpm, da voz fina e aguda para comandar o “atenção turma”, de olhares e gestos que denotam debilidade para serem protegidas pelos mais antigos.

Por sua vez, as mulheres do primeiro ano se dizem excessivamente cobradas por todos os homens pelo simples fato de fazerem parte de uma minoria e estarem mais expostas às diferenciações. Assim, um erro cometido por uma mulher ganha dimensões gigantescas perto dos vários erros cometidos por vários homens. Além disso, ao se utilizarem de características inerentes ao sexo feminino, elas se dizem privilegiadas por serem mais “caprichosas”, organizadas e disciplinadas que os homens, assimilando melhor e mais rápido as atitudes e valores militares que dizem respeito à disciplina que precisaram desenvolver no primeiro ano. Em termos de relacionamento afetivo, é comum escutar de ambos os grupos que jamais namorariam cadetes, principalmente os/as do primeiro ano.

Na fala de um cadete do primeiro ano:

Deus me livre namorar cadete, professora, o lugar delas não é aqui, elas não têm estrutura física para agüentar a vida militar, vão perder a feminilidade, choram à toa, são protegidas e ainda fazem a turma toda pagar por visitar o namorado mais antigo, pode perguntar prôs cadetes mais antigos, a gente só está perdendo, a Força Aérea vai virar bagunça com elas.(Cad Av)

Vejamos como as mulheres do primeiro ano falam desta diferenciação:

Cad 1 – eles se incomodam tanto com a gente que a gente até ouve: - ah, fulana tá mais gorda, fulana tá mais magra, fulana “pegou” alguém. Todos os meninos se incomodam muito com a gente.

Cad 2 – eles inventam estórias da gente, tipo : fulana ficou com sicrano. Quando não é verdade, isso é terrível.

Cad 3 – é, aqui se você tá conversando com o garoto você já tá namorando, daqui a pouco você já saiu com um monte.

Cad 1 – Quando a gente chegou foi difícil conhecer o pessoal, a gente nem conhecia o nome de todo mundo, mas todo mundo já tinha apelido e já era falada pelo apelido. Todas as meninas tinham apelido.

Cad 3 – parece um estigma tipo assim: ah, elas são cadetes então elas são gordas, elas são feias.

Cad 4 – no nosso esquadrão isso é terrível, todas têm apelido.

Cad 1 – parece que eles separam dois tipos de mulheres, mulheres que eles podem sair lá fora e a gente é um outro tipo que não.

Cad 2 – Quando eles querem dizer que uma mulher é feia eles dizem: ah, aquela mulher parece uma cadete! Eles relacionam mulher feia com a cadete. E na verdade quando eles saem, eles só saem com mulheres feias! (risos) A cadete mais feia é muito mais bonita do que as mulheres que saem com eles.

Cad 4 – a gente ouve eles falarem: fulana é horrível, sicrana é terrível, como é que alguém namora isso? Aí a gente pensa que o cara tem uma namorada muito bonita. Aí ele chega com a namorada e você olha prá mulher: ela é que é a modelo? E ela é horrível! No baile do espadim a gente viu cada mulher feia com eles!

Cad 2 – tem um que a namorada dele é uma bola! (risos – todas concordam)

Cad 1 - eles falam: eu, namorar uma cadete, uma mulher que usa *boot*? Que tem o joelho todo ferrado? Mãos calejadas? Minha namorada estudar aqui? Minha irmã? Nunca!

Outra diferenciação de grupos entre todos os “iguais” do primeiro ano ocorre entre os cadetes que vieram da EPCAR e aqueles que não vieram, denotando o princípio de outra diferenciação que ganha forte destaque em outros anos – a diferenciação entre os Quadros. Os cadetes que vêm da EPCAR sentem-se mais militares, mais ajustados ao cotidiano da Academia e sentem-se prejudicados por terem que “aprender tudo de novo” com aqueles que não vêm da EPCAR. Os “bequeanos” como são chamados em alusão ao código aéreo da cidade de Barbacena – BQ – compartilham entre si uma identidade anterior comum aos que vieram da EPCAR e recorrem à “pagação de mistério”, aos episódios que eles viveram

(ou inventam) na tentativa de diferenciar-se do restante do grupo e, diferenciados como “superiores”, mais militares que o restante da turma. Por sua vez, aqueles que não vieram da EPCAR, os “PQD” na gíria da Academia ou os que “caíram de pára-quedas”, que entraram para a Academia via concurso de admissão, dizem-se mais “disciplinados”, mais abertos à doutrina da Academia justamente por não trazer “vícios” ou comportamentos de uma vida militar pregressa que não são adequados ao cadete-da-Aeronáutica. Estes comportamentos, dizem os PQDs, são condizentes ao “aluno” de Barbacena, mas não ao “cadete” da Academia, na fala de um cadete do primeiro ano:

Esses caras (os que vêm da EPCAR) só gostam de pagar mistério, dizem que a gente não deu “VI” que é pular o muro sem ser pego pelos oficiais, que a gente é menos militar do que eles só porque eles aprenderam umas cançõezinhas bobas de colégio lá. Eles não marcham no padrão da AFA e trazem um monte de vícios porque lá eles eram os mais antigos, os “fodas” do 3º ano. Mas aqui eles não são melhores do que qualquer um, porque aqui não é a EPCAR e eles acabam prejudicando a gente porque querem se comportar como os poderosos do 3º ano e aqui eles não têm esse poder! Então eles fazem coisas erradas que eles trazem de lá e a turma toda é quem paga, isso não é justo! Eles não dão bola prá doutrina, acham que já sabem tudo e fazem do jeito que eles aprenderam lá mas tá errado, e a gente que rala prá seguir todas as ordens tem que pagar porque os aviadores não sabem o que é espírito de corpo, eles só sabem o que é espírito da EPCAR.  
(Cad Inf)

Em termos de “serviço” ou “função” basicamente militar, os cadetes começam a exercer a função de “chefe-de-turma” e “tiram” o serviço de ronda. O chefe de turma é responsável pela apresentação da turma aos oficiais, professores e cadetes mais antigos, cabe a ele anotar as faltas, as ocorrências que porventura saírem do previsto em sala de aula e informar aos cadetes do 3º e 4º anos que estiverem de serviço. O serviço de ronda é efetuado pelos cadetes do 1º que após o EIBM recebem uma pistola 9 mm e se revezam de 2 em 2 horas na área do Corpo de Cadetes. Os cadetes se

referem à estas atividades como as que mais “amadurecem” em termos de militarismo pois desenvolvem o senso de “responsabilidade” apontado como outra característica inerente à profissão militar

Os corretivos vão diminuindo à medida em que os cadetes do primeiro ano vão assimilando os valores e atitudes próprios à vida militar, deixando de apresentar alterações, dentre elas e principalmente, a falta de espírito de corpo. Segundo Castro (1990), um dos elementos que podem influenciar o tempo de assimilação dos procedimentos da rotina militar pelos cadetes do primeiro ano da AMAN é a diferença da origem escolar dos cadetes. Em 1999, cerca de 68% dos estagiários da AFA eram oriundos da EPCAR, 15% de outras escolas militares e 15% vinham de escolas civis, entretanto, muitos daqueles que vêm do meio civil, justamente por não possuir experiência militar, sentem-se entusiasmados com os novos aprendizados e executam as atividades da rotina do Corpo de Cadetes com entusiasmo. Como já vimos anteriormente, a vivência militar anterior não indica necessariamente o entusiasmo e a satisfação do cadete nas atividades propostas aos cadetes, principalmente porque eles podem se sentir desmotivados ao serem “nivelados” com os outros sem nenhuma experiência militar anterior:

A garotada que vem de Barbacena sai de lá mais antigo dentro da estrutura hierárquica do aluno, né? Lá ele é o rei, aqui não! Aqui ele precisa começar do zero, a gente não desconsidera a bagagem de instrução militar, alguma coisa de doutrina, a parte física deles. A gente pede para que eles nos ajudem pois eles já têm uma formação militar... mesmo assim ele sente um baque porque ele não passou por um período de adaptação do tipo do nosso, ele tem uma vivência diferente daquela anterior e acaba desanimando. (oficial)

Homens, mulheres, PQDs, bequeanos, nortistas, sulistas, aviadores, infantess e intendentes... os oficiais que lidam com o primeiro ano sabem da dificuldade de nivelamento que se impõe diante destes grupos sociais

diferenciados e combatem a divergência entre eles através do primeiro ponto de igualdade: todos são militares e precisam sobrepor esta característica sobre as outras acima de tudo:

... eu falo muito da responsabilidade das meninas, elas estão começando aqui, fazem parte das primeiras turmas mistas e têm todo o direito, eu falo pra elas: - vocês têm que se impor aqui com os cadetes porque vocês são cadetes, têm os mesmos direitos e os mesmo deveres que os demais cadetes... No início a gente observa um certo conflito entre o pessoal que vem de Barbacena e os outros, a gente faz tudo prá minorar porque eles são da mesma turma. Mas tem casos que a gente tem que punir, né? Porque há casos assim de desrespeito à um cadete, alguns hábitos que eles trazem de lá como por exemplo dormir em sala de aula, andar mal uniformizado, eles pensam que ainda têm todo aquele poder do 3º ano de EPCAR e aqui dentro eles não têm mais, isso é realmente um conflito para ele. Então a gente chama a atenção dos cadetes ao conceito de camaradagem que eles devem cultivar.(oficial)

Toda pressão direcionada ao primeiro ano se justifica por eles se encontrarem no primeiro estágio do PTM – Programa de Treinamento Militar – que vai até o final do segundo ano, em que os cadetes devem absorver os regulamentos militares e assimilar a conduta a ser apresentada pelo oficial, para nos 3º e 4º anos exercerem o PTL – Programa de Treinamento de Liderança – onde eles vão começar uma nova etapa da formação, instruindo, orientando, “cobrando” e punindo os cadetes dos esquadrões mais modernos.

O segundo ano na Academia é marcado pelo questionamento da profissão militar pelos cadetes, é um ano em que eles já não são os mais modernos, não mais o alvo da ‘pancadaria’ como no primeiro ano, já assimilaram bem as regras de conduta próprias aos cadetes e não são tão cobrados e observados como no primeiro ano. São mais antigos que os cadetes do primeiro ano mas como estes estão sob a vigilância constante dos líderes do 3º e 4º anos, eles acabam se sentindo mais “subordinados”

do que gostariam e não raras vezes voltam-se para a observação da conduta dos membros da própria turma.

É comum ouvir dos cadetes do segundo ano de que eles sentem-se “desiludidos” ao descobrirem que os cadetes mais antigos que anotavam seus erros e faltas que se transformavam nas punições e corretivos vividos no primeiro ano, também cometem os mesmo erros e faltas, são tão humanos quanto eles e isto parece desabar a imagem de perfeição e admiração dos cadetes mais antigos que eles nutriam no primeiro ano:

Cad 1 – Os caras que começam o terceiro ano querem mostrar serviço também e “façam” todo mundo, nas férias, um cara falou assim prá um amigo meu: “-pô, agora o meu comando vai ajudar a apertar vocês e a gente vai ter que apertar todo mundo, pô, agora se eu pegar alguém dormindo em sala eu vou anotar.” E o meu amigo: “-pô, mas tu dorme prá caramba!” E eles: “- eu durmo, mas eu tenho que anotar! Não é porque eu durmo que eu vou deixar de anotar quem dorme!” Pô, professora, prá quê isso?

Cad 2 – a coisa mais triste aqui é pegar alguém errado, pô todo mundo é ser humano.(Cads Ints)

Os cadetes do segundo ano vivenciam o Programa de Treinamento Militar Avançado em que estão sujeitos aos mesmos tipos de punições que os cadetes do primeiro ano, isto é, todos pagam pelo erro de alguns e em que ainda não podem escolher os companheiros de alojamento. Os cadetes são divididos em alojamentos com menos pessoas, cinco ou seis, de diferentes Quadros, o objetivo ainda é o de promover a união entre os diferentes através dos alojamentos já que os Quadros começam a ganhar contornos específicos e nem todos ficam mais na DE. Neste ano, é comum também os questionamentos a respeito da rotina imposta:

Cad 1- O problema é que aqui, 90% das coisas que eles fazem aqui não tem necessidade , não é pensado, é coisa que vem de 30 anos atrás, mas eles não mudam porque ninguém chega lá e... pô, eles sabem que aquilo tá errado, eles já foram cadetes, sabem que tem coisa que não leva a nada, aí vira o oficial e: “-tá certo.” Pô, não tá certo, eles sabem disso. Por exemplo, quem é atleta deveria

dormir mais cedo prá chegar na prova bem preparado e descansado, voltar mais cedo e dormir 10 horas de sono, ter um sono bom prá de manhã entrar na prova prá quebrar o recorde, mas ele fala: - não, não pode dormir no expediente, vocês têm que aprender que no expediente não se dorme, não sei o quê... (Cad.Int.)

No segundo ano, as disciplinas técnico-especializadas começam a tomar espaço na rotina dos cadetes, os aviadores se preparam para as aulas de vôo no 2º Esquadrão de Instrução Aérea - 2º EIA, os infantes começam suas instruções de “patrulha” que ocorrem em áreas de mata fechada da Academia e se deslocam para outras localidades para realizarem atividades específicas de operações helitransportadas e “montanha”, e apenas os intendentess mantêm uma rotina na DE semelhante àquela do primeiro ano.

É no segundo ano que os diferentes Quadros adquirem contornos próprios e os cadetes começam a perceber que são mais diferentes do que iguais neste aspecto. Os cadetes dos diferentes Quadros começam a valorizar as atividades específicas à cada curso e portanto não comum à todos. Realizando diferentes tipos de atividades, os cadetes compartilham um mundo novo de símbolos, linguagens e condutas com outros militares de seu Quadro e as diferenças se evidenciam entre o esquadrão.

As instruções de vôo para os cadetes aviadores ocorrem concomitantemente às aulas do ensino científico na DE e passam a ser sua prioridade visto que três “peias” ou avaliações de vôo deficiente leva ao julgamento pelo Conselho de Desempenho Acadêmico e é a atividade que causa maior número de desligamentos da Academia.

Durante o período em que recebem as instruções de vôo, é comum observar nas salas de aula do 2º ano das turmas de aviadores, cadetes realizando o que eles chamam de “vôo mental”, situação em que eles

imaginam-se no interior de uma aeronave realizando os procedimentos que serão avaliados na instrução aérea. Também é comum observar em salas de aula de cadetes aviadores, fotos do painel da aeronave T-25 em tamanho natural que os cadetes dispõem sobre as carteiras e de olhos fechados tentam apontar para os inúmeros botões e instrumentos enquanto outros indicam se estão acertando ou errando, é a preparação para o “cheque de olhos vendados”, uma das várias provas que ele precisa passar antes de iniciar realmente o voo.

As instruções aéreas são aguardadas com ansiedade pelos cadetes aviadores como podemos notar na fala de um deles:

Quando chegou o voo também, a gente estudou prá caramba, consegui ir bem nas provas, chegou no voo, o primeiro *briefing* já foi aquele nervoso, o cara falava, falava e eu não assimilava, tava nervoso e ele gritando e começou a chover e eu achando que ele ia mandar voltar e ele mandou entrar no avião e fazer o *check* e eu : “- ai, meu Deus, e agora?” Aí fechou a capota e: “- dá a partida! Corta o motor!” Quando ele falou prá cortar o motor, eu não tava preparado, eu tava preparado prá dar a partida, voar, fazer outras coisas e no final cortar o motor, então eu esqueci tudo. Aí ele me chamou a atenção: “- você esqueceu, não estudou nada!” Se ele soubesse o quanto eu estudei não estaria falando isso. As duas primeiras aulas foram assim, a três foi mais tranqüila, aí na quatro, também tive uma mudança de pensamento radical porque eu fui com outro instrutor que me tratou de uma maneira bem diferente, não que o outro tenha me maltratado, ele só ficou na cobrança, mas esse da missão quatro me tratou muito bem, ele conversava comigo, então foi como no EIBM, você via que nem tudo era pedra, tinha esse outro lado. (Cad Av)

Os cadetes aviadores compartilham de uma simbologia tradicional e exclusiva de seu Quadro na Academia, cada cadete que realiza o voo solo aeronave T-25 entra no prédio do 2º EIA e toca um grande sino de metal e todos que se encontram no local comemoram com ele esta conquista. Outra tradição é o banho de jato d’água que o primeiro cadete a realizar o voo solo “leva” dos instrutores e após todos os cadetes solarem, todos

levam um banho que marca a vitória pela conquista do *meio-brevet* – o símbolo de metal que os cadetes aviadores passam a ostentar no uniforme<sup>17</sup>. Somente após todos os aviadores solarem no segundo ano é que os cadetes dos outros cursos recebem seus distintivos de curso que também passam a ostentar em seus uniformes.

Os cadetes infantis do segundo ano também realizam atividades “operacionais” específicas de seu Quadro concomitantemente às aulas na DE. Tal como os aviadores, eles descrevem suas atividades como “100% militares”, que levam à “rusticidade”, ao vigor físico, à coragem e à “tenacidade” próprias aos infantis. É com entusiasmo e vibração que os cadetes infantis vivenciam estas novas atividades como podemos notar nas palavras de um deles:

O segundo ano foi bem mais tranqüilo, a gente também fez o pára-queda mais voltado assim pra nossa profissão, porque o pára-queda que a gente tem no primeiro ano é aquele básico, em caso de emergência você saltar. No segundo ano a gente já saltou mochilado, armado, então a gente passou a ter uma responsabilidade com o armamento, a gente aprendeu a fazer uma aterragem direito senão pode machucar porque você usa armamento colado no corpo. A gente também fez o curso de montanha, em que a gente aprende a dar o nó, aprende a amarração, prender numa parede, como escalar uma parede de pedra, teve também operações helitransportadas que eu achei, nossa, descer do helicóptero assim, pô, ver o rotor na cabeça, o helicóptero assim a uns cinquenta metros de altura, então foi muito bom. Pôxa isso aí é vibrante, professora, foi uma coisa assim, nossa, eu nunca tinha voado de helicóptero, eu era caipira pra caramba, nunca tinha voado de avião, voei no primeiro ano e saltei, no segundo ano de novo, fui pôr Rio de Janeiro que eu não conhecia, fazer montanha, pô, foi ficando mais específico o nosso curso. O segundo ano eu não tive problema. A única dificuldade foi a prova de eletrônica, foi o meu único exame na Academia (risos).  
(Cad Inf)

---

<sup>17</sup> O *meio-brevet* é representado por uma estrela com apenas uma asa.

Os cadetes da Intendência são os únicos que permanecem DE, visto que suas atividades de Quadro estão relacionadas aos setores mais administrativos da Força. Eles consideram que a própria permanência na DE, “estudando, estudando e estudando” é o que diferencia o Quadro da Intendência dos demais. Alguns intendententes ressentem-se de aulas mais práticas ou atividades “operacionais” como aquelas realizadas pelos infantess e aviadores, pois como ficam presos à rotina da DE – conhecida por todos – tornam-se os alvos preferidos das brincadeiras dos cadetes de outros Quadros que afirmam que a Intendência não passa de uma “faculdade”<sup>18</sup> dentro da AFA.

Em sua maioria, os intendententes do 2º ano relatam que pela própria característica do Quadro, ligado basicamente às atividades administrativas, acabam ficando mais na DE, mas isso não é motivo para que não gostem ou valorizem suas atividades, ou não se vejam como militares como descreve uma delas:

Eu comecei a gostar da profissão em si, da idéia de fazer alguma coisa pelo meu povo, é uma coisa que sempre teve forte em mim, mas eu acreditei que eu pudesse fazer em qualquer profissão. Mas no militarismo eu comecei a ver que seria uma coisa mais efetiva.

Primeiro porque a gente tá num serviço público e vai estar lidando com o povo, vai estar gerindo os recursos da população, se eu estiver fazendo a coisa certa já acho que eu vou estar fazendo alguma coisa pelo meu país. E também você começa a se envolver com as pessoas, a gostar, a segurança financeira é um aspecto que também me segurou aqui, é um aspecto que a minha família sempre falou muito, a questão do emprego porque as coisas no país estão cada vez mais difíceis, né? E esse é um aspecto que a gente não pode esquecer. (Cad Int)

O segundo ano na Academia é visto como desmotivador para muitos cadetes, pois segundo eles, é neste período que descobrem que o universo militar não é tão perfeito como eles pensavam que fosse no primeiro ano.

---

<sup>18</sup> “Faculdade” aqui tem a conotação de “menos militar” ou “mais civil” devido à dedicação quase que

Os cadetes descobrem as diferenciações no meio do universo que eles aprenderam a se igualar no primeiro ano e a descoberta incomoda, tomando proporções de paranóia algumas vezes como nos relata uma cadete:

No caso da rivalidade entre os esquadrões, às vezes eu me sinto numa FEBEM aqui, dá umas crises de neura mesmo de eu ligar prá casa e dizer: - mãe, eu não posso confiar em ninguém aqui, eu tô tendo que desenvolver um olho aqui nas costas, é homem que odeia mulher, é esquadrão que odeia esquadrão, é Quadro que odeia Quadro, é cadete que odeia oficial, é oficial de Quadro que odeia oficial de Quadro, é oficial de comando que odeia oficial de comando e que alimentam a picuinha entre os cadetes prá dizer coisas do tipo: “- Eu posso mais que você!” Então isso aqui virou uma FEBEM e às vezes eu fico imaginando que se a gente precisar ir prá uma guerra, aí vai estar todo mundo ali na trincheira e quando derem fogo aberto, eu virar antes prá trás e vou matar antes todo mundo da FAB e aí depois sim, o que sobrar eu vou jogar no inimigo! É o que vai acontecer!

Estas situações de divergências ou diferenças não são rígidas e muito menos imutáveis, elas ficam bem diluídas em situações como a Interfaa, a Navamaer, os exercícios de campanha até mesmo em situações lúdicas entre os cadetes, como as festas do esquadrão, em que todos voltam a compartilhar do mesmo objetivo: tornar-se militar.

Em termos de “serviço”, os cadetes do segundo ano continuam o revezamento de chefe-de-turma<sup>19</sup>, deixam de fazer a “ronda”, destinada aos cadetes do 1º ano e começam a exercer a função de “permanência a sala do Cadete-de-Dia”, isto é, após as 22:00 hs a equipe de serviço do Cadete-de-Dia (formada por cadetes do 3º e 4º anos) se recolhe e um cadete do 2º ano é quem fica na sala exercendo a função do Cadete-de-Dia<sup>20</sup>. Eles se revezam de duas em duas horas nesta função que é vista pelos oficiais

---

exclusiva que os intendentes dão aos estudos.

<sup>19</sup> Esta é uma função que vai do 1º ao 4º ano.

<sup>20</sup> Na verdade ele se prepara para exercer esta função no 3º ano, é proposital que eles se revezem na sala do Cadete-de-Dia das 22:00 às 6:00 pois geralmente este é um horário mais tranquilo que não exige muita experiência do cadete.

como uma preparação para as funções de chefia e liderança que eles assumem no 3º ano, quando começa o PTL.

### **PTL - Programa de Treinamento de Liderança**

O terceiro ano começa com muitas novidades em termos de formação militar. Os cadetes vivenciam o Programa de Treinamento de Liderança Básico em que alguns são designados líderes de elemento e passam a trabalhar com grupos de cadetes do primeiro ano e todos passam a exercer funções de auxiliares ao Cadetes-de-Dia (ao Corpo de Cadetes e aos comandos do 1º, 2º e 3º esquadrões). Os cadetes do 3º ano não têm mais líderes de elemento que os oriente pois eles mesmo já fazem parte do programa de liderança.

Ao final do segundo ano, todos os cadetes que se interessam em exercer liderança de elemento devem manifestar seu desejo no final do segundo ano para participar do EIBM do ano seguinte, auxiliando os cadetes do 4º ano. A escolha dos cadetes que querem participar da Cadeia de Comando do ano seguinte é feita de acordo com a indicação dos companheiros de turma, dos conceitos militar e acadêmico que são verificados pelo comando do esquadrão. Estes líderes de elementos são os cadetes que vão emitir orientações sobre a rotina diária na Academia aos cadetes do primeiro ano. Eles voltam para a Academia no terceiro ano já sabendo que serão líderes de elemento, não sabem quem são os liderados mas sabem que serão líderes. Os líderes de elemento são subordinados aos líderes de esquadrilha do 4º ano e assim que assumem suas lideranças, passam a fazer parte da “temida” Cadeia de Comando dos Cadetes.

Os cadetes que participam do EIBM e exercem a função de líderes de elemento com os estagiários e cadetes do primeiro ano relatam este ano

como inesquecível, é a oportunidade que eles têm de não repetir o que eles não gostavam no primeiro ano. É quando eles “passam para o outro lado” e são estimulados a “amadurecer” mais:

O terceiro ano foi bom no sentido que a gente passa do outro lado e tenta não repetir as coisas que a gente não gostava dos cadetes mais antigos. Você passa a ter mais responsabilidade porque aquele cadete do primeiro ano tá acreditando em tudo o que você fala, porque a gente já foi do primeiro ano e sabe que é assim, os cadetes idolatram os líderes e a gente tem que ter responsabilidade sobre o que fala e faz com eles. Esse também foi o ano em que eu me dediquei mais aos estudos, porque eu acho que aqui no Corpo de Cadetes eles confundiam você ter boas notas com a sua capacidade de liderança e eu particularmente discordo disso, eu acho que são duas coisas bem distintas. Sempre foram os “zero-zero” que foram líderes de tudo. Então como eu gostaria de exercer liderança no quarto ano, eu estudei bastante prá compensar essa falha, porque eu considero uma falha isso de tirar notas boas e exercer liderança. (Cad Int)

Do segundo pró terceiro, a gente deixa de ser o comandado prá comandar, foi uma mudança muito drástica, do terceiro pró quarto você não sente tanto, você já tá na liderança, você já tirava o seu serviço de cadete de dia, de auxiliar.

Então no terceiro ano você aprende muito mais na liderança do que obedecendo só. A participação no EIBM e na liderança me deu até mais confiança no vôo, até hoje eu busco explicação prá isso, talvez seja a responsabilidade, mas isso fez toda diferença. Eu queria ser um exemplo bom prós cadetes, então eu estudava mais prá poder aplicar o que eu já sabia... quando você assume a liderança, muitas vezes chama a atenção, dá esporro num cara mais velho que você , a responsabilidade atribuída aqui é muito grande prá uma pessoa nova, eu tenho 22 anos e tive que tentar dar exemplo prá 200 pessoas.

Eu tenho (parente) aqui, e talvez eu tenha que prender, minha função é essa, olha a responsabilidade. (Cad. Av.)

Mesmo os cadetes que não assumem as lideranças de esquadrilha se vêem em novas funções que marcam a formação militar e a maioria vê o terceiro ano como o “melhor” na Academia. Na fala de um cadete infante:

No terceiro ano o que eu gostei mais, foi que a gente passou a tirar o serviço de auxiliar, então tem o cadete de dia ao Corpo, tem o auxiliar ao cadete de dia e tem

o cadete de dia aos esquadrões, e a partir do terceiro ano a gente tira o serviço de auxiliar, a gente passou a comandar, passou a ter uma responsabilidade bem grande. Porque o oficial cobra: “- eu quero o esquadrão à uma e meia no cinema, fala prô pessoal levar lápis, caneta, caderno.” O cadete de dia fala assim: “- auxiliar, tá contigo, porque eu vou dormir, vou almoçar, vou não sei o quê... vou estar em todos os lugares menos com você!” (risos) E a gente é que comanda o esquadrão.

Um ano de mudanças bruscas, relevantes, em que eles “têm mais tempo”, não são tão observados pelos oficiais que “estão de olho” no trabalho do 4º ano e nem sob os olhos destes, que estão preocupados com o primeiro e o segundo ano. Um ano de muita responsabilidade no que tange às novas funções e também em relação à assimilação dos valores e atitudes militares, como o cadete do terceiro ano participa do PTL, aquele que for “pego no erro” deverá arcar sozinho com as conseqüências (punições) deste ato sem envolver a turma em corretivos como ocorre no primeiro e segundo ano.

Os cadetes do terceiro ano já podem também escolher os companheiros com os quais dividirão o apartamento, fato este que segundo alguns, pode acirrar as rivalidades entre os Quadros no início do ano. Segundo a maioria, é no início do terceiro ano que as diferenciações encontram seu ápice entre os cadetes de uma mesma turma, isto ocorre principalmente porque cada Quadro tenta valorizar mais o que faz, o que sabe de diferente dos outros e as comparações e brincadeiras são inevitáveis neste período e as mais comuns são as piadas de que o aviador pensa que é “o melhor”, o “bonzão”, “*top gun*”; que o intendente não possui “perfil militar”, vai ser o “funcionário público gordo”, “sempre com o carro do ano”; e que o infante é o “comedor de grama”, o “ralador”, o “malhado” da turma.

A seguir alguns trechos de entrevistas com os cadetes que refletem estas comparações entre os cadetes de mesma turma, mas de Quadros diferentes:

Segundo um cadete aviador:

... no terceiro ano, a gente começou a se separar mais, é por causa da Academia, o problema é que o aviador sempre acaba que tá mais “surubado”, a gente vê isso aí quando tá todo mundo no alojamento. O pessoal da intendência e infantaria, eu quase nunca vejo os caras a não ser a noite, porque o pessoal da aviação começa a ter um ritmo muito mais puxado no terceiro e quarto ano por causa do vôo e a gente vê que às vezes você tem que estudar prô vôo e o cara da Intendência tá escutando um som, o pessoal da Infantaria também. No começo também a gente tem mais matérias parecidas e juntas todo mundo vem prá DE ou todo mundo vai prá outro lugar e a partir do quarto ano cada um começa a parte mais especializada, a Infantaria começa a ter uma personalidade, a Intendência começa a ter outra personalidade diferente, e a Aviação outra. A Infantaria não tem tanta, mas entre a Intendência e a Aviação tem bastante rixa.

Um cadete aviador do terceiro ano enfatiza seu Quadro fazendo diferenciações, mas comenta que tudo isso não chega a configurar uma rivalidade, consiste em brincadeiras que servem para descontrair:

...a postura do pessoal que compõe cada Quadro é muito diferente, eu não sei explicar, mas é. O aviador tem muita responsabilidade, a gente tá numa aeronave de milhares de dólares e tem a nossa vida que tá em risco, a gente tem também muitas aulas práticas. Os intendentes estudam bastante mas nunca aplicaram, a Infantaria nem tanto porque eles têm bastante atividades próprias também. Mas não chega a ser uma rivalidade, é mais prá sacanear, falar que intendente é tudo “bitolado”, aviador não tá nem aí prá nada só prô vôo e infante é o “faca na boca”.

A valorização do Quadro de Intendência feita por um cadete intendente através da comparação com os outros:

A Intendência é um Quadro em que você tem que ser (...) tem que ser bastante honesto porque a gente vai estar lidando com muito dinheiro e você tem que estar preso aos regulamentos, às normas, porque você tem todo um trâmite legal todinho prá seguir, então é fácil você esquecer alguma coisa, qualquer coisinha

pode atrapalhar então é um trabalho muito metódico, muito metódico e esquematizado, agora é um trabalho que eu gosto, é bem diferente dos outros Quadros. Por exemplo, o aviador ele é bem voltado pro lado profissional dele, tem um sonho tipo: - vou ser "top gun", tem muita fantasia. O infante também tem um pouco disso, tem atividade na selva, tanto que ele fica: - pô, eu escalei uma montanha, não sei o quê... E o intendente, pode perceber, ele é bem mais maduro, é uma pessoa mais séria, ele não tinha aquele sonho de buscar aventuras como os outros, ele é mais maduro porque quer fazer bem o seu trabalho.

### Segundo um cadete infante:

Eu tento evitar um ou outro comentário mais pesado, mas tem tipo: - ah a Infantaria é um curso fácil, a Intendência é o curso mais acochambrado porque não faz nada (em termos operacionais), mas eu evito falar estes comentários... contra os aviadores tem aquele comentário de que a Aeronáutica tá falida porque são eles que administram, a Força Aérea tá desse jeito por causa deles, porque são eles que mandam..

Além da comparação e diferenciação entre os Quadros, o início do terceiro ano também é marcado pelas rivalidades entre homens e mulheres de uma mesma turma, talvez neste caso, o comportamento de comparação e diferenciação ocorra principalmente devido à disputa pela classificação e pela função de liderança de elemento que se inicia no final do segundo ano quando os cadetes são escolhidos para participarem do EIBM do ano seguinte e durante todo o terceiro ano.

A rivalidade entre homens e mulheres segundo o depoimento de algumas cadetes do terceiro ano:

Cad 1 - há muita gozação, a mulher não pode errar lá na frente, se errar é motivo de gozação, zoação, falam que é "bisonha", tudo.

Cad 2- não precisa nem errar pra eles ficarem te sacaneando.

Cad 1 - é, agora, homem pode errar fazer de tudo lá na frente aí o pessoal só fala ali e morreu. Se uma mulher errar...

Cad 3 -ela é pichada incompetente. Ela pode fazer tudo certo depois, perfeito, mas fica marcada, ficam imitando, acho que os meninos ainda são muito imaturos. (Cads Int)

No decorrer do terceiro ano, no entanto, como a convivência de todos volta a ser na DE e no Corpo de Cadetes devido à liderança e aos serviços de auxiliares de cadete-de-dia e com a aproximação do quarto ano, é comum os cadetes retomarem sua identidade de turma, de esquadrão, principalmente na Interafa, na Navamaer e no exec-3 onde todos precisam de todos para se saírem bem no exercício de orientação proposto, onde o sucesso do grupo depende de sua união.

O quarto ano da Academia é descrito pela maioria dos cadetes como o “mais esperado”, e o “mais tranqüilo” em termos de divergências com os demais esquadrões, com os companheiros de Quadros diferentes e com as cadetes. Os cadetes do 4º ano dividem os apartamentos com pessoas que eles mesmo escolhem, e passam a usufruir de facilidades não permitidas às demais séries como por exemplo, possuir geladeiras nos quartos e não precisar mais tomar o café da manhã no rancho com os demais, muitos deles se referem à mudança para o prédio de apartamentos que fica em frente ao pátio do CCAer como a “conquista do Olimpo”.

É no último ano da Academia que o cadete vive o “Programa de Treinamento de Liderança Avançado” em que ele precisa demonstrar “responsabilidade” e “maturidade” acima de tudo. Aqui ele já não tem mais líderes de esquadrilha para acompanhar suas turmas de aula pois supõe-se que já desenvolveu o espírito de corpo e outras atitudes fundamentais à profissão militar.

O quarto ano é marcado por funções de comando exercidos por todos os cadetes, mesmo por aqueles que não fazem parte da Cadeia de Comando do Corpo de Cadetes. Para vários cadetes, este é o ano mais corrido, principalmente para os aviadores que voltam a ter instruções de voo e devem solar a aeronave T-27 e passar por todas as etapas que esta

nova atividade exige, acumulando funções de liderança ou serviços de comando.

Segundo o relato de um cadete aviador do quarto ano que não exercia função de liderança:

O 4º ano é muita coisa, muita responsabilidade, é o vôo, é a DE, é a escala de serviço que pega bem mais porque são muito mais escalas. O líder do Corpo, do 1º, 2º, 3º e 4º anos, da Intendência, da Aviação e da Infantaria não concorrem à escala de serviço e nem o presidente da SCAer. São sete cadetes por dia, é cadete-de-dia ao 1º, 2º, 3º e 4º anos, cadete-de-dia ao Corpo, auxiliar ao oficial-de-operações e auxiliar ao oficial-de-dia, o cadete-de-dia perde aulas nas 24hs de serviço, os auxiliares também perdem aula 24hs, sai daqui 8hs e só voltam no dia seguinte. O cadete de dia sai às dez horas quando entra o pessoal do segundo ano e volta às seis horas do dia seguinte, mas ele fica no alojamento de sobreaviso e é o pior serviço, tudo é responsabilidade do cadete-de-dia, tudo que passa no Corpo. Só de "escala preta", de auxiliar, eu peguei 7 serviços, de escala vermelha eu peguei 4 finais de semana, eu acho que ao todo esse ano eu peguei uns 15 serviços.

O depoimento de outro cadete aviador que exercia função de liderança:

O quarto ano talvez tenha sido o de mais confusão na minha cabeça e mais tranqüilidade no Corpo. Porque eu não tinha muita idéia de passar de ser liderado prá liderar e isso assustou um pouco, mas eu tinha vontade. No vôo eu tinha consciência da responsabilidade que eu tinha que ter mais que no terceiro ano ainda, eu tinha que fazer tudo certo e orientar o segundo ano que se acha sempre melhor e você cortando as asas deles e alguém cortando as suas asas no vôo. Foi um ano meio conturbado porque em alguns momentos você se sente bastante antigo em relação aos outros cadetes, só que em outros momentos era considerado um cadete ainda, então era cobrado como cadete. Então tem que ter um discernimento muito bom prá não misturar muito as coisas, não chegando num lugar querendo mandar e não chegar no lugar onde você tem que dar as ordens, ficar esperando alguma coisa de alguém, porque eles não vão fazer nada por você, eles esperam por você.

A igualdade tão estimulada no início do curso parece retornar ao final do curso, diluindo as diferenças:

A rivalidade que marca os esquadrões ocorre mais no segundo e no terceiro ano, porque o quarto ano começa a exercer liderança, passa a ter contato com muita gente de todos os esquadrões e acaba vendo que o negócio não é por aí, de ficar cultivando rivalidades. (Cad Int)

Com relação às mulheres, é no quarto ano que os cadetes conseguem vê-las como cadetes, como companheiras de turma:

O relacionamento com as cadetes mudou muito, as conversas passaram a ser muito mais abertas em termos de expor problemas sobre situações, de confiar mesmo. Chegou num ponto em que eu conversando com uma cadete eu coloquei que eu era contra a mulher estar aqui porque mulher é mais delicada, feminina, e às vezes eu olhava elas carregando mochilas, usando *boot* e não concordava muito com aquilo, achava errado. E ela: - mas, pô, a gente gosta! Então a gente passou a conversar de coisas que no primeiro ano a gente nem imaginava. A gente conversava abertamente, antes a gente tinha muito medo de brincar com as garotas com medo delas levarem *prô* comando e eles verem alguma coisa de assédio sexual nas nossas brincadeiras, pôxa eu acho que elas amadureceram muito e a gente também nesses quatro anos. (Cad Av)

Em termos de atitudes e valores militares, alguns cadetes afirmam que no quarto ano os valores e capacidades militares já estão tão sedimentados que eles agem de acordo com eles automaticamente:

Quando a gente tá no 1º ano, a gente fala que vai fazer tantas “doideiras” quando chegar ao 4º, mas quando a gente chega, vê que assimilou um pouco desse negócio de disciplina inconsciente, porque a gente tem muitas oportunidades de fazer coisas erradas e a gente não faz, a gente aprende, a coisa fica incutida na cabeça da gente, e a gente tem que dar exemplo, a gente muda muito, amadurece. (Cad Av)

Os cadetes do quarto ano vivenciam também um processo denominado “re-socialização” que visa sua adaptação à sociedade civil quando saírem da Academia como aspirantes, é evidente a preocupação

dos oficiais para que se adaptem ao mundo civil de onde chegaram tão diferenciados e para onde devem voltar diferenciados agora igualados pela identidade profissional que formam na Academia.

Na fala de um oficial:

O processo de ressocialização é um processo em que as saídas são liberadas gradualmente até chegar ao ponto de o cadete pedir as “guias” para sair sem precisas especificar para onde vai e podendo voltar mais tarde. É um processo contrário de quando o cadete chega, quando vetam-se todas as saídas, quando eles precisam aprender sobre espírito de corpo, em que eles vivem um período de privação mesmo. Este processo é necessário porque há muitos casos de extrapolação nas bases onde eles vão servir ou em Natal, para onde vão todos os aviadores, quando eles voltam a morar no meio civil.

Os cadetes aprovam esta nova condição após terem passado por todas as etapas da socialização militar:

No quarto ano, tem um plano de concessão a partir do segundo semestre em que a finalidade é tornar o futuro aspirante numa vida sociável já, civil, normal, ir praticidade, é um programa de ressocialização. Primeiro se corta a não obrigatoriedade do café, depois a de janta, de refeições, de formaturas e aos poucos você fica com a vida próxima do oficial em termos de horário, o que é muito interessante para quem viveu tanto tempo em internato. (Cad Inf)

A festa mais esperada pelos cadetes do quarto ano é a “festa dos cem dias” ou HS<sup>21</sup>-100, em que eles comemoram os cem dias que faltam para a cerimônia do Aspirantado. Desde o início do ano, todas as esquadrilhas anotam no quadro negro de suas salas de aula os dias que faltam para esta comemoração em que todos se confraternizam – cadetes do 4º ano, oficiais do Corpo de Cadetes, oficiais da DE, oficiais dos EIA, professores civis e alguns convidados. A alvorada do HS-100 é esperada por todos os cadetes do 4º ano que iniciam o dia ao som da banda musical da

---

<sup>21</sup> “HS” na gíria do cadete que dizer “haja saco” no sentido de haja paciência para agüentar o tempo que falta para a formatura. Os cadetes do primeiro ano adotaram esta sinalização e no início do ano letivo na DE já anotam no quadro negro os dias que faltam para a cerimônia de entrega dos espadins.

Academia, com o estouro de fogos, músicas e muita folia no pátio de formaturas do Corpo de Cadetes.

Nas semanas que antecedem a formatura, os cadetes do quarto ano realizam a passagem de comando do Estado Maior do Corpo de Cadetes e da Cadeia de Comando aos cadetes do terceiro. Após todos os aviadores terem solado o T-27, geralmente uma semana antes da formatura, os cadetes aviadores recebem o brevê de conclusão do curso de piloto militar e os intendentess e infantess recebem os brevêss de conclusão dos cursos de Intendênciass e de Infantariass da Aeronáutiass no pátio do Corpo de Cadetes. Depois desta cerimônia os cadetes do quarto ano passam a ser chamados “aspirantes” e aguardam a tão esperada cerimônia de entrega das espadas de oficiais, em que aeronaves T-27 sobrevoam o Corpo de Cadetes anunciando o tão esperado dia em que são declarados oficialmente “Aspirantes-a-oficiais”.

## CAPÍTULO VI- HOMENS E MULHERES - IDENTIDADE MILITAR

### *Academia da Força Aérea: ninho das águias*

No início de 1996, segundo o Relatório da Comissão de Acompanhamento de Mulheres do Curso de Formação de Oficiais Intendentes, o efetivo do Corpo de Cadetes era composto por 17 mulheres e aproximadamente 500 homens. Vejamos como, em termos quantitativos, se deu a evolução da participação feminina na Academia da Força Aérea.

Quadro IV - Evolução das porcentagens de mulheres em relação ao total de cadetes em cinco anos.

Turmas	Porcentagens
1996	3,2%
1997	4,5%
1998	7,1%
1999	9,5%
2000	9,1%

Através deste quadro podemos observar que a participação feminina no Corpo de Cadetes é muito menor se comparada à masculina, os números também indicam que nos dois anos em que havia quatro esquadrões mistos (99 e 00), elas constituíam um grupo que não chegava a 10% do total de cadetes.

Entretanto, se considerarmos a participação feminina no CFOInt, único em que são admitidas, nota-se uma grande evolução em termos de participação das mulheres, como podemos observar através do Quadro V.

Quadro V – Evolução das porcentagens de mulheres em relação ao homens do curso de Intendência de cada turma.

Turmas	Porcentagens
1996	37,4
1997	27,4
1998	35,5
1999	43,8
2000	53,3

Através deste quadro, podemos ver que o número de mulheres no CFOInt têm aumentado, chegando a constituir em 2000, cerca de 50% do total de cadetes intendententes. Vejamos agora como a participação das mulheres afetou a formação e o relacionamento entre os cadetes conforme seus depoimentos revelam.

### **Homens X Mulheres**

Em termos de militarismo, segundo alguns cadetes (homens) a presença da mulher na Academia é prejudicial à formação militar pois elas “amolecem” o ambiente, são mais competitivas, mais difíceis de se doutrinar, não conseguem mexer com o “brio” dos homens, não conseguem se impor quando no comando, “brincam” de fazer educação física, recebem tratamento diferenciado, são “acochambradas”, “pegam” só “boca-rica” e apresentam menos espírito de corpo do que os homens. Neste primeiro momento, veremos como os cadetes se reportam às cadetes de modo comparativo, acentuando as diferenças entre os sexos e aprisionando-as nesta condição biológica e como as cadetes interpretam estas situações.

Segundo o depoimento de um infante do 3º ano, a presença das mulheres na Academia “enfraqueceu” o EIBM:

Eu achei (o EIBM) meio fraco em termos de exigências psicológicas e física, eu achava que a educação física era programada para as garotas, então a gente tinha que esperar. Na minha época, o oficial da educação física pegava a galera mais forte, que eu fazia parte, meu preparo físico era bom, segurava a gente e colocava pelo menos uma garota prá acompanhar a gente prá no final ele dizer que uma garota conseguiu fazer tudo o que a turma fazia.

Era tipo um jogo de propaganda, mas a gente tinha que esperar, esperar.

Em termos psicológicos, por exemplo, por causa da presença das mulheres a gente se contém muito para falar alguns palavrões... a pressão psicológica é maior se a gente fala assim... acho que a gente perde o lado guerreiro, o lado do cara ser... a mulher tá amolecendo o militarismo.

Para um cadete aviador, além de serem mais competitivas do que os homens, só as mulheres se “facam”:

...E eu vou falar prá senhora, entre as mulheres acontece até mais (competição). Elas competem entre si e com os homens também, os homens não competem tanto. Os homens competem quando chegam no quarto ano, mas as mulheres competem desde o primeiro ano, a gente percebe isso, fica sabendo de coisas no conceito horizontal, uma garota que não empresta o livro prá outra não estudar – “não, já devolvi, tá lá em casa”. E não tá, tá no armário, ela tá “facando” a outra, e esse tipo de coisa que não acontece entre os homens.

Na versão apresentada por um cadete infante do 4º ano, as mulheres não conseguem mexer com os brios do homens e portanto, não servem para viver uma “situação real” da vida militar, ou seja, não servem para servir a Força em tempos de guerra:

Eu conversava muito com o pessoal do 4º ano (de um esquadrão só de homens) e todos concordavam que houve um amolecimento do militar aqui após a entrada das mulheres. Tem coisas que a gente tem que mexer com os brios do homem prá ele fazer alguma coisa, provocar situações de *stress*, forçar o indivíduo, e com a mulher diminuiu essa carga sobre o homem, essa pressão. E não é bom prá se cumprir o objetivo da Força, vamos ser práticos, numa situação real, de combate, um intendente chega prá um soldado e fala prá ele – eu quero que você faça um “lanço” daqui até aquela cratera ali e o soldado vai ver que ali tem tiro, que é difícil; ou o aviador chega na sala de *briefing* e planeja que a missão vai ter que ser

assim, assado e o guerreiro vê que naquelas situações ele vai estar correndo muito risco de vida. Então existem coisas que o mais antigo diz prô mais moderno para mexer com os brios dele prá ele fazer aquilo... Com a presença da mulher, ela não vai poder fazer a mesma coisa que eu posso fazer, e ela vai ter os mesmos méritos que eu? Existem muitas coisas físicas que a mulher não dá prá fazer...

Segundo outro infante do 4º ano, a mulher estaria numa posição difícil para liderar uma tropa visto que não é bem recebida como comandante pelo homens:

Em termos de liderança, a mudança não foi tão positiva, porque o pessoal não gosta de abaixar a cabeça prá mulher, só que em termos de trabalho aqui dentro, as mulheres são bem mais caprichosas.

Na visão de outro cadete infante do 3º ano, as mulheres recebem tratamento privilegiado em termos de alojamentos e educação física mais moderada, elas seriam menos “exigidas” do que os homens:

A Academia tenta igualar mas não dá, só que por exemplo, o alojamento masculino do 1º e 2º anos é uma falta de privacidade X, barulho, gente passando, companheiro com o som ligado alto, companheiro conversando, é muita gente e no alojamento feminino não, é um silêncio, uma tranqüilidade, porque tem poucas mulheres. A educação física delas também é muito mais *light*, então elas chegam bem menos cansadas que os homens nos alojamentos, mais disposta, o alojamento delas é mais tranqüilo, ela pode estudar e vai bem melhor na DE e vai ficando mais antiga.

A diferença de tratamento, segundo um cadete da intendência estaria na desigualdade das punições e na concessão de licenças:

Bom, aqui eles dizem muito que o tratamento tem que ser igual prá todo mundo, mas só que é visível e notável que o tratamento não é igual, e do que adianta essa hipocrisia de dizer que é igual, melhor mesmo é dizer que não é igual e pronto. Em quê o tratamento não é igual? Eu acho que em tudo, um fato que um homem é punido, a garota não é. Se eu pedisse uma guia para sair à noite, eu receberia um não, uma garota receberia um sim, pelo mesmo motivo que o meu. Independente de ser uma pessoa bem vista no comando, só o fato de ser mulher já fica diferente.

Outro cadete intendente justifica o tratamento diferenciado à própria sociedade que impõe diferenças sociais baseadas na diferenciação entre os sexos e as pessoas trazem esta cultura para a Academia:

...eu acho que até hoje eles estão experimentando a melhor forma de conduzir a entrada delas aqui. Acho que a sociedade vê a mulher como mais frágil e tem professor da DE que trata de forma diferente, tipo se tem um cadete dormindo, ele vai lá e dá a maior bronca, manda levantar, trata o cara com repressão mesmo, e se tiver uma menina, ele só chega e pede prá levantar e ir passar uma água no rosto... Eu acho isso prejudicial porque você espera uma igualdade aqui dentro e se você facilitar ou dificultar alguém, isso é prejudicial.

As impressões passadas pelos cadetes quando falam das diferenças entre homens e mulheres, se referem também ao protecionismo dado à elas e à procura deste protecionismo por elas mesmas, o que “quebraria” o espírito militar entre eles. Segundo trechos de uma entrevista com um grupo de 4 cadetes aviadores do 3º ano:

Cad 1 – na nossa turma já teve dois casos de meninas que eram protegidas por namorarem cadetes mais antigos.

Cad 2 – a gente fica revoltado com elas.

Cad 1 – é, mas a gente generaliza. E isso é por fase, no primeiro ano teve uma época que deu um atrito grande entre homens e mulheres.

Cad 3 – os homens não podiam conversar com as meninas não!

Cad 2 – é, e a gente tem companheiro que desobedeceu, né “...” (Cad 4)? (risos)

Cad 4 – é, e eu quase apanhei (risos)... Pôxa homem é assim, a gente resolve as nossas diferenças no alojamento, entre a gente e elas sempre querem resolver com os caras de cima prá depois a bronca vir prá baixo. Pô, invés de resolver tudo na paz ali entre a gente, não, elas querem resolver com os mais antigos.

Cad 3 –hoje em dia ainda acontece muito isso, elas sempre procuram os mais antigos prá resolver.

*E vocês? Procuram o comando?*

(Todos querendo falar ao mesmo tempo)

Cad 2 – pô, não, a gente vê isso como se quebrasse a ética.

Cad 1 – a gente não acha certo!

Cad 3 - é como se a gente quebrasse a ética e pedisse ajuda prô papai, prô professor... a presença delas algumas vezes quebra sim o espírito de corpo

Um cadete intendente do segundo ano ilustra bem o pensamento preconcebido predominante no interior da Academia, e é um exemplo de como este tipo de pensamento é usado para enfatizar diferenças “próprias” das mulheres que, na opinião de alguns cadetes se aproveitam de relacionamentos afetivos com cadetes mais antigos para obter tratamentos diferenciados, são mais “faconas” e “bitoladas”. Alguns cadetes justificam a conduta inadequada (em termos militares) dos homens como “própria” do sexo masculino que entre outras coisas, gosta de correr riscos. Nas palavras do próprio cadete:

...as mulheres são mais bitoladas, por exemplo, quando alguém fazia alguma coisa de errado, nunca tinha mulher no meio, entendeu? E aí, elas tinham que pagar com a gente, até aí, beleza. Mas teve umas vezes que a gente pagou por causa delas, sei que rola um machismo, mas o pessoal ficou muito nervoso, não gostamos de ter que pagar por causa delas, aí a gente pensa: -"mulher não devia estar aqui, e eu tô pagando por causa dela, perdendo tempo de sono por causa da mulher aqui dentro." Tipo o problema da cama que elas não arrumaram no ano passado e todo mundo teve que pagar. O pior foi quando uma menina do meu Esquadrão namorava um cara mais antigo e discutiu com um cara da minha turma. Aí a menina falou pró namorado mais antigo e o cara veio prá cima do cara da nossa turma: - "ah, fica esperto aí, senão eu vou te pegar". Aí o cara da nossa turma espalhou prá todo mundo: -"pô, aquela menina me facou". Aí rolou aquele atrito todo, todo mundo defendendo o menino, entendeu? Teve uma época que a gente não conversava com mulher, era proibido entre a gente, a gente combinava: -"quem conversar, apanha!" E ficava aquela coisa horrível.

Não há união entre elas também não, elas se facam muito, elas se entregam, entendeu? Elas não têm a união dos homens, mesmo que a coisa seja ruim ou improdutiva, a gente é mais unido, entendeu? Mesmo que seja prá fazer coisa ruim, vai todo mundo junto. E homem adora fazer coisa errada, não sei se da natureza masculina ou do jovem, mas se o certo é isso, o cara faz questão de fazer o errado. Por exemplo, se o certo é colocar a camiseta por baixo da canícula (camisa de mangas curtas) para vir para cá, o cara faz questão de vir prá cá sem camiseta prá mostrar que ele não está nem aí prôs outros, entendeu?

Não são raras as falas das cadetes que também se fixam nas diferenças entre os sexos para justificar um tratamento diferenciado, quando o fazem, elas se dizem mais “certinhas”, “bitoladas” do que os homens. Mas em geral, as garotas recorrem à tradição masculina da Academia para justificar as diferenças de tratamento e não poupam críticas ao tratamento diferenciado que recebem em relação aos corretivos, quando entendem que deveria ser igual àquele dado aos homens. É o que veremos a partir de trechos de entrevistas com as cadetes da Intendência.

A maioria das cadetes considera a docilidade e a obediência como características tipicamente ou naturalmente “femininas” e isso incomoda os cadetes na Academia a ponto de fazerem alarde quando descobrem algum deslize cometido pelas mulheres. Segundo uma cadete do segundo ano:

...o problema é que mulher é muito... bitolada. Quer fazer tudo certinho, a mulher é mais doutrinada que eles, é muito difícil pegar a menina no erro. É muito, muito difícil. Então, a impressão que eu tenho é que eles procuram, procuram e quando encontram alguma coisa, eles fazem alarde. Aconteceu no primeiro ano, no segundo... a gente percebe que pegam uma menina no erro, chega na frente do esquadrão, fala o erro e cita até o nome.

Algumas cadetes relatam que os homens as consideram “bitoladas” devido à melhor classificação obtida por elas:

O fato das mulheres serem bem classificadas na nossa turma é o grande fator que os meninos... prá eles falarem que somos bitoladas. (Cad 1º ano)

A maioria das mulheres enfatiza aspectos positivos de sua inserção na Academia, entre eles a “humanização” do ambiente e a aproximação entre os esquadrões que chocam-se frontalmente com a idéia de “acochambradas” e “protegidas” que os cadetes tanto condenam. Segundo o depoimento de uma delas:

Depois que a mulher entrou, humanizou mais a relação aqui dentro. Teve que humanizar porque a mulher criou uma... Meu Deus! Quando um cadete do primeiro ano, quando o cara entrava aqui no primeiro ano, muito provavelmente ele não ia ter contato com um cara do 4º ano. Mas com a entrada das mulheres, se um cara do 4º se apaixona por uma menina do 1º, acaba quebrando esse gelo, isto aproximou mais as turmas.

Segundo algumas cadetes, o tratamento diferenciado em termos de corretivo dado à elas, quando pagavam mais por serem mulheres, acaba por acirrar ainda mais a rivalidade entre homens e mulheres:

Cad 1 – A diferença é que eles têm mais físico que a gente, agora, eles não pagavam mais que a gente porque a gente pagava junto com eles.

Cad 2 – Exigiram mais da gente do que deles.

Cad 1 – Se eles erravam, era o grupo todo que tinha errado, quando as mulheres erravam, eram as mulheres que tinham errado. A gente pagava duas vezes, pagava por eles e pagava pela gente em separado.

*Eles não pagavam por vocês também?*

Cad 3 – Não, o que aconteceu foi o seguinte, quando acontecia alteração com os meninos todo mundo pagava junto, aí houve uma vez um caso de erro coletivo das meninas, aí separaram a gente deles, colocaram a gente na frente deles e fizeram a gente pagar, humilharam e só a gente pagou.

Cad 2 – Isso separou muito a gente, os homens das mulheres.

Quase todas as cadetes que foram comandadas por cadetes do 4º esquadrão constituídos apenas por homens reclamam da “herança” machista que eles deixavam aos companheiros de esquadrão delas:

...o que contribuiu para que o nosso esquadrão se separasse foi a idéia que a Cadeia de Comando passou prá eles, porque a liderança influencia muito, tudo o que eles falam, o primeiro ano leva como verdade, então o líder tem que saber o que fala para seus liderados. E eles tinham a visão de que a presença da mulher na Academia era errada e foi esta a idéia que eles passaram prós cadetes e é essa imagem que eles levam até hoje por causa da liderança do primeiro ano. Então imagine o que é prá uma liderança pensar que mulher na Academia é errado e ter que suportar a gente. Então, se uma mulher fizesse uma coisa errada, era a coisa mais absurda do mundo e era humilhação, exposição prá todos e expor não no

sentido de que eles aprendessem com os nossos erros, mas expor no sentido de ridicularizar a mulher. Eles incentivavam os cadetes a ter raiva das cadetes, isso era instigado. (Cad 2º ano)

As cadetes têm consciência de que constituem uma minoria e como a aviação - que é o Quadro com maior número de pessoas - é um Quadro formado só de homens, mesmo que todo corpo feminino do esquadrão se unisse, as mulheres continuariam em desvantagem. Segundo o relato de uma delas:

Eu acredito que eles são assim porque a aviação tem o maior número de cadetes, então eles são a maioria que abaixa a gente. A gente é minoria, se a gente fosse a maioria isso não aconteceria. A gente não tem força contra eles. Mesmo que a gente, em dezesseis, vá contra um garoto, em 170, eles se unem e a gente vai levar a pior sempre.

Elas afirmam que a cobrança maior recai sobre o Quadro da Intendência e mais ainda sobre as mulheres, e que isso começa desde cedo. Segundo o depoimento de uma cadete do primeiro ano:

Eles sempre falam que se alguma coisa dá errado é coisa de intendente, se for mulher então, faz tudo errado. A gente é cobrada o tempo todo por ser mulher, Interfa então, eles querem que a gente que chegou agora já ganhe o campeonato. Os infantas também e os intendentes também cobram da gente.

As cadetes conhecem suas limitações físicas e não gostam de ser igualadas aos homens neste aspecto:

Uma coisa que eu fico muito injuriada é que falam que a gente pode ser que nem o homem. Eu sou uma menina que corro bem em relação às outras meninas do meu ano, mas eu como uma boa corredora mulher admito, eu vou correr no máximo como um corredor ruim homem, se eu tiver num acampamento cheio de homem, eu vou ficar ali na retaguarda ofegante. Então eu acho que não adianta falar: -ah, um dia a gente vai chegar lá. Porque não vai. (Cad 1º ano)

Segundo uma cadete do segundo ano, as mulheres devem se esforçar para que o espírito de corpo não seja rompido pelas colocações

jocosas dos homens que debocham do teste físico delas, e sugere que eles deveriam ao menos conhecer melhor os exercícios que o compõem e considerar a constituição física diferente das mulheres:

...Mas a gente sente muito preconceito, não muito preconceito, mas a gente vê que muita gente acha que mulher não devia estar aqui, talvez não fale, mas a gente nota através de piadas, de colocações... Normalmente o pessoal fala do nosso teste físico, o homem acha que o nosso teste físico é muito fácil, só que ele não vê que a nossa constituição física é diferente. Muita gente falava: -ah, ficar na barra 32 segundos parado é fácil! Então a gente falava: - ah, é? Então sobe! Ai os caras subiam e ficava tremendo, tremendo, tremendo e não conseguiam, quer dizer, não faziam e diziam que era fácil.

E falam também muito da flexão de joelhos, só que isso é da constituição física da mulher, sempre tem uma brincadeira sem graça, piadas, alguma ou outra discórdia e isso é chato.

Mas isso não deve atrapalhar o espírito de corpo, você tem que desconsiderar essas coisas, comentários, tem que entrar por um ouvido e sair pelo outro. Tem gente que leva muito ao pé da letra e sofre mais, fica bem estressada.

Especificamente em relação à diferença entre os Quadros, as mulheres ou as tarefas “menos operacionais” são relatadas como “características” da Intendência pelos cadetes aviadores e infantess, enquanto os intendentess (em geral) tendem a valorizar mais a sua função através da valorização de suas atividades.

Segundo um cadete aviador:

A vida do intendente é a mais fácil aqui na Academia, eles só precisam estudar, decorar e passar de ano na DE, não fazem nada além disso. É por isso que a mulher se sai bem na classificação, mulher é mais "bitolada", só gosta de estudar, acho que ficam “cependo” a noite inteira, também não vão prô combate... O infante é mais "operacional" como a gente, às vezes dá vontade de fazer os exercícios que eles fazem, essas coisas de rapel, montanhismo, helicóptero... Agora, o aviador é a atividade-fim da Força, né, Emília? É por causa do aviador que existem os outros Quadros, é muito técnico, um errinho e você está fora, desligado, por isso eu acho que é o curso que mais exige do cadete, você pode estudar prá caramba, chega na hora do vôo, você tem que ser "pé e mão" e isso não dá prá decorar, ou você tem a habilidade e mostra ali na hora ou você é desligado.

Os cadetes da Infantaria se consideram mais rústicos que os demais, qualidade esta que lhe conferem um sentimento de militarismo maior, gostam de enfatizar as atividades que envolvem perigo, ação, próprias do seu Quadro e se referem de modo jocoso aos intendentes.

Na fala de um cadete infante:

Ser infante é ser militar mesmo, envolve rusticidade, garra, força física, e é por isso que as mulheres não podem ser infantes em nenhum lugar do mundo, é coisa de homem mesmo. A gente tem matérias específicas, montanhismo, mergulho, operações helitransportadas, salto noturno, na hora do combate é a gente que vai proteger as instalações aéreas. O intendente é o único que não vai a combate, fica fazendo sopa, cuidando de doente, na zona administrativa. Se tiver que dirigir um caminhão, vai um homem intendente porque a mulher não tem força, quer dizer, até hoje eu não sei porque eles abriram esse curso prá mulher, porque não continuaram só com a formação das médicas, dentistas, psicólogas e outras profissionais? Aí, professora, eu acho que a formação na Academia tira a feminilidade da mulher, tinha que ser como antes, só homens... o aviador não tá nem aí prá nada, o negócio dele é voar e só. Pensam que são os bons, porque são mais antigos, mas já ouvi muitos deles reclamando que os infantes fazem exercícios que eles gostariam de fazer...

Os cadetes do Quadro de Intendência valorizam as especificidades de seu curso e quando querem se diferenciar dos outros cursos é a elas que eles recorrem.

Na fala de um cadete:

O trabalho da Intendência envolve muito estudo, e a gente tem as maiores médias da DE, a senhora pode ver. É um trabalho ligado à administração, trabalha com pessoas em situações que a gente pode comparar à um escritório de contabilidade, financeiro, recursos humanos e tramitações jurídicas.

Segundo a cadete intendente:

Eu amo a intendência. Adoro mexer com números, a parte administrativa, a parte do rancho, a tesouraria... Tem sempre um aviador ou um infante insinuando que os carros dos intendentes são melhores, que desde cadetes a gente já é intendente mesmo. Eu não ligo, porque se não fosse o trabalho do intendente, nada

funcionava na Força. Quer ver? Pára o rancho prá ver o que acontece, deixa de pagar o soldo prô soldado prá ver se eles obedecem aos infantés, deixa de pagar o combustível dos aviões - ninguém voa mais! O duro é que aqui a Intendência é desvalorizada, a gente fica muito preso à DE, sem visitas às unidades, seria legal até um estágio nas unidades, podiam colocar isso no currículo. Dizem que a gente não participa do combate que é a finalidade das Forças, mas como é que não participa? E quem é que faz todo o trabalho de retaguarda? O problema é que o nosso trabalho não aparece, só aparece quando não é bem feito...

Alguns cadetes reclamam que suas companheiras pegam mais “boca-rica” do que os homens pelo fato de serem mulheres e representarem a “sensação” em termos de novidade, na Força Aérea:

A mulher virou um pouco de “sensação” da Força Aérea. Até mesmo uma representação, quando tem uma “boca-rica”, por exemplo, um jantar com autoridades, uma viagem para outras unidades, eles (os oficiais) falam que tem que ir uma mulher de qualquer jeito. Tem a parte boa que é ir lá no ministro, depende muito de onde se vai. Tem algumas vantagens e desvantagens porque às vezes elas também pegam “boca-pobre”, tipo quando você tem uma prova amanhã, viaja hoje e não dá prá estudar...

As cadetes relatam que a “boca-rica” pode ser mais pobre do que se imagina:

Cad1 – tem que ficar rindo o tempo inteiro, tem que saber o que você vai falar, tomar cuidado, porque quem tá perto tá te observando.

Cad2- Eu acho que mulher sofre mais que homem nessas festas porque os oficiais sempre têm muitas perguntas prá fazer prá gente, eles sempre querem saber como é que a gente está, o que está passando.

Cad3 – e os meninos são deixados de lado nessas situações.

Cad4 – a gente podia gravar uma fita e tocar nessas festas porque a gente já tá treinada nas respostas (todas riem e concordam).

Cad5 – a primeira pergunta que te fazem é : - você é filha de militar?

Cad3 – a outra é : - como é que te tratam na Academia? Como tratam as mulheres na Academia?

Segundo algumas cadetes, os homens utilizam o conceito horizontal com o objetivo de “sacrificar” alguém, sempre uma mulher, unindo-se para rebaixá-las na classificação:

Todos os anos os meninos da nossa turma escolhem uma menina prá ser sacrificada. No primeiro ano foi a (...) Quer dizer, a gente não sabe bem como é que é mas eles comentam assim: - e aí, quem vai ser a garota que a gente vai facar esse ano? No primeiro ano foi horrível com a garota, toda a turma deu ficha negativa prá ela.

A maior perda com a vinda das mulheres, na opinião da maioria dos homens e de algumas mulheres também, foi a retirada dos exercícios de “sobrevivência” no mar e na selva, que eram realizados no terceiro e no quarto ano por todos os cadetes do mesmo esquadrão. Os cadetes ficavam confinados em um bote por 48 horas no mar ou durante cinco dias em uma região de mata fechada quando precisavam utilizar todo conhecimento adquirido nos “execs” e se unirem para superar todo o tipo de reação e imprevistos.

O DEPENS – órgão responsável pela retirada dos exercícios, jamais citou a presença das mulheres como o fator que levou à este cancelamento, entretanto, no imaginário dos cadetes, tanto homens como mulheres, seriam elas que teriam motivado esta determinação<sup>1</sup>, pois no mesmo ano (1998), o salto de pára-quedas foi retirado do CFOInt.

Segundo a opinião de um cadete intendente (que não realizou o salto de pára-quedas):

Na minha visão, que pode ser correta ou não, tiraram os exercícios de sobrevivência no mar e na selva por causa das mulheres, talvez um problema de

---

<sup>1</sup> Além dos exercícios de sobrevivência no mar e na selva, o DEPENS também retirou o salto de pára-quedas do CFOInt em 1998, o que aumentou a crença de que as atividades “operacionais” estariam sendo retiradas devido à participação da mulher. Apesar deste órgão ter retirado outras atividades “operacionais” de outros cursos, alegando falta de recursos, o cancelamento de exercícios que envolviam o CFOInt é o mais comentado e lamentado entre todos os cadetes, principalmente os intendentes, homens e mulheres, que já nutriam um sentimento de desvalorização do Quadro por falta de atividades “operacionais”.

como separar homens e mulheres nos exercícios, por causa da constituição física das mulheres, a gente não pode chegar e falar que é culpa delas, mas a mulher não tem um condicionamento físico igual ao do homem, existe algumas que têm o condicionamento físico muito bom, mas mesmo assim não igual ao homem. Eu acho que foi isso que mexeu com algumas autoridades para que se cancelasse os exercícios. Em 96 e 97 houve um índice muito grande de lesões em mulheres no salto de pára-quedas, então para evitar mais complicações, saíram cortando como se isso fosse a solução, eu acho que não era a solução porque a força perde com isso, o militar perde com isso e a formação fica prejudicada.

Os cadetes aviadores também se ressentem dos exercícios retirados e atribuem esta medida à presença das mulheres. Vejamos o relato de um deles:

Uma coisa que a gente não sabe porque aconteceu – o salto de pára-quedas foi cortado prá Intendência porquê? Porque tem mulheres na Intendência. A mulher não tem resistência prá isso, acabaram com o curso de sobrevivência na selva porque acharam que ia virar um bacanal, você soltar três homens e uma mulher no meio do mato, isso veio lá de cima, eu tô falando prá senhora mas eu não sei, a gente ouve falar isso. No mar também, e a Força perde a capacitação do profissional com isso, a gente não tem uma boa formação hoje, se o cadete for prá Amazônia, ou então se eu for prós EUA e tiver que passar sobre a Amazônia, e por acaso eu cair, eu não tenho condições, até tenho porque eu me dou muito bem com o mato, exercícios de campo aquelas coisas, mas a pessoa normal, um cadete, não teria condições de conduzir um grupo e pelo fato de ser militar ele teria que ter e fazer com que o grupo se saísse bem daquela situação. Hoje isso não acontece porque a gente diminuiu o padrão depois que as mulheres chegaram. (Cad Av - 4º ano)

Mas as cadetes também sentem a retirada dos exercícios como prejudicial à sua formação:

Ninguém falou prá gente que eles retiraram os exercícios por causa da gente. A maioria dos cadetes pensa assim porque também tiraram o salto de pára-quedas da Intendência. Sei que algumas meninas se “quebraram”, mas houve meninos que também se quebraram, então quem garante que foi a gente que causou isto? É lógico que a gente também queria fazer estes exercícios, não porque são legais, ou que a gente gosta de sofrer, mas porque dão moral. Imagina você chegar em uma

unidade e as pessoas saberem que você passou por estas provas... Tem também que considerar aqueles dois cadetes que se perderam (na serra do Cachimbo, região de mata fechada) um ano antes da gente chegar aqui, será que as autoridades não ficaram com receio de que acontecesse alguma coisa mais grave? Porque eu já ouvi dizer que as empresas aéreas fazem as comissárias e pilotos passarem por estes tipos de exercícios, então será que foi mesmo por nossa causa? A mulher também foi prejudicada com isso. (Cad 3º ano)

Com relação à classificação<sup>2</sup>, “pressão” é a palavra mais utilizada pelos cadetes homens e mulheres que ocupam a posição notável de “cadete zero-um”, vejamos como dois deles interpretam esta situação.

Na fala do cadete intendente:

No primeiro ano foi difícil, eles (os cadetes homens) falavam: “-pô, você entrou zero-um, tu tem que sair zero-um daqui. O líder do Corpo , eu não acreditava, eu, primeiro ano, aquela distância enorme do líder do Corpo, e ele vinha me falar: “-você não pode deixar mulher passar você aqui, eu falei com o coronel e o coronel me falou que até o quarto ano a zero-um seria uma mulher, mas eu falei: “- não, o (...) é muito competente! Eu vou confiar em você, heim?”

E eu no primeiro ano, aquela pressão, quando eu cheguei no fim do ano ele veio me procurar e já tinha saído a classificação e eu ainda era zero-um, aí ele me deu os parabéns, não sei o quê, me abraçou!! Eu não acreditava, pensava: “-pôxa, o líder do Corpo me abraçou e eu sou primeiro ano!!” (risos) – Cad Int

Na fala entre as cadetes:

Cad1 - A (Cad2) chegou zero-um e vai continuar sendo na nossa turma (risos)

Cad2 – Ah, eu não sei não! O problema é que eles (cadetes homens) não querem que no ano que vem a zero-um seja uma mulher, tem que ser um homem, então a pressão é muito grande. Eu recebi muitas fichas (do conceito horizontal) negativas tanto que até o líder de esquadrão reuniu só os homens e falou que era errado eles darem fichas negativas só prá mim prá abaixar o meu conceito e darem ficha positiva prá um homem prá aumentar o dele e prá ele me passar na classificação.

---

<sup>2</sup> É comum os cadetes saberem a ordem de classificação dos outros cadetes da mesma turma e do mesmo Quadro tamanha a importância que esta tem na vida militar.

## **Relacionamento afetivo**

Como já dissemos no capítulo referente à participação das mulheres nas Forças Armadas, o relacionamento afetivo entre cadetes sempre foi motivo de preocupação entre os oficiais da Academia, visto que ele poderia trazer a quebra da hierarquia e disciplina - valores básicos a serem cultivados no interior da caserna. Vejamos agora, como homens e mulheres tratam deste tema tão polêmico no meio militar.

O Boletim Doutrinário que visa a comunicação da efetivação ou rompimento do namoro é considerado ultrapassado pela maioria dos cadetes, a denominação de "namoro" tem um peso de compromisso e tanto homens como mulheres admitem que se relacionam de forma menos compromissada, sob a denominação de "ficar", e ambas as partes preferem não notificar ao comando do Esquadrão. Somente quando a relação ganha *status* de compromisso é que eles comunicam ao Corpo de Cadetes. A relação afetiva entre os cadetes não encontra barreiras entre os Esquadrões, há cadetes que namoram cadetes mais modernas, como há cadetes mais antigas que namoram cadetes mais modernos, bem como cadetes do mesmo Esquadrão que namoram entre si. Cadetes homens namoram mais mulheres do meio civil, enquanto cadetes mulheres namoram mais militares.

Para a maioria dos cadetes homens, o namoro na Academia constitui um fator "positivo", que reforça a união entre os cadetes, quando vivido dentro das regras. Vejamos o depoimento de um cadete de infantaria:

... eu sou até a favor, pode até ajudar pelo fato de você estar longe da família, passa a ter bons sentimentos aqui se o relacionamento for realmente sério e cultivado o companheirismo. Tem relacionamento que a gente até admira, entre determinados cadetes, que são sérios, que são bem levados e que fortalecem o lado profissional de trabalho.

Alguns oficiais também reforçam o aspecto positivo do namoro no interior da Academia, pois os relacionamentos afetivos acabavam “aliviando” a carência afetiva sofrida pelos cadetes e evita que os cadetes saiam da Academia com a mesma vontade de casar que eles tinham quando se tornavam segundos tenentes. No depoimento de um deles:

Acho que o namoro entre cadetes ajuda porque o cadete é muito carente na área afetiva, a gente sai de casa e deixa de ter aquele ambiente familiar, de calor humano e geralmente o oficial se casava cedo por carência. Na minha época, muitos que se casaram quando ainda estávamos em Natal, já se separaram, os que mantêm o primeiro casamento, olha, eu vou chutar, acho que somente uns 30% dos nossos companheiros que se casaram cedo ainda permanecem casados. Prá você ter uma idéia, naquela época (início da década de 80), saímos de Natal lotando 3 ou 4 “Bandeirante” (aeronave) cheio de noivo para casar aqui no sul (risos). Só em Pirassununga, acho que foram uns 8 ou 10 casamentos! (risos)

Através do depoimento de uma cadete que namora um cadete mais antigo, descobrimos que o fato de levar a informação de que se está namorando ao comando não constitui apenas um instrumento de controle dos oficiais sobre a conduta dos cadetes, mas acaba “protegendo” os/as cadetes de possíveis injustiças que os mais antigos possam cometer, se o namoro não “der certo”. Ela defende a “seriedade” do relacionamento, que ele ocorra “dentro das regras”, para que sejam benéficos aos cadetes, pois se conduzidos como “brincadeira”, acabam prejudicando a imagem das mulheres:

... Eu acho que o namoro entre cadetes ajuda bastante quando o relacionamento é sério, porque quando é uma coisa de brincadeira, acaba denegrindo a imagem da cadete. Os cadetes não estão nem aí prá ver que ele já saiu com quantas cadetes ou com quantas mulheres da cidade ou de qualquer lugar. Agora como nós cadetes somos minoria, sempre vão falar: - ah, fulana ficou com não sei quem. Então você tem que pensar muito bem se você quer se envolver... Prá começar você tem que avisar o comando quando começa a namorar, principalmente quando são de esquadrões diferentes, porque se por acaso algum dia haja alguma desavença, ele não me dê uma parte, a gente sabe que é pessoal mas pode virar perseguição quando o namoro terminar, então tem que avisar o comando também quando

termina e eu acho isso muito interessante... nosso relacionamento foi sempre sadio, a gente sempre conversava, é claro, tinha que chegar e se apresentar. Todo mundo falava: “-pôxa o seu namorado não alivia, você ter que ficar se apresentando é o fim!” Aí eu chegava e : “- isso não é o previsto? Não vai me tirar pedaço!” Aí eu chegava, me apresentava, ficava em descansar e a gente conversava, eu acho que não tem nada de mais. Lá fora é óbvio que eu não ficava em descansar prá conversar, é bem diferente, mas a partir do momento que a gente tá aqui tem que respeitar as regras. Eu acho o relacionamento aqui dentro bem positivo, você ter alguém prá conversar, em quem você pode confiar, principalmente aqui que você tem muitos colegas mas poucos amigos. Tendo mais uma pessoa de confiança por perto fica muito mais fácil ficar aqui preso a semana inteira.

Na opinião de algumas cadetes do terceiro ano, namorar na Academia acaba expondo muito os namorados que se tornam o foco de observações e de todo tipo de comentário entre os cadetes:

Cad1 – namorar aqui dentro é horrível, você tá sempre sendo observado. Vou citar um exemplo, normalmente você tá civil e chega assim prá um mais antigo, assim, amigo, chegando da cidade, e uai, você chega e cada um vai pró seu lado e deu. Eu cheguei com meu namorado, os dois civis, a gente ia subir, a gente combinou de ir comer e eu peguei e sai também, tava cheia de sacola e subi. Aí foi um fato prá fazerem um escândalo porque eu não pedi permissão prá me retirar pró meu namorado. Porque outras pessoas estavam observando a gente, escreveram que eu não tinha pedido permissão prá me retirar e tá escrito que ele pode me dispensar da apresentação, isso foi um absurdo.

Cad2 – Eu já tive um problema ao contrário, eu fiquei com um cadete mais moderno e toda minha turma parava prá ficar olhando. Toda minha turma ficava observando, de perto olhando, tudo o que eu fazia, se eu tava cobrando, se eu tava cobrando ele ficar em descansar, se eu cobrava o “com licença” quando ele fosse sair. Todo mundo por perto toda hora, isso foi muito ruim.

Cad3 -Eu já namorei cadete da minha turma e eu achei ruim esse negócio de ficar observando a rotina, qualquer alteração na nossa rotina já era motivo prá alguém vir falar aqui ou alguém falar lá “- que você tá fazendo isso, aquilo”. Eles falavam: “- olha, ela saiu sozinha ontem!” “Ela tá chifrando ele ou vice-versa.” “Ele não

almoçou com ela hoje, então eles terminaram”. Esse tipo de coisa que vai criando um clima ruim entre o casal.

Segundo a maioria dos cadetes, os oficiais dão muito poder às mulheres no que diz respeito à denúncia de assédio sexual. Eles também dizem sofrer este tipo de perseguição mas não denunciam para não serem motivo de chacota entre os demais, alguns inclusive acabam rejeitando a companhia de cadetes mais modernas devido à paranóia de que elas detêm o “poder” de prejudicá-los:

Eles dão muito poder prá mulher aqui nesse sentido de assédio. Por exemplo, se ela tá a fim de um homem e inventa que ele passou a mão na perna dela, vão acreditar nela e não nele, apesar dele não ter passado a mão na perna. Se uma mulher denunciar que fizeram alguma coisa com ela vão acreditar na mulher.... então a gente fica desconfiado, por exemplo eu viajo todo fim de semana prô Rio no ônibus, o maior perigo que tem no ônibus, e a gente tem até dupla de sentar, tipo homem do mesmo ano, porque se você for sentar com uma cadete mais moderna do seu lado e ela interpretar a passada que você dá de braço que encoste nela, como assédio, a palavra dela vai valer muito mais que a sua. Imagine no ônibus, a gente viajando a noite, 8 horas, pô, a gente até hoje a gente não senta, pede prá trocar de lugar principalmente se for mais moderna porque se for mais antiga ninguém vai fazer isso mesmo. (Cad Av)

As mulheres têm consciência de que os oficiais darão um valor maior à palavra delas, no caso de uma denúncia de assédio, porém elas mesmas dizem-se contrárias ao uso deste “poder” que aumentaria ainda mais a discriminação contra elas, segundo o depoimento de uma cadete:

Realmente, os oficiais dão um peso muito grande naquilo que a gente fala porque somos mais “bitoladas” mesmo e menos bagunceiras que os meninos. Mas se a gente fizer uma denúncia de assédio, pode ter certeza de que ficaremos marcadas não só na turma como entre todos os cadetes, a mulher vai ser a maior prejudicada nessa hora, então a gente evita usar esse poder porque ele vai se voltar contra nós mesmas. (Cad 1º ano)

Com relação ao futuro, há uma preocupação geral entre homens e mulheres sobre a vida afetiva. Corre uma piada entre os cadetes de que eles só podem se casar com mulheres “ricas” - que não precisam trabalhar, ou com bancárias do Banco do Brasil ou da Caixa Econômica Federal que poderiam acompanhá-los em suas mudanças pelo país. Uma solução para a mobilidade geográfica à que estão sujeitos, apontada pela maioria das cadetes, seria o relacionamento entre militares, que, apesar de ter seus inconvenientes, aparece como a mais viável. O depoimento de uma cadete do 3º ano esclarece esta inquietação que não atinge somente a elas:

... eu acho que sempre a gente procura para se relacionar, alguém do nosso meio, é muito difícil prá mulher militar casar com alguém que é civil. Aí, tipo, eu quero ir lá prá Belém, eu quero ir lá prá Manaus ou lá pró sul e o meu esposo é médico, aí, como é que ele vai montar o consultório? Quando ele tiver fazendo sua clientela, eu vou ter que mudar, quer dizer, será que ele vai estar disposto a estar abrindo mão da sua carreira? Então eu vejo o relacionamento afetivo entre militares como alguma coisa não ruim, como alguma coisa boa, natural.

O relacionamento com militares é uma coisa preocupante mesmo com os meninos, a gente tem colegas que estão noivos com civis e a gente conversa muito com eles, as namoradas fazem curso superior, então eles pretendem voltar pró Rio porque no Rio eles podem mudar prá diversas bases e lá também elas vão poder se estabelecer profissionalmente. Então a gente vê uma preocupação do homem também, porque antigamente a mulher do oficial era só dona-de-casa, ficava ali, cuidando dos filhos e não tinha problema de profissão. Agora a gente vai sentir muita dificuldade quando a gente for casar e ter filhos, quem vai cuidar do filho? Porque a gente só vai ter a licença maternidade depois, como é que vai ficar a criança? Aí alguém vai abrir mão da profissão? Eu vou ter que chamar a minha mãe? Eu vou chamar a minha tia? Vou ter que contratar uma empregada? Uma babá, e a gente ouve tantas estórias de babás que cometem atrocidades, então é uma preocupação forte...

## De mulheres à cadetes

Os cadetes (homens) emitem opiniões diferenciadas sobre a participação das mulheres na Academia, alguns (poucos) cadetes são radicalmente contrários à presença feminina, outros fazem restrição à participação delas em outros cursos que não seja a Intendência (principalmente os aviadores e os infantes) e outros ainda encaram sua presença como benéfica aos homens e à Força. Vejamos os depoimentos que ilustram estas interpretações.

Na opinião de alguns poucos cadetes, principalmente aviadores e infantes, as mulheres deveriam ser formadas em outras instituições como é a formação das oficiais dos “Quadros Temporários”, para que a Força Aérea continue apresentando um nível “padrão”:

O que tá acontecendo hoje é que as mulheres não se adaptaram à Força mas sim a Força se adaptou às mulheres, então nós perdemos padrões que tínhamos antes prá que as mulheres alcançassem o nível, tivemos que baixar o padrão prá que as mulheres conseguissem chegar... Dizem que o tratamento para homens e mulheres aqui é igual mas não, o cadete não é um ser assexuado, existem homens e mulheres e o tratamento é diferente. Minha sugestão é “acabar” com as mulheres aqui na Academia, na AFA, não acabar com as mulheres no Quadro de Intendência, mas na AFA. A gente tem os médicos, dentistas e farmacêuticos que se formam aí fora, fazem a prova e entram, a gente podia fazer a mesma coisa com as mulheres. A gente sabe que a capacitação das mulheres nessa área de administração é muito boa, por causa da destreza mental, capricho, isso tudo a gente sabe que realmente é importante. Mas a mulher na Academia realmente não dá certo, faz cair o padrão, então a gente podia também arrumar uma Academia só para mulheres, elas passariam pelos exercícios de campanha, por sobrevivência “não-sei-aonde”, mas no padrão desenvolvido para as mulheres, para o sexo feminino, seria alguma coisa separada. Ou então podemos até fazer aqui dentro desde que seja separada, a gente não pode perder o padrão nosso, acaba com a “personalidade” da nossa Força. (Cad Av)

Há aqueles que aceitam a formação de mulheres, desde que limitadas à área da Intendência, ou à algumas áreas da aviação:

Eu acho que elas fazem bem o trabalho delas de intendente, só que na aviação eu acho que teria restrições, porque atualmente a prioridade é a formação de pilotos de combate e a mulher não tem físico prá suportar uma aeronave de ataque como um Caça por exemplo, tudo bem ela ir prá transporte ou helicóptero, mas na aviação de Caça, com certeza ela não se adapta por causa do físico, então eu acho que a Aeronáutica não deve abrir tão cedo a aviação prá mulheres. (Cad Av)

Outros cadetes aviadores, apesar de reconhecerem que a presença das mulheres acabou beneficiando a todos os cadetes na medida em que os oficiais passaram a prestar mais atenção às necessidades de mudanças no processo de formação dos cadetes, se revelaram contrários à presença das mulheres no CFOAv. Na fala de um cadete aviador do 4º ano:

Eu acho que a Academia mudou muito porque querendo ou não, olhando mais para as mulheres, eles (os oficiais) começaram a olhar mais o que os cadetes faziam. Eu não me preocupava com o tratamento diferenciado prá mulheres porque eu acho que precisava ser assim, eu sou amigo de todas elas. Eu acho que elas mostraram o seu valor. Já na parte da aviação eu sou contra, elas não agüentariam passar por 20% do que a gente agüenta. Elas têm tpm, ficam menstruadas e não iam agüentar a pressão que a gente sofre no vôo.

Os cadetes de infantaria, em sua maioria (quase absoluta, diga-se de passagem, com base nos comentários em sala de aula) também se revelam contrários à participação de mulheres no CFOInf, como podemos notar através da fala de um cadete infante:

Eu acho válido as mulheres no curso de Intendência, a partir do momento em que a mulher desempenha uma função administrativa, ela pode ter acesso às carreiras das FFAA, o que eu acho é que não poderia evoluir daí para a mulher ir para uma carreira de combate como é a da Infantaria. Porque eu acho que não faz parte da “personalidade” da mulher, não desprezando o trabalho da mulher...

A sobreposição da identidade militar sobre a identidade de gênero “feminino” é o fator essencial para que as mulheres sejam vistas como

militares e não mais como “acochambradas”, “protegidas” ou até mesmo “prejudiciais” à formação na Academia. Quando as mulheres assumem posturas que caracterizam a profissão militar e não se refugiam em identidades frágeis que necessitam de proteção e cuidados especiais, elas são alçadas à condição de cadetes e, portanto, militares, pelos companheiros.

Neste depoimento de uma cadete, fica evidente a percepção que muitas delas possuem em reclamar por tratamento iguais, para não serem discriminadas sob a denominação de “acochambradas”:

Eu acho que a Academia mudou bastante com a entrada das mulheres, porque eles (oficiais, professores e cadetes mais antigos) começaram a policiar o que se fala. Porque tem professor assim, que “nossa, tem mulher!” Aí, quando falam alguma besteira e nem é palavrão, pedem mil desculpas. E eu acho que tinha que ser espontâneo, não tem que ficar mudando muito de hábito, porque se a aula dele vai ser boa daquele jeito, no cursinho a gente vê, né? Se é melhor eu não sei, mas é melhor do que ficar preso no “ai, desculpa”, aí começam a colocar toda culpa na gente, entendeu? Aí o pessoal fica: “- aí, ó, tá piorando a aula por causa de vocês, já não tem brincadeira, a mulherada tá atrapalhando!” “Vocês tão sendo acochambradas”...

Outra cadete relata o pedido por um tratamento igual que fez aos oficiais para que a condição de cadetes não fosse ofuscada pela condição de mulheres:

Nós achamos que a diferenciação os/as cadetes acabam discriminando mais ainda as mulheres, principalmente no primeiro ano quando eles dizem que todos somos cadetes sem distinção de sexo, raça, classe social... Então fomos até o comando e pedimos para que quando fossem se referir a todos os cadetes, que não utilizassem mais os/as , só o “os” para que não fôssemos diferenciadas como mulheres.

Segundo o depoimento de um cadete aviador, para que homens e mulheres possam realizar juntos a atividade fim das Forças Armadas, qual

seja, o uso da violência em situações de conflitos, a condição de igualdade deve ser fundamental para se ter um grupo coeso:

Eu parto do princípio que a nossa formação aqui é de preparo para um conflito, uma situação de extremo *stress* que a gente vai ter que agir com determinada violência controlada, a gente vai agir com violência. E nesse caso de conflito, todos nós somos iguais, independente de sexo, se a gente tiver que entrar numa batalha, eu, o meu infante, o meu intendente, todos nós vamos ter que entrar no mesmo Grupo de Combate, se eu tiver combatendo lá de cima, se eu cair com a minha aeronave... se amanhã as mulheres forem pilotos, nós vamos ter que adequar a nossa doutrina à elas ou elas vão ter que se adequar ao nosso parâmetro. Então isso mostra que a nossa convivência tem que ser igual, nós temos que tratá-las do mesmo jeito.

Rebatendo a noção de que são “acochambradas” devido à condição de mulher, as cadetes relatam que a confiança que a maioria dos oficiais depositam nelas é o resultado da disciplina que a maioria das mulheres apresentam e essencial ao campo militar:

Cad1 – eu acho que a confiança que os oficiais depositam na gente (mulheres) é pelo fato da gente errar bem menos. Somos 16 e os garotos são em 150 aí há muito destaque negativo entre eles e talvez os outros paguem por eles e a gente como não dá muita alteração, eles confiam mais.

Cad2 – Eu acho que muitas vezes o comando alivia mais a parte da mulher pelo fato deles confiarem mais na mulher, porque eles sabem que a mulher geralmente não erra, não porque querem ficar acochambrando. E a gente se cobra muito pra não errar, porque se errarmos a turma cai em cima.

Com os professores é igual, a gente sente que os professores tratam melhor as mulheres porque eles “sentem” que as mulheres são muito mais esforçadas, vão lá, perguntam, os meninos não fazem tanto isso.

Segundo o relato de cadetes aviadores do 3º ano, o individualismo tão combatido no meio militar e que, segundo a maioria dos cadetes identifica o curso de Intendência não é resultado da inserção feminina, é mais uma característica do Quadro que já existia antes da entrada das mulheres:

Cad 1 – A competição individual cria um mal estar dentro da turma, porque a gente quer cultivar mais o espírito militar e na Intendência isso é mais baixo por conta de algumas pessoas.

*Por causa das mulheres?*

Todos - Não, não, isso é individual.

Cad 2 – Sempre existiu no curso de Intendência

Os cadetes em geral admitem uma posição “machista” em relação à presença feminina na Academia mas não deixam de valorizar aquelas que se destacam como militares e contribuem para incentivar os cadetes da turma com sua disposição. Como revela esta fala de um cadete aviador:

A senhora deve ter percebido aqui que a gente tem um pensamento é... masculino... né?

*Machista?*

É, machista. Pôrra, a gente sempre teve um pensamento machista aqui, não desprezando porque tem muitas meninas que, pô, são melhores que muitos homens, entendeu? Coisas do exec por exemplo, pô, na hora que você tá cansado assim, na caminhada do acampamento, você olha do teu lado e vê uma menina com uma mochila igual a tua , “mosquetão”, capacete e te passando, entedeu? Isso aí levanta o moral!

A saída encontrada pela maioria das primeiras cadetes para conquistar um *status* igual ao dos homens, como vimos no capítulo IV, foi o esforço intenso para conseguir acompanhar os homens nos exercícios físicos, o que rendeu-lhes no decorrer dos quatro anos de formação, uma postura profissional mais rígida e até mesmo inflexível do que a dos rapazes em termos da identificação com a profissão militar.

Segundo o depoimento de um oficial:

Essas meninas que batalharam quatro anos aqui, são competentes e a gente sabia que elas vão conduzir as coisa de forma muito rígida e muitas vezes a gente tinha que forçar um relaxamento. Por serem da primeira turma, elas queriam provar que podiam fazer melhor e fizeram. Tinha isso o tempo todo e até hoje. É uma barreira, essa mística da primeira turma a chegar e se formar na Academia. Ela não

acabou, elas são as primeiras oficiais de carreira a chegar nas unidades, elas vão ser as primeiras oficiais superiores, as primeiras oficiais gerais. Então a gente cansou de falar isso prá turma toda: - vocês vão ver suas companheiras chegando no primeiro posto dos oficiais superiores, as primeiras coronéis, as primeiras brigadeiras e vocês como turma, vão ter que conduzir isso a vida inteira, porque vocês vão caminhar juntos na carreira.

Os cadetes do primeiro esquadrão misto parecem ter assimilado bem a questão do pioneirismo da turma e não só das mulheres. Através de trecho de entrevistas com dois deles é possível perceber que ao final do curso, eles se identificam como uma turma de pioneiros. Vejamos:

Todos nós somos pioneiros, porque eu não considero somente elas pioneiras, eu considero a turma entendeu? Com certeza tem o mérito particular delas porque elas sentiram dificuldades mas não deixa de afetar a turma toda. (Cad Int)

Quanto às brincadeiras por fazermos parte da primeira turma com mulheres, a gente sempre tentou dar um enfoque de que a turma toda era pioneira e não só elas, porque elas estão com a gente. (Cad Av)

Em sua maioria, os cadetes relatam que o relacionamento entre homens e mulheres vai “melhorando” no decorrer dos quatro anos, em vista do “amadurecimento” de grande parte dos cadetes, que faz com que o respeito pelas diferenças apareça. Como mostra este trecho da entrevista com um cadete infante do 4º ano:

A cada ano, o relacionamento com as meninas foi melhorando, a gente vai aprendendo a respeitar, a própria turma vai mudando, tanto que hoje ainda tem aqueles que não aceitam as mulheres aqui mas respeitam.

Eu me relaciono tranqüilamente com elas.

Algumas mulheres atribuem à participação feminina o respeito e o amadurecimento que os cadetes passaram a apresentar pelas cadetes. Conforme o relato de uma cadete do 4º ano:

Eu acho que prá eles a entrada das mulheres deu uma maturidade muito grande prôs cadetes, eles começaram a entender melhor as mulheres inclusive lá fora.

Quebraram um pouco aquela coisa de que mulher é “fraquinha”, não, eles começaram a ver que mulher também pode ser uma boa profissional, a mulher sempre tira boas notas, então eles começaram a formar uma outra imagem das mulheres. Acho que eles amadureceram mais em termos de relacionamento homem – mulher, aprendendo a respeitar as diferenças.

O discurso apresentado por homens e mulheres em relação à participação das mulheres na NAVAMAER denotam que muitas vezes, o caminho a ser percorrido por elas, para que sejam reconhecidas pelos homens como pertencentes ao mesmo grupo, depende muitas vezes do esforço e do mérito individual. Neste sentido, transcrevemos aqui alguns trechos que apontam o sentimento de vibração que tomou conta de homens e mulheres quando relatam a reação que cadetes de outra Força demonstraram ao serem derrotados por cadetes (mulheres) da AFA.

Na fala de uma cadete (atleta):

No primeiro ano eu não pude ir prá NAVAMER porque eu seria a reserva, então o tenente (da Seção de Ed. física) me chamou num canto e disse que por eu ser mulher, se eu fosse da equipe titular talvez ele me levasse, mas como eu era reserva e mulher, eu ia chamar muita atenção à toa, então ele não me levou e levou um outro cadete.

Aí eu procurei me desenvolver e passei a ser titular no segundo ano, aí me levaram prá NAVAMAER, só que a pressão que eu senti, não que me cobrassem, mas eu era a única garota lá dentro, o resto eram todos homens, então eu entrava no rancho e tava todo mundo olhava prá mim, e de repente quando eu fui atirar, eu vi todo mundo olhando prá mim e eu comecei a pensar: “- meu Deus, o que eu tô fazendo aqui, todo mundo é homem e olha o lugar que eu vim me meter...” E aí eu acabei como eles chamam me “amarelando” né? Eu acabei me precipitando, cobrando demais de mim e não me concentrando. Aí eram 15 e eu fiquei em 11º, e aí eu falei que não queria mais competir porque eu fiquei muito tensa, muito nervosa. E eu acho que quando você faz esportes não é prá você ficar nervoso, tenso, é justamente o contrário, é prá você extravasar a sua energia. Mas foi a competição.

Aí no terceiro ano eu já tava mais consciente da minha posição, eu vi que o primeiro lugar não tinha feito uma pontuação tão alta assim, se eu tivesse feito o que eu faço no treino eu teria ganho a medalha e ficado em primeiro lugar, porque

o primeiro lugar da competição não fez mais do que eu fazia em treino, então no terceiro ano eu fui e fiquei em segundo lugar.

E aí causou aquela polêmica na Academia militar, né? Na AMAN teve menino chorando porque perdeu prá mulher. E eu: “-o que foi que eu causei?” Tem gente que não olha prá mim, não conversa comigo, até hoje lá da AMAN.

Na fala do cadete:

Pô, *teacher*, ver aqueles caras do Exército chorando porque perderam prá mulher foi demais, eles viviam enchendo a gente com piadinhas, arrogantes por ganhar todas as competições, aí chega a “Fulana” e pá! Aniquila eles com seu tiro!! A gente não ganhou a competição mas valeu. (Cad Av, 1º ano)

A participação na NAVAMAER na fala de outra cadete (atleta):

Eles (os atletas do Exército) não haviam percebido que havia uma mulher naquela competição, meu uniforme era igualzinho ao dos garotos da Academia. Quando eles perceberam, foi a maior pressão para que seus companheiros não perdessem de forma alguma para uma mulher... Pôxa, professora, teve garoto da AMAN que chorou porque perdeu para a Aeronáutica e pior: para uma mulher! Foi bom, os garotos (da AFA) passaram a nos respeitar mais.

Sobre a participação das mulheres na NAVAMAER segundo o relato de um oficial:

Nas provas (esportivas) é que a gente vê o peso da responsabilidade do cadete da AMAN: não perder de uma mulher. O Exército já tem aquela coisa de não perder de ninguém, o importante é vencer... então eu vi o que aconteceu ali, na nossa equipe de orientação, a menina que era nossa reserva deixou um titular da AMAN prá trás... e os nossos cadetes riam, mas riam tanto: -"o senhor precisava ver o garoto até chorou de desespero porque o pessoal da equipe dizia, que vergonha, perder para uma mulher!"... e elas adoraram também, deixaram o titular prá trás 1 minuto, 2, e isso em orientação é muito tempo!

As cadetes também ganharam evidência através do sucesso que uma delas alcançou por se destacar no clube de Vôo a Vela, ela fazia parte da

primeira turma de mulheres e foi a primeira militar a solar numa aeronave deste tipo. Vejamos seu depoimento sobre esta experiência :

Terceiro ano é muito corrido, é muita novidade, a gente começa a liderar, a gente vem prô EIBM, pega liderança de elemento, começa a acompanhar. Prá mim foi especial, foi o ano que eu virei instrutora no vôo a vela, depois checadora - que é o instrutor máximo, eu posso dar a instrução prô aluno e liberar ele prô vôo solo, ou então prá checar a aeronave, depois que a aeronave volta da inspeção é o checador que verifica se a aeronave ficou boa. Eu fui prô vôo a vela sem saber nada, eu até me considero um pouco medrosa, mas minha família morava muito longe e no final de semana isso fica um deserto, só ficam os “aratacas” (risos). Aí eu resolvi fazer o curso nos finais de semana com uma amiga do norte também, e tive algumas dificuldades porque o intendente não tem muita noção de vôo. Mas tinha a parte teórica que é diferente daquilo que os aviadores têm no vôo, então apesar das dificuldades, eu também tinha algumas facilidades. Eu fui a segunda ou terceira da turma a solar num planador e aí eu gostei. E o vôo a vela sempre te desafia, você tem sempre uma nova marca a atingir.

A maioria dos cadetes, homens e mulheres, relatam que o reconhecimento da identidade militar das mulheres se dá em situações em que todos precisam de todos para se saírem bem, como por exemplo durante os “exercícios de campanha”. Reproduzimos aqui o depoimento de uma cadete que fala especificamente sobre um exercício de campanha em que as mulheres se esforçaram para sobrepor a identidade militar sobre a feminina e foram reconhecidas como “guerreiras” pelo grupo:

No terceiro ano a rivalidade homem X mulher ficou mais calma no decorrer do ano, o marco foi o exercício de campanha. Foi muito penoso para todos e eles (cadetes homens) viram que a gente, porque tinha menina menstruada no exercício, e foi muito horrível prá gente passar por aquele período e ainda por cima, menstruadas. E isso é muito das meninas da minha turma, é da gente querer provar e mostrar que a gente pode, que a gente é capaz, até chegar e estourar o limite e ter um problema no joelho, mas as meninas da nossa turma provaram ter muita raça. E o exercício de campanha 3 tem água e por causa da

água, a gente entrava na água e aí tava de *modess* (absorvente feminino), aí *modess* tem *floc gel* (espécie de granulado minúsculo que, em contato com líquido forma flocos gelatinosos) né? Aí fica aquele negócio desse tamanho, manchado, e as meninas lá no exercício, sem reclamar, pô, aí eles viram: “- pô elas são guerreiras!” “Eu não sei se eu agüentaria fazer o que elas estão fazendo!”

Em sua maioria, os cadetes (homens) que foram inicialmente contrários à participação das mulheres, mudaram de opinião no decorrer do curso, e mesmo ressaltando os tratamentos diferenciados no trato entre homens e mulheres, a maioria deles percebe o esforço de suas companheiras para desenvolverem uma identidade militar. Vejamos os relatos de alguns deles:

A Academia não tava preparada, tem esse lado machista, eu acho que no mundo hoje em dia as Forças Aéreas estão trazendo bastante as mulheres mas eu acho que aqui eles tinham que preparar mais. Não é só aqui que tem esse machismo, uma vez veio um piloto da França que contou que lá tinha uma piloto de Caça e eles queriam desligar ela porque eles não queriam mulher lá na Caça, também lá. É até uma questão filosófica da guerra, assim, quem vai normalmente e quem morre é o homem, né? Porque o problema da mãe, da mulher estar morrendo fica um negócio meio ruim. Mas eu acho que quando eles colocaram a mulher aqui foi mais uma jogada política de promover a Força Aérea, como uma Força mais “aberta”...

Mas eu acho que as meninas são competentes também porque se você olhar na DE, elas tiram notas muito boas, elas são competentíssimas. Pensando bem, eu acho que a Força Aérea até ganhou porque elas são mais detalhistas, às vezes a gente escuta que mulheres são mais honestas também, homem já vê as coisas de um modo diferente. (Cad Av - 4º ano)

Eu já fui radicalmente contra as mulheres porque eu achava que aqui não é lugar prá elas, não em termos intelectuais porque elas vão bem, mas em termos físicos, eu não acreditava que elas tinham condições de agüentar o que a gente agüenta. Talvez eu seja um pouco machista, não sei, mas eu sei que elas têm as restrições delas, por exemplo no exercício de campanha 4 a gente tem que andar muito e cumprir horários senão a gente ficava sem comida, e quem se quebrava primeiro eram as mulheres. Pô, então elas têm as restrições, o teste físico por exemplo, não

me afeta porque eu sou aviador, mas elas fazem um teste físico diferente e isso afeta os intendentes. Hoje eu acho que as mulheres conquistaram o espaço delas aqui dentro, devem ser feitos alguns ajustes ainda no treinamento físico, mas eu acho que dá prá elas se formarem aqui. A união com as meninas se deu mais no quarto ano, porque enquanto tinha cadetes mais antigos, eles sempre falavam que a nossa turma era acochambrada por causa das mulheres, só esse ano que mudou e a gente se aproximou mais delas. (Cad Av 4º ano)

Eu acho que tem mulher que realmente acochambra e tem mulher que realmente se esforça. Hoje por exemplo eu tive uma prova, o “mosquetão” (fuzil) é um peso tanto prá homem como prá mulher, pô, e tem posição que a gente fica que eu, que gosto de malhar, pesa. E eu fico olhando prá meninas e vejo que , pô tem umas que agüentam! Ai você olha assim e vê: pôrra, tem menina que agüenta, caramba! Então você vê que as mulheres que estão aqui se for comparar algumas que lá fora não gostam de fazer nada, só de curtir a vida, que vivem em função do pai e da mãe, pô, a gente vê que elas são pessoas que realmente estão lutando por um ideal. Também o que elas passam? A mesma coisa que a gente que é homem. Ao mesmo tempo, elas são acochambradas não porque elas querem, os oficiais, por si próprios, por serem homens, eles acochambram. (Cad. Int. 3º ano)

Os cadetes mais antigos (homens e mulheres) nos oferecem interpretações de como a mulher passou a ser vista na Academia, decorrido os quatro anos de sua participação :

Prá instituição eu acho que trouxe um pouco mais de educação, ficou um ambiente mais tranqüilo, não tão exaltado. A gente vê isso muito pelos namoros que começaram a acontecer. Muitos cadetes que a gente chama de “bate-mal” , que tentava pegar todo mundo no erro, fazia ‘fobs”, fazia todo mundo pagar, quando namorava parecia que ele se transformava, parecia que ele tinha uma coisa boa dentro dele que ele conseguia externar quando começava a namorar aí ele virava humano. Às vezes o pessoal passava e ele tava com a namorada rindo, a gente nem acreditava: aquele cara ri!

O ambiente também ficou não digo mais ético, mas mais... porque aqui se falava muito palavrão e parece que deu uma levantada no nível e eu acho que as instituições quando passam a aceitar mulheres, elas têm uma grande parcela de aprimoramento porque passam a reunir pessoas de universos bem diferentes. (Cad Int)

No depoimento de uma cadete do 4º ano fica evidente o sabor de vitória, quando ela enfatiza que as mulheres de sua turma passaram a ocupar posições de liderança não porque são mulheres, mas sim porque se esforçaram:

Você pode ver, na minha turma, tem umas 5 ou 6 garotas, não, é mais, são 7 garotas que estão na SCAer, quer dizer, eu sou diretora, a (...) é diretora, a (...) é diretora, a (...) é diretora, tudo menina, entendeu? A gente tá bem. Tem menina também nas lideranças, a (...) é a líder da Intendência, a (...) e a (...) são líderes de esquadrilha, a (...) é líder de esquadrilha, a (...) é líder, quer dizer, a gente não tá ali só porque: “- ah, vamos chamar uma menina...” Não! É porque a gente batalhou, entendeu? A gente sempre teve que mostrar uma coisa a mais. Aqui dentro, aquele gás, aquele gás, aquela cobrança toda em cima da gente, que a gente tinha que ser boa, que a gente tinha que conquistar o espaço, e a gente conseguiu! (Cad 4º ano)

O futuro das oficiais que se formam na Academia e da nova geração de cadetes que virá não são objetos de preocupação exclusiva do grupo feminino como podemos observar através destes trechos de entrevista selecionados:

Eu fico preocupado com o que vai acontecer agora, depois da gente se formar porque eu acho que a Força Aérea não tá preparada prá receber as mulheres. Porque a formação que as mulheres que saem daqui têm, é completamente diferente de uma tenente médica, ou outra que não passou por aqui. O posicionamento vai ser totalmente diferente, uma mulher que não passou por aqui vai ficar preocupada em chamar a atenção do subordinado, se ele for ficar chateado com ela, se ele não gostar, uma mulher formada aqui não vai ter dó, vai mandar prender e vai fazer a obrigação dela sem dó. Então se a Força Aérea pensa que toda mulher é tranqüila, boazinha, vai ver que tem mulher que vai sair daqui e vai prender, vai fazer o que tem que ser feito, vai estar preparada para isso. Porque normalmente as oficias que se formam em outros lugares não são tão militares como as que se formaram conosco. (Cad Int)

Eu fico muito preocupada em como vai ser as futuras geração de meninas aqui na Academia. Essa parte de consciência, será que elas vão ter consciência da

importância do trabalho que elas fazem aqui, eu sou chata, eu cobro muito isso do primeiro ano, tem que começar a pensar agora sobre o nosso papel aqui dentro... E eu acho que as pessoas tendem a relaxar, e eu torço prás pessoas daqui não perderem a consciência de que a gente lutou muito para conquistar este espaço... (Cad Int Mulher, 4º ano)

Uma cadete se refere ao preconceito e à discriminação sofridas na Academia como um reflexo do jogo de poder contido nas relações sociais, principalmente quando elas avançam no mercado de trabalho:

Eu acho que desde que a mulher começou a conquistar o seu espaço, ela vem sofrendo a retaliação porque o homem não quer perder o seu lugar e aqui na Academia, por exemplo, a turma de 96, 97, agora também a de 98, a líder da Intendência é uma mulher, quer dizer, o homem tá perdendo espaço, eu acho que isso deixa ele, vamos dizer assim, “enraivecido” e tenta usar de comentários, brincadeiras prá denegrir a mulher. Aí eu acho que é de cada um, homem ou mulher não querer se esforçar para chegar num nível maior e ficar denegrindo as outras pessoas. (Cad Int - 3º ano)

No decorrer dos primeiros quatro anos da participação feminina houve uma elevação acentuada das médias obtidas junto à Divisão de Ensino dos cadetes do curso de Intendência, e em 1999 e em 2000, as cadetes ocupavam a posição de "cadete 01" do Quadro de Intendência nos quatro esquadrões, lembrando que para obter esta classificação não basta um bom desempenho acadêmico, elas devem se destacar também quanto ao militarismo.

No campo da atividade física, a atuação das cadetes ainda é bastante criticada pelos cadetes, até 1999, o desempenho físico contava muito na classificação e a desigualdade de exigências para homens e mulheres gerou foi a principal razão apontada pelo homens para a manutenção das mulheres nas primeiras posições. Em 2000 a pontuação dada ao desempenho físico tinha um peso bem menor em relação aos anos passados e é considerada mais justa pelos cadetes, mas mesmo assim as

mulheres continuam ocupando as primeiras colocações nos cursos de Intendência.

O próprio discurso oficial dos militares reconhece o desempenho "positivo" do grupo feminino ao final de quatro anos de acompanhamento:

Em relação à melhora de qualidade no preparo profissional-

*O acompanhamento dos grupos mistos nas atividades acadêmicas revelou que, inicialmente, as cadetes destacavam-se em todos os envolvimento na Divisão de Ensino: participação nas aulas, demonstração de interesse, criatividade e seriedade. Com o passar dos meses, os cadetes adotaram condutas semelhantes. Como resultado, houve uma elevação no nível desses grupos com conseqüente melhora de qualidade no preparo profissional.*

*Nota-se, com isso, que os cadetes foram alavancados pelo comportamento de suas companheiras de curso, evitando uma condição de desvantagem... houve uma mudança de comportamento dos cadetes dos Cursos de Formação de Oficiais, mais evidente no CFOInt, com elevação da qualidade individual e grupal, melhora de atitude diante de assuntos profissionais e uma postura de melhor entendimento, aceitação e maior respeito com relação à mulher no campo profissional... Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 9*

Em relação ao desempenho no comando (especificamente sobre o exercício de campanha)-

*Diversas jovens demonstraram possuir uma ascendência sobre os grupos que lideraram, obtendo deles o respeito e cooperação. O mesmo ocorreu com os jovens, mas as cadetes apresentaram um maior nível de exigência individual e grupal. Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 10*

Em relação à aceitação maior do segmento feminino pelos cadetes-

*... após quatro anos de implantação, com a realização de vários ajustes à rotina acadêmica, podemos observar que os cadetes e as cadetes já se entendem bem melhor que no início do processo, com maior compreensão das características individuais e maior apoio mútuo. Comissão de Acompanhamento do CFOInt Feminino - Relatório Final, março de 2000, p. 18*

Com relação à perspectiva futura da participação das mulheres alguns oficiais são bastante otimistas-

*eu tenho uma opinião muito positiva, tenho muito respeito e isso já vem lá de casa, acho que tenho bons exemplos de mulheres determinadas... E eu também tenho visto o desempenho das cadetes, a forma como elas são responsáveis, elas atingem um nível muito bom aqui e é uma grande esperança que a gente tem aí de reforçar a Intendência que é uma Arma super importante prá gente. Eu acho esse apoio muito bom em todos os sentidos. Quanto aos outros Quadros, eu acredito que, na Infantaria, ainda a gente deveria manter sem as meninas porque realmente é um curso mais puxado, requer muito da parte física. A parte da Aviação eu acredito que as mulheres... bom, nós temos o exemplo da cadete X que é instrutora de vôo a vela, eu acredito que não haveria problemas de adaptação ao vôo, nesse ponto, há experiências de outros países.*

As dificuldades ainda ocorrem, causadas por comportamentos preconceituosos isolados, que ocasionam mal estar no segmento feminino e reforçam comportamentos defensivos, entretanto a elevação da qualidade na formação profissional conseqüente do esforço notável da maioria das cadetes das primeiras turmas é o aspecto mais valorizado no discurso oficial acerca da inserção das mulheres na Academia.

### **Identidade: militares**

Vejamos agora, como as diferenças entre homens e mulheres são diluídas na medida em que eles descrevem como é “ser militar”, sem recorrer tanto às diferenças geradas pelo sexo e quais são as atitudes, as condutas adotadas e valorizadas pela maioria dos cadetes entrevistados em termos da profissão militar.

Os cadetes costumam diferenciar entre “liderança” e “chefia”, o primeiro tende a “educar”, explicando o porquê das atividades, das

missões atribuídas aos subordinados, enquanto o segundo apresenta apenas a ordem para que o subordinado cumpra :

Eu sou líder do segundo esquadrão e eles tiveram lá um problema... Eu conversei com eles e disse que eles não podiam acusar a pessoa que observou o erro deles, “você erraram e ela não tem culpa disso. Então eu não quero saber de gente ‘fazendo’ na horizontal, falando que “ela foi lá e entregou a gente”. Eu falei prá que eles não deixassem que a vaidade fosse maior que o erro. Você tem que apresentar uma justificativa prá aquilo que você vai passar prá eles. É diferente do coronel que sobe no cinema e fala: - “não, eu vou cortar a bebida e pronto!” Sem explicar o porquê, tem que educar e não só chegar e “massificar”... O líder tem uma função de educação e não de chefia... eu mesmo mudei, muita coisa eu paro prá pensar sem ser intempestivo como eu era, de tomar decisões abruptas ou fazer julgamentos apressados. Você muda quando percebe que está cometendo os mesmos erros que os “chefes” e aí começa a exercer liderança e não chefia. Só que muita gente se omite, tá ali só prá ostentar uma coisa mais uniforme.(Cad Int)

Alguns cadetes questionam a possibilidade de avaliar, através da disciplina se uma pessoa de fato assimilou os valores da profissão militar ou se apenas “aparenta” uma postura militar com o objetivo de “garantir um emprego”:

A disciplina mesmo não tem como avaliar se a pessoa tá sendo disciplinada porque ela entendeu o espírito militar ou porque tem medo das conseqüências. Tem uns 60 % que não estão nem aí pró militarismo, que só querem se formar e garantir o seu emprego, são os que a gente chama de *fox-mike*, os “falsa-moral” (risos). Cad Int

A maioria dos cadetes aponta para o lado mais negativo das instituições fechadas como as militares – a falta de privacidade e a boataria. Vejamos como isso é comentado através do relato de dois cadetes:

Um grande problema que eu vejo na Academia é que a gente não tem privacidade, tem sempre alguém falando da gente, falando da nossa vida, fazendo brincadeira. Tem sempre alguém julgando a tua atitude e tentando denegrir a tua imagem, entendeu? Às vezes é por brincadeira mas acaba influenciando o grupo, se acham

no direito de invadir a sua privacidade e isso aí é uma coisa que eu sou totalmente contra. (Cad Av)

O grande problema que existe na Academia em termos de relacionamento é o boato, que é essa coisa do teatro que você não sabe quem começou a falar, se realmente aconteceu... Isso atrapalha qualquer relacionamento na Academia. Então até o relacionamento mulher com mulher, mulher com homem, homem com homem é difícil por causa disso. Porque aqui eles se preocupam muito com a vida dos outros, a gente fica tão presa aqui dentro, que quando a mente tá vazia, tem que se preocupar com alguma coisa, com o quê não importa. (Cad Int mulher)

Os cadetes infantis, em sua grande maioria costumam valorizar o preparo para o combate como condição essencial na formação de um oficial, como fica evidente neste relato:

Tem que ter um senso de instituição grande, de “Brasil acima de tudo”, isso tem que ser maior e prá que se alcance isso, o objetivo final da nossa formação deve ser prá gente ser um combatente. Prá isso é preciso ter dureza física, agüentar coisas especiais, ter um controle emocional grande, e um senso de meticulosidade ser capaz de desdobrar 200, 400 homens de uma forma organizada, certinha num terreno, numa missão, num trabalho, prá que dois ou três cumpram aquele objetivo que 200 estão tentando fazer, é saber coordenar, lidar com pessoas, influenciar pessoas, parte de persuasão dos homens, isso é uma características que os grandes líderes do passado tiveram... é a capacidade de persuadir a massa. O oficial precisa ter isso e o conhecimento técnico-profissional grande com certeza da sua área e de outras áreas que não só a sua.

Alguns cadetes ressaltam a mobilidade geográfica, a questão da adaptação aos diferentes ambientes, a pressão psicológica inerente ao combate e o espírito de corpo que compõem a identidade militar. Na fala de um deles :

Eu vou viver me mudando, por esses rincões de Brasil, a gente sempre vai ter uma característica de adaptação ao meio que a gente estiver. Hoje eu estou em Pirassununga, no ano que vem estarei em Natal e há pouco tempo atrás eu estava em Barbacena, então a questão é adaptativa. A grande lição que eu vou levar é a questão de adaptação, de aprender a convivência com meus colegas aqui na AFA.

E tem a pressão psicológica, a maior, o voo militar é uma coisa totalmente nova, de combate, a gente vai estar exposto o tempo todo. Tem também o espírito de corpo, nós temos um grande corporativismo aqui, a gente sai em grupo, anda em grupo...(Cad Av)

Através do depoimento de um cadete intendente, somos informados de que “ser militar” pressupõe liderança e está acima da diferença entre os Quadros:

A gente tem que exercer liderança dentro de um parâmetro, do militarismo, pôxa, tem coisas que eu trago de organização, de ser rápido nas atividades, que eu aprendi no primeiro ano. Eu sou militar, eu preciso saber atirar, isso tá acima de qualquer Quadro! O avião não veio aqui só pra voar, ele veio pra cá pra ser militar... Ser militar é saber ouvir seus subordinados, mas também tem que saber se impor, saber cobrar. Na posição de oficial o cara tem que ser “exemplo” pros subordinados, moral, tudo, até na vestimenta, o cara tem que estar com o uniforme limpo, bem passado, quando o cara não é “padrão”, até o graduado fala, então é importante o oficial ser exemplo, não gaguejar pra apresentar a tropa, não “bisonhar”.

Um cadete avião se refere à oportunidade de fazer parte de uma classe social diferenciada e corporativa que a profissão militar oferece:

Minha família é de classe média e nunca teve nada a ver com o militarismo, talvez por isso mesmo eu vim a escolher essa profissão. O fato de ser militar faz com que a gente participe de uma classe social diferenciada das outras, a gente não fica naquela graduação baixa-média-alta e isso muito me atrai, o fato de você fazer parte dum grupo muito menor que a gente acaba se ajudando em todo o país.

Alguns cadetes (intendentes principalmente) preferem enfatizar a face assistencial da profissão militar, demonstrando o desejo de escapar do “destino” dado aos oficiais de carreira deste Quadro, geralmente confinados em setores administrativos da Força. Neste relato, uma cadete do 2º ano revela sua disposição em atuar como militar e educadora:

Eu quero ser uma educadora, não quero virar uma “mosca de rancho”, uma “mosca de almoxarifado”, sei que eu não vou ter peito pra pegar um caminhão e

levar suprimento prá uma tropa, não tenho braço sabe? Prá pegar um caminhão cheio de soldado lá atrás, cheio de barril e levar prá uma tropa no meio do mato. Se um dia eu cair no mato eu me viro mas eu quero chegar assim prá um grupo de soldados de 18 anos “semi-analfabetos” e antes de ensinar eles a mexerem com uma arma, ensinar prá eles o que é Brasil, ensinar prá eles a ler, eu quero pegar, assim, quando eu tiver servindo na Amazônia, ensinar o pessoal a construir uma casa de palafita, construir uma fossa prá não pegar leptospirose... sabe, a minha missão como militar é uma missão educadora, é uma missão que eu tenho, acho que como militar eu vou poder aplicar isso. Sem deixar de ser “milica”.

Uma cadete intendente enfatiza a consciência que todos os militares devem ter sobre sua participação de risco em defesa da nação e sobre atentar para a retidão de caráter, visto que as Forças Armadas são mantidas à custa dos cofres públicos:

Eu acho que o militar tem que ter consciência do serviço que ele tem que prestar prá nação, essa coisa de que realmente se acontecer alguma coisa você vai estar em risco pela nação. Fora isso, considerando que o Brasil tem boas relações externas, fazer o certo. Porque, por exemplo, o caso daquele oficial que transportou droga é uma coisa que me envergonha, sinceramente, eu tenho vergonha desse militar, dele ter chegado no posto que ele chegou, por ele ter passado tantas coisas em serviço, ainda ter um caráter desses. Isso não só o militar, deveria ser geral, mas eu acho que principalmente o militar tem que ter consciência, né? Tudo o que a gente tem é sustentado pelo orçamento da União, pelo tesouro nacional que é devido a uma custosa tributação da população. (Cad Int 4º ano)

O compromisso com a Pátria e a função social da Força acaba sendo enfatizado por um cadete aviador que também se utiliza da diferenciação com os civis para identificar a profissão militar:

O compromisso próprio do militarismo é a questão da defesa da Pátria, porque tem gente que esquece, que entra aquí com tanta vontade de ser piloto que vai só por esse lado, mas você... como é que eu posso explicar? Eu acho que a gente se diferencia dos demais (civis) porque a gente aqui (na Academia) procura seguir uma profissão e não um emprego, a gente se forma e não vai ganhar muito dinheiro. Tem esse compromisso com a bandeira, com o país, os militares têm muito isso de querer ajudar o país, o pessoal vai levar alimento nas regiões de enchentes, acontece muito na Amazônia,

onde tem índio morrendo e o pessoal vai de avião à noite, busca o cara no meio do mato, tira ele de lá, é um ideal, essa é a diferença, o ideal e a seriedade com que você leva o curso. Porque aqui, eu não digo a DE, mas em vôo, o sistema te obriga a levar a sério porque quem não leva a sério o vôo, quem não se dedica é mandado embora. (Cad Av 4º ano)

Não são poucos os cadetes que recorrem à comparação e à diferenciação com o meio civil para ressaltar os contornos da profissão militar como podemos acompanhar através dos trechos selecionados das entrevistas:

Quem tá se formando em faculdades aí fora (mundo civil) não têm alguém acompanhando prá que eles se comportem de uma certa maneira, eles não são direcionados, eles estão à mercê dos acontecimentos ali, agora aqui não, aqui a gente tem alguém direcionando prá sair do jeito que tem que ser o militar. A mentalidade também é diferente, por exemplo, se você falar do Brasil, o pensamento lá fora é sempre de apedrejar, de criticar, aqui dentro a gente procura trabalhar mais prá melhorar o que tá errado. Isso faz parte da doutrina que a gente recebe aqui, todo dia tem paradão, tem o hino, a bandeira e a gente acaba desenvolvendo o amor à Pátria. (Cad Av)

Acho que a vida do militar é muito diferente da do civil, não que seja pior nem melhor, mas é o tipo de coisa, a vida civil não tem certas... “pré – condições” prá você se dar bem como tem na vida militar. Às vezes, na vida civil, é fácil você levar porque eu já fui civil, né? Eu sei como é mais fácil você obedecer às regras porque você pode questionar, você pode perguntar, entendeu? Na vida militar é tudo muito fechado, ou você segue aquele padrão ou você não se enquadra e vai embora. Eu encontrei dificuldades para me enquadrar, para aceitar as regras, fazer as coisas e falar só “sim senhor”, por isso eu acho a vida militar mais difícil. (Cad Int – mulher)

A maior diferença entre a gente e os caras que fazem faculdade (no meio civil) é a responsabilidade, aqui também a gente não tem tempo prá nada. O cara que se forma na faculdade não é instruído, não falam prá ele sobre valores, ele só tem a formação profissional, na faculdade, os valores que eles têm são os valores que eles trazem de casa, que a sociedade que o formou passa prá ele. Os valores daqui, 80% é de casa, só que aqui o pessoal dá mais ênfase a certos valores como a

responsabilidade, a honestidade, a camaradagem, parece que lá fora é um querendo passar a perna no outro e aqui tem mais respeito. (Cad Av)

Na opinião de alguns cadetes, porém, a comparação e a diferenciação que se faz entre civis e militares depende do ponto de vista:

Comparando com aqueles que se formam lá fora, teve um cara que me disse outro dia: “- vocês ralaram o curso inteiro enquanto a gente aproveitava a vida, agora vai ser o contrário, vocês já têm emprego e a gente vai começar a ralar. Então as diferenças dependem muito de quem está falando.(Cad Av)

Outro cadete sugere que os militares passem a “mostrar serviço” aos civis, visto que o andamento das atividades desenvolvidas na caserna dependem exclusivamente da verba destinada às Forças pelo Poder Público. Para tanto, ele propõe o combate ao narcotráfico e enfatiza o lado assistencial da Força :

...eu acho que tem duas coisas que o militarismo precisa melhorar aqui na Brasil. Primeiro, o militar tem que mostrar serviço prós civis. Porque a cada ano o orçamento militar diminui, cortam combustível, horas de vôo, então o civil não vê o militar trabalhando e o Congresso não aumenta o orçamento. Tem que ter uma reformulação. Mesmo que seja combatendo o narcotráfico, dando assistência às áreas mais carentes do nosso país.(Cad intendente 2º ano)

Através deste relato sobre o aprendizado na Academia podemos notar que as experiências singulares vivenciadas estimulam entre outras, a iniciativa e a solidariedade. A educação moral e cívica aprendida nos primeiros anos seria que há de melhor do ensino militar e a cadete propõe que ela deveria ser ensinada aos civis, já que todos deveriam ter o direito à educação:

A experiência de vida que a gente tem aqui é algo único. Esses exercícios de campanha que eles fazem com a gente, estimulam a gente demais a ter vivacidade, a ter iniciativa, solidariedade, você começa a encarar os problemas sociais com outros olhos porque quando você está dentro de casa e tem comida e bebida todo dia, você não vê o problema social do Brasil da fome, da sede, como você vê

quando tá aqui. E outra coisa, a educação moral e cívica que a gente tem aqui, especialmente no primeiro e no segundo ano, é algo que não existe mais em escola nenhuma. Então eu me lembro muito bem, eu acho lindo, eu acho que isso é a melhor coisa que a AFA poderia dar prá gente. É quando eles preparam essas aulas de doutrina e falam sobre o roubo, a mentira, a responsabilidade, o respeito, a Pátria, a coragem, o dever, a honra, a lealdade, quando é que aí fora, algum homem vai sentar prá tratar desses problemas? Educação, o homem educado, é tanta coisa que eles passam, e são coisas que deveriam existir em qualquer colégio, é coisa que criança de primeira série deveria estar aprendendo, porque a gente não deve mentir, o que é a coragem, conhecer o seus limites. Eu acho que essas aulas são o melhor da Academia, é o que faz compensar o sofrimento, a carência, é o que faz valer a nossa experiência aqui.

O depoimento deste cadete intendente revela que ao final, a formação da identidade militar depende do esforço individual de cada um em superar identidades pressupostas, e iniciar um processo de reflexão sobre as experiências vividas como cadetes na Academia. Ele prefere fazer comparações entre os próprios militares, entre o profissional que consegue “transformar-se”, “tornar-se militar” e aqueles que “passam” pelos quatro anos de formação esperando que os outros o façam por ele e saem completamente “despreparados”, ou seja, como entraram:

Aqui é muito importante você ler, conversar com o pessoal fora da sua turma, porque às vezes a turma tem uma identidade que se você ficar bitolado naquilo ali, você não pode evoluir, participar da liderança, participar da Sociedade (SCAer), participar de várias atividades que tem aqui no Corpo, acho que no mínimo você tem que prestar atenção na aula já que depois você vai ter que passar a sua experiência, uma escola de formação é onde você aprende a refletir, não é só uma coleta de dados que você faz, você tem que trabalhar os dados, e quanto mais ambientes você trabalhar, mais experiências você vai ter . Tem gente que sai daqui cru, não sabe “nada”, é como tivesse só o que é dado no primeiro ano, noções de hierarquia, essas coisas. Agora tem aqueles que já saem “miojo” bastam só três minutinhos lá fora e já ficam prontos

Aqui muitas vezes tem cadetes que só querem “cumprir tabela”, a aula, a educação física e saem como entraram.

Então às vezes o cara sai daqui falando: pôxa, a Academia não forma nada! E eu digo: -Você é que não se formou!

Acho que tem que se transformar, melhorar, principalmente saber conduzir algumas mudanças, tem que saber dialogar, saber explicar, precisa estudar, precisa procurar fazer todo mundo remar prô mesmo lado, saber coordenar. Acho que há muita falta de desenvolver a reflexão nas pessoas aqui dentro, não apresentar regulamentos e boletins doutrinários do que a gente tem que fazer, mas porquê que tem que fazer. Porque a gente vê muitos oficiais que saíram daqui sem refletir, a gente vê oficiais que não sabe o porquê, não sabe qual a linha de pensamento do superior e fica nervoso e te dá estrela - uma punição que a gente tem das estrelas - e não sabe nos explicar o porquê da própria profissão. A partir do momento em que você passa a refletir, você desenvolve várias características desejadas na nossa profissão: profissionalismo, ética, moralidade em algumas atitudes.

Inspirados na proposta deste cadete, passemos ao capítulo final desta tese, onde fazemos algumas reflexões sobre o processo de construção da identidade militar na Academia da Força Aérea.

## CAPÍTULO VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Em termos dos resultados da pesquisa, poderíamos encerrar por aqui esta investigação, dado que o essencial já fora dito pelos cadetes e que a instituição e os mecanismos que a compõem já foram objetos de descrição nos capítulos anteriores. Entretanto, por se tratar de uma tese de doutorado, não podemos deixar de realizar algumas reflexões sobre estes elementos, considerando o mapa conceitual apresentado no primeiro capítulo.

Estamos partindo do pressuposto de que a formação da identidade constitui um fenômeno psicossocial, que emerge das relações sociais, desse modo, o foco desta pesquisa foi ajustado para o *processo* de construção da identidade sob a ótica dos determinantes psicossociais.

Em termos estruturais, a Academia se apresenta nos moldes da clássica descrição de Weber sobre as instituições militares - embasada predominantemente em uma administração burocrática e orientada por um conjunto de normas e regras - Boletins Doutrinários, NPAs, NOREGs, Estatuto dos Militares - que dentre outras, determinam os direitos e deveres de cada um. Entre os elementos que compõem o modelo burocrático, ressaltamos a disciplina e a hierarquia, considerados os “pilares básicos” da estrutura militar moderna. Logo adiante retomaremos esta questão dos pilares, adiantando que consistem também nos pilares de nossa interpretação sobre o processo de construção da identidade militar que ocorre na Academia da Força Aérea.

Como se pode perceber pelas fotos apresentadas, o espaço é um importante elemento de controle na Academia, que os “parabolóides” constituem um corredor - que liga o CCAer à DE, e todas as vezes que os

cadetes se deslocam de um local para outro, podem ser observados através desta estrutura arquitetônica favorável à vigilância e observação das pessoas que transitam neste espaço.

O pátio principal do CCAer abriga o pátio da bandeira com os mastros e as “águias guardiãs”, de onde é possível observar todos os prédios de alojamentos dos cadetes, ao fundo, vê-se o corredor dos “parabolóides” e o brasão da Academia estampado no prédio de alojamentos de cadetes do primeiro e segundo anos. Em cada coluna dos parabolóides mais próximos ao CCAer estão afixadas as placas das turmas que já se formaram na Academia.

O tipo de instalação de “oficina” de um exercício de campanha também pode ser observado através das fotos e permite identificar o que a cadete do primeiro ano chama de “poleiro” em seu depoimento.

Como é possível notar através dos gráficos dos alojamentos, estes constituem espaços também propícios à observação de todos os que ali vivem.

A descrição do espaço da DE, com seus corredores percorridos por bedéis, oficiais e professores, com suas portas dotadas de “visores” e de “carômetros” afixados sobre eles, que, dentre outras coisas, possibilitam observar se os cadetes cumprem a disposição espacial pré estabelecida na sala de aula revelam um ambiente estruturado de forma a favorecer a observação dos cadetes.

Em quase todos os locais por onde os cadetes passam, há símbolos, inscrições, monumentos e placas que lembram sempre que trata-se de um ambiente militar.

Segundo Berger e Luckmann, o processo de socialização, realiza-se sempre no contexto de uma estrutura social específica e as implicações resultantes deste processo são afetadas tanto pela realidade objetiva quanto pela subjetiva e geram conseqüências sociais e estruturais. Este processo de reciprocidade pressupõe implicações que se referem ao controle da conduta humana – exercido pelas instituições através do estabelecimento de padrões previamente definidos - que no caso da Academia se referem principalmente à disciplina, retidão de caráter e força moral, condicionamento físico, apresentação pessoal, camaradagem, firmeza de atitudes, estabilidade emocional, tenacidade, capacidade de liderança, de organização, de comunicação. Tais padrões de conduta são reforçados por mecanismos de sanções como as punições em suas diferentes graduações, os corretivos, as fichas de observação, e as fichas de conceito horizontal e vertical.

Ainda segundo Berger e Luckmann, a objetividade que permeia o mundo social geralmente torna-se “sedimentada” na medida em que é repetida através de experiências compartilhadas e transmitidas entre o grupo social em questão por exemplo, a disciplina, rotina e os horários pré estabelecidos, as aulas na DE, os “bizus”, as atividades e moradia no CCAer, as atividades específicas aos Quadros, etc.

A linguagem constitui o principal meio através do qual o processo de sedimentação ocorre e pode ocultar o caráter histórico deste processo quando aceitamos as sedimentações como racionalizações coerentes, sem considerar seu processo de formação. No caso da Academia, há termos que em sua origem tinham um significado bem diferente ao atribuído hoje, por exemplo, os termos “pirofo” e “pirofa” só eram usados anteriormente em sua versão feminina, e têm origem, segundo cadetes mais antigos e alguns oficiais, no tratamento discriminatório que as mulheres da cidade recebiam dos cadetes por serem consideradas “interesseiras” - “cadeteiras” - na

expressão comumente utilizada no âmbito da Academia, e que perderam seu significado original para se referir à todas as mulheres e homens nascidos em Pirassununga.

Além da linguagem, o conhecimento também pode ser reafirmado mediante objetos simbólicos como as “platinas”, *brevets*, distintivos de cursos, hinos, bandeira, espadim, e ações simbólicas como a cerimônia de incorporação do primeiro esquadrão ao CCAer, o toque do sino pelos cadetes aviadores que solam pela primeira vez, a continência, as apresentações militares, a cerimônia de entrega do Espadim, a cerimônia do Aspirantado, entre outras.

As tipificações das ações de um indivíduo e de outros implica em padrões de conduta, desse modo, podemos pensar em “papéis” como o resultado da institucionalização da conduta. A Academia oferece vários papéis a serem incorporados pelos cadetes: estagiário, cadete homem, cadete mulher, cadete aviador, intendente, infante, cadete “zero-um”, cadetes “top de linha” (os 10 primeiros colocados), cadetes “zero-últimos”, “bequeanos”, “PQDs”, líder, chefe, guerreiro, burocrata, rústico, “safo”, “facão”, “bitolado”, “aparício”, “bate mal”, “CB”, *fox mike*, omissos, “pé e mão”, “peixe”, “sinistro”, “surubado”...

A questão da reciprocidade está presente nesta construção dos padrões, pois ao desempenhar papéis, os cadetes participam de um mundo social representado pela Academia e ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo se torna subjetivamente real para ele, por exemplo, quando os cadetes falam que acabam assimilando a “disciplina inconsciente” no 4º ano .

Os papéis podem ser reificados e apreendidos como inevitáveis, inerentes e “naturais” aos indivíduos através de mecanismos conceituais

que seguem uma ordem mitológica ou mesmo uma lógica científica de legitimação da realidade social, um exemplo neste caso, seriam as atribuições relacionadas à diferença sexual que são constantemente enfatizadas pelos cadetes.

Tanto Weber como Berger e Luckmann valorizam o processo de socialização em suas análises, o primeiro quando se refere à construção de uma “racionalidade” burocrática que tende a ser incorporada como modelo de conduta “universal”, os outros quando se referem à conduta institucionalizada aprendida como um “papel” a ser desempenhado. Berger e Luckmann descrevem casos que exigem uma identificação fortemente afetiva com o pessoal socializador em vista de uma transformação radical da realidade subjetiva que determinadas funções exigem e que são denominados “alternações”. Este casos de socialização mais radicais implicam em processos de “re-socialização” que devem envolver a segregação física – a separação do indivíduo dos “habitantes” de outros mundos e o rompimento com sua biografia subjetiva. Os cadetes vivem um processo semelhante quando passam pelo EIBM em que são afastados do convívio familiar e social para serem “nivelados” ou “homogeneizados” pelos oficiais e cadetes mais antigos com o objetivo de fazer com que compartilhem da desejada condição de igualdade e quando precisam assimilar os valores, atitudes e crenças próprias do cadete do primeiro ano em um curto período em que são observados, “cobrados”, vigiados, e extremamente pressionados – física e mentalmente.

A teoria de Ciampa a respeito dos aspectos constitutivos da identidade baseia-se na articulação entre diferenças e igualdades e ressalta o caráter de “processo” do termo. Se à primeira vista somos impelidos a considerar a identidade como algo estático e imutável principalmente através da linguagem que reforça este caráter - pois geralmente recorreremos a substantivos ou adjetivos quando queremos

“identificar” uma pessoa - num segundo momento o autor nos convida a refletir sobre a atividade e a relação do indivíduo com os outros que o processo de identificação envolve. Se num momento a identidade pode ser utilizada para diferenciar e distinguir uma pessoa das outras, no outro ela pode unir, confundir, igualar uma pessoa com as outras.

Segundo a análise de Ciampa, uma identidade pessoal, ao mesmo tempo que torna um indivíduo único e diferente dos outros com os quais se relaciona, assumindo diferentes papéis, também lhe permite perceber semelhanças com os outros através das comparações sociais que vier a fazer. Desse modo, longe de constituir um traço estático do ser, a identidade constitui o resultado da articulação entre a diferença e a igualdade. A melhor definição para identidade segundo Ciampa seria a de *metamorfose* pois consiste em algo que existe somente na medida em que as pessoas a operacionalizam, assumindo posições ou papéis em dados contextos, relações e situações, assim, não se trata de um “ser - substantivo”, mas um “ser - ação” que pode dar-se constantemente através de um permanente processo de diferenciação que expressa o movimento do social e da própria subjetividade.

Além de considerar a identidade como processo, resultante da comparação entre semelhanças e diferenças, também devemos considerar que ela abrange não só a dimensão individual mas também coletiva, na forma de identidade social.

Tajfel propõe uma teoria da identificação social que considera uma articulação igual entre o individual e o social, partindo do pressuposto de que por mais rica e complexa que possa ser a visão de si próprios dos indivíduos em relação ao mundo físico e social que os envolve, haverá sempre aspectos desta visão que são o resultado do *sentimento de pertença* a determinados grupos ou categorias sociais.

A categorização social é o processo ao qual Tajfel recorre para explicar como objetos ou acontecimentos sociais, equivalentes no que diz respeito às ações e sistemas de crenças dos indivíduos, podem ser reunidos e a partir de então, desencadear um processo de distinção entre o próprio grupo e outros grupos, em comparação ou contraste com ele. Segundo Tajfel, a aquisição das diferenças de valor entre o próprio grupo (ou grupos) e outros grupos, integra os processos gerais da socialização, e a categorização social pode ser considerada como um sistema de orientação que ajuda a definir a posição do indivíduo na sociedade.

A proposta apresentada por Tajfel para se estudar a identidade inclui não somente o conhecimento de perceber-se fazendo parte de determinados grupos ou categorias sociais, mas também o sentimento que acompanha esta pertença, o significado de se perceber como um membro desses grupos. Em sua teoria da identificação social, Tajfel aponta para a necessidade de considerar não apenas as características próprias dos indivíduos em suas interações com os outros, mas também a posição que ocupam em determinado contexto social, através de um processo que implica em comparações e diferenciações sociais.

Recorrendo às explicações de Tajfel, entendemos que os estudos sobre identidade que se inserem no campo da psicologia social, devem incluir uma multiplicidade do número e da variedade de situações em que um indivíduo interage, coletiva ou individualmente com o grupo e seus membros. Devemos considerar que entre estas possibilidades, algumas poderão ser mais enfatizadas do que outras e algumas delas podem ter um destaque variável de acordo com as várias situações sociais. Nesse sentido, Tajfel nos leva a refletir sobre a compreensão e o respeito pelas diferenças que o estudo da identidade como processo envolve.

A articulação entre o sentimento individual e o de pertença de grupo defendida por Tajfel no processo de identificação social é consoante à explicação apresentada por Berger e Luckmann de que a conduta institucionalizada é aprendida como um “papel” do qual o indivíduo pode se desligar e que desempenha de acordo com uma finalidade, seja ela individual ou coletiva.

Através da teoria da hierarquia militar traçada por Leirner (1997) é possível perceber como os pilares da organização militar – disciplina e hierarquia, funcionam como categorizações sociais que nos possibilitam perceber uma série de atributos (obrigações, direitos e deveres) que constituem as práticas que definem o militarismo.

Leirner considera a disciplina como o instrumento de sobreposição de uma “vontade coletiva” à vontade do indivíduo em uma instituição militar, ela seria o eixo de ligação e de união entre os integrantes da caserna. Atividades e situações que fazem com que um indivíduo sinta-se como parte de um todo, como a demonstração de solidariedade do esquadrão do primeiro ano com os cadetes “atrasados” no corretivo, em que todos da turma se acusaram e fizeram questão de acompanhá-los na “pagação”, revelam a eficácia simbólica da dimensão disciplinar estudada por Leirner.

Para falar sobre identidade como processo, no entanto, é preciso ir além da disciplina que por si só não nos possibilita chegar a uma explicação dinâmica do processo de construção de identidade social, visto que seria o elemento “homogeneizador” por excelência no campo militar. Segundo Leirner, a hierarquia seria o elemento que possibilitaria o conhecimento das diferenças pois ao mesmo tempo em que une, ela também constitui o elemento legitimador das desigualdades entre tantos “iguais”.

Em seu estudo, Leirner atenta para o fato de que longe de ser apenas um princípio da segmentação escalonada - que determina as possibilidades e limitações de cada um, de acordo com seu posto - a hierarquia militar se revela complexa, permeando as relações e configurando as várias dimensões correspondentes à esta segmentação. Os chamados “círculos hierárquicos” definidos por Leirner como dimensões da hierarquia militar, são incorporados à vida militar e orientam espaços - como a disposição dos cadetes da mesma turma e Quadro em sala de aula - e posições - como cadetes mais modernos e mais antigos da mesma turma, Quadro, ou de todo CCAer.

Entendemos que definição de identidade como a articulação entre a diferença e a igualdade adotada aqui, encontram consonância com uma instituição que se fundamenta na burocracia, que por sua vez se apresenta como o resultado da articulação entre a hierarquia e a disciplina.

Em seu estudo sobre o espírito militar que se desenvolve entre os cadetes da AMAN, Castro enfatiza a natureza dinâmica de todas as identidades sociais, e falando especificamente sobre o fenômeno da construção da identidade militar, o autor ressalta que o desafio do pesquisador neste caso não é perceber "o que é", mas sim "como" se constitui.

A proposta de Castro sobre o estudo da construção da identidade embasado na não-substancialidade e na contrastividade são consoantes à nossa proposta em considerar a identidade como resultante da comparação entre diferenças e semelhanças.

Como Castro, entendemos que a identidade militar não é um traço estático, mas sim é constituída a partir de um sistema que é ao mesmo

tempo homogeneizador e segmentário, e em relação ao qual se define o valor de cada uma das múltiplas identidades.

Vamos à nossa interpretação de como o processo de construção da identidade militar ocorre entre os cadetes da AFA, considerando todos os conceitos e questões levantados até agora.

Quando chegam à Academia, os cadetes vivem o período de Adaptação - EIBM - em que são considerados todos "iguais" , independente dos marcadores sociais que anteriormente o identificavam como família, classe social, região geográfica, gênero, raça ou credo religioso entre outros. Neste período, a disciplina é o elemento mais enfatizado, todos devem "pagar" juntos, todos devem apresentar-se como iguais nas atividades propostas, todos devem ser tratados igualmente.

Entretanto, a disciplina como elemento homogeneizador entre os cadetes, e utilizada como instrumento de sobreposição de uma vontade coletiva à vontade individual, revela apenas o eixo de ligação e de união entre os integrantes da caserna. Ela revela atividades e situações em que o sentimento de pertença de grupo predomine, como no caso da Interafa, quando os cadetes de cada esquadrão se unem para competir com os demais, da Navamaer, quando os cadetes de todo CCAer se unem contra os cadetes de outras Forças, no caso dos exercícios de campanha em que o sucesso do grupo depende da união.

Entretanto, como elemento que ressalta o sentimento de pertença de grupo não possibilita à explicação dinâmica do processo de construção de identidade social, assim, não podemos tratar da identidade militar se não abordarmos a hierarquia - elemento que ressalta a segmentação entre grupos e indivíduos na Academia. Se a disciplina é o elemento homogeneizador entre os cadetes, a hierarquia constitui o elemento que

permite o conhecimento das diferenças entre eles, o elemento que define posições de *status* como lideranças, ou àquelas definidas pelo sistema de classificação que determina o futuro do cadete após a formação na Academia. Retomando o sistema de classificação da Academia, vimos que ele resulta dos méritos individuais (conceitos obtidos principalmente através das avaliações na DE, e das fichas horizontais e verticais do CCAer) que determinam a posição dos cadetes em relação à sua turma (Quadro) onde se destacam os cadetes “zero-um”. Entretanto, a hierarquia entre os cadetes também se baseiam em regras e regulamentos como a que diz respeito à antiguidade entre os esquadrões, que designa que cadetes do 4º são mais antigos que os do 3º, que são mais antigos que os do 2º, que são mais antigos que os do 1º - os mais modernos dentre todos os cadetes do CCAer. Os regulamentos também definem a antiguidade entre os Quadros, que designa que entre os cadetes do mesmo esquadrão, os aviadores são mais antigos que os intendentes, e estes são mais antigos que os cadetes de infantaria, segmentando o esquadrão.

Durante o processo de formação na Academia, os cadetes vivenciam uma multiplicidade de papéis, propiciado por estes dois princípios militares. Um cadete aviador do primeiro ano pode ser mais antigo do que seu companheiro de turma intendente, mas ambos são mais modernos perante os cadetes dos demais esquadrões ou ambos são mais antigos perante os cadetes de infantaria de seu esquadrão. Uma cadete do segundo ano pode ser mais moderna que um cadete aviador de sua turma, porém, será mais antiga perante os cadetes de infantaria de sua turma e perante todos os cadetes do primeiro ano.

A questão dos papéis permeia toda instituição militar, um cadete aviador do quarto ano pode ser mais antigo que uma cadete de sua turma, porém se ela for a “zero-um” da intendência, ocupará o posto de cadete líder da Intendência, e ocupando uma posição no Estado Maior do Corpo

de Cadetes. O cadete “zero-um” do CFOInf também ocupará uma posição de destaque no Estado Maior do Corpo de Cadetes, neste caso, o *status* dos cadetes independem da antigüidade dos Quadros.

Há outros casos em que o *status* do cadete independe da antigüidade entre os Quadros e mesmo entre os esquadrões como por exemplo, os atletas que se destacam em competições esportivas.

Os cadetes podem vivenciar uma multiplicidade de papéis no decorrer de sua formação na Academia, de acordo com o sentimento de pertença a determinados grupos – esquadrão, Quadros, equipes esportivas, mulheres, Estado Maior, Cadeia de Comando, Conselho de Honra, SCAer, grupo de teatro, de vôo a vela, bandas, etc., com as características próprias – filhos de militares, religião, gênero, classe social, etc., mas também segundo a posição que ocupam em determinadas situações, através de um processo que implica em comparações e diferenciações sociais.

Todos estes papéis vivenciados pelos cadetes na Academia através da comparação ou contraste entre o próprio grupo e outros grupos, constituem as múltiplas identidades que os cadetes vivenciam no processo de formação na Academia, entretanto, a comparação e diferenciação fundamental, que faz emergir a identidade militar comum aos cadetes, consiste na oposição entre militares e civis, e na oposição entre militares e “inimigos da Pátria”, brasileiros e estrangeiros.

Esta constatação confirma a tese de Castro realizada na AMAN de que a comparação e oposição entre militares e civis ou entre os “inimigos da Pátria” é o que define o “espírito militar” e revela-se fundamental no sistema de orientação que ajuda o cadete a definir sua posição de militar na sociedade, é o que permite ao cadete sentir-se como militar.

Ao retomar algumas questões levantadas por Foucault para articulá-las às discussões sobre gênero e identidade realizadas principalmente por Judith Butler, percebemos que nosso posicionamento teórico em relação aos temas abordados em nosso estudo – identidade e gênero – são muito semelhantes e que em seu conjunto, remete à reflexão sobre os mecanismos que reforçam as relações de poder vigentes quando aprisionamos indivíduos em identidades “substanciais” ou de acordo com seu sexo. Enfim, tanto identidade como gênero pressupõem sempre um fazendo, um processo, através de comparações e diferenciações.

A questão do poder e da identidade permeia todas as relações vivenciadas pelos cadetes. Estas relações se concretizam através da hierarquia, da disciplina, da vigilância, da obediência, da conduta ético-moral e de todos os padrões de conduta e valores cultivados no interior da caserna.

Há indícios de que os discursos articulados em torno da categoria gênero nas organizações militares ainda carregam em si muitas das armadilhas que apontamos ao fazer uso de identidade como substantivo. Chama a atenção nos depoimentos das cadetes, a pergunta que as autoridades militares mais fazem, se elas são filhas de militares, e qual é o tratamento conferido à elas na Academia, o que nos faz refletir sobre a tendência à endogenia no Exército brasileiro observada por Castro (1993).

Proteger para excluir. Não só as mulheres estão sujeitas a este princípio, a questão da endogenia também pode afetar a formação na Academia visto que, interpretada como um fator favorável à proteção (de homens e mulheres) tão combatida no meio militar, pode levar à desigualdades que extrapolam os pilares fundamentais do militarismo - a disciplina e a hierarquia.

As relações de gênero e poder vivenciadas pelos cadetes no interior da AFA revelam espaços que permitem a subversão do paradigma tradicional ou mesmo a igualdade entre homens e mulheres. Estes espaços são garantidos por mecanismos tradicionais como por exemplo, a hierarquia e a disciplina, ou por novas formas de relação entre homens e mulheres dentro da instituição militar.

Tradicionalmente, estas relações se constroem de forma diferente para homens e para mulheres militares, legitimando a divisão social dos papéis sexuais. A admissão das mulheres no Curso de Intendência da AFA, apesar de toda discriminação que ainda existe na instituição, parece também reforçar o espírito do Quadro de Intendência, da turma e da própria Força, quando as mulheres se destacam individualmente como no caso das atletas, das cadetes “zero-um”, ou coletivamente, no caso da elevação geral das médias do curso de Intendência, inaugurando um novo espaço e uma nova forma de participação da mulher nas instituições militares.

As primeiras cadetes sofreram os impactos do pioneirismo, lutando para conquistar o *status* de cadete e não da cadete, luta esta que se traduziu em suportar dores físicas, pressões psicológicas, brincadeiras de mal gosto, esforçando-se ao máximo para que sua condição de mulher não fosse sobreposta à de cadete. O resultado de tanto esforço não fora em vão, ao final dos primeiros quatro anos de formação de mulheres na Academia, tanto elas como eles (cadetes), apesar de todas as diferenças notadas, se identificam em última instância como profissionais militares, o que dilui todas as diferenças entre sexo, Quadro, procedência geográfica, origem escolar para saírem todos como militares.

Ao chegar na Academia no início de 1996 não tinha idéia do que iria encontrar pela frente, muito menos que aquela instituição seria foco de minha pesquisa de doutorado. D'Araújo (2000) atribui ao fato de ser mulher o êxito que obtive em suas entrevistas com autoridades militares ao abordar temas considerados delicados. No fundo, seu artigo pareceu-me dedicar-se também a quem está indo a campo, está em campo ou pretende refletir sobre sua participação como pesquisadora <sup>1</sup>. Obter relatos pessoais das/os cadetes e oficiais, alguns bastante envolventes, sobre sua vivência na Academia, provocaram em mim, também participante deste universo, muitas lembranças e reflexões sobre minha própria experiência.

Ao refletir sobre meu trabalho como pesquisadora, não posso deixar de pensar na especificidade gerada por minha participação como profissional civil na Academia, por minha condição de mulher e as atribuições conferidas a esses fatores. Assim como na pesquisa, a questão dos "papéis" permeia todas minhas reflexões: o papel de mulher, de civil, de professora, de pesquisadora... E os sentimentos – próprios ou de pertença de grupos (vários) que me acompanharam nesta pesquisa.

Estas questões ainda me inquietam, confesso que vivenciei dificuldades de ordem prática e emocional para escrever este trabalho, muitas vezes parecia que o papel da mulher se sobrepunha ao da pesquisadora e ao da professora, era difícil não reagir diante de padrões comportamentais que ao proteger, restringem a ação das mulheres, outras vezes tentei impor uma racionalidade fria e impessoal, tentando trazer à tona o que eu pensava ser próprio da pesquisadora e outras vezes ainda duvidei de minha capacidade de distanciamento do objeto pelo fato de ser professora na Academia.

---

<sup>1</sup> Agradeço imensamente a colaboração de Celso Castro que enviou-me este artigo de Maria Celina D'Araújo quando relatei-lhe as dificuldades específicas que estava sentindo em escrever sobre a participação das mulheres nas Forças Armadas do Brasil.

Também vivi conflitos em relação à cultura militar levada ao extremo por alguns colegas - militares e civis, a questão da disciplina, da hierarquia, do controle do tempo e espaço utilizado para justificar as restrições impostas às nossas ações, certamente o trabalho de pesquisa gerou um movimento muito mais amplo do que os objetivos revelados: a reflexão sobre a dinâmica da construção da subjetividade da própria pesquisadora a partir da experiência, que se revela através das relações sociais. Se por um lado, me esforcei para entender as relações vivenciadas pelos cadetes na Academia, para sentir e me ver como participante deste universo, também fui convidada a me identificar com os participantes/sujeitos da pesquisa, aqueles portadores das experiências que busquei traduzir para o mundo acadêmico.

Revejo minhas anotações de campo e me deparo com as observações que fiz sobre algumas mulheres (principalmente) que encontrei durante a trajetória de pesquisa e que, em nome da luta por condições de igualdade, e de um suposto movimento feminista, lançam mão de “estratégias” no mínimo contraditórias. Mulheres que em seu relacionamento cotidiano se violentam e aos outros, adotando posturas estereotipadas, fazendo uso abusivo de palavras pejorativas, de baixo calão, de colocações e termos ofensivos, de um enfrentamento verbal e gestual exacerbado e em última instância belicoso. Este tipo de postura, a meu ver, revela apenas identidades aprisionadas em ilusões. Isso me faz refletir sobre até quando nós, enquanto seres sociais, carregaremos o peso de identidades baseadas em falsas dicotomias sem nos dar conta de que podemos vivenciar múltiplos papéis sem nos violentar ou mesmo ao outro, respeitando-nos e fazendo o mesmo em relação ao próximo...

Nem bibelôs aprisionados em fragilidades, débeis e carentes por natureza, nem objetos reduzidos ao poder ilusório de uma linguagem fálica e ofensiva, mas seres humanos que conseguem viver uma multiplicidade

de papéis, em múltiplas situações, não de forma aleatória, mas respeitando-nos uns aos outros. Entendo o respeito, por si e pelos outros, como a base das relações sociais saudáveis que interessa a todos nós, homens, mulheres, civis, militares...

Ciampa (1987) faz uma bela comparação entre o preço psicológico que pagamos ao vivermos aprisionados em identidades fixas e dadas e o mito de Prometeu que rompeu as leis do Olimpo ao roubar o fogo dos deuses para dá-lo aos homens. Como punição, o herói foi amarrado ao topo de uma montanha e obrigado a submeter-se à tortura da águia que devorava seu fígado de dia, deixando que ele se regenerasse de noite, para novamente devorar-lhe no dia seguinte.

Segundo o autor, alguns de nós escolhem continuar aprisionados em identidades pressupostas para “servirem de pasto à ave de rapina”, outros preferem viver amedrontados, fugindo constantemente da águia e outros ainda aguardam uma oportunidade para destruir a ave, tirando-lhe a vida. Ciampa propõe outra estratégia aos “prometeus modernos” - que interfiramos sobre o nosso destino, acorrentando a ave e colocando-a a serviço do homem, pois se ousamos roubar o fogo dos deuses, também poderíamos lhes roubar a águia (1987, 237). O autor faz um chamado para que inventemos o nosso futuro, abandonando verdades absolutas e arriscando-nos juntos nesta viagem.

Voltando ao Prometeu original, lembremos que o que o levou a roubar o fogo dos deuses para dá-lo aos homens foi um profundo sentimento de amor à humanidade - condenada às trevas por uma imposição de Zeus. Isso me remete à outras reflexões que me permito compartilhar com os leitores, para tanto, invoco aqui outra figura mitológica - Psiquê - mortal que sensibilizou os deuses ao demonstrar o

que tinha de mais humano – o sentimento de amor - e foi alçada ao Olimpo na condição de “deusa da alma”.

Da mesma forma que o Titã Prometeu, Psiquê também foi movida pelo amor, desde o início de seu relacionamento com Eros, ela sempre agiu orientada pela fidelidade aos próprios sentimentos. Psiquê se submeteu à ira e às punições impostas por Afrodite, acreditando sempre que ao superá-los, compartilharia novamente o amor que sentia com Eros.

Sentimento este, creio, que começa pela descoberta de si mesmo, pelo auto - respeito, que propicia a capacidade de respeitar o outro e de descobrir o ser amado. Ao abrir mão de sua própria vida em virtude deste sentimento, Psiquê surpreendeu e comoveu os deuses, que mesmo na condição de imortais, jamais haviam experimentado tal sentimento ou comprometimento interno, realizado pelo único ser mortal da lenda.

Na condição de “deusa da alma”, Psiquê representa a evolução e o amadurecimento dos sentimentos e a capacidade de se relacionar com o outro. Creio que muitos de nós escolhem continuar acomodados em identidades pressupostas se recusando a enfrentar o desconhecido e vivendo o destino que a deusa enraivecida nos impõe, outros preferem lançar suspeitas, dúvidas e desconfianças com relação ao outro, deixando de compartilhar seus sentimentos e há ainda aqueles que negam conhecer a si próprios e ao outro, afastamento a oportunidade de amadurecimento.

Como prometeus e psiquês modernos, proponho não somente arriscar-nos em inventar nosso futuro juntos, rompendo noções, valores e atitudes supostamente naturais como a determinação social e sexual, mas que nesta viagem sejamos orientados por um compromisso interno de respeito – por si próprio, pelos outros, pela profissão, pelo ideal, pelos projetos – pelas diferenças. O respeito deriva do amor - sentimento

humano capaz de fazer com que até mesmo os deuses repensem sobre a manutenção das relações fixas – e é com base neste sentimento que proponho que juntos, possamos recriar relações e situações que abram espaço para a compreensão e o respeito às diferenças.

## BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, M.E.D.A. e LÜDKE, M. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

ARDENER, E. "Belief and the problem of women" in LA FONTAINE (ed) *The interpretation of ritual – essays in honour of A. I. Richards*. London: Tavistock, 1972.

AVELAR, L. *Mulheres na Elite Política Brasileira – canais de acesso ao poder*. São Paulo: Centro de Estudos da Fundação Konrad-Adenauer-Stiftung, 1996.

BACHARACH, A.J. *Introdução à pesquisa psicológica*. Tradução de Geraldina Porto Witter. São Paulo: EPU, 1975.

BEAUVIOR, S.de *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.

BEHAR, R. "Women writing culture: another telling of the story of American Anthropology." In *Critique of Anthropology* 13(4), 1993.

BERGER, Peter L. e LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade - Tratado de Sociologia do Conhecimento*. Petrópolis: Ed. Vozes Ltda, 1974.

BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila. *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres: Routledge, 1990.

BYNUM, Caroline W. *Fragmentation and Redemption – essays on gender and the human body in medieval religion*. Nova York, Zone Books, 1992.

CANSAÇÃO, Elza. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.

CARREIRAS, Helena. “Família, Maternidade e Profissão Militar”. *Rev. Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCH/UFRJ vol. 5: 69-81, 1º sem. 1997.

CARVALHO, S.M.S. *Casa-Caserna: Um Percorso Diferenciado na Vida das Mulheres Militares*. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1990. Dissertação de mestrado.

CASTRO, Celso. *Interviewing The Brazilian Military: Reflections on a Research Experience*. Artigo apresentado no Xith Internacional Oral History Conference (Istambul, jun/15-19, 2000).

\_\_\_\_\_. “A origem social dos militares.” In *Rev. Novos Estudos Cebrap*. São Paulo: n° 37, novembro/1993.

\_\_\_\_\_. *O Espírito Militar – Um Estudo de Antropologia Social na Academia Militar das Agulhas Negras*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1990.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina. Um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

- CIAMPA, A. C. "Identidade". In LANE, S.T.M. e CODO, W. (orgs) *Psicologia Social – O homem em movimento*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.
- COELHO, E.C. *Em busca da identidade: o Exército e a política na sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.
- COHN, Carol. *Sex and Death in the Rational World of Defense Intellectuals*. In EVANS, MARY (ed) *The Woman Question*. London: Sage Publications Ltd (118-137), 1994.
- COHN, Gabriel (org.) *Weber*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- COLLINS, Randall. *Weberian Sociological Theory*. Nova York: Cambridge University Press, 1990.
- CONTREIRAS, Hélio. *Militares: Confissões – Histórias Secretas do Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- COOKE, MIRIAM. *Subverting the Gender and Military Paradigms*. In STIEHM, Judith H. (ed) *It's Our Military, Too! : Women and the U.S. Military*. Philadelphia: Temple University Press (235-269), 1996.
- CORNUM, Rhonda. *Soldiering: The Enemy Doesn't Care If You're Female*. In STIEHM, JUDITH H. (ed) op cit p 3-23.
- CORRÊA, M. "O espartilho de minha avó: linhagens femininas na antropologia". mimeo, 1997.

DA MATTA, Roberto “O Ofício de Etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’ ” In NUNES, Edson de Oliveira (org) *A Aventura Sociológica – Objetividade, Paixão Improvise e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p 23-35.

D'ARAUJO, Maria Celina e CASTRO, Celso (orgs) *Democracia e Forças Armadas no Cone Sul*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

\_\_\_\_\_. *To protect and exclude: women and the Armed Forces in Brazil*. Texto apresentado no XI International Oral History Congress, Istambul, Turquia, jun/2000.

DEMO, P. *Metodologia Científica em Ciências Sociais*. São Paulo: Atlas, 1989.

DREIFUSS, R.A. *1964: A conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. Petrópolis: Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Política, Poder, Estado e Força – uma leitura de Weber*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1993.

EISENSTADT, S.N. *De Geração a Geração*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1976.

FABBRO, M.R.C. *O processo de formação de identidade da enfermeira: trabalho e poder no contexto hospitalar*. Campinas: Unicamp/Faculdade de Educação, 1996. Dissertação de mestrado.

FLORES, M.C. *Bases para uma política militar*. Campinas: Ed. Da UNICAMP, 1992.

- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1977
- FREIRE COSTA, Jurandir. “O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento Moral?”. *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP, 7 (1-2):121-138, out/1995.
- GALBRAITH, J.K. *Anatomia do Poder*. 3ª Ed. São Paulo: Pioneira, 1989.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma- Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- \_\_\_\_\_, *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.
- GOLDE, P. “R. Landes, a woman anthropologist in Brazil. In GOLDE, P. (ed): *Women in field – anthropological experiences*. Berkeley: Un. Of California Press, 1986.
- GUALAZZI, Ilacyr L. *O Oficial Subalterno da Força Aérea Brasileira – uma contribuição ao estudo do seu perfil*. Dissertação de mestrado. Piracicaba – Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP, 1985.
- HARAWAY, D. “Um manifesto para os *Cyborgs*: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80.” In HOLLANDA, H.B. (org) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- HEALEY, M. "Os desencontros da Tradição em *A cidade das mulheres: raça e gênero na etnografia de Ruth Landes.*" In *Cadernos Pagu* (6/7), Campinas: UNICAMP, 1996.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O Soldado e o Estado: Teoria e Política das Relações entre Civis e Militares.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- HELOANI, José Roberto. "A mudança de paradigma no pós-fordismo: a nova subjetividade." In *Rev. Interações.* Vol. 1: nº 2, jul/dez 1996 pp. 69-76.
- \_\_\_\_\_. *Organização do Trabalho e Administração: uma visão multidisciplinar.* 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- ILHA, Hélio L. *A profissão militar.* Brasília: Departamento de Ensino da Aeronáutica – DEPENS, 1982.
- JANOWITZ, Morris. *The Professional Soldier – A social and political portrait.* New York, The Free Press of Glencoe, Inc. 1961.
- JEFFORDS, Susan. *Telling the War Story.* In STIEHM, Judith, H. (ed) op cit p 220-234.
- JURBERG, M.B. "Individualismo e Coletivismo na Psicologia Social: uma questão paradigmática." In CAMPOS, R.H.F. e GUARESCHI P. A. (orgs) *Paradigmas em Psicologia Social: a perspectiva latino-americana.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- LANE, Sílvia M. T. "A Psicologia Social e uma Nova Concepção do Homem para a Psicologia – in LANE, S, M.T. e Codo, W. *Psicologia Social – O Homem em Movimento*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LANE, S.M.T. E FREITAS, F.Q. "Processo Grupal na perspectiva de Ignácio Martín-Baró: Reflexões Acerca de Seis Contextos Concretos". In *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*. Volume 31, número 2, 1997. P.293-308.
- LANDES, R. *A cidade das mulheres*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1967.
- LAPASSADE, Georges *Grupos, Organizações e Instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- LAQUEUR, T. *La construcción del sexo – cuerpo y género desde los griegos hasta Freud*. Madrid: Ediciones Cátedra S. A., 1994.
- LAVENÈRE-WANDERLEY, Nelson F. *História da Força Aérea Brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Gráfica Brasileira Ltda, 1975.
- LEIRNER, P. C. *Meia Volta Volver – um estudo antropológico sobre a hierarquia militar*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- LEONZO, N. "Nossas Marias Quitérias." *Rev. A defesa Nacional*. n° 782. Rio de Janeiro, 4° trimestre de 1998.
- LUDWIG, Antonio Carlos Will. *Democracia e Ensino Militar*. São Paulo: Cortez, 1998. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 66)

- MacCORMACK C.P. "Nature, Culture and Gender: a critique." In MacCORMACK C.P. e STRATHERN, M. (eds) *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1980.
- MARSHAL, Catherine e ROSSMAN, Gretchen. *Designing Qualitative Research*. Califórnia: Sage Publications, 1995.
- McNAY, Lois. *Foucault and Feminism: Power, Gender and the Self*. Cambridge: Polity Press, 1994.
- MITCHELL, Billie. *The Creation of Army Officers and the Gender Lie: Betty Grable or Frankenstein?* In STIEHM, Judith H. (ed) op cit p 35-59.
- MORAES, Eliane Robert. "O jardim secreto - notas sobre Bataile e Foucault". *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP - 7 (1-2): 21-29, out/1995.
- MORAES, J.Q.; COSTA, W.P. e OLIVEIRA, E.R. *A tutela militar*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1987.
- NUNES, E. (org.) *A Aventura Sociológica - Objetividade, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- OLIVEIRA, Eleonora Menicucci e SCAVONE, Lucila (orgs.). *Trabalho, Saúde e Gênero na Era da Globalização*. Goiânia: AB Editora, 1997.
- ORTNER, S. "Is female to male as nature is to culture?" In ROSALDO, M.Z. e LAMPHERE, L. (eds) *Women, culture and Society*. Stanford: Stanford Un. Press, 1974.

QUEIROZ, M.I.P. "O pesquisador, o problema de pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões." *Textos CERU*, 2ª Série, nº 3, 1992; p. 13-29.

RAGO, Luiza Margareth. "O efeito Foucault na historiografia brasileira." *Revista Tempo Social*. São Paulo: USP – 7 (1-2): 67-82, out/1995.

ROSSI, C. *Militarismo na América Latina*. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1982.

ROUQUIÊ, A. *Extremo Ocidente. Introducción a America Latina*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1990.

SANDOVAL, Salvador A. M. "Algumas Reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil". SPINK, Marie Jane (org). *A Cidadania em Construção: Uma Reflexão Transdisciplinar*. São Paulo: Cortez – 59-74, 1994.

\_\_\_\_\_. "O comportamento político como campo interdisciplinar de conhecimento: a reaproximação da Sociologia e da Psicologia Social." In CAMINO, L.; LHURIER, L. e SALVADOR, S. (orgs) *Estudos sobre comportamento político*. Florianópolis: Ed. Letras Contemporâneas, 1997.

\_\_\_\_\_. "O que há de novo na psicologia social latino-americana?" In CAMPOS, R.H.F. e GUARESCHI P. A. (orgs) 2000 op cit. p 101-109.

SCOTT, JOAN. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: 16 (2): 5-12, jul/dez, 1990.

- SCOTT, JOAN. "Prefácio a Gender and Politics of History". *Cadernos Pagu*. Campinas: UNICAMP (3), 11-27, 1994.
- SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *A Pedagogia Construtivista e Outras Formas de Governo do Eu*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1998.
- SIQUEIRA, Juracy T. S. "A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão". *Rev. Psicologia – USP*. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, Vol. 8, nº 1, 1997.
- SODRÉ, N.W. *História militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- SOIHET, Rachel. "Violência Simbólica – Saberes Masculinos e Representações Femininas". *Rev. Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: IFCH/UFRJ vol 5: 7-29, 1º sem. 1997.
- SOLMS, Virginia. *Duty, Honor, Country: If You're Straight*. in STIEHM, Judith, H. (ed) op cit p 24-34.
- STEPAN, Alfred. *Os Militares na Política: as mudanças de padrões na vida brasileira*". Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1975.
- STIEHM, Judith, H. *just the Facts, Ma'am*. In STIEHM, Judith, H. (ed) op cit p 60-70.
- SUN TZU. *A Arte da Guerra*. Adaptação e Prefácio de James Clavell. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- TAJFEL, Henri. *Grupos Humanos e Categorias Sociais – Estudos em Psicologia Social – Vol. I*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

TAJFEL, Henri. *Grupos Humanos e Categorias Sociais – Estudos em Psicologia Social – Vol. II*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.

U.S.AIR FORCE ACADEMY. *Character Development Manual*. Colorado: USAF Academy Center for Character Development, dec, 1994.

VELHO, G. "Observando o familiar" In NUNES, Edson de Oliveira (1978). op cit. p. 36-46.

WEBER, Max. "A Objetividade do Conhecimento nas Ciências Sociais" In COHN, G. *Weber – Coleção Grandes Cientistas sociais – São Paulo: Ática*, 1980.

\_\_\_\_\_. "Ensaio de Sociologia" In GERTH, H.H. E MILLS, C.W. (orgs) *Max Weber – Ensaio de Sociologia – Rio de Janeiro: Zahar Editores*, 1979.

\_\_\_\_\_. *Economia e Sociedad*. Volume II. Bogotá: Fondo de cultura Economica, 1977.

## ANEXOS

- A – Aviso Ministerial nº 006/GM3/024 – referente à inscrição de mulheres no Concurso de Admissão da Academia da Força Aérea para matrícula no curso de Formação de Oficiais Intendentes.
  
- B – Boletim Doutrinário nº 16 – referente à padronização do uso de adornos, maquiagem, roupas íntimas e padrão de unhas das cadetes da Aeronáutica.
  
- C – Boletim Doutrinário nº 15 – referente ao relacionamento afetivo.
  
- D – Programação semanal do primeiro ano.

A)

Inscrição de mulheres no Concurso de Admissão da Academia da Força Aérea para matrícula no Curso de Formação de Oficiais Intendentes.

Aos Exmo. Sr. Comandante-Geral do Pessoal e Diretor-Geral do Departamento de Ensino da Aeronáutica.

Considerando o mandamento constitucional que homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades;

Considerando que a mulher vem aumentando a sua representatividade na sociedade do país, devido a maior participação no exercício de atividades econômicas e administrativas;

Considerando que essa crescente representatividade da mulher poderá possibilitar o seu aproveitamento no desempenho de papel cada vez mais significativo nas Organizações deste Ministério;

Considerando a experiência já adquirida por este Ministério com a inclusão de mulheres nos Quadros de Oficiais Médicos, Dentistas e Farmacêuticos e com o Corpo Feminino da Reserva;

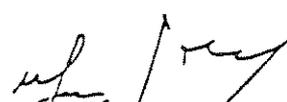
Considerando, finalmente, a unânime posição adotada na reunião do Alto-Comando da Aeronáutica havida aos 22 de março de 1995, informo a V. Exa. que resolvi:

1 - determinar a realização de estudos conjuntos entre o Comando-Geral do Pessoal e o Departamento de Ensino da Aeronáutica, sob a coordenação do primeiro, para que seja permitida às mulheres a inscrição ao Concurso de Admissão para matrícula no Curso de Oficiais Intendentes da Academia da Força Aérea em 1996;

2 - que as exigências, para os exames Médico e de Aptidão Física do referido concurso, sejam as mesmas já praticadas para ingresso nos Quadros de Oficiais Médicos, Dentistas e Farmacêuticos e para o Corpo Feminino da Reserva da Aeronáutica; e

3 - que as propostas desses estudos sejam encaminhadas ao meu Gabinete, através do Estado-Maior da Aeronáutica, dentro de 60 (sessenta) dias.

Brasília-DF, 05 de maio de 1995.

  
MAURO JOSÉ MIRANDA GANDRA  
Ministro da Aeronáutica

B) BOLETIM DOUTRINARIO Nº 016

Data: 12 / Abril / 1996

Assunto: PADRONIZAÇÃO DO USO DE ADORNOS, MAQUIAGEM, ROUPAS ÍNTIMAS E PADRÃO DE UNHAS DAS CADETES DA AERONÁUTICA

- 1 - Os adornos a serem utilizados pelas Cadetes devem obedecer às seguintes normas:
  - a - Quando uniformizadas, somente será permitido o uso de:
    - 1 (um) colar ou corrente que tenha apenas uma volta, totalmente dourado ou prateado, com espessura máxima de 5 (cinco) mm. e que não fique à mostra;
    - 1 (uma) pulseira, totalmente dourada ou prateada, formada de uma única volta, com espessura máxima de 5 (cinco) mm. usada no mesmo braço do relógio;
    - relógio, desde que totalmente preto, prateado ou dourado, em tamanho discreto e funcional;
    - 1 (um) par de brincos pequenos e discretos, sem argolas nem pingentes. Os brincos não devem ultrapassar o tamanho do lóbulo da orelha;
    - 1 (uma) aliança, prateada ou dourada, sendo proibido o uso de qualquer tipo de anel;
  - OBSERVAÇÃO: É proibido o uso de qualquer tipo de adorno, quando em atividade de educação física e instrução militar.
  - b - Quando em serviço de representação em trajes civis, recomenda-se seguir os padrões de discrição e sutileza presentes quando do uso de uniforme, primando-se pelo gosto e combinação dos adornos, a fim de se manter boa apresentação pessoal.
- 2 - A maquiagem, quando em uso de uniforme, em trajes civis, a serviço ou em Organizações Militares, deve ser feita com moderação e em tons claros, sempre em conformidade com as condições e exigências do ambiente (baile, representação, formatura, instrução, etc.)

3 - As roupas íntimas utilizadas com o fardamento devem ser brancas ou da cor da pele, a fim de serem evitadas transparências.

4 - As unhas deverão ser tratadas e pintadas com esmalte de cor transparente ou clara, sendo seu comprimento máximo limitado pela linha da ponta dos dedos, a fim de se evitar lesões como arranhões, quebras de unhas, infecções, etc.

c) BOLETIM DOCTRINARIO Nº 015

Data: 28 / Março / 1996.

Assunto: RELACIONAMENTO AFETIVO

---

- 1 - O relacionamento afetivo entre cadetes de sexos opostos não é uma ação proibitiva no âmbito da Academia da Força Aérea (AFA), porém algumas normas de comportamento e de convívio devem ser seguidas, visando preservar a imagem dos (as) cadetes e o decoro da classe.
- 2 - Durante os 04 (quatro) anos de permanência do(a) cadete na AFA, todos os casos de efetivação ou rompimento de relacionamento afetivo, incluindo pelo menos um(a) cadete em formação, sendo a outra parte (masculino/feminino) do efetivo da AFA, deverão ser comunicados, verbalmente, ao Comando do seu Esquadrão.
- 3 - É rigorosamente proibido aos(às) cadetes da AFA, manifestarem explicitamente comportamentos decorrentes de relacionamentos afetivos com militares das Forças Armadas, Auxiliares e funcionários civis da Academia da Força Aérea, por meio de gestos ou atitudes, tais como: andar de mãos dadas, beijos, abraços, apertos de mão prolongados, permanecer mais próximo que a distância de 01 (um) braço estendido durante conversas, troca de olhares prolongados, enquanto no interior de Organizações Militares e/ou uniformizados.

D)

		PROGRAMAÇÃO SEMANAL								26ª
		1ª SÉRIE CFOav/Int/Inf								SEMANA
DATA	T	SALA	07:30 08:15	08:20 09:05	09:15 10:00	10:15 11:00	11:05 11:50	12:45 14:30	14:40 15:25	15:45 17:15
29 JULHO	A	201	GA/1	GA/1	CDI-2/1	CDI-2/1	DDE	NV	NV	TF
	B	203	CDI-2/1	CDI-2/1	LP-1/3	NV	NV	GA/1	GA/1	TF
	C	205	IN-1/5	IN-1*/5	GA/1	GA/1	LP-1/3	DDE	DDE	TF
	D	207	GA/2	GA/2	CDI-2/3	CDI-2/3	DDE	IN-1/5	IN-1*/5	TF
	E	401	DI-1/1	DI-1/1	IN-1/3	IN-1*/3	QAT/1	GA/2	GA/2	TF
	F	402	EP/1	EP/1	GA/2	GA/2	LP-1/4	QAF/1	QAF/1	TF
30 JULHO	A	201	CDI-2/1	CDI-2/1	IN-1/1	IN-1*/1	LP-1/1	NV	NV	TF
	B	203	LP-1/3	LP-1/3	CDI-2/1	CDI-2/1	DDE	IN-1/5	IN-1*/5	TF
	C	205	CDI-2/2	CDI-2/2	LP-1/3	IN-1/5	IN-1*/5	SOC/1	SOC/1	TF
	D	207	CDI-2/3	CDI-2/3	NV	NV	DDE	DDE	DDE	TF
	E	401	LP-1/4	LP-1/4	CDI-2/3	CDI-2/3	QAT/1	EP/1	EP/1	TF
	F	402	IN-1/5	IN-1*/5	EP/1	EP/1	LP-1/4	QAF/1	QAF/1	TF
31 JULHO	A	201	2ª PROVA		IN-1/1	IN-1*/1	DDE	NV	NV	TF
	B	203	QUI		LP-1/3	IN-1/5	IN-1*/5	DDE	DDE	TF
	C	205			DDE	NV	NV	CDI-2/2	CDI-2/2	TF
	D	207			DDE	LP-1/3	LP-1/3	CDI-2/3	CDI-2/3	TF
	E	401	2ª PROVA DI-1		QAT/1	CDI-2/3	CDI-2/3	IN-1/3	IN-1*/3	TF
	F	402	IN-1/5	IN-1*/5	EP/1	EP/1	QAF/1	QAF/1	LP-1/4	TF
01 AGOSTO	A	201	LP-1/1	CDI-2/1	CDI-2/1	IN-1/1	IN-1*/1	ID0-1	RCE	TF
	B	203	NV	NV	IN-1/5	IN-1*/5	CDI-2/1	ID0-1	RCE	TF
	C	205	DDE	DDE	CDI-2/2	CDI-2/2	LP-1/3	ID0-1	RCE	TF
	D	207	IN-1/5	IN-1*/5	NV	NV	CDI-2/3	ID0-1	RCE	TF
	E	401	EP/1	EP/1	CDI-2/3	CDI-2/3	QAT/1	ID0-1	RCE	TF
	F	402	LP-1/4	LP-1/4	QAF/1	EP/1	EP/1	ID0-1	RCE	TF
02 AGOSTO	A	201	2ª PROVA		LP-1/1	LP-1/1	ID0-1	DCC	DCC	DCC
	B	203			CDI-2/1	CDI-2/1	ID0-1	DCC	DCC	DCC
	C	205			NV	NV	ID0-1	DCC	DCC	DCC
	D	207	GA		LP-1/3	LP-1/3	ID0-1	DCC	DCC	DCC
	E	401			EP/1	EP/1	ID0-1	DCC	DCC	DCC
	F	402			QAF/1	QAF/1	ID0-1	DCC	DCC	DCC
5ª B/DOM 03/04-AGO		<b>D C C</b>								
OBS: O treinamento das Equipes será realizado até às 17:45h. Previsão de Provas e Exames. Prova Única de PSI - 27ª Semana. IN-1* - Laboratório 02. RCE, ID0 - Auditório CCAER.										